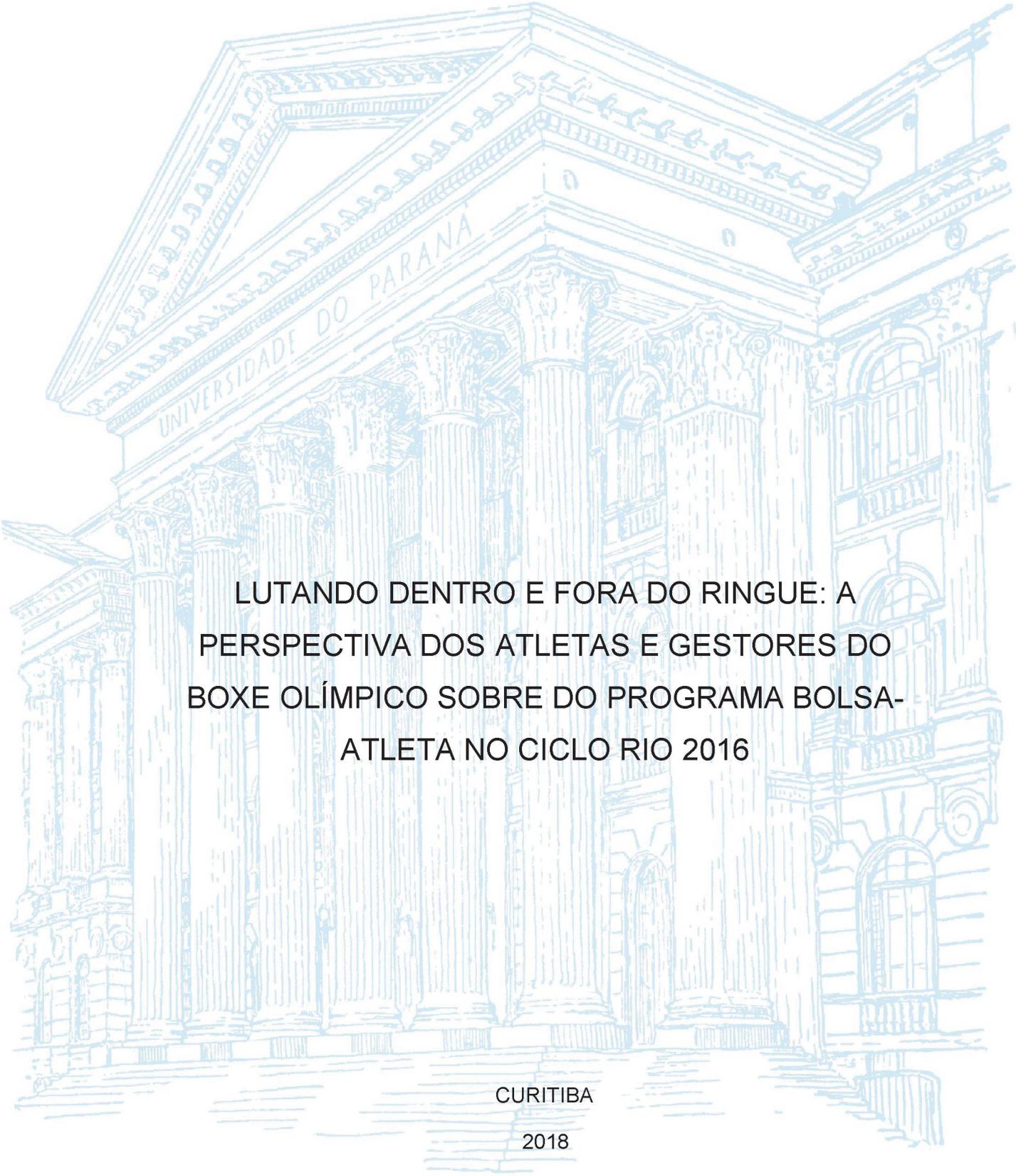


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SABRINA COELHO DOS SANTOS



LUTANDO DENTRO E FORA DO RINGUE: A
PERSPECTIVA DOS ATLETAS E GESTORES DO
BOXE OLÍMPICO SOBRE DO PROGRAMA BOLSA-
ATLETA NO CICLO RIO 2016

CURITIBA

2018

SABRINA COELHO DOS SANTOS

LUTANDO DENTRO E FORA DO RINGUE: A
PERSPECTIVA DOS ATLETAS E GESTORES DO
BOXE OLÍMPICO SOBRE O PROGRAMA BOLSA-
ATLETA NO CICLO RIO 2016

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Telma Terezinha Stresser de Assis –CRB/9-944)

Santos, Sabrina Coelho dos

Lutando dentro e fora do ringue: a perspectiva dos atletas e gestores do boxe olímpico sobre o Programa Bolsa-A atleta no ciclo olímpico Rio 2016. / Sabrina Coelho dos Santos. – Curitiba, 2018.

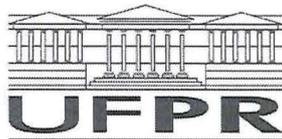
192 p.: il. ; 30cm.

Orientador: Fernando Marinho Mezzadri

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Boxe. 2. Atletas. 3. Incentivo. I. Título. II. Mezzadri, Fernando Marinho. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.83



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SABRINA COELHO DOS SANTOS** intitulada: **Lutando dentro e fora do ringue: a perspectiva dos atletas e gestores do boxe olímpico sobre o programa Bolsa-Atleta no ciclo olímpico Rio 2016**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Junho de 2018.


FERNANDO MARINHO MEZZADRI
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


CONSTANTINO RIBEIRO DE OLIVEIRA JUNIOR
Avaliador Externo (UEPG)


ANDRÉ MENDES CAPRARO
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre nos dá oportunidades para que venhamos ser melhores e crescer como ser humano e profissional. Então O agradeço por mais esta etapa que se concluí, mesmo em meio a diversas dificuldades e incapacidades, e também agradeço pelas demais que ainda virão.

Agradeço a minha família que sempre me apoiou em todo este processo, e, principalmente, a minha mãe Conceição Aparecida Coelho que me ensinou e continua a me ensinar como caminhar, desenvolver e evoluir na vida. Obrigado por existir e me ajudar em absolutamente tudo, a senhora é o meu exemplo.

Agradeço também ao Professor Doutor Fernando Marinho Mezzadri, que me deu a oportunidade de realizar o mestrado, de adquirir conhecimento durante a minha formação, de fazer parte do seu grupo carinhosamente intitulado *Team Mezzadri* pelos seus integrantes, e das diversas experiências oportunizadas neste trajeto. Assim como agradeço a cada integrante deste grupo que me ajudou neste trabalho e tornaram-se amigos para a vida. Dentre estes agradeço em especial a Carla Tagliari pela amizade e parceria que foram essenciais neste período! E claro, a Doutora Natasha Lise, minha co-orientadora “informal”, porém foi mais do que formal neste processo! Agradeço por cada orientação, pela paciência, pelos puxões de orelha, por vibrar comigo com cada etapa concluída, por se fazer realmente presente e poder ver que eu não só poderia contar com você, como contei! Enfim, de coração muitíssimo obrigado por tudo, você teve com toda certeza extrema importância não só no meu trabalho, como na minha vida nestes últimos meses! Desejo a você todo o sucesso e felicidade que Deus tenha para te proporcionar!!!

E por fim, agradeço a todos os meus amigos que sempre torceram por mim, sempre me incentivaram e continuam me incentivando a ser uma excelente profissional e buscar tudo aquilo que for necessário para chegar neste objetivo, vocês também foram essenciais nesta caminhada!!!

Pesquisadora: Ou seja, é lutar dentro e fora do ringue...

Adriana Araújo: Sempre! Sempre foi isso aí. Sempre foi essa guerra. Dentro e fora do ringue. E fora sempre foi a pior. Em cima do ringue era uma maravilha, né. Era o que tava sempre gostando de fazer, sempre disposta a fazer, mas fora era mais difícil. Durante esses 20 anos aí, eu passei por um turbilhão de dificuldades, principalmente, fora dos ringues.

Adriana Araújo, 2018.

RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de apresentar a perspectiva de atletas e gestores da modalidade do boxe olímpico acerca do programa Bolsa-Atleta, uma política pública do governo federal, para saber se os recursos ofertados pelo programa auxiliaram na conquista de uma vaga olímpica para os Jogos Rio 2016, na preparação destes atletas durante o ciclo olímpico desta edição, para isto buscamos responder à seguinte problemática: Qual é a perspectiva dos atletas e gestores do boxe sobre o programa Bolsa-Atleta, na conquista da vaga olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016?. Para tal, utilizamos o método qualitativo e exploratório para ter uma visão mais ampla da temática, além de realizarmos entrevistas com uma amostra de nove dos participantes deste esporte, sendo seis atletas que participaram deste megaevento e três gestores do esporte. As entrevistas passaram pelo processo de transcrição e posteriormente foram analisadas a partir do método da análise temática. Como resultados obtidos, vimos que, para os atletas, o programa Bolsa-Atleta não só é importante, como teve influência direta na conquista de uma vaga olímpica para os Jogos Olímpicos Rio 2016, mesmo que seis dos nove atletas tenham sido contemplados com uma vaga porque o país estaria sediando o megaevento, e que apenas três atletas efetivamente conquistaram uma vaga através das seletivas pré-olímpicas. Também percebemos que as Forças Armadas tiveram e têm certa influência neste processo, uma vez que também fomentam os atletas que possuem bons resultados e os permitem serem militares temporários para que usem as suas instalações e compitam por ela, o que pode ter auxiliado neste processo.

Palavras-chave: Boxe olímpico. Atletas olímpicos. Gestores. Programa Bolsa-Atleta. Jogos Olímpicos Rio 2016.

ABSTRACT

The present work aimed to present a perspective of athletes and managers of the Olympic boxing, about "Bolsa-Atleta" Program, a public law of the federal government, to know the resources offered by the auxiliary program in the conquest of a berth in Olympic Games in 2016. To do so, it was used the qualitative and exploratory method to have a broader view of the theme, besides conducting the interviews with a sample of nine participants of the sport, being six Olympic athletes, who participated in this mega event, and three managers of the sport. The interviews were analyzed by the method of thematic analysis. It was possible to conclude that for the athletes the "Bolsa-Atleta" program is not just important to the sports carrier, but also had a direct influence on winning an Olympic place for the Rio 2016 Olympic Games, even though the team was contemplated with a berth because the country was hosting the mega-event. There is, also, the role of Military Forces that provides financial resources for elite athletes, which can be helpful in these processes.

Keywords: Olympic Boxing. Olympic athletes. Managers. Bolsa-Atleta Program. Olympic Games Rio 2016.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 METODOLOGIA.....	20
1.1.1 A pesquisa social.....	20
1.1.2 Suporte Financeiro.....	24
1.1.3 Identificação e desenvolvimento de talentos.....	25
1.1.4 Suporte a carreira do atleta.....	25
1.1.5 Instalações de treinamento e competição.....	26
1.1.6 Disposição de treinadores e educação.....	26
1.1.7 Oportunidades de competição nacionais e internacionais.....	26
1.2 ENTREVISTADOS.....	33
1.2.1 Gestores.....	34
1.2.2 Atletas entrevistados.....	35
2. POLÍTICA PÚBLICA: CONCEITO E DEFINIÇÕES	39
2.1 DEFINIÇÃO DE POLÍTICA PÚBLICA.....	41
3. PARTICIPANTES DO BOXE: RELATOS SOBRE A TRAJETÓRIA DO CICLO OLÍMPICO	55
3.1 ANÁLISE TEMÁTICA.....	55
3.2 ANÁLISE DAS TEMÁTICAS.....	59
3.2.1 Trajetória de vida.....	59
3.2.2 Projetos de desenvolvimento do esporte e identificação de novos talentos.....	65
3.2.3 Talento identificado.....	69

3.2.4 Local de treinamento.....	71
3.2.5 Centros de treinamento.....	74
3.2.6 Formação de treinadores.....	77
3.2.7 Patrocínio.....	80
3.2.8 Principal fonte de renda.....	81
3.2.9 Forças Armadas e o esporte.....	84
4. PROGRAMA BOLSA-ATLETA: A PERSPECTIVA DOS ATLETAS E GESTORES.....	94
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	126
ANEXOS.....	130

1 INTRODUÇÃO

O Programa Bolsa-A atleta surgiu como uma possibilidade de desenvolvimento do esporte de alto rendimento no Brasil, de forma a gerar maior visibilidade ao país, internacionalmente, após os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000 (CORRÊA, 2013). Guimarães (2009) relata que a intenção de beneficiar atletas, através de bolsas, partiu da inserção do assunto na agenda política, com a discussão de que o resultado dos Jogos Olímpicos de Sidney, não havia sido satisfatório como o país esperava. Rodrigues (2016) aponta que o Brasil queria ao menos equiparar os resultados obtidos nos Jogos de Atlanta, em 1996, quando conquistou três medalhas de ouro – o que não ocorreu em 2000, pois não houve a conquista de nenhuma medalha de ouro nesta.

Com a insatisfação brasileira a respeito dos resultados dos esportes de alto rendimento, houve um esforço para que a questão fosse debatida na agenda política estabelecida naquele momento. Dessa forma, ocorreu não apenas a intenção, mas a criação de um programa específico que buscasse sanar essa ausência de resultados significativos no cenário esportivo brasileiro.

Sob esse panorama, em 2004, o Programa Bolsa-A atleta foi efetivamente criado, por meio da Lei nº 10.891, sendo uma política pública do Governo Federal, desenvolvida pelo Ministério do Esporte, com caráter focalizado no esporte de alto rendimento. Entraria em vigor no ano seguinte, com o objetivo de fomentar o esporte por meio de financiamento direto aos atletas de, naquele momento, modalidades olímpicas e paraolímpicas (BRASIL, 2005; CORRÊA, 2013).

É importante destacar que a Lei nº 10.891, de 2004, que instituiu os primeiros passos do Programa Bolsa-A atleta, foi reformulada, sofrendo alterações com base na Medida Provisória 502, de 2010 e, posteriormente, da Lei nº 12.395, de 2011 e Lei nº 13.051, de 2014. Dessa forma, a legislação que rege o Bolsa-A atleta hoje (2018) amplia as categorias de bolsas, bem como as modalidades beneficiadas, que não se limitam apenas às olímpicas e paraolímpicas, como também se estendem às não-olímpicas/ não-paraolímpicas.

No que se refere às categorias, segundo o Anexo 1 da Lei nº 10.891 – o qual foi incluído pela Lei nº 12.395 – conta-se com seis (BRASIL, 2011):

1) Atleta de Base: que inclui atletas entre 14 e 19 anos, com valor mensal é de R\$350,00;

2) Estudantil: que inclui atletas entre 14 e 20 anos, com valor mensal de R\$350,00;

3) Atleta Nacional: com valor de R\$925,00;

4) Atleta Internacional: com valor de R\$1.850,00;

5) Atleta Olímpico ou Paraolímpico: com valor de R\$3.100,00;

6) Atleta Pódio: com valor de R\$15.000,00.

Os critérios para ser beneficiário de tal bolsa variam de acordo com a categoria, mas, em geral, é necessário participar de competições oficiais estaduais, nacionais e internacionais, e estar entre os primeiros colocados; além de se manter no *ranking* da federação e confederação a que o atleta estiver filiado. Como visto, o programa tem por objetivo o fomento à preparação de atletas olímpicos e paraolímpicos para grandes competições, como os Jogos Pan Americanos e os Jogos Olímpicos. Como aponta a própria descrição do programa:

O Bolsa-Atleta atende atletas que tenham obtido bons resultados independentemente de sua condição econômica e sem necessidade de intermediários. Basta que cumpra os requisitos, mantenha-se treinando e competindo e alcance bons resultados nas competições qualificatórias indicadas pelas respectivas confederações. A principal prestação de contas do atleta ao governo e à sociedade é a obtenção de resultados expressivos nas disputas (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016a, s/p).

Por meio do programa, muitos atletas passaram a ter a oportunidade de receber a bolsa de acordo com os resultados obtidos em competições e, conseqüentemente, podendo se dedicar em períodos maiores aos seus treinamentos e a sua carreira esportiva. Isso possibilita a participação em várias competições para, processualmente, elevar-se o nível dos resultados e da bolsa, a qual representa um suporte financeiro aos atletas, com o sentido de aumentar a visibilidade esportiva do país.

Com a aproximação dos Jogos Olímpicos no Brasil, houve a criação do Plano Brasil Medalhas, lançado em setembro de 2012, pela então presidente Dilma Rousseff e pelo ministro do esporte, na época, Aldo Rebelo, que objetivava a preparação dos atletas para as competições. A pretensão era a de ficar entre

as 10 melhores colocações nos Jogos Olímpicos e entre as cinco melhores colocações nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Para isso, foram investidos R\$ 1 bilhão nos esportes olímpicos e paraolímpicos. Desse montante, R\$ 382 milhões foram destinados para as seleções, com a finalidade de contratação de técnicos esportivos e equipes multidisciplinares; para a compra de equipamentos e materiais esportivos; para viagens de treinamentos e competições; além do investimento na categoria que acabava de ser criada, a Bolsa Atleta Pódio. O restante do valor – R\$452,2 milhões – foi destinado à construção, a reformas e à equipagem de aparelhos nos centros de treinamento de modalidades específicas e complexos multiesportivos (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017).

Dentro do Plano Brasil Medalhas foi instituída a Bolsa Atleta Pódio, a partir da Lei 12.395/2011, sendo, desde então, a maior bolsa do programa Bolsa-Atleta, podendo variar de R\$ 5 mil a R\$ 15 mil. Essa categoria é destinada apenas para modalidades olímpicas e paraolímpicas individuais. E, no período em questão, foram contemplados 322 atletas, totalizando um investimento de R\$ 74 milhões.

A partir deste breve panorama, somado às pesquisas realizadas pelo Projeto Inteligência Esportiva (MEZZADRI, 2016), verifica-se o inegável avanço no esporte brasileiro, tendo em vista o apoio financeiro. Tangenciando esta perspectiva, este trabalho tem como foco a percepção dos atletas do boxe, que participaram das Olimpíadas Rio 2016 – bem como de alguns gestores da modalidade –, a respeito do investimento realizado nesta, que vem se destacando no quadro de esportes olímpicos, através dos seus resultados em Olimpíadas, desde 2012.

A partir deste destaque observamos que a modalidade parece ter respondido aos investimentos dispostos a ela, por isso optamos por entrevistar gestores e atletas do boxe olímpico, que pudessem nos dizer se este investimento realmente tem sido o fundamento que possibilitou a participação dos atletas nos Jogos Olímpicos Rio 2016, bem como os resultados conquistados pelo esporte.

O boxe foi inserido nos Jogos Olímpicos da era moderna em 1904, em St-Louis (EUA), com sete categorias de peso masculina (CBBOXE, 2016). Naquela edição dos Jogos, apenas os homens puderam participar e esta regra perdurou

por mais de um século. Somente na edição de Londres, em 2012, as mulheres tiveram a sua inserção nos Jogos¹.

A participação brasileira na modalidade nos Jogos Olímpicos com conquista de medalhas, deu-se pela primeira vez em 1968, na Cidade do México. Servílio Sebastião de Oliveira foi o primeiro atleta a conquistar uma medalha na modalidade, sendo esta de bronze na categoria mosca (na época de 48 kg a 51 kg)². E, somente após 44 anos, na edição de 2012, em Londres, é que a seleção brasileira de boxe voltou a medalhar com Esquiva Falcão Florentino, conquistando a medalha de prata, na categoria médio (até 75 kg). Naquela ocasião, Adriana dos Santos Araújo, na categoria leve (até 60 kg), conquistou a medalha de bronze; e Yamaguchi Falcão Florentino, na categoria meio-pesado (até 81 kg), também a medalha de bronze (BRASIL, 2016)³.

Este cenário ajudou no crescimento da visibilidade da modalidade no âmbito nacional, isto porque foi uma das modalidades que mais conquistou medalhas em 2012 para o país – o qual havia conquistado 17 medalhas, dentre elas, três eram do boxe, que só conquistou menos medalhas que o judô, que obteve o resultado de quatro medalhas, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 - Quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Londres, 2012.

Modalidade	Ouro	Prata	Bronze
Boxe		1	2
Futebol masculino		1	
Ginástica Artística	1		
Judô	1		3
Natação		1	1
Pentatlo moderno			1
Vela			1
Vôlei	1	1	
Vôlei de Praia		1	1

Fonte: Sistematização da autora com base nos resultados obtidos pelo país disponibilizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro.⁴

¹ A modalidade para as mulheres possui algumas diferenças como, elas utilizam capacete de proteção e os homens não, as lutas femininas possuem quatro rounds de dois minutos, enquanto as masculinas são três rounds de três minutos cada, além delas terem a possibilidade de lutar em três categorias de peso e os homens em dez categorias de peso (BRASIL, 2016; RIO, 2016).

² Atualmente a categoria vai dos 49kg aos 52kg.

³ Resultados encontrados no Portal oficial dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br>>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

⁴ Dados encontrados no endereço eletrônico do Comitê Olímpico Brasileiro, disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/medalhas-do-time-brasil>>.

E em 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em solo brasileiro, Robson Conceição foi medalhista de ouro, na categoria leve (até 60 kg), o único atleta que medalhou no boxe olímpico nesta edição. Todavia, esta foi uma das mais significativas conquistas do país por ter sido uma medalha de ouro e a única conquistada pela modalidade em Jogos Olímpicos até os dias atuais. Hoje, o esporte já possui cinco medalhas em edições dos Jogos Olímpicos, resultados que são importantes e apontam para um possível desenvolvimento da modalidade.

Esses resultados fazem parte do investimento financeiro que o país tem feito no esporte de maneira geral, através de políticas públicas que fomentam o mesmo. Neste caso, o esporte de rendimento, que tem sido beneficiado através de convênios entre o Ministério do Esporte e as confederações esportivas, dentre outras políticas, como o Programa Bolsa-Atleta já abordado.

Desde o início do Bolsa-Atleta, 504 atletas⁵ já foram contemplados por algum nível de bolsa até o ano de 2016, sendo 393 atletas masculinos e 108 atletas femininos. A tabela a seguir mostra a quantidade de bolsas concedidas por ano e por nível de bolsa desde 2005.

Tabela 1 - Número de bolsas por nível, concedidas aos atletas de 2005 a 2016.⁶

Ano	Base	Estudantil	Nacional	Internacional	Olímpica/ paraolímpica	Pódio
2005	0	0	4	0	0	0
2006	0	0	2	2	0	0
2007	0	0	14	5	2	0
2008	0	0	47	9	3	0
2009	0	0	36	15	6	0
2010	0	0	78	13	6	0
2011	24	0	81	19	6	0
2012	0	0	109	8	5	0
2013	0	0	122	8	9	0
2014	0	0	136	3	3	8
2015	0	0	162	8	2	7

⁵ É importante ressaltar que um atleta pode receber apenas uma bolsa por ano e que alguns atletas brasileiros em geral já receberam bolsas em anos consecutivos; ou seja, 504 atletas do boxe já receberam pelo menos uma bolsa em algum ano do programa, mas outros podem ter recebido dois anos seguidos a partir do seu resultado, quando não em mais anos consecutivos.

⁶ Todos esses dados foram retirados de documentos do Ministério do Esporte.

2016	0	0	159	2	0	1
------	---	---	-----	---	---	---

Fonte: Sistematização da autora com base no Banco de Dados do Inteligência Esportiva.

A partir desta tabela, podemos observar que, desde 2005, dentre todas as categorias de bolsas ofertadas, 1.124 bolsas ao todo foram concedidas aos atletas da modalidade de boxe, o que nos ajuda a entender de forma mais específica que: 1) Na categoria Estudantil e Atleta Base, só houve pleito de bolsas no ano de 2011. Uma das possíveis respostas para o não pleito por parte dos atletas seria a hipótese de a modalidade não fazer parte do quadro de modalidades dos Jogos Escolares, onde esses atletas poderiam estar alocados, que seriam atletas de 14 a 20 anos.

2) A categorial Nacional é a que mais concedeu bolsas durante os 11 anos em questão, totalizando 950 bolsas neste período de tempo, o que nos permite afirmar que as categorias nacionais estão mais acessíveis aos atletas de boxe, pois o pleito a bolsa só se dá após os resultados obtidos em competições deste nível.

3) A categoria Internacional teve um certo crescimento neste período, mas o que podemos observar é que esta categoria contemplou apenas 92 bolsas, o que nos ajuda a entender que a participação dos atletas em eventos internacionais é um pouco mais rara, talvez pelos custos que as mesmas agregam e por vezes as federações estaduais não poderem fomentar os gastos pela falta de recursos próprios.

4) Na categoria Olímpica/ Paraolímpica, a modalidade não possui o esporte paraolímpico, o que aponta para o recebimento de bolsas por parte apenas de atletas olímpicos, ou seja, atletas que participaram de delegações que fizeram parte de edições dos Jogos Olímpicos, e neste período 42 bolsas Olímpicas foram concedidas.

5) Na categoria Pódio, 16 bolsas foram concedidas, e apenas a partir de 2014, o que nos indica que os atletas da modalidade de boxe não conseguiram resultados suficientes para estar entre os 20 primeiros ranqueados em suas provas em nível mundial nos anos de 2012 e 2013, quando esta categoria de bolsa passou a vigorar.

Esses dados nos apontam também para um possível aumento de informação quanto ao programa para pleito à bolsa, pois mais atletas passaram

a receber bolsas durante o andamento do programa, o que nos leva a perceber que os recursos ofertados também tiveram um aumento a cada ano, o que acabou por oportunizar o crescente número de bolsas concedidas ao longo desse período do programa para a modalidade.

A seguir, podemos observar o número de bolsas por nível que os atletas masculinos e femininos receberam de 2005 a 2016:

Tabela 2 - Número de bolsas por nível, concedidas aos atletas por sexo de 2005 a 2016.

Sexo	Base	Estudantil	Nacional	Internacional	Olímpica / paraolímpica	Pódio
Masculino	24	0	659	44	36	14
Feminino	0	0	287	49	6	2

Fonte: Sistematização da autora com base no Banco de Dados do Inteligência Esportiva.

Através destes dados, podemos observar, de forma separada, que para o sexo masculino, ao todo, foram concedidas 656 bolsas para os atletas homens, dentre as categorias: 1) todas as bolsas concedidas para a categoria Base foram destinadas ao sexo masculino; 2) na categoria Nacional, das 950 bolsas concedidas, 659 foram para os atletas masculinos; 3) na categoria Internacional das 92, 44 bolsas foram concedidas aos atletas masculinos; 4) na categoria Olímpica, das 42, 36 foram para os homens e; 5) na categoria Pódio, das 16 bolsas concedidas, 14 foram para eles, o que nos dá ajuda a entender que existe uma predominância de pleito a bolsas por parte dos atletas masculinos e maior participação em competições por eles.

Já para as mulheres, nesses 11 anos, elas receberam 344 bolsas, ou seja, praticamente um terço da quantidade total ofertada neste período. Dentre as categorias podemos entender que: 1) houve maior prevalência de bolsas na categoria Nacional, o que nos auxilia a perceber que as mulheres tem participado mais de competições nacionais; 2) na categoria Internacional as atletas femininas ultrapassaram o número de bolsas masculinas, o que nos mostra que a participação em competições internacionais está quase equiparada entre os sexos; 3) na categoria Olímpica podemos perceber que poucas mulheres já tiveram participação em Jogos Olímpicos, porém neste período de análise, tivemos apenas uma edição de jogos em que as mulheres participaram, que foi em 2012, ou seja, 6 bolsas passa a ser expressivo neste momento para elas; 4)

na categoria Pódio tivemos apenas 2 bolsas para as mulheres, conseqüentemente estas bolsas foram destinadas a uma única atleta em dois anos seguidos, para Adriana Araújo, a atleta que participou dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012 e conquistou a medalha de bronze na mesma edição.

Aqui, pode-se perceber que existe uma prevalência maior de bolsas para o sexo masculino, isso talvez seja explicado porque podem existir mais homens praticantes e competidores na modalidade, principalmente quando olhamos de maneira sociológica e entendemos que o esporte ainda é tido por masculinizante como aponta Cecchetto (2004, p. 142-143), essa prevalência de masculinidade quando pesquisa uma comunidade de praticantes de jiu-jítsu, relatando que é “[...] de se considerar o esporte um território masculino. O esporte como ‘área reservada masculina’, para usar a expressão de Dunning e Maguire, seria o lugar para ensino, a expressão e manutenção da masculinidade hegemônica”. O que nos ajuda a entender como o esporte ainda tem se configurado e que mesmo com diversas transformações as mulheres ainda sofrem certa resistência ao praticarem alguns esportes.

No gráfico a seguir, podemos observar a quantidade de atletas distribuídos em cada região do Brasil, a partir dos dados referentes a cidade natal de cada atleta bolsista, mas que não necessariamente treinam no local onde nasceram.

Gráfico 1 - Atletas por região de nascimento. Fonte: sistematização da autora com base no Banco de Dados do Inteligência Esportiva.



Através deste gráfico, é possível perceber que a maior parte dos atletas nasceu na região Nordeste do país, seguida da região Centro Oeste. As demais regiões têm um número de atletas bem parecido, sendo a que mais possui atleta bolsista dentre elas são respectivamente a região Norte, Sudeste e Sul do país. Talvez isso também se deva ao trabalho que é realizado pelas federações estaduais e regionais em parceria com a Confederação Brasileira de Boxe no país.

A região que possui a maior quantidade de atletas é a Nordeste, o que poderia nos levar a crer que pode ser a região que mais trabalha e desenvolve a modalidade do boxe através de projetos sociais e competições, o que acaba por dar um maior suporte ao atleta antes mesmo de ele pleitear uma bolsa, segundo as instituições cadastradas no banco de dados do Projeto Inteligência Esportiva por atletas da modalidade. Tal dado fica evidenciado, também, segundo a amostra estabelecida na presente pesquisa. Dos nove atletas do boxe que participaram das Olimpíadas 2016, por exemplo, quatro são do estado da Bahia; dois de São Paulo; dois do Rio de Janeiro; e um do Pará.

Com base nesses dados – e sabendo que o boxe está entre as 12 modalidades com mais bolsas do Programa Bolsa-Atleta (MEZZADRI, 2016), este trabalho busca responder a seguinte problemática: **Qual é a perspectiva dos atletas e gestores do boxe sobre o programa Bolsa-Atleta, na conquista da vaga olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016?** E, buscando reponde-la, elencamos alguns fatores que podem nos auxiliar a entender como esses atletas conquistaram uma vaga nesta edição, sendo eles: o nível de bolsa recebida, a permanência no programa e o local onde o atleta treina.

O objetivo geral é verificar de que maneira os atletas e gestores do boxe enxergam o programa Bolsa-Atleta, na conquista de uma vaga olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016, sob a ótica dos personagens receptores da política pública em questão. Estabelecendo por objetivos específicos: a) Identificar qual a principal fonte econômica dos atletas que participaram da edição dos Jogos Olímpicos Rio 2016, de forma que possamos entender o papel do programa; b) Apresentar as instituições e centros de treinamento que já foram ou são utilizados pelos atletas; c) Apontar quais as oportunidades de competir que os atletas possuem através do programa Bolsa-Atleta; d) A partir dos fatores e

categorias elencados, compreender como se deu a participação dos atletas de boxe olímpico nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Como justificativa pretende-se com esta investigação contribuir para as pesquisas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016, realizado no Brasil, além de aumentar os estudos acerca dos esportes de combate e política pública para os mesmos, apontando o papel do programa Bolsa-Atleta no desenvolvimento esportivo e no rendimento de atletas do boxe olímpico. Pois, até o presente momento poucos estudos sobre o boxe olímpico especificamente, foram encontrados em bases de dados, como Scielo sendo eles nas seguintes temáticas: boxe e gênero (FERNANDES et. Al, 2015; SOUZA, 2010; BERTÉ, 2016); boxe na escola (MOREIRA, 2012; MOREIRA; MAROUN, 2014); boxe regional (SILVA; FREITAS, 2014; SOUZA, 2012; SILVA, 2014; QUARANTA; CORREIA; MENEZES, 2014); dimensões socioculturais (ALMEIDA, 2016; CRDOSO; SAMPAIO; SANTOS, 2015; SOLTERMANN; SOUZA; MARTINS, 2009); nutrição e treinamento (REISER et. Al, 2014; PERÓN et. Al, 2009; SANTOS et. Al, 2011). Mostrando a escassez na temática de políticas públicas referente a este esporte. Além de perceber como o esporte de alto rendimento tem sido desenvolvido através de uma política pública, mais especificamente através do boxe, intenta-se entender como essa política tem se materializado na vida de quem se beneficia dela e auxiliar na ampliação do conhecimento sobre o próprio programa Bolsa-Atleta, evidenciando a trajetória de alguns atletas no boxe brasileiro. Tendo em vista que a modalidade tem gerado certa notoriedade na esfera esportiva nacional através das conquistas em eventos mundiais e internacionais, como é o caso dos Jogos Olímpicos.

Além disso, busca-se dar enfoque na perspectiva dos beneficiados pela política, por meio das entrevistas, haja vista que, via de regra, busca-se falar de avaliação e resultados da política pública, por meio de documentos oficiais. Tal como será explorado mais à frente, a presente pesquisa visa chegar a uma problemática com relação ao uso do Bolsa-Atleta, por parte dos esportistas, sob uma ótica que tangencia a literatura sobre as formas de avaliação da política.

Escolhemos o boxe, por ser um esporte que não é tão popular no país, tendo em vista que se trata de uma modalidade individual e o Brasil parece possuir uma cultura que possivelmente valoriza os esportes coletivos, como o caso do futebol e do voleibol, que são quase sempre televisionados em canais

da TV aberta, por exemplo, em períodos de competição. Prova disso é a pesquisa realizada pelo Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE), em parceria com o Ministério do Esporte, que aponta que os esportes mais praticados no ano de 2013 foram: em primeiro lugar o futebol, em segundo a caminhada e em terceiro o vôlei – o boxe ficou na 24ª posição, entre outros esportes individuais⁷. Mesmo assim, o boxe é um esporte que, desde 2012, tem se destacado pelos resultados obtidos, mas ainda continua a ter poucos holofotes sobre ele, independente do foco. Isso nos fez pensar sobre o porquê um esporte que tem gerado resultados, tem tido apoio governamental por meio de programas e convênios não tem tido visibilidade como outros, além de possibilitar mostrar a realidade dos atletas que conquistaram uma vaga olímpica.

Neste sentido também destacamos o período do ciclo olímpico, que abrange o ano de 2012 ao ano de 2016, foi o período em que mais houve investimento no esporte brasileiro de alto rendimento, quando também entrou em vigor o Bolsa Pódio para os atletas de modalidades individuais bem ranqueados em suas respectivas confederações; e, por se tratar de um megaevento que seria realizado no país e, que tinha por objetivo inserir o máximo de atletas, independente, da modalidade nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Sendo assim, este trabalho foi dividido em cinco capítulos, o primeiro sendo a Introdução e a Metodologia, que explicam de que maneira chegamos a este tema, por quais motivos e como ocorreu o desenvolvimento do estudo.

O segundo capítulo foi intitulado “Políticas Públicas: Conceitos e Definições”, que aborda o que é a política pública, como se dá o seu surgimento no Brasil, para que esta temática é utilizada, quais conceitos nos aprofundamos para dar o encaminhamento do trabalho, uma vez que, estamos tratando de uma política pública em nossa pesquisa.

O terceiro capítulo foi definido como “Participantes do Boxe: Relatos sobre a trajetória do ciclo olímpico”, onde tratamos destes participantes, atletas e gestores, que participaram por meio de entrevistas em nosso trabalho, e através das suas perspectivas pudemos chegar a algumas conclusões acerca das temáticas que foram sendo elencadas ao longo do trabalho na fase analítica.

⁷ Esta pesquisa está disponível no endereço eletrônico: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/7.php>. Na opção do menu “Prática de esporte no Brasil”.

O quarto capítulo foi chamado “Programa Bolsa-Atleta: a perspectiva dos atletas e gestores” e tratou especificamente de questões relativas ao programa em si e as perspectivas destes participantes da pesquisa sobre esta política pública. E o quinto e último capítulo foi o das “Considerações finais”, onde se estabeleceram as conclusões da pesquisa, de forma que cada item pesquisado tivesse um olhar mais aprofundado.

1.1 METODOLOGIA

O presente trabalho está vinculado ao projeto intitulado “O esporte brasileiro frente ao projeto Rio 2016: expectativas e realidade (2014-2018)”, com o CAAE: 47607114.8.0000.0102, que foi aprovado pelo Comitê de Ética, da Universidade Federal do Paraná, e que faz parte do Projeto Inteligência Esportiva.

1.1.1 A Pesquisa Social

A pesquisa social busca investigar algo e ela pode ser pura quando se busca apenas o progresso científico, que pode acrescentar na construção de teorias e leis com objetivos generalizados que auxiliem em outras pesquisas de mesmo caráter; ou ela pode ser aplicada, quando possui alguns pontos de contato com a própria pesquisa pura, pois necessita da mesma para o seu desenvolvimento. Porém, ela busca resultados para uma aplicação prática, que não necessariamente será de forma generalizada como a abordagem pura, mas sim se fundamenta em aplicações circunstanciais (GIL, 2008, p. 26-27).

Dessa forma, nossa pesquisa tende a ser prática, no sentido de que nosso estudo não se dá em uma perspectiva ampla e generalizada, mas busca saber questões acerca de um esporte em particular, alguns de seus participantes, beneficiários do Programa Bolsa-Atleta e a conquista de uma vaga olímpica nos Jogos Olímpicos Rio 2016. E, assim, nossos resultados podem se tornar questões práticas para aplicação posterior ao nosso estudo na modalidade pesquisada em si, como no próprio programa.

Nossa pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, pois, tal como apontado anteriormente, segundo Gil (2008, p. 27), este tipo de pesquisa nos auxilia a passar uma visão geral do tema estudado, de forma que possamos nos

aproximar do mesmo. Este tipo de estudo geralmente é utilizado quando o tema a ser estudado foi pouco explorado, o que dificulta o levantamento de hipóteses precisas a priori.

Gil (2008, p. 27) ainda aponta que o método exploratório:

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Marconi e Lakatos (2003, p. 188) também apontam que, neste método, pode-se utilizar diversos procedimentos de coleta de dados, como entrevistas, observação de participantes, entre outros, que auxiliam na construção de uma pesquisa. As autoras ainda relatam que neste método é possível utilizar apenas um tipo de coleta de dados, “[...] para extrair generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser operacionalizadas em um estudo subsequente”. Assim, optamos por realizar entrevistas com gestores e atletas olímpicos do boxe, a fim de entender como tem sido a realidade do esporte, a partir do programa Bolsa-Atleta na conquista de uma vaga olímpica. Então, a nossa amostragem foi construída com base na acessibilidade que tínhamos com esses participantes do referido tema.

Neste sentido, pretende-se explorar o tema de diferentes formas para responder à problemática elencada, como entrevistas com pessoas relacionadas ao esporte em questão e buscas no Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva⁸.

O banco de dados do IE possui inúmeras informações sobre atletas do Brasil, instituições e centros de treinamentos, dentre estes há os cadastros de atletas como, os bolsistas do Bolsa-Atleta e Bolsa Pódio, os participantes dos

⁸ O Projeto teve início no ano de 2013 e continua ativo até este ano (2018), em a parceria do Ministério do Esporte, e com o objetivo de mapear e descrever: os atletas que recebem bolsa pelo Programa Bolsa-Atleta, a história das modalidades olímpicas, os artigos científicos que estão sendo produzidos acerca do esporte de alto rendimento no Brasil, os centros de treinamento dos atletas contemplados, e os atletas juvenis que participam dos Jogos Escolares. Conforme citados, estes são subprojetos que existem dentro do Inteligência Esportiva, para o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmicas que auxiliem a prática das políticas públicas no Brasil.

Jogos Escolares. Nestes cadastros é possível ter acesso às bolsas recebidas pelos atletas, quais instituições já treinaram, se forem atletas Pódio tem o histórico do atleta disponível, a modalidade que o atleta pratica ou já praticou quando possui mais de uma modalidade, entre outras informações.

Desse modo, em um primeiro momento foram realizadas buscas no banco de dados do Projeto Inteligência Esportiva, a fim de mapear de modo geral quais atletas têm sido contemplados com a bolsa do programa, qual o nível de bolsa recebido, quanto tempo possuem a bolsa (processo de renovação e mudança de nível de bolsa), em quais regiões eles nasceram e onde treinam atualmente.

O Projeto Inteligência Esportiva forneceu os dados necessários para a presente pesquisa, onde pode-se quantificar o número de atletas que receberam bolsas durante todo o programa (de 2005 – 2016); quantos atletas são homens e mulheres; quais os tipos de bolsas recebidas, qual a cidade natal e onde treinam atualmente; e quantos atletas receberam bolsa ano a ano de 2005 a 2016.

Para identificar se esses fatores do Bolsa-Atleta estão relacionados com o fomento da participação dos atletas do boxe nos Jogos Olímpicos Rio 2016 optamos por realizar entrevistas atletas que participaram desta edição dos Jogos Olímpicos e gestores deste esporte.

Ainda com base em Gil (2008, p. 90), este aponta que a amostra é entendida como um “[...] subconjunto do universo ou população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam características desse universo ou população”. E dentro desse universo em questão, escolhemos trabalhar com os participantes do boxe a partir da tipologia de amostra por acessibilidade ou por conveniência, que pode ser utilizado em trabalhos científicos e é a que mais se aproxima do método exploratório. Assim sendo, resolvemos utilizá-la pela dificuldade de acesso que tínhamos de chegar até esses participantes. Dessa forma, embora tenhamos conseguido o contato dos nove atletas que participaram das Olimpíadas de 2016, seis deles aceitaram conceder a entrevista; ao passo que os outros três não retornaram nosso contato.

Esse tipo de amostra, assim como aponta Gil (2008, p. 94), possui menos rigor do que os outros tipos de amostragem e o pesquisador seleciona elementos a que ele tem acesso, sendo estes representantes do universo da pesquisa em

foco. O autor ainda fala que “[...] aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios e qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão”.

Ou seja, ela nos permite utilizar um grupo de pessoas que possivelmente estejam mais acessíveis ou que sejam convenientes para o estudo, que foi o nosso caso, especialmente, no que se refere ao calendário de competições. Então, a nossa amostra por acessibilidade ou conveniência foi de seis atletas e três gestores, um total de nove participantes, que foram de grande importância para entender como tem se dado o investimento pelo Governo Federal para a modalidade e que possíveis benefícios estes atletas têm recebido através dele, mais especificamente o programa Bolsa-Atleta.

Gil (2008) aponta que as entrevistas nos dão uma maior possibilidade para a recolha de informações, geralmente informações que não estão acessíveis em documentos, para tal, optamos por utilizar entrevistas semiestruturadas, que nos permitem maior flexibilidade para o levantamento de dados, por estar em contato com pessoas que fazem parte do tema elencado, ou seja, de ter informações que por vezes são importantes para um grupo da sociedade, mas que não são visíveis para todos.

Para Lakatos e Marconi (2003, p. 83), método é “[...] o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

No que se refere à entrevista, esta se configura como uma das técnicas de observação direta intensiva – que é composta, também, pela técnica da observação. “Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 174). Dessa forma, via de regra, a entrevista é colocada como uma técnica peculiar da pesquisa de cunho social e histórico. É definida, pelos autores em questão, como um encontro face a face, seguindo uma série de procedimentos – sendo a análise temática, proposta aqui, uma delas – específicos, que visam coletar dados que auxiliem no diagnóstico ou resolução de um problema de pesquisa. No caso da presente dissertação, o uso da entrevista se coloca como uma forma de buscar responder um problema social, centrando-se especificamente na “determinação das opiniões sobre os fatos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 196), isto é, conhecer

o que os entrevistados pensam ou acreditam que os fatos – neste caso, a política pública – sejam.

Quanto ao tipo de entrevista, optou-se, na presente pesquisa, pelo uso de roteiro previamente estabelecido, todavia, com liberdade para adequações e indagações ao longo do processo. Segundo Lakatos e Marconi (2003), esta entrevista que conta com um roteiro, mas em que o entrevistador tem liberdade para fazer as perguntas que quiser, corresponde à *entrevista focalizada*, que seria um tipo de entrevista despadronizada ou não-estruturada – que é o que o Gil (2008) chama de entrevista semiestruturada.

A elaboração do roteiro das entrevistas se deu em dois momentos, um roteiro para os gestores do programa Bolsa-Atleta e um para os atletas, possibilitando que as perguntas sejam respondidas pelos colaboradores da forma mais completa possível.

Quando da constituição do melhor roteiro, foram realizadas entrevistas “testes”, no sentido de verificar o conteúdo da fala dos entrevistados para, então, lapidar o roteiro a ser utilizado na pesquisa. Este primeiro contato com os entrevistados aconteceu entre agosto e novembro de 2017, especificamente com quatro (do total de nove) boxeadores que conquistaram uma vaga nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

E esse roteiro “teste” foi elaborado com base no estudo de Truyens *et. al.* (2013), intitulado “A resource-based perspective on countries’ competitive advantage in elite athletics”, que aborda as vantagens esportivas que podem vir a aparecer em países acerca da modalidade do atletismo. E por estarmos estudando uma modalidade também individual, elencamos algumas das categorias utilizadas no trabalho citado para auxiliar no nosso primeiro roteiro de entrevista.

Descreveremos aqui o significado de cada categoria utilizada neste estudo que nos auxiliaram na elaboração do roteiro das entrevistas, que optamos por separar em sessões temáticas assim como o estudo acima, e dentro de cada sessão dispusemos perguntas relativas a temática de cada uma delas. Dessa forma também destrinchamos o que cada sessão significa dentro do roteiro das entrevistas.

1.1.2 Suporte Financeiro

É a categoria que, segundo Truyens *et. al.* (2013), agrupa o suporte financeiro advindo do governo por parte das políticas públicas voltadas ao esporte de alto rendimento, os recursos privados, os patrocínios direcionados aos atletas, os financiamentos nacionais ou regionais direcionados aos clubes e centros de treinamento, parcerias com agências da mídia esportiva como instrumento de financiamento ao esporte. Nesta categoria, conseguimos relacionar o auxílio federal por parte do Bolsa-Atleta destinado aos atletas e os convênios destinados as modalidades no Brasil com parceria entre o Ministério do Esporte e as empresas estatais.

1.1.3 Identificação e desenvolvimento de talentos

Nesta categoria o foco é a identificação de jovens talentos e o desenvolvimento formativo destes para uma carreira esportiva. É aqui que ocorrem as promoções de programas esportivos que auxiliam nesta identificação de talentos esportivos, que muitas vezes estão relacionados a clubes e escolas que ajudam nesta identificação de talentos, onde estes passam por diversos testes e grupos de treinamento esportivo específicos da modalidade (TRUYENS *et. al.*, 2013). Aqui poderíamos relacionar com os projetos desenvolvidos por parte do Governo Federal para a descoberta de novos talentos para o esporte nacional, muitas vezes proporcionados a crianças e adolescentes.

1.1.4 Suporte a carreira do atleta

Esta categoria dá continuidade à identificação de jovens talentos, quando eles passam a participar de competições em nível sênior (adulto), recebendo um apoio individualizado em centros de treinamentos específicos com apoio de treinadores e coordenadores nacionais, além dos apoios financeiros públicos e privados direcionados ao atleta (TRUYENS *et. al.*, 2013). O suporte de carreira também conta com programas específicos de treinamento e equipe médica. Esta categoria muito se assemelha aos programas Bolsa-Atleta, Bolsa Pódio e os convênios destinados as modalidades através do ME e das empresas estatais.

1.1.5 Instalações de treinamento e competição

A categoria refere-se às instalações adequadas e focadas no treinamento e competição de alto rendimento esportivo, sendo estas certificadas para competições nacionais e internacionais por parte das federações e confederações. Essas instalações muitas vezes são construídas ou alugadas com fundos públicos (TRUYENS *et. al.*, 2013). No Brasil esta categoria é caracterizada pelos Centros de Treinamento, Centros Olímpicos de Treinamento e os entes militares, como a Marinha do Brasil.

1.1.6 Disposições de treinador e educação

Esta categoria aponta para as qualificações educacionais, acadêmicas e específicas do esporte que são necessárias para uma melhoria contínua dos treinadores, que periodicamente precisam realizar para que também ocorra o desenvolvimento dos programas esportivos e o desenvolvimento individual esportivo dos atletas (TRUYENS *et. al.*, 2013). Entendemos aqui que essa qualificação fica a critério dos próprios treinadores e das federações e confederações que auxiliam nesse processo de especializações referente a cada esporte.

1.1.7 Oportunidades de competições nacionais e internacionais

A categoria aborda as possibilidades geradas aos atletas de participarem de competições internacionais e nacionais oportunizadas por competições regionais e nacionais para atletas a nível júnior, juvenil e adulto, além da seleção de equipes para representar o país. Estratégias comerciais de financiamento e cooperação de patrocinadores para promoção de eventos nacionais e hospedagem de eventos (TRUYENS *et. al.*, 2013). No Brasil os eventos nacionais geralmente revelam novos atletas, que por se destacarem acabam sendo chamados para fazer parte da seleção brasileira de cada modalidade o que por vezes oportuniza a participação em eventos internacionais, além de outros aspectos vinculados aos patrocínios, as próprias federações e confederações e os auxílios diretos por meio de bolsas esportivas.

Após a realização das entrevistas “teste”, nós elaboramos outro roteiro de entrevista mais aberto, de forma que os atletas tivessem menos questões a responder e mais liberdade para falar, onde a entrevistadora pudesse abordar elementos dentro das próprias falas dos entrevistados. Classificando uma entrevista semiestruturada, como apontado por Gil (2008).

As mesmas foram formalizadas por um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, e assinados pelos entrevistados, cuja entrevista foi realizada pessoalmente, deixando cientes os colaboradores de que seriam utilizadas as suas falas neste trabalho e, que no caso dos gestores suas identidades seriam mantidas no anonimato. Quanto às entrevistas à distância, realizadas pelo aplicativo do *WhatsApp*, pedimos que os entrevistados dissessem já no início da entrevista que aceitavam participar da entrevista e que poderíamos utilizá-las em nossa pesquisa.

Dessa forma, os atletas entrevistados, naquele primeiro momento, foram: Robenilson de Jesus (categoria peso Galo - 56kg), Joedison Teixeira (categoria peso Médio-ligeiro - 64kg), Michel Borges (categoria peso Meio-pesado - 81kg), Juan Nogueira (categoria peso Superpesado - 91kg). Essa amostra foi ampliada posteriormente.

Como critério de seleção, optamos por entrevistar atletas que participaram dos Jogos Olímpicos Rio 2016, no sentido de contemplar a questão norteadora deste trabalho. E assim, mantivemos o contato com os três gestores envolvidos com o esporte, realizando as entrevistas com o novo roteiro⁹, e os participantes foram contatados, porém nem todos nos deram retorno, então realizamos entrevistas com seis dos nove atletas que competiram nesta edição do referido megaevento: Patrick Lourenço (categoria peso Mosca Ligeiro - 49kg), Julião Neto (categoria peso Mosca - 52kg), Adriana Araujo (categoria peso Leve - 60kg); além dos já conhecidos Robenilson de Jesus (categoria peso Galo - 56kg), Michel Borges (categoria peso Meio-pesado - 81kg), Juan Nogueira (categoria peso Superpesado - 91kg).

Já para os gestores, fizemos o primeiro contato por meio do Ministério do Esporte com o gestor principal (como uma possibilidade de ter um panorama maior de fontes para o trabalho), que aceitou nos ceder a entrevista havendo

⁹ O roteiro dos gestores encontra-se entre os anexos desta dissertação.

também a indicação de mais dois gestores, ambos específicos da modalidade, porém um atuante e o outro um ex-gestor deste esporte.

As entrevistas realizadas pessoalmente – casos do Gestor 1 e 2 – foram gravadas com auxílio do programa Gravador de Voz, da *Microsoft Corporation*, Versão 10.1709.2703.0; as demais foram realizadas à distância, via chamada de vídeo, por meio do aplicativo *WhatsApp*, sendo gravadas em um segundo celular e no mesmo programa de *Microsoft* citado acima. Após a realização das entrevistas, os dados coletados foram transcritos da forma original conforme o relato de cada entrevistado. Foram eliminados apenas alguns vícios de linguagem – como a expressão “né” – que, em nossa interpretação metodológica, não influenciavam na análise do material, para adequar as falas em forma de documento escrito, viabilizando a utilização dos dados e o processo de análise no trabalho.

No que se refere ao uso de entrevistas como fonte, o método de *análise temática*, destrinchado por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), embora sob o viés da Psicologia, pode ser bastante útil, no sentido de auxiliar na apreensão interpretativa do uso de entrevistas. Tratada como um método fundamental da pesquisa qualitativa – que é característica essencial do trabalho aqui proposto – , a análise temática deve ser considerada como uma ferramenta: um procedimento metodológico. Isto é, não se refere a um método específico, respaldado em grandes teorias, mas à forma com que serão tratados os dados empíricos, podendo-se encaixar a uma teoria que não esteja estabelecida à priori – como, por exemplo, uma teoria voltada à política pública esportiva.

Com relação a isso, *corpus* são todos os dados coletados; ao passo que *conjunto* se refere apenas aos dados utilizados na análise. Cada *item* é uma parte individual do conjunto das fontes. O *extrato*, por sua vez, se refere a um excerto de um item (BRAUN; CLARKE, 2006). Assim, pode-se entender o corpus como tudo aquilo que foi coletado, que acaba sendo compartimentado ao longo da análise.

No caso da presente pesquisa, seriam todas as entrevistas realizadas, junto às leis que caracterizam a Bola-Atleta. Entre estas, tem-se o conjunto de dados, que pode ser considerado como as entrevistas utilizadas para análise. Dentro de tais entrevistas, foram extraídos alguns itens, que auxiliam na análise

do debate, sendo materializados por meio de extratos das falas dos indivíduos entrevistados.

Dessa forma, considerando todas as partes que transparecem a partir dos dados coletados, entende-se que:

A análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes. No entanto, ela muitas vezes também vai mais longe do que isso, e interpreta vários aspectos do tema de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 5).

Pautando-se em Braun e Clarke (2006), ler sobre os temas que emergem da entrevista não é uma particularidade do método de análise temática, uma vez que podem ser percebidos no corpus de dados, ainda que o analista esteja se utilizando de outra ferramenta de análise. Ao mesmo tempo, seria ingênuo pensar que esses temas emergentes simplesmente residem nos dados, sendo o pesquisador capaz de “dar voz” aos participantes. Daí a importância de delimitação daquilo que o investigador quer descobrir, dialogando com a perspectiva de tomada de decisões na pesquisa.

A análise temática pressupõe algumas questões a serem tratadas antes da análise – o que se aplica, também, aos antecedentes da própria realização das entrevistas. Tais antecedentes são, majoritariamente, decisões tomadas pelo pesquisador, o qual deve deixar claro qual teoria está guiando o procedimento escolhido. Entre as decisões a serem feitas, Braun e Clarke (2006) destacam as seguintes:

1) *O que conta como um tema?* As autoras apontam para uma extrema flexibilidade com a relação à delimitação do tema na pesquisa. Este depende da abordagem e do recorte dado – bem como do tipo de fonte em análise –, uma vez que não necessariamente representa um padrão no conjunto de dados. Isto é, um tema pode aparecer bastante nos itens recortados dos conjuntos de dados, mas pode não aparecer no conjunto como um todo – daí a importância de recorrer aos itens e extratos, para tratar dos temas relevantes para a pesquisa. Em essência, o tema é delimitado a partir dos dados, por parte do pesquisador.

2) *Uma rica descrição do conjunto de dados, ou um relato detalhado de um aspecto particular.* Aqui se evidencia a questão da flexibilidade em relação ao tema: para uma descrição temática rica em detalhes, é por bem que os temas

identificados sejam um reflexo do conjunto de dados. Ao passo que um relato detalhado de um aspecto particular, sugere um tema latente entre os dados. Isto é, algo que não está evidente no conjunto de dados e, por isso, opta-se por tratar de um aspecto particular nos dados disponíveis para a análise.

3) *Análise Temática Indutiva versus Teórica*. Os temas ou padrões podem ser identificados, basicamente, de duas formas: de forma indutiva ou “de baixo para cima”, quando os temas são identificados a partir da leitura dos dados; ou de forma teórica ou “de cima para baixo”, quando se parte de uma perspectiva teórica para coletar os dados e analisa-los. Inevitavelmente, a análise teórica tende a engessar as descobertas científicas, ao passo que a análise indutiva deixa em aberto a possibilidade de extrair mais livremente os padrões temáticos. Em outras palavras,

[...] uma análise temática “teórica” tenderia a ser dirigida pelo interesse teórico ou analítico do pesquisador na área, e é, portanto, mais explicitamente orientada pelo analista. Esta forma de análise temática tende a fornecer menos uma descrição rica dos dados em geral, e mais uma análise detalhada de alguns aspectos dos dados. A escolha indutiva e teórica mapeia como e por que você está codificando os dados. Você pode codificar para uma questão de pesquisa bastante específica (que direciona para uma abordagem mais teórica) ou a questão de pesquisa específica pode evoluir ao longo do processo de codificação (que direciona para a abordagem indutiva) (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 10).

4) *Temas semânticos ou latentes*. A este respeito, as autoras destacam o nível em que os temas são reconhecidos, podendo ser semânticos ou latentes. O tema semântico se refere àquilo que está explícito na fala do entrevistado, isto é, “[...] o analista não está à procura de qualquer coisa além do que um participante tenha explicitamente dito ou escrito” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 11). Em contrapartida, o nível latente de análise sugere a interpretação, isto é, busca-se identificar, com base em suposições e conceitualizações, elementos que extrapolam o conteúdo dos dados. A análise latente se coaduna, em grande medida, à perspectiva de análise de discurso, a qual busca transcender ao texto ou fala, e tem feito uso, inclusive, da Psicanálise.

5) *Epistemologia: essencialista/realista versus análise temática construcionista*. A este respeito, trata-se da forma como o analista teoriza os significados dos dados analisados. No caso de uma epistemologia essencialista, há a tendência em teorizar os significados de forma mais simples e direta,

permitindo articular experiência e linguagem; ao passo que uma análise, do ponto de vista da epistemologia construcionista, apontaria para uma significação pautada no contexto sociocultural mais amplo.

6) *As muitas questões da pesquisa qualitativa*. As autoras destacam que a pesquisa qualitativa abrange uma série de questões que, nas entrevistas, podem ser mais amplas ou mais específicas. Em todos os casos, é importante ressaltar, é necessária a análise do conjunto de dados, mais do que puramente apontar a temática que se sobressai. Ou seja, “Em suma, a análise temática envolve a busca através de um conjunto de dados – seja em uma série de entrevistas ou grupos de foco, ou em uma série de textos – para encontrar padrões repetidos de significado” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 13).

Considerando tais elementos, as autoras lançam mão de uma espécie de passo-a-passo para a elaboração da análise temática:

Tabela 3 - Fases da análise temática. Fonte: BRAUN e CLARKE, 2006, p. 14.

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

A primeira fase, de familiarização com os dados, acontece pela leitura e releitura das fontes. No caso da presente pesquisa, em que se realizaram entrevistas, tal familiaridade teve início já no processo de questionamento do entrevistado, em que foram anotados os principais pontos da fala, durante a gravação. De maneira geral, é neste momento que acontece a *transcrição dos dados verbais*, que é quando há, também, maior proximidade ao conteúdo falado

pelos entrevistados. A análise temática não prevê uma convenção rígida a respeito da forma como as entrevistas serão transcritas, mas recomenda a transcrição *ipsis literis* do que foi dito, incluindo os elementos não verbais. Isso se dá, tendo em vista que uma vírgula pode alterar o sentido original da fala.

Uma vez estabelecida essa familiarização, sugere-se um segundo passo, que consiste em gerar códigos iniciais, que nada mais é do que identificar os temas/padrões possíveis e, na sequência, agrupar os extratos em que os padrões se repetem. Basicamente, seria o fato de destacar no conjunto de dados aquilo que é passível de análise, sem se descolar do contexto das falas. O terceiro passo, portanto, refere-se a juntar os extratos relevantes para análise – cabe ressaltar, que os extratos com códigos de potencial análise já foram agrupados. Essencialmente, é o início da análise e, na prática, as fases da análise temática se distinguem por uma linha bastante tênue.

Tendo separado os temas em potencial, o quarto passo é refinar a seleção, por meio da revisão dos temas, da divisão de alguns deles ou mesmo exclusão. Algo semelhante se dá na fase 5. As autoras falam em um “mapa temático” (BRAUN; CLARKE, 2006), que exige uma relativamente longa revisão e refinamento, para que então seja efetivada a análise mais densa. É por meio desses mapas que os temas centrais e suas ramificações serão sistematizados, para, por fim, o pesquisador atingir o sexto passo e elaborar a análise final e escrita do trabalho. Trazendo, para além da descrição dos dados, um argumento dissertativo acerca da sua pergunta inicial de pesquisa.

Embora as autoras destaquem as distinções entre análises de níveis semânticos e interpretativos ou que análises guiadas por teorias e pelo empirismo, é importante destacar que uma forma de investigação não exclui, necessariamente, a outra...

[...] suas argumentações analíticas precisam ser fundamentadas, mas ir além, na “superfície” dos dados, mesmo para uma análise de nível “semântico”. O tipo de questionamento que você precisa para estar se fazendo, para as fases finais da sua análise, inclui: “o que este tema significa?”; “Quais são seus pressupostos subjacentes?”; “Quais são as implicações deste tema?”; “Quais condições são mais prováveis de ter dado origem a eles?”; “Por que as pessoas falam sobre isso dessa maneira particular (e não de outras formas)?”; e “Qual é a história geral que os diferentes temas revelam sobre o assunto?”. Esse tipo de pergunta deve orientar a análise, uma vez que você tenha uma noção clara sobre seu mapa temático (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 23).

Ou seja, ainda que a proposta seja a de analisar o que está na fala dos entrevistados, o ideal é a busca por profundidade que acaba por extrapolar o conteúdo da entrevista.

1.2 ENTREVISTADOS

Para o estudo, foram entrevistados seis atletas olímpicos e que conquistaram uma vaga nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e três gestores do esporte – um mais voltado aos esportes em geral e dois deles mais próximos da modalidade do boxe olímpico, sendo um dentre os dois, específico do boxe. Dentre estas entrevistas apenas uma não está nessa amostra, pois Joedison, um dos atletas que participou das entrevistas “teste”, não realizou a sua entrevista completamente. E como também não nos deu retorno sobre a realização da nova entrevista, decidimos utilizar a entrevista dele como um uma espécie de “bônus ou adendo”, no sentido de também ver a sua história enquanto atleta através de suas respostas, mesmo que incompleta.

Entrevistamos dois gestores do esporte a quem tivemos acesso em determinado período da pesquisa, que nos direcionaram a outro ex-gestor que poderia falar do mesmo assunto por fazer parte daquele esporte. Dessa maneira, nossa amostra se delimitou a três gestores, um que gere o esporte de maneira geral através do programa Bolsa-Atleta; outro que gere especificamente o boxe, a partir do mesmo programa e dos convênios entre a modalidade e o Ministério do Esporte; e o outro que é ex-gestor, já geriu a modalidade e hoje é técnico e treinador do esporte em sua própria academia. Aqui também optamos por não revelar a identidade dos gestores participantes, então eles serão referidos como Gestor 1, Gestor 2 e Gestor 3, na mesma ordem apresentada acima.

Assim também se deu com os atletas, decidimos por entrevistar apenas atletas que haviam participado dos Jogos Olímpicos Rio 2016, para que pudessemos responder à nossa problemática com a colaboração deles. Então, entramos em contato com o Ministério do Esporte, que nos repassou o *e-mail* do presidente da Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe), Mauro Silva, que nos direcionou o contato do treinador dos atletas, Mateus Alves, que, por sua vez, nos indicou o contato pessoal de três atletas, os que ainda estavam na seleção

brasileira de boxe até o ano de 2017, para a realização das entrevistas. Estes atletas foram: Joedison, Juan e Michel.

Com o Julião conseguimos contato através da rede social do *Facebook*, pelo seu perfil, onde os enviamos uma mensagem e ele também aceitou nos conceder a entrevista. E com o Patrick foi da mesma forma, porém entramos em contato através de outra rede social, o *Instagram*, também por meio de mensagem, onde ele também aceitou a colaborar com a pesquisa.

Já com Robenilson e Adriana, fizemos contato através de seu técnico Luiz Dórea, que nos repassou para o seu sócio, e nos passou o contato pessoal dos atletas. Já Julião e Patrick, foram contatados pelas redes sociais, os quais aceitaram participar da pesquisa realizando a entrevista e nos passando seu contato pessoal para a mesma.

Dentre os nove atletas que participaram dos Jogos Olímpicos Rio 2016, apenas Robson Conceição e Andreia Bandeira não participaram da nossa amostra. Quanto a Robson, conseguimos o contato de sua esposa com a Adriana, porém, por ele ter uma rotina cheia de atividades após ter migrado para o boxe profissional e estar em constantes viagens para o exterior para lutar, não conseguimos realizar a entrevista com ele, mesmo ele tendo aceitado participar. Já com a Andreia, tentamos fazer contato pelas redes sociais e até mesmo seu contato pessoal que encontramos no *site* do *Google*, mas não tivemos resposta.

Sendo assim, realizamos entrevista com nove pessoas envolvidas com o esporte elencado nesta pesquisa, afim de responder a problemática estabelecida. Então, apresentaremos um breve histórico dos atletas e gestores neste capítulo.

Esses mesmos atletas são os que se mantiveram na seleção brasileira até o ano de 2016, dentre eles estão: Joedison Teixeira (categoria peso Médio-ligeiro - 64kg); Juan Nogueira (categoria peso Superpesado - 91kg); Michel Borges (categoria peso Meio-pesado - 81kg); Patrick Lourenço (categoria peso Mosca Ligeiro - 49kg); Adriana dos Santos Araújo (categoria peso leve - 60 kg), e Robenilson de Jesus (categoria peso Galo - 56kg).

1.2.1 Gestores

Em nosso termo de livre consentimento esclarecido, optamos por não revelar a identidade dos gestores para que eventualmente eles não fossem comprometidos a partir de suas falas, este foi assinado por eles, que, portanto, estavam cientes e concordaram. Por este motivo, renomeamos os gestores conforme a sequência das entrevistas, ou seja, o primeiro gestor entrevistado fica reconhecido em nosso trabalho como Gestor 1, o segundo como Gestor 2 e o terceiro entrevistado como Gestor 3.

Duas das entrevistas com os gestores foram realizadas pessoalmente, em Brasília, no mês de agosto de 2017, pela disponibilidade dos gestores naquele momento, sendo estas a do Gestor 1 e a do Gestor 2. Já a outra foi realizada via *WhatsApp*. Este gestor foi indicado por integrantes do Ministério do Esporte que trabalharam com ele e sabiam da sua proximidade com o esporte. Quanto a sua aprovação sobre a utilização da sua entrevista, a mesma foi autorizada por ele antes que iniciássemos a entrevista, assim como os atletas que também tiveram sua entrevista realizada pelo mesmo mecanismo.

Dentre os três gestores, dois são funcionários do Ministério do Esporte e ambos trabalham no Programa Bolsa-Atleta, um gerindo o próprio programa e o outro gerindo os convênios entre o Ministério e a modalidade do boxe. O terceiro é ex-funcionário da Seleção Brasileira de Boxe, já trabalhou em federações de boxe e hoje segue trabalhando apenas como técnico e treinador de boxe, especificamente. As descrições foram breves para que se mantivesse o anonimato dos participantes.

1.2.2 Atletas entrevistados

Juan Gonçalves Nogueira tem 30 anos de idade, é natural de São Paulo-SP, e continua residindo na mesma cidade. Ele começou a treinar boxe aos 14 anos de idade no Centro Olímpico de iniciação esportiva, um clube da Prefeitura de São Paulo, que funciona como um projeto social. Desde então, Juan se tornou atleta de boxe e compete na categoria peso Superpesado – até 91kg. Ele é terceiro sargento da Marinha do Brasil, e foi contratado da Seleção Brasileira de Boxe de 2013 a 2017. Ele também foi bolsista do Programa Bolsa-Atleta de 2013 a 2017. Juan já recebeu bolsas no nível nacional, internacional e pódio. Em 2016, ele conquistou uma vaga para competir nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro,

no Pré-Olímpico das Américas de Boxe, que aconteceu em Buenos Aires, na Argentina e foi o primeiro boxeador brasileiro em sua categoria a ir para uma edição dos jogos olímpicos.

Joedison de Jesus Teixeira¹⁰ tem 24 anos de idade e também é conhecido pelo apelido de “Chocolate”, ele é natural da cidade de Salvador-BA, mas reside em São Paulo. Iniciou no boxe aos 16 anos no Joerg Bruder (Santo Amaro, São Paulo). Joedison compete na categoria peso Médio-ligeiro – até 64kg. Ele faz parte da Marinha do Brasil, e é bolsista do Programa Bolsa-Atleta de 2010 a 2017 e já recebeu bolsas no nível nacional, internacional e olímpica. Ele foi indicado pela Confederação Brasileira de Boxe para competir nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Michel Borges tem 26 anos de idade, é natural da cidade do Rio de Janeiro-RJ, mas reside na cidade de São Paulo. Iniciou no boxe aos 10 anos de idade na Academia de Boxe Raff Giglio, que hoje se chama Instituto Todos na Luta. Compete na categoria peso Meio-pesado – até 81kg. Faz parte da seleção brasileira de boxe desde 2012. Ele é terceiro-sargento técnico temporário do Exército Brasileiro, é bolsista do Programa Bolsa-Atleta de 2010 a 2017, recebendo bolsas do nível nacional e pódio. Ele foi indicado pela Confederação Brasileira de Boxe para competir nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Robenilson Vieira de Jesus tem 30 anos de idade, é natural da cidade de Boa Vista do Tupim, interior do estado da Bahia, e reside na cidade de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador-BA. Em 2004, aprendeu o boxe com um colega, no porão de sua casa, a partir de então começou a competir e a se destacar, foi quando Popó (Acelino de Freitas) precisava de um atleta para ir para São Paulo com ele, disputar os Jogos Abertos no interior do estado, e Robenilson foi e por seu desempenho também foi convocado em 2005 para a seleção brasileira de boxe. Ele compete na categoria peso Galo – até 56kg, fez parte da seleção brasileira de 2005 a 2016, e neste mesmo período participou de três edições dos Jogos Olímpicos, a de Pequim, em 2008, a de Londres, em 2012, e a do Rio de Janeiro, em 2016. Ele também fez parte da Marinha do Brasil por oito anos, de 2008 a 2016, instituição a qual representou também neste período, e foi bolsista do Programa Bolsa-Atleta de 2008 a 2016, já recebeu as

¹⁰ Como a sua entrevista não está completa, ao logo da pesquisa ele será o menos citado.

categorias nacional, olímpica e pódio de bolsa. Ele foi indicado pela Confederação Brasileira de Boxe para competir nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Adriana dos Santos Araújo tem 36 anos de idade, é natural da cidade de Salvador-BA, e continua residindo na mesma cidade. Ela iniciou no boxe aos por volta dos 16 e 17 anos, em uma sede do bairro onde morava, e com pouco tempo de treino já foi questionada pelo seu treinador se queria lutar e desde então não parou mais. Adriana também fez parte da seleção brasileira. Ela foi bolsista do Programa Bolsa-Atleta desde o ano de 2006 nas categorias internacional, olímpica e pódio, e só parou de receber a bolsa porque migrou para o boxe profissional, o que a impede de continuar sendo uma beneficiária do programa. Ela conquistou uma vaga para os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, onde também conquistou uma medalha de bronze para o país, sagrando-se a primeira atleta feminina a realizar tal feito. Ela também foi convocada pela Confederação Brasileira de Boxe para competir nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Patrick Lourenço tem 24 anos de idade, é natural da cidade do Rio de Janeiro-RJ, e continua residindo na mesma cidade. Ele iniciou no boxe a convite de um amigo, na Comunidade do Vidigal, aos 13 anos de idade, através de uma Organização Não Governamental (ONG) educacional que era comandada e dirigida pelo técnico Raff Giglio, foi se destacando e participando dos Campeonatos Brasileiros de Boxe e viu a oportunidade de mudar de vida através deste esporte. Foi convocado pela seleção brasileira de boxe em 2012 e permaneceu até a ano de 2016. Ele faz parte do Exército Brasileiro desde 2014, e é bolsista do Programa Bolsa-Atleta desde 2010 até o período atual, e já foi contemplado pelas bolsas nacional e pódio. Ele foi convocado pela Confederação Brasileira de Boxe para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Julião de Miranda Henriques Neto tem 36 anos de idade, é natural da cidade de Belém-PA, e continua residindo na mesma cidade. Ele iniciou no boxe aos 20 anos de idade através de um amigo que dava aula para o seu irmão, que ao observar gostou e começou a treinar na Associação de Boxe Rocky Balboa, lutou, foi campeão estreado e, desde então, não parou mais. Ele é terceiro sargento da Marinha do Brasil desde 2010 até este ano de 2018, quando completa seus oito anos na instituição, o tempo limite para um militar temporário, cargo que exerce. Também é bolsista do Programa Bolsa-Atleta desde o ano de 2009 e já passou pelas categorias de bolsa nacional, olímpica e pódio. Ele foi

convocado pela Confederação Brasileira de Boxe para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

2 POLÍTICA PÚBLICA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Antes de qualquer coisa precisamos entender como surge a política pública. Ela é considerada um campo da Ciência Política, que nasceu nos Estados Unidos como uma disciplina acadêmica, com o objetivo de estudar as ações governamentais existentes na época (SOUZA, 2006).

Frey (2000, p. 214) aponta que a política pública surge também como uma vertente das pesquisas realizadas na ciência política e ganha o nome de *policy science* a partir dos anos de 1950, nos Estados Unidos. Já na Alemanha apenas em 1970, “[...] quando com a ascensão da socialdemocracia o planejamento e as políticas setoriais foram estendidos significativamente”. No Brasil os estudos demoraram um pouco mais a aparecer, e o foco deles era a “[...] análise das estruturas e instituições ou à caracterização dos processos de negociação das políticas setoriais específicas”.

Rodrigues (2013, p. 29), também relata que o interesse por se pesquisar as políticas públicas se deve a diversos motivos, um deles seria o de que as políticas públicas afetam vários aspectos em nossas vidas, além de captar dinheiro por meio de tributos pagos pela população de um país, elas também regulam comportamentos desta população e os conflitos que podem vir a existir, elas ainda organizam burocracias e mercados, como também concede benefícios e uma diversidade de serviços a esta população.

A autora ainda explica que um outro motivo seria

[...] o fato de que a busca por explicações sobre porque determinadas políticas são adotadas (e não outras), porque o governo está agindo de uma forma (e não de outra) ou mesmo porque o governo não está agindo de nenhuma forma com respeito a determinado problema pode nos ajudar a compreender melhor não só a sociedade em que vivemos, mas também as *causas* e *consequências* das decisões públicas. (RODRIGUES, 2013, P. 29)

Seguindo esta ideia as pesquisas buscam entender os motivos pelas quais as políticas públicas são criadas, as suas causas e consequências, além de buscar avalia-las conforme estão sendo implementadas, em que momento e contexto e se estão realmente alcançando seus objetivos propostos em seu primeiro momento, como afirma Rodrigues (2013, p. 29). A autora ainda fala que

[...] a busca de *explicações* e *interpretações* sobre como as políticas públicas são formatadas, ou seja, *o que o governo faz*, é tarefa científica de pesquisadores e especialistas independentes de diversas áreas das ciências (RODRIGUES, 2013, p. 37).

E seguindo historicamente, a política pública em sua trajetória, possui quatro possíveis “pais” fundadores, cada um seguindo uma determinada linha de raciocínio. O primeiro deles como aponta Souza (2006) foi Laswell em 1963, quando introduziu o termo *policy analysis*, que seria a análise da política pública, de forma que pudesse aliar o conhecimento científico com a criação de ações políticas governamentais, estabelecendo assim um diálogo entre cientistas sociais, grupos de interesse e o próprio governo.

Posteriormente em 1957, Simon criou o conceito de racionalidade limitada dos decisores públicos, que seriam os *policy makers*, pois a racionalidade humana sendo limitada, como as informações incompletas ou imperfeitas, a definição de tempo para tomada de decisão ser diferente e até o próprio interesse dos decisores, defendendo então a ideia de que com a criação de uma estrutura, ou seja, um conjunto de regras e incentivos, os atores seriam modelados de forma a se comportarem de maneira racional, gerando os resultados esperados e diminuindo a busca de interesses próprios (SOUZA, 2006).

Corroborando com isso, Rodrigues (2013, p. 38) ainda aponta que, “o olhar sobre *quem decide* políticas pública, dentro das estruturas de governo, suscita questões importantes e atuais, como os limites da informação e o problema da carência de sentido coletivo, cívico e republicano dos decisores [...]” se tratando de uma sociedade que não possui tradição democrática. E além disso, para Simon, ao incrementar a racionalidade dos decisores, possibilita as tomadas de decisões que gerem grandes impactos.

Já Lindblom (1959;1979) questiona a ideia de racionalidade citada acima por ambos autores e propõe a inserção de mais variáveis no processo de formulação e avaliação das políticas públicas, de forma que pudesse ser entendida qual é “[...] o papel das eleições, das burocracias, dos partidos e dos grupos de interesse”. (SOUZA, 2006, p. 24).

E por fim, Easton, em 1965 define a política pública “[...] como um sistema, ou seja, como uma relação entre formulação, resultados e o ambiente” (SOUZA,

2006, p. 24). Para ele, as políticas públicas recebem *inputs*, que seriam demandas originadas da sociedade, agendas e demandas sociais e, sistema político em transformação, que geralmente são enviadas por parte da mídia, grupos de interesse que acabam por influenciar os resultados e os próprios efeitos da política pública, como apontado por Souza (2006).

Desde então, os estudos focados nas políticas públicas em sua diversidade têm crescido tanto no mundo, quanto no Brasil. Souza (2003) acredita que o crescimento da produção na área começou a desenvolver, porque as políticas restritivas passaram a fazer parte em sua maioria da agenda política, principalmente em países em desenvolvimento, que é o caso do nosso país. Frey (2000) relata que estes estudos no país deram ênfase aos efeitos das políticas setoriais, e com uma diversidade analítica e metodológica, sendo elas também denominadas microabordagens contextualizadas e delimitadas temporalmente.

2.1 DEFINIÇÃO DE POLÍTICA PÚBLICA

A expressão política pública não possui uma única definição, mas existem vários autores que falam sobre ela baseados em diferentes teorias (SOUZA, 2006). Mas como apontado por Souza (2006, p. 24) “a definição mais conhecida é a de Laswell”, ou seja, são as decisões e a análise sobre a política pública que implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz.

O **quem** diria respeito aos grupos e atores sociais, dentre eles econômicos, políticos, militares e religiosos que, podem possuir poder de forma que consigam influenciar nas decisões políticas, quando não são eles mesmos que as decidem, conseguindo **o que** se beneficiar de alguma forma através de políticas, sendo elas muitas vezes recursos financeiros, vantagens, privilégios e até direitos, como afirma Rodrigues (2013, p. 33).

Ou seja, a política pública também envolve um objetivo de sanar problemas sociais, por exemplo, e os estudos estão voltados para quem se beneficiará com determinada ação pública, porque esta ação é necessária e que diferença irá fazer em determinado grupo social quando aplicada.

Já para Dye (2013, p.3):

A política pública é o que os governos escolhem fazer ou não fazer. Os governos fazem muitas coisas. Eles regulam os conflitos dentro da sociedade; eles organizam a sociedade para continuar o conflito com outras sociedades; eles distribuem uma grande variedade de recompensas simbólicas e serviços materiais aos membros da sociedade; e eles extraem dinheiro da sociedade, na maioria das vezes sob a forma de impostos. Assim, as políticas públicas podem regular o comportamento, organizar burocracias, distribuir benefícios ou extrair impostos - ou todas essas coisas ao mesmo tempo (DYE, 2013, p. 3).

¹¹

Assim, é possível entender que as políticas públicas são criadas com um propósito, qual seja, beneficiar alguém, por algum motivo e fazer a diferença em uma situação específica através deste propósito estabelecido. Além de, ao mesmo tempo coletar impostos da sociedade a fim de cumprir o que foi proposto a partir da política pública. Todavia, é pouco frequente a ênfase na perspectiva dos indivíduos que recebem essas políticas, ou mesmo no sentido de pensar as ferramentas de avaliação destas. Dessa forma pretendemos observar o que os receptores da política do Bolsa-Atleta têm como perspectiva de resultados e efeitos, para pensar uma forma de avaliação deste programa durante o ciclo olímpico de 2012 a 2016.

Queiroz (2011, p. 96) e Rodrigues (2013, p. 14) também apontam que a política pública é o resultado das atividades políticas e que, de forma mais ampla, a política pública pode ser entendida como um processo de escolhas dos meios para que ocorra a realização dos objetivos da sociedade geridas pelo governo, passando a ser um instrumento de ação destes, e devendo estar orientadas pelos princípios constitucionais a elas relacionados.

As políticas ainda envolvem conteúdos, que são os objetivos traçados por elas, instrumentos que são os meios pelos quais se buscam alcançar determinados objetivos. Os aspectos institucionais, que são os procedimentos necessários para esta política, que muitas vezes até causam modificações nas próprias instituições, podendo envolver também órgãos públicos, entidades não governamentais e empresas privadas (QUEIROZ, 2011).

¹¹ Originalmente: "Public policy is whatever governments choose to do or not to do. Governments do many things. They regulate conflict within society; they organize society to carry on conflict with other societies; they distribute a great variety of symbolic rewards and material services to members of the society; and they extract money from society, most often in the form of taxes. Thus, public policies may regulate behavior, organize bureaucracies, distribute benefits, or extract taxes-or all of the things at once" (DYE, 2013, p.3).

Frey (2000, p. 214) nos traz a tradução de alguns conceitos utilizados na área de Políticas Públicas e Ciência Política, destacando o conceito de *policy analysis*, que pretende analisar as relações existentes entre instituições, como ocorre o processo político e o conteúdo deste processo. Dentro da *polyci analysis* se encontram demais conceitos que auxiliam nessa análise da política. Dentre eles: *polity*, *politics*, *policy*, *polyci arena* e *polyci cycle*:

Polity – seriam as instituições políticas, ou seja, os locais onde ocorrem as disputas políticas e onde se alocam muitas vezes os partidos políticos.

Politics – são considerados os processos políticos de caráter conflituosos, que ocorrem entre agentes e instituições.

Policy – é a ação política propriamente dita, onde ocorrem a criação e o desenvolvimento de políticas, programas e projetos. É o campo de disputa da *polity* e da *politics*.

Ainda de acordo com Klaus Frey (2000), ocorre a constante interação entre essas três subáreas da política pública e, conseqüentemente as disputas existentes entre eles. Ou seja, as instituições e os agentes disputando entre si o espaço nas ações políticas.

Vamos focar no conceito da *polycie cycle*, que consiste em um modelo heurístico, ou seja, que possibilita a investigação ou descobertas de fatos acerca da vida de uma política pública. A *polyci cycle* ou ciclo da política possui cinco fases, dentre elas pode-se fazer a investigação analítica em uma ou mais fases de uma política (FREY, 2000).

O ciclo da política segue cinco fases, como apresenta Frey (2000), que seriam:

1- Percepção e definição de problemas: que apontam quais são os problemas sociais que precisam ser solucionados, e que estes problemas podem ser vistos pelo governo de algumas maneiras como indica o autor:

Um fato pode ser percebido, pela primeira vez, como um problema político por grupos sociais isolados, mas também por políticos, grupos de políticos ou pela administração pública. Frequentemente, são a mídia e outras formas da comunicação política e social que contribuem para que seja atribuída relevância política a um problema peculiar. (FREY, 2000, p. 227).

Esta nesta fase que os problemas se tornam aparentes, principalmente por parte da mídia quando se trata de um problema social, e quando de interesses políticos e institucionais geralmente existem seus próprios meios de comunicação política como citado acima.

E aqui podemos relacionar o fato de o Brasil não ter alcançado resultados satisfatórios nas Olimpíadas de Sidney, em 2000, que gerou insatisfação por parte de entes governamentais que esperavam tal retorno para o esporte brasileiro, sendo um motivo para passar para a próxima fase, que seria a discussão na agenda política.

Rodrigues (2013, p. 47) chama esta fase de *preparação da decisão política*, onde o governo escolhe enfrentar e solucionar um determinado problema. Além disso, a autora aborda que nesta fase surgem as seguintes perguntas: “[...] o problema existe? O governo deve se envolver nesse problema? De que maneira? Há mobilização suficiente (em termos de capital social, econômico e político) para incluir o problema na agenda do governo?”.

Dessa forma ocorre a seleção do que realmente é relevante para o governo neste momento, Rodrigues (2013) ainda explica que nesta fase os projetos que vão para a agenda, que seria a fase seguinte, não são muitos, pela restrição de recursos, havendo desde então as competições entre os grupos políticos para a aprovação de projetos que os beneficie.

2- Agenda-setting: é aqui que ocorre a decisão se um problema é colocado em pauta para discussão, se é excluído ou postergado. Aqui também se estabelece uma avaliação preliminar, de quais serão os custos e benefícios que uma ação governamental pode vir a ter. Howlett (2000, p. 174) relata que:

Embora freqüentemente se suponha que esse processo começa com a expressão pública de alguma preocupação com alguma política, isso nem sempre acontece. Em muitos casos, de fato, atores estatais tomam a frente no processo. A agenda oficial do governo é usualmente dominada por oportunidades rotineiras ou institucionalizadas de construção da agenda mais que por aquelas geradas por eleições ou outras formas de atividade política partidária.

Colaborando com isso, Rodrigues (2013, p. 48) diz que este problema que é definido como parte da agenda, passa a ser um “problema-político”, ou seja, a responsabilidade de como criar uma solução e colocar em prática passa a ser do governo que o elegeu como problema a ser solucionado. Nessa fase também

ocorre o que Souza (2006, p. 30) refere como “*garbage can*” em sua revisão de literatura, ou modelo de lata de lixo, descrito por Cohen, March e Olsen em 1972, que aponta que as políticas públicas estão como se buscassem suas soluções em uma lata de lixo, nos dando a entender que existem poucas soluções para uma diversidade de problemas sociais. E dessa forma, as preferências buscam soluções aleatórias e não as soluções dos problemas específicos. O que acaba por combinar várias correntes da política, não havendo a elaboração da solução conforme a ordem: “problemas-soluções-participantes-escolhas-alternativas torna isso possível”. (SOUZA, 2006, P. 30; RODRIGUES, 2013, p. 49)

E com essas poucas soluções, o que pode ocorrer são “as janelas de oportunidade”, principalmente quando os elementos citados acima conseguem seguir sua ordem, e determinado problema fica evidente, e se o governo estiver “sensibilizado” a este respeito, pode vir a ser criado um programa ou uma ação que busque solucioná-lo, podendo até haver transformações na agenda com respeito a sequência de que projeto será aprovado e elaborado primeiro, com risco de ter que esperar uma nova “janela de oportunidades” se o problema não for resolvido de imediato como aponta Rodrigues (2013, p. 48-50).

Dessa forma, entendemos que o esporte de alto rendimento estar em pauta na agenda política se fazia importante pela insatisfação do governo brasileiro. O que aconteceu com o Programa Bolsa-Atleta também pode ser considerado uma “janela de oportunidades”, que possivelmente foi para discussão como uma oportunidade rotineira, por chamar atenção um evento internacional, como os Jogos Olímpicos, que, a cada quatro anos, possibilitava que o país pudesse se destacar a partir do esporte.

Howlett (2000) ainda aponta a importância que a mídia possui nesta fase, e que ela não só aumenta a percepção sobre problemas, como define que tipo de problema é, se econômico, político, social, pessoal e etc., pois quem relata, como relata e o que relata implica para que tipo de mensagem a população recebe sobre determinado problema.

3- Elaboração de programas e decisão: segundo Frey (2000), nesta fase é que se escolhem as alternativas mais apropriadas para uma ação e que geralmente precedem uma decisão em um processo de conflitos que envolvem os atores mais influentes na política e na administração. E é onde ocorre um

“programa de compromisso” que é negociado antecipadamente entre estes atores.

Para Rodrigues (2013, p. 50),

A construção da solução para determinado problema implica, em primeiro lugar, a realização de um diagnóstico (que consiste no levantamento, análise e disseminação da informação sobre o problema), além da identificação e desenvolvimento de alternativas. Quando as alternativas são formuladas, transforma-se em expectativa. E é nesse momento que diversos atores se mobilizam para a formatação de coalizões (intra e extragovernamentais) de compromisso, negociação e decisão, que preparem o ambiente (econômico, político e técnico) favorável para fazer com que a política saia do papel e funcione efetivamente, construindo uma consciência coletiva sobre a necessidade de enfrentar o problema.

Ou seja, neste momento é necessário interpretar o ambiente de forma que se organize as ações que são necessárias e haja a decisão sobre quais benefícios e serviços serão desenvolvidos, e de onde virão os recursos que serão utilizados. Havendo aqui as negociações políticas de maneira que, este projeto ou ação seja, aprovado e então implementado (RODRIGUES, 2013, p. 50-51).

Howlett (2000) aponta que a participação de atores na formulação de políticas requer que estes sejam capazes de construir uma problemática, que possuam informações suficientes sobre o problema, para que assim busquem soluções que resolvam este problema. Para o autor, em muitos casos é necessário um especialista para ocupar este cargo. Ele ainda ressalta que nesta fase é importante que instituições e organizações representativas, como grupos de interesse e partidos políticos que possam reunir conhecimento sobre tal problemática para formulação de políticas.

No caso do nosso trabalho o Ministério do Esporte se fez importante na criação de uma política voltada ao fomento de atletas do alto rendimento. E mais especificamente do programa Bolsa-Atleta, que se trata de uma política voltada ao esporte de alto rendimento, a Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), que é responsável pela atuação desta política.

4- Implementação de políticas: Frey (2000, p. 228) relata que essa fase nem sempre gera os resultados e impactos que foram planejados e propostos na fase anterior, na fase da formulação da política. O autor ainda aponta que “de maneira indutiva e empírica descreve-se o que acontece, quais atores atuam cm

quais motivos e com quais resultados”. Ou seja, nessa fase é possível observar se o que se planejou saiu do papel, através de que ator político, institucional ou administrativo, por quais motivos atuam e quais resultados apresentação através desta ação.

Rodrigues (2013, p.51) também aponta que, de maneira geral, aqui ocorre a aplicação prática da política pelo governo, onde ocorre o planejamento administrativo dos recursos humanos deste processo político, necessitando responder as questões que Frey (2000) também se refere, como “Existe tempo e recurso (materiais e humanos) para colocar essas ações em prática? A relação causa-efeito/meios-fins é adequada? Os objetivos da política/programa estão claros? Há comunicação e coordenação perfeitas?”.

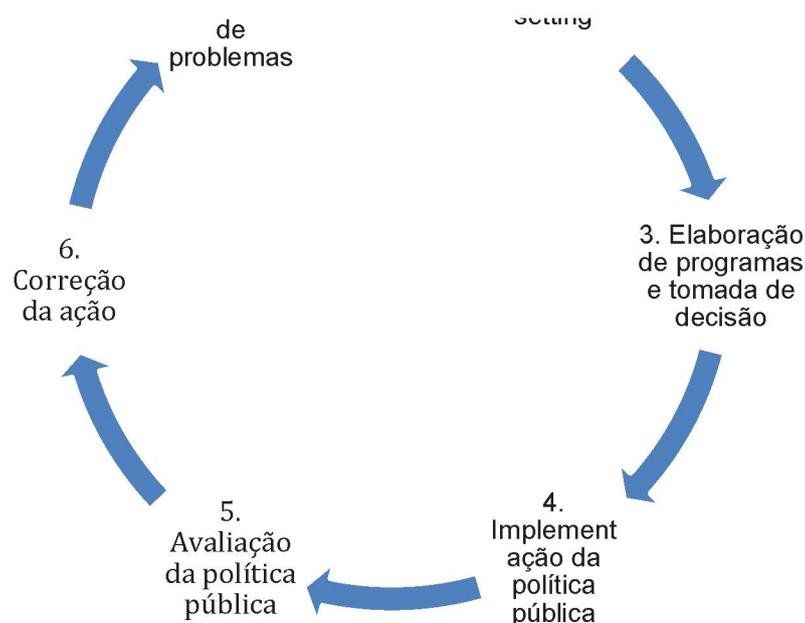
A autora ainda reforça que neste momento, a política que irá ser implementada precisa estar baseada em uma teoria que relacione a causa (problema) ao efeito (solução). Sendo os resultados (*outcome*) desta etapa o impacto que a ação/programa vai gerar em determinado grupo social, quando não o todo.

Aqui entendemos que o Bolsa-Atleta é gerido por um ente específico, o Ministério do Esporte, entendendo-se, também, quais são os interesses, o de gerar bons resultados ao país em grandes competições, e quais têm sido os efetivos resultados, que poderiam ser direcionados as medalhas e rankings neste caso.

5- Avaliação e a eventual correção da ação: segundo Frey (2000) é aqui que se observam se os programas e ações implementados geraram impactos efetivos como esperado. Aqui também é observado quais foram os pontos positivos e negativos da ação, o que pode levar ao fim desse ciclo político ou renová-lo a partir da correção, que pode ser considerada eventual, uma vez que, nem todas as políticas se tornarão de Estado, ou seja, permanente, o que não necessita de uma correção se haverá um término.

A figura a seguir ilustra como ocorre esse processo do ciclo da política:

Figura 1 - Ciclo político – fases do ciclo político.



Fonte: baseada em: FREY, 2000, p. 226.

Dye (2013, p. 16) nos mostra como funciona a criação e implementação de uma política pública, e que ela passa pelo que ele chama de “processo político”, sendo seis fases importantes para ela efetivamente seja implementada. Uma a mais do que a proposta por Frey, mas que muito se assemelha com o que ele denomina *polyci cycle*.

Tabela 4 - Processo político – fases da política pública.

PROCESSO POLÍTICO	
Identificação de problemas	A identificação de problemas de políticas por meio da demanda de indivíduos e grupos para a ação governamental.
Definição da agenda	Focalizar a atenção dos meios de comunicação de massa e oficiais públicos em problemas públicos específicos para decidir o que será feito.
Formulação de políticas	Desenvolvimento de propostas de políticas por grupos de interesse, funcionários do governo, comitês do Congresso.
Legitimação de políticas	Seleção e implementação de políticas através de ações do congresso, do presidente e dos tribunais.
Implementação de políticas	Implementação de políticas por meio de burocracias governamentais, gastos públicos, regulamentos e outras atividades de executivos de agências executivas.
Avaliação de políticas	Avaliação de políticas por parte das próprias agências governamentais, consultores externos, mídia e público em geral.

Fonte: baseada na tabela 2-1: The policy process. (DYE, 2013, p. 16)

Aqui vamos nos ater na avaliação, uma das fases mais importantes do processo político, pois é nesta fase que podemos observar se os recursos investidos foram realmente bem utilizados, no sentido de proporcionar os benefícios estabelecidos como objetivos iniciais. Dessa forma, Dye (2013, p. 58-59) aponta que,

O modelo de processo de política implica que a avaliação é o passo final na formulação de políticas. Implica que os formuladores de políticas - o Congresso, o presidente, os grupos de interesse, os burocratas, a mídia, os institutos de pesquisa e os demais - procuram aprender se as políticas estão ou não alcançando seus objetivos declarados; a que custo; e com que efeitos, intencionais e não intencionais, na sociedade. Versões sofisticadas do modelo retratam as avaliações de "feedback" da política atual que identificam novos problemas e colocam em ação o processo de elaboração de políticas mais uma vez.

Sendo assim, entendemos que esta fase pode nos mostrar se os objetivos propostos por uma política pública foram atingidos, mesmo que muitas vezes não de forma integral, mas entender o que e/ou como esta política poderia ser aprimorada para efetivamente alcançar os objetivos propostos. Neste caso, buscamos através da perspectiva dos gestores e atletas olímpicos de boxe observar quais tem sido os resultados do programa Bolsa-A atleta para eles, se ela tem atingido os seus objetivos e de que maneira eles percebem isso.

De acordo com a revisão feita por Ramos e Schabbach (2012), pode-se dizer, que, de forma geral,

[...] a avaliação é um instrumento importante para a melhoria da eficiência do gasto público, da qualidade da gestão, do controle social sobre a efetividade da ação do Estado, esse último instrumentalizado pela divulgação de resultados das ações de governo (RAMOS; SCHABBACH, p. 1272).

É importante mencionar que, tal como as autoras apontam, não existe uma única perspectiva sobre o que vem a ser avaliação. Essencialmente, enquanto a última fase do ciclo político (FREY, 2000), o objetivo é guiar aqueles que tomam as decisões, no sentido de corrigir ou mesmo suspender determinada ação, com base, entre outros aspectos, na sua eficiência, efetividade, impacto, sustentabilidade e relevância. Avaliar significa, portanto, determinar o valor do programa ou da política, gerando, de maneira ideal, um sistema de

retroalimentação, com o objetivo claro de manter funcionando a ação política. Daí a importância de atribuição de valor que orienta para a tomada de decisão, especialmente porque, segundo a literatura anglo-saxã, essa retroalimentação avaliativa consiste em dois aspectos: o estudo *da* política e *para* a política, na medida em que auxilia na compreensão da política e, ao mesmo tempo, na resolução de problemas sociais (idealmente falando). Isso leva a terceiro momento, que seria a orientação *pela* política, isto é, o interesse na melhoria da política concomitantemente ao bem-estar social.

Tendo em vista os diferentes interesses a esse respeito, fica evidente a importância do processo avaliativo realizado no meio acadêmico, já que haveria uma tendência à imparcialidade, mantendo a avaliação alheia a possíveis engajamentos político-partidários:

No Brasil, o crescente interesse dos governos com a avaliação está relacionado às questões de efetividade (alcance das metas, aferição dos resultados esperados e não esperados dos programas) ou eficácia (à maior produção, maior eficácia), à eficiência (a um menor custo de produção, maior eficiência), ao desempenho e à accountability da gestão pública (RAMOS; SCHABBACH, p. 1274).

Em essência, as questões a serem respondidas pelos estudos que se centram na avaliação correspondem a: “em que medida os objetivos propostos na formulação do programa-projeto são ou foram alcançados? Como o programa funciona? Quais os motivos que levam ou levaram a atingir ou não os resultados?” (RAMOS; SCHABBACH, p. 1274).

Sobre os tipos de avaliação, têm-se os seguintes:

Conforme o agente que avalia e quem participa do processo de avaliação.

a) Avaliação é externa, quando realizada por um especialista que não está inserido na instituição analisada. Vantagem principal: objetividade e isenção. Desvantagem principal: difícil acesso aos dados.

b) É interna quando realizada dentro da instituição. Principal vantagem: eliminação da resistência a um avaliador externo. Principal desvantagem: perde-se muito em objetividade.

c) Mista, que combina os dois tipos anteriores, tendo em vista que avaliador externo teria contato com os participantes do programa – o que permite maximizar as vantagens e superar as desvantagens acima e respostas.

d) Por fim, tem-se a avaliação participativa, que prevê a participação dos beneficiários no andamento da avaliação, mas se debruça a analisar a opinião/percepção dos participantes do programa, sem trazer à tona informações sobre o impacto do programa.

Conforme a natureza da avaliação.

a) Avaliação formativa: no sentido de analisar o processo de implementação do programa, no sentido de corrigir tais procedimentos.

b) Avaliação somativa: que se refere à análise e produção de informações não apenas sobre a formação do programa, como também das etapas posteriores, sendo efetuadas comumente quando o programa já está em vigência há bastante tempo.

Conforme o momento de realização da avaliação. Quando se leva em conta o momento em a avaliação será efetivada:

a) Ex ante: antes do começo de um programa, no sentido de dar suporte à implementação da política.

b) Ex post: quando a avaliação é realizada durante a execução de um programa ou ao seu final. É a metodologia mais utilizada, pois auxilia na concepção do produto do programa e, caso este já tenha sido concluído, auxilia a pensar se é viável que este seja replicado ou não.

Conforme o tipo de problema ao qual a avaliação responde.

A avaliação de processos, que, mais ambiciosa, é aplicada no decorrer do programa e busca avaliar os resultados e impactos deste, para então responder se o programa funcionou ou não. Busca uma adequação entre os meios e os fins.

Diferenças entre avaliação e monitoramento. O monitoramento, basicamente, é um acompanhamento interno, realizado durante a vigência do programa, no sentido de acompanhar as metas, indicadores e resultados do programa. É importante o monitoramento, no sentido de saber onde é preciso intervir, bem como para manter o controle do andamento do programa.

Já a avaliação se utiliza dos resultados, obtidos a partir do monitoramento, para realizar o julgamento pautado na eficiência, eficácia e efetividade do programa. Dessa forma, monitoramento e avaliação são, de certa forma, complementares, sendo esta última mais profunda, no sentido de verificar se o projeto está atingindo os objetivos propostos inicialmente.

Em resumo, para além dos tipos de avaliação de política existentes, a argumentação das autoras indica uma relativa ingenuidade no que se refere o processo avaliativo dos programas. Há uma crença de que, por meio dessas avaliações, sábias decisões poderão ser tomadas, negligenciando todo o embate político, pautado em relações de poder, existentes no campo político (STAREPRAVO, 2011).

Para Dye (2013, p. 63) a avaliação da política pública de forma simples está aprendendo quais são as consequências da própria política, devendo ser considerado ainda:

O impacto de uma política e todos os seus efeitos sobre as condições do mundo real, incluindo:

- Impacto na situação ou grupo alvo
- Impacto em situações ou grupos diferentes do alvo (efeitos de transbordamento)
- Impacto nas condições futuras e imediatas
- Custos diretos, em termos de recursos dedicados ao programa
- Custos indiretos, incluindo perda de oportunidades para fazer outras coisas

Idealmente, todos os benefícios e custos, imediatos e futuros, devem ser medidos (DYE, 2013, p. 64).¹²

Ou seja, se está acontecendo o que é esperado pela política, se os valores investidos foram utilizados da maneira planejada e quais os resultados obtidos. Pois se deu prioridade para determinado programa em detrimento de outro, por exemplo. Dye (2013, p. 64) relata que quando se avalia uma política também se deve avaliar as atividades políticas, e não apenas os resultados, de forma que ao avaliarmos “[...] o *impacto da política*, devemos identificar mudanças na sociedade que estão associadas a medidas de atividade do governo”¹³.

O autor ainda aponta que devemos olhar para o grupo alvo para qual a política está voltada como, por exemplo, pessoas infectadas por determinada

¹² Originalmente: “The impact of a policy and all its effects on real-world conditions, including:

- Impact on the target situation or group
- Impact on situations or groups other than the target (spillover effects)
- Impact on future as well as immediate conditions
- Direct costs, in terms of resources devoted to the program
- Indirect costs, including loss of opportunity to do other things

Ideally, all benefits and costs, both immediate and future, should be measured” (DYE, 2013, p. 64).

¹³ Originalmente: “[...] *policy impact*, we must identify changes in society that are associated with measures of government activity” (DYE, 2013, p. 64).

doença ou que passem por situação de risco em suas moradias. Sendo assim, existe uma identificação acerca deste grupo para saber quais as características que precisam ser mudadas, e se são várias, quais são as prioridades naquele momento. Podemos observar que esta ação foi realizada antes do programa Bolsa-Atleta ser criado e implementado, visto que, havia a necessidade de alavancar o esporte de alto rendimento e que a possibilidade no momento era fomentar os próprios atletas que já tinha resultados em competições nacionais e internacionais no país.

Dye (2013, p. 64) ainda fala que existem os efeitos a curto e a longo prazo, isso depende do problema que será resolvido pela política, se de urgência necessita de um programa que gere resultados a curto prazo, se não é de urgência pode ser um programa que busque efeitos a longo prazo. Dye ressalta que, muitos programas passam por dificuldades de aceitação no seu início, mas após os seus resultados eles passam a ser aceitos pela sociedade, e que “[...] Nem todos os programas visam o mesmo grau de mudança permanente ou transitória”. Ou seja, muitas vezes se o programa precisa de uma resposta a curto prazo, não necessariamente ele se tornará uma política de estado¹⁴ e resolverá aquele problema naquele momento e poderá não existir mais, uma vez que, o programa que gera respostas a longo prazo pode vir a perdurar por muito mais tempo gerando mudanças permanente em grupos focais ou na sociedade em si.

Dessa forma o programa Bolsa-Atleta pode ser entendido como uma política a curto prazo quando observamos que os atletas recebem uma bolsa por doze meses, mas para recebe-la precisam ter seus resultados do ano anterior, e ao utilizar esta bolsa também necessitam gerar novos resultados em competições, ou seja, em um período aproximado de um ano o atleta tanto recebe o recurso da política, como também tem o dever de conquistar bons resultados para o próximo ano e para as próximas competições. Mas quando olhamos pela ótica de que o atleta está apenas se preparando para competições como os jogos olímpicos, por exemplo, a mesma política pode ser entendida como de longo prazo, pois os atletas passam pelas mesmas fases citadas acima,

¹⁴ Uma política é considerada de estado quando ela passa a “ser” permanente, ou seja, ela não tem um prazo de validade, ou pode até ter, mas passa a ser renovada sempre que necessário e se mantém independente de governos distintos.

porém o foco é se preparar para uma competição que acontece de quatro em quatro anos, ou seja, se busca um resultado com um prazo maior, mas utilizando o mesmo recurso de 12 meses.

Para Dye (2013, p. 65-66) o impacto da política também tem seus efeitos simbólicos, que podem ser observados a partir da percepção dos indivíduos sobre determinada política. O autor aponta que esses indivíduos, instituições ou grupos julgam a política pelas suas “boas intenções” e não apenas pelos seus resultados, porque de alguma forma o governo está fazendo algo para sanar determinado problema. E é exatamente o que nos propomos a realizar, conversando com atletas e gestores da modalidade do boxe olímpico para saber como eles entendem o impacto do programa Bolsa-Atleta.

Sendo assim, Dye (2013, p. 65-66) finaliza apontando que a política precisa ser vista como as ações do governo são realizadas, pautando-se nas seguintes questões: “o que os governos fazem, por que fazem e que diferença fazem”.

Dessa forma, a presente dissertação busca trazer a perspectiva de avaliação da política pública de uma forma mais simplificada, pois se utiliza de uma tipologia da avaliação que seria a avaliação como participação, uma vez que, através de atletas e gestores do boxe olímpico que colaboraram com a nossa pesquisa, falam sobre os resultados do programa Bolsa-Atleta durante o ciclo olímpico dos Jogos Rio 2016, para a conquista de uma vaga olímpica nesta mesma edição. Porém, não pode ser considerada uma avaliação completa, por haver uma amostragem pequena quando se trata da avaliação de um programa.

3 PARTICIPANTES DO BOXE: RELATOS SOBRE A TRAJETÓRIA DO CICLO OLÍMPICO

Neste capítulo, será abordado as contribuições das entrevistas, de forma que, nos ajudaram a entender como se deu essa preparação para os Jogos Olímpicos Rio 2016, a conquista de uma vaga nesta edição realizada no Brasil, nos investimentos voltados a modalidade, nos centros de treinamentos e apoios e, no investimento direto ao atleta por meio do programa Bolsa-Atleta.

3.1 ANÁLISE TEMÁTICA

Neste tópico, abordamos quais os temas mais comentados pelos entrevistados durante as entrevistas, e assim também os dividimos em seções temáticas, de forma que os temas que mais se sobressaíram pudessem ter uma atenção maior e fossem destrinchados em capítulos separados, como foi o caso da Marinha do Brasil (Forças Armadas), que surgiu como ponto importante e com certa ênfase pelos entrevistados e o Programa Bolsa-Atleta, que é o objetivo deste trabalho. Da mesma forma, os demais temas foram abordados de maneira que o *corpus* da análise não se perca, como abordado na metodologia (item 1.1) ao descrever os passos de Braun e Clark (2006). Porém os temas que apareceram de maneira superficial foram tratados neste mesmo capítulo, tendo em vista que estes auxiliaram a pensar a relevância da Marinha, Exército e Bolsa-Atleta na vida dos entrevistados. Estes temas são: 1) Trajetória de vida; 2) Projetos de desenvolvimento do esporte; 3) Talento identificado; 4) Local de treinamento; 5) Centros de treinamento; 6) Formação dos treinadores; 7) Patrocínio; 8) Principal fonte de renda.

A partir das entrevistas “teste” pudemos observar quais foram os temas indicados em um primeiro momento, a partir das perguntas formuladas no roteiro, como também os temas que derivaram deles. Nesse sentido, após as entrevistas-teste, buscamos deixar os temas mais abertos de forma que os subtemas, que seriam as ramificações que apareceram de cada tema, fossem abordadas pelos próprios entrevistados.

Então, a seguir, mostramos quais foram as temáticas elencadas, as quais estarão como principais, e as subtemáticas que surgiram das temáticas, bem

como quais foram as mais recorrentes nas falas dos entrevistados a partir das ilustrações abaixo.



Ilustração 1: Tema Trajetória de vida e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 2: Tema Projeto de desenvolvimento do esporte e identificação de novos talentos e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 3: Tema Talento identificado e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 4: Tema Local de treinamento e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 5: Tema Centros de treinamento e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 6: Tema Formação de treinadores e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 7: Tema Patrocínio e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 8: Tema Principal fonte de renda e subtemas. Fonte: a autora.

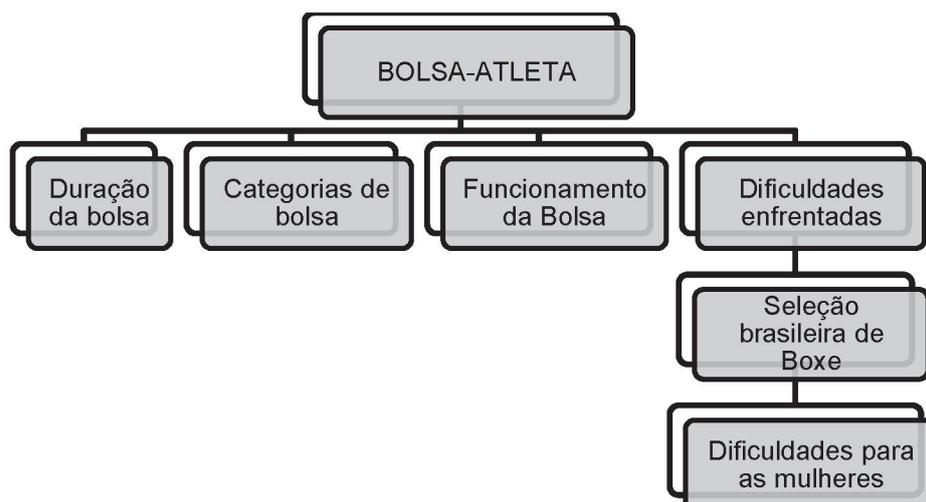


Ilustração 9: Tema Bolsa-atleta e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 10: Tema Utilização da Bolsa-atleta e subtemas. Fonte: a autora.



Ilustração 11: Tema Bolsa-atleta: Auxílio financeiro ou Salário esportivo e subtemas. Fonte: a autora.

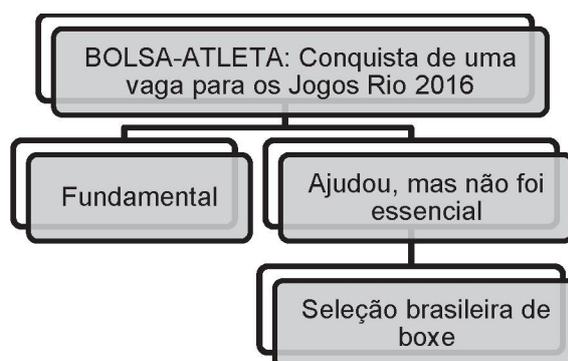


Ilustração 12: Tema Bolsa-atleta: Conquista de uma vaga para os Jogos Rio 2016 e subtemas. Fonte: a autora.

A partir das ilustrações acima, podemos perceber quais foram os subtemas mais abordados pelos entrevistados, como: 1) a Marinha do Brasil e o Exército Brasileiro; 2) o esporte como oportunidade de mudar de vida; 3) A falta de reconhecimento e; 4) a Seleção Brasileira de Boxe.

Feito isso, destrinchamos cada tema abordando também cada subtema que surgiu durante as entrevistas, porém trabalhamos com um dos temas em um capítulo separado, não apenas pelo seu grau de importância, mas também pela recorrência em aparecer na fala dos entrevistados, principalmente dos atletas que tiveram maior número em nossa amostra.

Este capítulo foram o Programa Bolsa-Atleta como incentivador do esporte e principalmente para os Jogos Olímpicos Rio 2016, além de ser o nosso foco principal nesta pesquisa. Os demais temas por terem aparecido de maneira mais superficial foram tratados neste mesmo capítulo.

3.2 ANÁLISE DAS TEMÁTICAS

Aqui abordamos as temáticas e as subtemáticas tratadas no tópico anterior, separando então cada uma delas para que melhor se possa observar cada tema elencado.

3.2.1 Trajetória de Vida

Nesta temática, observamos que os atletas apontaram para uma vida e/ou infância difícil, como morar em comunidades carentes, situações de perder o pai ou crescer sem ele, o que dificultava até mesmo a prática do esporte. Para

alguns, o esporte surgiu como uma oportunidade de mudar de vida e realizar sonhos; e para outros como uma prática já natural do dia-a-dia, mas que de certa maneira gerou oportunidades também para conquistar o que nunca se teve e se tornar uma possível profissão. Isso se deu a partir de projetos sociais que, muitas vezes, possibilitaram a prática do esporte de maneira gratuita. Além de um dos atletas apontar o que ele acredita que virá a ser o seu futuro no esporte, uma vez que não se encontra mais na seleção brasileira de boxe.

Para Julião Neto, a vida não foi fácil, pois o seu pai faleceu ainda quando ele era criança e ele precisou ajudar a mãe que tinha mais filhos para criar, como ele aponta:

Não foi muito fácil, entendeu? Passei muita dificuldade, trabalhei também na feira vendendo roupa e depois que eu cheguei no boxe que foi melhorando minhas coisas, pra mim, pra minha mãe. Então, depois que eu entrei no boxe, eu comecei a ganhar meu espaço. Eu ganhei meu espaço em 2010, na seleção, foi quando eu comecei a ganhar o meu salário. Na época, eu não ganhava nada. Aí foi que foi melhorando as coisas. Comecei a ajudar minha mãe, já depois... mais pra frente já comecei a pegar o Bolsa-Atleta, já deixava o meu cartão na mão da minha mãe, entendeu? Porque lá eu já tinha o que comer e o que beber, então, já pensava na minha família, na minha mãe, entendeu? (NETO, 2018).

Não só Julião, mas também outros atletas iniciaram no esporte em condições difíceis, vendo a oportunidade de vencer na vida e ajudar a sua família por meio da prática esportiva, o que os motivou para permanecer e se destacar na modalidade.

Juan Nogueira, de maneira parecida, precisou trabalhar, quando deixou o esporte por um período:

Então eu sempre tive... eu sou filho único, eu não tive pai, meu pai deixou minha mãe quando eu era bem novo, com três anos acho, dois anos, minha mãe me criou sozinha a vida inteira, passamos por bastante dificuldades e... aí com 13 anos no colégio, um amigo me chamou para treinar boxe, eu novo, um moleque grandão, aí ele me levou para treinar boxe. Comecei a treinar, minha mãe nunca foi a favor, sempre foi contra, nunca apoiou, nunca me incentivou, porque ver eu tomando porrada na cara é difícil. E aí eu comecei com 13 anos, fui campeão infantil, fui campeão de muita coisa, e um dia eu tive que parar porque não tinha incentivo, o boxe não tem incentivo, é difícil. Aí com oito anos de boxe, acho, eu parei para trabalhar, que eu trabalhava na noite, trabalhava como *bartender*, depois como ator, já fiz teatro, já fiz um monte de coisas. Eu tinha que trabalhar, tinha que me virar, e aí interrompi o boxe (NOGUEIRA, 2018).

Já para Michel, iniciar no boxe era um objetivo, porque seu pai sempre o incentivava, além de assistir a vários filmes de boxe que o faziam se interessar cada vez mais pelo esporte. Michel ainda criança teve a oportunidade de treinar em uma academia sem precisar pagar nada, que hoje funciona como uma Organização Não Governamental (ONG)...

Eu comecei no boxe com 10 anos de idade, porque desde pequenininho meu pai sempre me incentivou, falando do boxe e tal, por ele ser lutador, eu assistia bastante filme, lutas, bastante lutas, e aí despertou esse desejo desde criança. E justamente com 10 anos de idade, e justamente por eu estar falando sempre queria ser lutador, que queria fazer boxe, foi me apresentado a academia pelo amigo do meu pai e aí quando eu conheci a academia de boxe, no projeto Raff Giglio, Raff Giglio era o nome do meu professor, e comecei com 10 anos de idade e desde então nunca parei. Fazendo bastante luta interna, com os meus amigos durante o treinamento. Com 12 anos, perto de 13, eu fiz a minha primeira luta oficial e aí comecei a me destacar e aí eu fui um dos melhores na minha categoria infantil, depois fui cadete, campeão estadual, aos 17 eu fui campeão brasileiro juvenil, no primeiro campeonato brasileiro juvenil realizado aqui no país. E além de ser campeão ganhando três lutas, três bons atletas, eu fui eleito o melhor atleta do país em todas as categorias (BORGES, 2018).

Patrick Lourenço treinou na mesma academia de Michel, Raff Giglio, onde treinaram juntos durante a adolescência, reforçando a importância de locais que auxiliem na disseminação do esporte para a população. Patrick buscou o esporte por curiosidade, mas acabou ficando por acreditar que poderia ter a chance de crescer na vida.

Então, eu comecei o boxe na Comunidade do Vidigal, a convite de um amigo meu, com 13 anos de idade. Eu fui meio que por curiosidade, entrei na academia, que era academia só de boxe, hoje é um Instituto, uma ONG educacional e fui bem recebido pelo técnico Raff Giglio, dono da academia, e fui me destacando, a partir do momento que eu entrei e eu vi que eu tinha... que me destacava entre as outras crianças. Eu fui pro primeiro Campeonato Brasileiro, tive a oportunidade de ir pro primeiro Campeonato Brasileiro em Cuiabá. E eu fui sem saber se era isso mesmo o que eu queria. Eu fui por curiosidade e tal, queria sempre viajar de avião. [Interrupção]. Aí, eu fui no primeiro Campeonato Brasileiro com 14, 15 anos e lá eu perdi na disputa de medalha. Aí que eu vi que eu podia chegar além, porque eu era um dos mais novos, lutei com garotos bem mais experientes e consegui fazer frente. Então, eu decidi que queria isso mesmo pra minha vida e, no outro ano, eu fui pra outro campeonato e fui campeão, campeão brasileiro. Aí, eu falei, “ah, é isso que eu quero, é assim que eu posso mudar de vida, que eu posso ter as coisas que eu quero”. E eu tô aí até hoje (LOURENÇO, 2018).

Já Adriana Araújo e Robenilson de Jesus praticavam esportes e competiam antes mesmo de conhecerem o boxe, como aponta Adriana:

Bom, na verdade, eu sempre fui amante do esporte. Eu sempre gostei de esporte, desde os 9/8 anos, eu sempre vivia no meio dos meninos, jogando bola e aos 12 anos eu comecei a jogar futebol. Aqui em Salvador, sempre teve os chamados Jogos Escolares. Isso fazia com que os estudantes tivessem intimidade com o esporte. Então, eu disputava sempre. Jogava bola, handebol e o esporte sempre fez parte da minha vida. E aos 16 anos, 17 anos, foi quando eu conheci o boxe. Na verdade, foi o boxe que entrou na minha vida. Eu nunca imaginei que eu ia fazer essa modalidade. E, aos 17 anos, foi quando eu recebi um convite de uma amiga e, na verdade, de início pra estética, pra trabalhar apenas na estética, na academia. E em duas semanas, meu primeiro treinador, o qual me ensinou a modalidade, ele me perguntou se eu não queria lutar, porque ali ele já tinha visto, estava vendo já, que eu tinha a oportunidade de crescer nessa modalidade. E o ruim de tudo foi que, realmente eu aprendi a gostar, foi um mês depois, quando ele me colocou pra fazer um *sparring* com um aluno dele que já tinha há anos, e ali eu tomei uma surra do menino. Como boa baiana, nunca quis levar desaforo pra casa, eu voltei a treinar, fiquei treinando de manhã e à noite, durante um mês. Depois de um mês, ele me colocou novamente com o moleque, pra poder fazer outro *sparring*, aí foi que eu descontei e aí fui tomando gosto. Oito meses depois, ele me botou pra lutar, aí foi que eu segui a carreira na modalidade. Isso aí já faz 17 anos. Disputei várias coisas aí através do boxe. (ARAÚJO, 2018).

E Robenilson também já havia jogado futebol em um clube do estado da Bahia antes de iniciar no boxe:

Na verdade, eu sempre gostei muito do esporte. Eu jogava futebol antes, num clube aqui que é o Vitória. Meu pai veio a falecer e aí eu conheci um colega, que me ensinou o boxe. Era dentro da minha casa, num porão. E aí, com três meses de aprendizado, eu fui lutar e acabei ganhando, tomei gosto. E aí as portas começaram a se abrir, quando o Popó queria um atleta para ir para São Paulo, para os Jogos Abertos do interior. Quem ia nesse evento era o Robson Conceição, o atual campeão olímpico, mas ele estava sem treinar e eu fui no lugar dele, e com isso eu consegui entrar na seleção brasileira de boxe em 2005. Fiquei de 2005 até 2016 como titular. Eu comecei (a treinar) em 2004. Em 2005, eu já peguei a primeira luta. Foi tudo muito rápido. Em 2007, eu já estava no Rio de Janeiro, ia me preparar para Olimpíada de Pequim, na China. E daí eu não parei mais, foi tudo muito rápido (DE JESUS, 2018).

A maioria dos atletas entrevistados já havia feito parte de um projeto social e, quando questionados a respeito, eles relataram qual foi a importância para cada um deles naquele período de aprendizagem, como mostra Joedison:

Já participei sim de projetos de incentivo do governo, que foi um projeto da Marinha do Brasil vinculado a Odebrecht, isso foi com 16 anos. Um pouco antes eu conheci o esporte através do Messias Gomes, mas

pouco tempo depois ele saiu de uma academia que ele dava aula quando eu comecei a treinar que foi no Joerg Bruder (Santo Amaro, São Paulo), e ele foi para o Centro Olímpico. O Centro Olímpico é um clube da prefeitura localizado em São Paulo e é totalmente do governo. É uma instituição que pega pessoas de 7 até os seus vinte e poucos anos e ali eles ajudam os jovens a se desenvolver no esporte, têm variados tipos de esportes e lá eles dão alimentação, após o treino a gente tem um lanchinho para comer e ajuda na passagem no caso. Hoje como lá em São Paulo tem o sistema de bilhete único, eles dão o bilhete único para o atleta ir para casa e voltar para o clube, para o treino nos seus horários de treino. Então isso foi uma das coisas que me ajudaram bastante no esporte porque logo no comecinho a minha situação não era muito boa e eu pensei por vezes em desistir do esporte e trabalhar para ajudar em casa para ter alguma coisa e o meu professor não deixou, falou que não, eu expliquei a minha situação para ele e ele disse que a partir daí ele iria tirar do bolso dele para eu estar indo treinar, para eu estar ajudando um pouco em casa, enfim, foi assim que a gente começou, e quando a gente se mudou para o Centro Olímpico as coisas já melhoraram bastante para a agente porque eu já tinha ali o incentivo da passagem e não tinha que tirar do salário do meu professor (TEIXEIRA, 2017).

Joedison aponta que este projeto do governo lhe ajudou, o que reforça a importância destas ações para que crianças e adolescentes não só tenham contato com o esporte, mas tenham outras possibilidades de escolha na vida. Robenilson também participou de um projeto social e, para ele, esses projetos podem transformar vidas, como relata:

Eu logo quando eu entrei no boxe, eu participei do projeto. Tanto que eu vim pra capital e eu sei que o projeto social tem o poder de transformar a vida. Então, por isso que eu faço parte do projeto social, porque eu tenho certeza que do projeto vai sair outra Adriana Araújo, outro Robson, Robenilson, Pedro Lima, atletas que saíram daqui e hoje são olímpicos. O projeto se chamava “Campeões da vida”, o Dórea que é o fundador e até hoje tem o projeto social. O que falta é investimento. Material humano tem (DE JESUS, 2018).

Para Robenilson, o projeto social é importante, mas ainda existe a falta de investimento para que estes se mantenham ou até mesmo sejam criados e implementados, seja por parte governamental e até mesmo iniciativa privada.

Michel e Patrick treinavam na Academia Raff Giglio, que hoje se tornou uma ONG e continua atendendo as crianças não apenas com o boxe, como era antigamente, mas com outras atividades também.

Então, na Academia Raff Giglio, no Vidigal, que hoje se tornou uma ONG, Instituto Todos na Luta, que trabalha com crianças, com boxe, com cinema, com reforço escolar e entre outras coisas (LOURENÇO, 2018).

Michel relata que antes desta instituição se tornar uma ONG ela era uma academia, mas ainda assim seu professor dava bolsa para que alguns alunos pudessem treinar de graça dentro da comunidade.

Isso, era um projeto social já. O Raff, ele, antes de ele ter o projeto social, ele dava aula para o pessoal de fora, Leblon, Ipanema, depois foi no Vidigal. No comecinho, mas dentro da comunidade, e aí ele vendeu a academia para poder ganhar o dinheiro dele, dava aula particular e tal. Só que aí começaram as guerras na comunidade, e aí a guerra em 2002 mais ou menos ou antes um pouco, e aí, muita confusão, ele começou a perder muito aluno pagante e ele não podia deixar aberta e ele já tinha algumas bolsas já, que ele já tinha dado para alguns alunos lá na comunidade. E aí, para não abandonar e manda o pessoal fora, ele continuou com isso e nunca parou. Ele continuou ajudando e está até hoje, e virou uma ONG “Instituto todos na luta” (BORGES, 2018).

Dessa forma, muitas crianças continuam tendo acesso ao esporte e, conseqüentemente, possíveis novos atletas vão sendo formados ao longo do tempo. A maior parte dos atletas foram se destacando ao longo do tempo e por estarem participando constantemente de competições foram sendo convocados pela Seleção Brasileira de Boxe, afim de representarem o país em competições internacionais. Michel aponta que, após ter sido o destaque do Brasil aos 17 anos, ele foi convocado para a seleção juvenil e hoje continua na seleção na adulta/permanente.

E aí eu fui, continuei, tive a oportunidade, participei da seleção brasileira juvenil, fui para a Argentina, para o mundial no México também, e continuei a minha carreira. Antes da seleção brasileira permanente que eu fui convocado, eu dava aula em um projeto social, que é na minha comunidade. Hoje ele se chama “Instituto todos na luta”. Dei aula durante três anos, aí quando eu fiz 20 (anos) eu participei do campeonato brasileiro adulto elite, e ganhei dos dois principais atletas do país e fui convocado pra seleção. Estou na seleção até hoje, e no final do ano eu vou completar sete anos de seleção permanente. Já disputei várias competições mundo a fora, em vários estados, em vários países por esse mundo todo aí, disputei Olimpíada, fiquei em 5º colocado, já na primeira luta já caí com um atleta profissional, do Camarões, ganhei dele, ganhei do segundo também, e perdi nas quartas de final, na disputa da medalha, para o Julio César La Cruz, o cubano. E aí continuo na seleção treinando e visando agora Tóquio, e outras competições futuras também importantes pro Brasil (BORGES, 2018).

Juan, ao voltar para o boxe e se destacar, começou a receber uma bolsa, o que possibilitou que ele parasse de trabalhar e se dedicasse apenas ao esporte, quando também foi convocado para a Seleção Brasileira de Boxe.

Daí um dia depois de três anos parados, um dia o meu ex-técnico me chamou e falou para eu voltar a treinar, eu falei “cara eu não vou voltar sem ganhar nada, não dá para voltar para essa vida de novo”. Aí ele me arrumou uma bolsa, um apoio, um apoio pequeno para eu voltar, e eu voltei em 2012, em 2013 eu fui para seleção. Aí eu fui para seleção em 2013 e fiquei na seleção até agora no final do ano passado (2017), foram cinco anos na seleção e aí várias conquistas, inclusive eu fui o primeiro atleta na minha categoria de 91Kg a ir para as Olimpíadas no Brasil, na minha categoria ninguém foi, eu fui o primeiro (NOGUEIRA, 2018).

Então, Juan além de se destacar no boxe, ter participado da seleção brasileira de boxe por cinco anos, ele também foi o primeiro atleta em sua categoria de peso a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos representando o Brasil.

3.2.2 Projetos de desenvolvimento do esporte e identificação de novos talentos

Neste tema novamente aparece a questão da transformação de vida através do esporte, algo vivenciado por alguns dos atletas por meio de projetos sociais, como relatado no tema anterior. Aqui também vemos a importância da criação de novos projetos que sejam voltados para o desenvolvimento e disseminação do esporte no país e, conseqüentemente, a identificação de novos talentos esportivos, além de mostrar a falta de investimento nesta área, sob a perspectiva dos atletas.

Para Joedison, a criação destes projetos é importante porque ajuda as crianças e jovens a terem acesso ao esporte e poderem ter outras possibilidades na vida além de vender drogas, como aponta o exemplo da periferia:

Então eu acho que isso ajuda muito o jovem porque nem todo mundo tem esse acesso ao esporte, nem todo mundo tem essa entrada no esporte e isso dificulta muito porque o jovem hoje ele dia ele costuma seguir o que ele tem acesso ali, o que ele vê. E geralmente quem mora na periferia vai ter aquele acesso de pessoas que usam drogas, ou seja, isso aí vai servir de influência, as vezes até a pessoa mora como eu já morei em locais onde era próximo de onde tinha venda de drogas, então ali era onde eu tinha acesso, onde eu via as pessoas fazendo as coisas ali e isso com certeza serve de influência. Então eu acho sim que é uma iniciativa de projetos de governo com certeza absoluta é ótimo para o desenvolvimento do boxe, é ótimo para o esporte, é ótimo para a sociedade, porque isso dá uma inclusão social para o atleta, isso modela o atleta para a sociedade, não deixa ele ali só naquele

mundinho que acha que só aquilo é o certo ou que é errado, é difícil saber que é errado sem conhecer o certo (TEIXEIRA, 2017).

Patrick concorda com o colega, porque também participou e aponta a importância para ele:

Ah, eu acho que é muito importante. Eu como uma pessoa que participei, que vivi isso, que até hoje eu vivo isso, eu acho que o esporte, esses projetos transformam e dão novas oportunidades, ainda mais para comunidades carentes como o Vidigal, que tem muita violência, tem tráfico, entre outras coisas. E projetos sociais ocupam a mente das crianças, fazem as crianças sonharem e entenderem que, mesmo com a pobreza, com a violência batendo na porta, a gente pode chegar no lugar que a gente quiser (LOURENÇO, 2018).

Para Michel, atleta que também teve esta oportunidade, se não fosse o projeto em sua vida talvez ele estivesse trabalhando em outra profissão e nunca tivesse alcançado o que alcançou:

Então, muita gente me pergunta isso, e eu sempre falo basicamente a mesma coisa, porque devia ter mais oportunidades de projetos, porque se não fosse o projeto na minha vida, hoje eu não estaria aqui, não teria feito tudo o que eu fiz. Hoje eu dei uma casa para os meu pais, tenho uma vida graças a Deus estruturada, tenho uma estrutura de trabalho, graças ao esporte. Se eu não tivesse tido essa oportunidade, que eu tive lá atrás, em 2002, com o Raff Giglio ter me dado uma bolsa, hoje eu não estaria aqui. Eu sou muito grato à oportunidade do projeto, porque seria muito difícil eu ter chegado aonde eu cheguei se eu não tivesse essa oportunidade. Eu acredito muito que se tivesse mais oportunidades como essas, muita gente aí teria um caminho muito melhor, para proporcionar para a sua própria família. Infelizmente, hoje a gente não tem tanto recurso assim de projeto. Então, esse projeto mesmo, ele ficou sem patrocínio durante vários anos, e assim, muita criança parou (de treinar), muita gente foi para o caminho errado infelizmente, porque dentro de comunidade muitas famílias não têm uma estrutura, então a criança cresce no meio da rua, aprendendo coisas que não prestam e acaba seguindo más influências, infelizmente. Eu dei aula no projeto e têm crianças que foram para o caminho bom e outras foram para o caminho errado, e hoje alguns infelizmente estão mortos, outros estão presos, e é assim... triste a realidade porque a gente vê muita criança se perdendo. E se tiver mais oportunidade, mais incentivo, eu acredito que vai mudar muita vida aí, de muita gente (BORGES, 2018).

Esses atletas valorizam esses projetos não só porque participaram e são frutos deles, mas também por ver que várias pessoas acabam se perdendo quando estão em contato com más influências, quando acabam escolhendo fazer o que é ilícito por não encontrarem alternativas, como o caso das crianças e jovens que crescem nas comunidades onde eles cresceram.

Os gestores entrevistados também relatam que esses projetos são de suma importância, principalmente, quando se trata de formar uma base para despontar no esporte de alto rendimento posteriormente, uma vez que se faz necessária a renovação de novos atletas quando os demais se aposentam. A este respeito, o Gestor 1 aponta:

Bom, eu acho que de imediato esse pilar é fundamental, porque o esporte de alto rendimento, ele é alimentado por meio disso. Agora, não considero esse aspecto excludente, pelo contrário, eu acho que isso é uma forma de incluir. A gente vai ter lá um “x” de atletas, entre esses atletas, a gente tem alguns com potencial para uma modalidade ou para outra. Não oportunizar que ele possa desenvolver essa potencialidade, para mim, está excluindo ele, está excluindo esse garoto, enfim, esse futuro atleta de desenvolver essa potencialidade. Então, eu acho que a importância de ter um programa específico para a identificação de talentos é justamente para oportunizar que essa criança consiga desenvolver esse potencial que ela tem, e não simplesmente, claro, por opção dele. Mas acho que o papel desta ferramenta é justamente esse, é proporcionar esse caminho, e ter como desenvolver esse potencial (GESTOR 1, 2017).

A partir de projetos, sejam estes dentro de escolas ou órgãos públicos, é possível identificar quais são os alunos que possuem certas potencialidades, como apontado pelo Gestor 1, a fim de que este aluno seja direcionado para uma modalidade que goste e que possivelmente tenha um desenvolvimento maior.

Para o Gestor 2, especificamente com relação ao boxe, ocorre ainda uma certa resistência com relação ao esporte, por ser uma modalidade de contato, mas ainda assim é importante para que as pessoas conheçam o esporte e os pontos positivos que ele tem a oferecer.

Em todas as modalidades, é importante, mas no boxe vamos dizer assim, é mais crítico porque é uma modalidade que ainda tem muito preconceito envolvido nele. Não é em qualquer lugar que se pratica ele, principalmente na visão de pais e dos adultos, para poder inserir essa criança nesse contexto dessa modalidade, geralmente o preconceito é maior, por passar uma imagem de agressão, por ser um esporte que engloba muito contato e uma luta mais agressiva mesmo. Então, com certeza, é importante existir programas que, além de desenvolver talento, que também esclareça os aspectos positivos da modalidade e fortaleça esse esporte (GESTOR 2).

É importante mostrar estas potencialidades que o esporte têm, mas como aponta o Gestor 3 existe uma escassez de maneira geral no Brasil com respeito

a estes projetos, de forma que os atletas até se desenvolvem, mas depois não conseguem evoluir mais pela falta de estrutura esportiva do país,

Eu acho que os projetos de fomento no Brasil são escassos. Eu acho que eles deveriam acontecer com mais frequência, pra que a gente pudesse estar captando melhores talentos. Eu acho que o talento, ele aparece de forma muito casual e esporádica nos estados de origem, mas por conta da própria idiosincrasia do brasileiro, de ser um lutador por excelência, mas não por um trabalho em si, feito por algo ou alguém ou algum órgão. Eu acho que têm as academias que trabalham com os lutadores, principalmente, os do interior da Bahia que a gente conhece, em Belém do Pará, em São Paulo. Mas são raros os casos onde a gente vê que projetos esportivos de fomento acontecem. Então o lutador, ele brota, mas ele não é planejado, vamos dizer assim; uma gravidez indesejada, ele nasce, mas não é a mesma coisa que foi planejada. No Brasil, infelizmente, ainda... por isso que a gente ainda perde espaço para países que têm menor densidade demográfica do que o nosso, infelizmente vai demorar pra gente virar acontecimento no esporte por conta de falta de projetos como esses (GESTOR 3, 2018).

Assim como o Gestor 3, Adriana relata que em Salvador esses projetos deveriam começar e explorar mais o boxe e a corrida (atletismo), potencialidades que ela vê em sua cidade e até no estado.

Olha... é algo muito importante. E isso, esses projetos, pra mim, acho que eles já tinham que começar aqui em Salvador. Aqui é muito fraco em relação a isso. Isso já tinha que começar desde os colégios. Esses projetos de indicação de atletas, tanto no boxe quanto na corrida, eu acho muito importante isso (ARAÚJO, 2018).

Robenilson, que é da mesma região que Adriana, fala não só da importância de se ter esses projetos, mas que também fundou um projeto social afim de ajudar crianças e jovens...

Eu sou um pouco suspeito em falar, porque eu criei um projeto social em 2013. E infelizmente o Brasil precisa muito de projetos, não só o boxe, mas várias outras modalidades. Infelizmente, o Brasil só foca no futebol, mas tem muitos outros esportes que precisam, que são carentes de um projeto social. Que o projeto social resgata e também ele forma o cidadão de bem. E o meu projeto social não tem apoio nenhum, é só ele próprio, então, fica um pouco difícil você tirar do seu próprio bolso e formar um cidadão de bem na comunidade. E dentro dessa comunidade sai um atleta olímpico. E, na verdade, se o governo não puder ajudar, se o governo não incentivar, perde o adolescente pro tráfico. E é o que tá acontecendo em Salvador, como tem em várias outras cidades. E poderia o governo tá ajudando, apoiando o esporte, e com isso vai tirar as crianças da malandragem (DE JESUS, 2018).

Robenilson ainda traz a crítica com respeito ao futebol, esporte que para ele é o mais trabalhado no país, enquanto o restante das modalidades acaba sendo esquecido pelos gestores do esporte. Assim como ele, o Gestor 3 aponta que precisa se ter mais atenção com esta base que está se formando no país, para que não tenha apenas uma boa base, mas também uma boa formação continuada no esporte, e que não pare no meio do caminho.

Eu penso que deveriam olhar com um pouco mais de carinho pra base. Eu acho que eles deveriam ter alguma maneira de estar premiando aqueles caras que são realmente os formadores dos atletas. Porque, quando chega na seleção, eles já passaram por todas as dificuldades que poderiam ter passado. Lá na seleção, eles, vamos dizer, têm assim tudo nas mãos. Agora o problema é quando o moleque está na base e que ninguém conhece e que é o professor que muitas vezes ajuda ele e ele, de repente, é um talento que acaba sendo desperdiçado. Então, eu acho que a gente teria condições de fazer mais ajuda aos estados que realmente trabalham com o boxe e não ficar criando Centros de Treinamento às vezes só pra ter mais visibilidade em lugares que não têm boxe, só pra fazer número. Então, eu acho que é a Bahia que deveria ser ajudada na base, São Paulo deveria ser ajudado na base, o Rio de Janeiro deveria ser ajudado na base; e criar eventos, não apenas o campeonato brasileiro, e sim outros campeonatos pra que o pessoal da base pudesse estar se envolvendo; criar Centros de Treinamento específicos pra treinamento da molecada da base; dar um salário decente pros treinadores, porque são os treinadores que são formadores dos lutadores, e, aí sim, a gente ia continuar formando bastante atleta (GESTOR 3, 2018).

Para o Gestor 3 o problema não está só na não criação de projetos, mas também na desvalorização que existe no meio do esporte com quem está formando esses novos atletas, que muitas vezes tiram dinheiro do bolso para ajudar estes atletas, como já apontado por atletas neste tópico.

3.2.3 Talento identificado

Nesta temática identificamos através dos atletas entrevistados que eles não só se consideram um talento identificado, como também acreditam ser um exemplo de vida para, principalmente, as crianças e jovens que cresceram e crescem nos mesmo locais onde eles cresceram. Relatam, ainda, que hoje são chamados para dar palestras independentemente da modalidade, mas ainda assim não recebem o reconhecimento que gostariam por já terem representado o seu país.

Patrick afirma isso, ao lembrar que através do esporte realizou sonhos e hoje é uma referência dentro e fora da comunidade onde cresceu:

Ah, com certeza. Hoje, eu sou uma referência dentro e fora da comunidade, do Rio de Janeiro também, tem muitas pessoas que acompanham, se espelham em mim. Diariamente, eu recebo mensagem de garotos novos que se espelham no Patrick de hoje, que saiu de uma comunidade, que tem uma história pobre, mas que realizou sonhos através do esporte (LOURENÇO, 2018).

Já Michel aponta que não foi apenas o seu talento no esporte que o fez se destacar, mas também a sua determinação e persistência, além de buscar ser um diferencial.

Eu... sim, sei que eu tenho talento, mas mais do que talento sempre foi a minha determinação, e muita persistência para conseguir me destacar no meio dos outros. Porque, para se destacar tanto no Brasil quanto mundo afora, tem que ter um diferencial. Então, não basta só ter talento, mas um talento com determinação, mas acreditar, ter muita fé de que vai acontecer e é assim que eu me identifico; com muita persistência, raça e força de vontade para conseguir realizar os meus sonhos (BORGES, 2018).

Diferente de Michel, Adriana aponta que não só é um talento que foi identificado por meio do esporte, mas que foi “o boxe que a procurou”, pois de início ela se preocupou apenas em praticar a modalidade no sentido de melhorar a sua estética corporal, e por ter um desenvolvimento rápido no esporte foi convidada a competir e nunca mais parou...

Sim. Com certeza! Como eu tinha dito, não fui eu que procurei o boxe, o boxe que me procurou. Então eu me considero, assim, um talento identificado (ARAÚJO, 2018)

Já Robenilson relata que a sua ginga também o ajudou, tanto que seu projeto social foi nomeado de “Ginga Boxe”, pois segundo ele cada um tem a sua forma de envolver e estar disponível para falar da sua trajetória, independente do esporte que seja, ele acaba por servir de exemplo.

Rapaz, muitos dizem que minha fama de atuar, de boxear é de envolver, da Adriana também, do Robson... cada um tem a sua. E eu tenho isso em mente pra mim, mas eu acho que eu me tornei uma referência com a galera do boxe e outras modalidades, que eu tô sempre disponível. Me liga lá, eu faço questão de ir. Independente de não ser o boxe, ser outra modalidade, capoeira, judô, eu vou porque eu sirvo de lição, na comunidade carente... de ver a dificuldade, todos

nós temos dificuldades, mas Deus abriu as portas de maneira que a gente possa ajudar. Eu, então... meu projeto social se chama “Ginga Boxe”. Colocaram o... o nome foi um colega meu que colocou “Ginga Boxe”, porque eu luto movimentando, então ele falou “você tem um gingado bom!”, então o projeto hoje é “Ginga Boxe” por essa referência (DE JESUS, 2018).

Julião se considera um talento, porém, também aponta que mesmo já tendo participado de duas edições dos Jogos Olímpicos, ele não tem o reconhecimento que esperava ter

Me vejo sim. Só que, infelizmente, como eu falo aqui pra eles, eu fui pra dois Jogos Olímpicos, Londres e Rio, e a gente não tem aquele reconhecimento que era pra gente ter em outro estado. O reconhecimento que a gente tem é dos treinadores que estão com a gente (NETO, 2018).

O que podemos observar nestes relatos é que mesmo se considerando talentos identificados seja por meio de projetos ou até mesmo nas academias onde treinavam, muitos atletas conseguiram realizar os seus sonhos, muitos hoje ao realizar palestras ajudam a disseminar a esperança e mostrar quais caminhos trilhar para possíveis novos talentos, e por fim a falta de reconhecimento que ainda é recorrente na vida dos atletas.

3.2.4 Local de treinamento

Neste tema verificamos que a fala dos atletas foi um pouco dividida, no sentido de estar treinando em um local que é adequado para o alto rendimento; esporte e categoria em que estão alocados; assim como as dificuldades financeiras por que algumas instituições passam.

Quando questionados sobre o que eles achavam do local de treinamento deles, Michel, que ainda treina na seleção brasileira de boxe, aponta que é um bom local, além de haver uma equipe multidisciplinar:

É um bom local, e melhor do que o local, eu acho que é a equipe. A equipe que está disponível para a gente tem quatro técnicos, preparador físico, nutricionista, psicóloga, massoterapeuta, fisioterapeuta, toda uma estrutura assim para os melhores atletas. Então, são os melhores de cada categoria aqui do país. [...] então esse clube é um clube da prefeitura, a academia de boxe da gente é dentro desse clube. E, assim, a gente é pela nossa confederação mesmo, que

dá todo o recurso para a gente dentro da academia, então é cedido apenas o espaço, a estrutura toda quem dá é a confederação brasileira (de boxe) (BORGES, 2018).

Para Julião o local onde treina é bom, e já melhorou muito, como aponta ao falar do ringue que antes era simples.

É bom. Pra mim, pelo que eu já passei, onde eu treinava, hoje melhorou muito, hoje a academia é reformada, é bonita; hoje tem ringue, um ringue de 5 por 5, antes eram só umas cordinhas (NETO, 2018).

Patrick relata que também é um bom lugar, tem o necessário para um atleta, porém se comparado a outros países poderia ser melhor...

Ah, eu acho que é um lugar... Eu já passei por muitas academias, de todos os lugares do Brasil, alguns lugares fora do Brasil, também, e a academia, posso dizer assim, de ponta, claro que poderia ser melhor. Não tem como comparar com um país que é de primeiro mundo, mas tem tudo o que um atleta precisa (LOURENÇO, 2018).

Adriana aponta que a academia onde treina é humilde, mas que possuem o essencial que é a qualidade dos atletas que treinam lá.

Olha, o local é humilde, bastante humilde, sempre foi humilde. Deu uma melhorada, mas ainda continua bastante humilde, não temos uma grande estrutura, mas acho que temos o essencial, o mais importante, que é a qualidade do atleta, acho que isso aí é algo muito importante, e uma boa mão-de-obra, que é a do próprio treinador. Então, pra mim, é um treinador que tem uma visão imensa da modalidade, então isso ajuda muito a fazer novos campeões (ARAÚJO, 2018).

Já Robenilson, que treina na mesma academia que Adriana, aponta que falta apoio financeiro, pois a cada ciclo olímpico tem pelo menos um baiano participando dos Jogos Olímpicos:

Ah, excelente! Tem material humano, mas não tem apoio, sei lá por quê. Se for reparar, se focar nos olímpicos, de quatro em quatro anos, sempre tem um baiano. Tem três, quatro baianos. Nós somos uma potência! Mas não tem apoio financeiro. Acredito que a medalha olímpica de Adriana e a de Robson foi devido ao apoio da Petrobrás, que entrou e investiu pra poder fazer intercâmbio na Europa, que a gente não fazia antes. Eu tô na seleção desde 2005, o máximo que eu viajava era pra América do Sul. Com a chegada da Petrobrás, a gente foi pra Europa, até pra Ásia. Então, eu acho que isso deu um patamar que a gente possa treinar de maneira adequada e o resultado veio com a Adriana Araújo, o Esquiva e o Yamaguchi, o Robson Conceição com a medalha inédita agora, então é isso que a gente queria que o esporte chegasse (DE JESUS, 2018).

Juan que também não faz mais parte da seleção brasileira de boxe, hoje treina em locais diferentes e aponta que os locais são bons.

É bom, é bom, a estrutura é boa, tem tudo o que eu preciso lá. Pra treino de boxe tem tudo. E aí em conjunto eu faço treino físico com um amigo meu em uma academia de *crossfit*, só que eu faço levantamento de peso olímpico, eu não faço *crossfit*, que me auxilia no boxe, então o meu físico eu faço com ele lá. E o técnico, o técnico eu faço na Gracie e na Companhia Atlética também. Três vezes por semana eu treino na Gracie, segunda, quarta e sexta, terça e quinta eu treino em lugares alternativos com horários diferentes, porque eu dou aula à noite terça e quinta na academia que eu tinha falado, então terça e quinta eu treino na Companhia Atlética, da Cansas, que um amigo meu, o Cebola, ele me auxilia e eu treino com ele lá. Eu treino em três academias praticamente (NOGUEIRA, 2018).

Já Joedison relata que o local onde treina tem uma ótima estrutura, ele treina atualmente na Marinha do Brasil.

Bom hoje eu estou treinando na Marinha do Brasil, no CEFAN, onde é um excelente Centro de Treinamento esportivo, no geral eu acho que no meio do boxe e para o meio geral, atletismo, luta olímpica, enfim, levantamento de peso é um dos melhores aqui. Mas o incentivo que a gente tem aqui da Marinha é perfeito, fora isso quando eu não estou aqui a minha preparação é na seleção brasileira de boxe, onde também a gente conta com um grande Centro de Treinamento, um Núcleo de Alto Rendimento que se instalou ao lado do Centro de Treinamento de Boxe que é o NAR, ali é onde eles fazem as pesquisas para melhoria do rendimento do atleta onde é passado alguns treinos de diversos esporte fazem lá também. E eu estou treinando lá ou eu estou treinando aqui (Marinha do Brasil) ou no Centro Olímpico que também é um excelente Centro de Treinamento. Eu acho que esses três centros que eu me concentro para treinar, eles somam muito no meu rendimento físico, é muito bom, é muito gratificante (TEIXEIRA, 2017).

Michel também aponta que este Núcleo de Alto Rendimento (NAR) faz parte do Centro Olímpico de Treinamento e pesquisa, e possibilita que os atletas treinem lá para ajudar na preparação física.

Ah, tem sim, e dentro desse clube a gente treina no famoso NAR, Núcleo de Alto Rendimento, a gente faz a parte física lá, e é disponibilizado toda a estrutura para a gente treinar, tanto a parte da musculação, de equipamento, quanto a pista de atletismo, que é uma pista muito boa (BORGES, 2018).

E quando perguntamos com relação a estes locais de treinamento serem adequados para o esporte de alto rendimento, Julião aponta que não, mas prefere ficar em sua cidade do que ficar viajando para ter uma estrutura melhor:

“Não é, mas como eu tô todo dia treinando aqui, eu não quero mais ficar viajando muito. É cansativo pra caramba, não é fácil” (NETO, 2018).

Robenilson também fala sobre isso, mas, embora o local não seja adequado, conseguiu formar um campeão, apontando que não é a estrutura de ponta que fará o desenvolvimento do atleta; mas o conjunto que essa academia possui, como bons atletas que auxiliem nesse processo, por exemplo; e ainda aponta que essa estrutura fica por conta do seu treinador, que não conta com nenhum apoio financeiro.

Não, porque não tem os aparelhos necessários pra fazer um campeão. Mas, com tudo isso, mesmo assim sai um campeão. Então, eu acho que você estar perto da sua família, perto da pessoa que você gosta, ter o espaço que você precisa, isso pra mim é ideal. Não. Na verdade, eu nunca paguei academia. E o Dórea meu treinador, ele tem gasto. Além de ajudar os atletas que estão começando também, ainda tem água, tem luz, não tem ajuda do governo, e ele faz por amor, porque gosta. O respaldo que ele tem é o nosso resultado. Ir pra Olimpíada, pegar um resultado, pegar uma medalha, então isso representa o nome dele também. Mas, financeiro zero (DE JESUS, 2018).

E para Michel o local onde treina é adequado ao alto rendimento: “Sim, é adequado sim. Ele tem toda a estrutura que um atleta precisa ter para chegar ao topo” (BORGES, 2018).

Nesse sentido, entendemos que a estrutura de treinamento do atleta é de suma importância quando se trata de resultados, porém, ficar longe da família, viver em constantes viagens, parece compensar a falta de estrutura quando se trata de preferir ficar em sua cidade, como Julião. Observamos também que mesmo uma instituição que forma diversos atletas olímpicos continua sem patrocínio ou apoio financeiro, mesmo mostrando resultados; e que quem tem uma boa estrutura de treinamento ou está na seleção brasileira de boxe ou na Marinha do Brasil, senão através dos seus contatos e referência no esporte consegue treinar gratuitamente em outras academias, como é o caso de Juan.

3.2.5 Centros de Treinamento

Ao falarmos dos Centros de Treinamento, que seriam as estruturas governamentais voltadas aos esportes estruturados para o esporte de alto rendimento, muitos dos entrevistados não sabiam dizer se conheciam algum que

fosse voltado ao boxe, e se conheciam nem sempre sabiam das suas localidades, quando não os confundiam com academias.

Julião afirma não conhecer nenhum centro de treinamento, e que há a intenção de construir um em Belém, sua cidade:

Não tenho. Aqui era pra ter um, mas não foi possível. Estamos tentando conversar com o presidente da Confederação, pra ver se a gente monta um polo, um Centro de Treinamento aqui em Belém do Pará, conforme o presidente que vai entrar aqui. Aqui tem muito atleta bom (NETO, 2018).

Patrick aponta não conhecer também, mas afirma que existem bastante academias, “É... Centro de Treinamento para o boxe, não. Não sei. Tem bastante academia, agora Centro, Centro só do boxe, como o Centro do judô, eu não conheço” (LOURENÇO, 2018).

Adriana relata que os que conhece são no exterior, ou seja, no Brasil também não sabe se existem:

Pouquíssimo. Isso que eu conheço mais fora do nosso país, por causa da oportunidade que eu tive de viajar com a seleção brasileira e viajei pra grandes países, onde têm grandes estruturas, centros de treinamento pro boxe, que realmente é de desejar (ARAÚJO, 2018).

Michel também aponta a sua incerteza com relação ao assunto, “Não, não, é bem difícil saber isso, eu não sei o número não, mas eu conheço alguns pelas redes sociais, por matérias, mas eu acredito que tenha bastante” (BORGES, 2018).

Juan também aponta que conhece várias academias, mas que em nível de excelência são poucas.

Ah eu tenho, eu tenho, têm bastante academia aqui em São Paulo. Assim, mas, em nível de excelência, de alto rendimento são muito poucas. Na verdade, são pouquíssimas mesmo, que têm uma estrutura top de alto rendimento, mas na medida do possível têm bastante academia. Eu acho que o que mais conta hoje é o material humano, têm muitos técnicos que estão interessados, fazendo curso, que estão estudando. E está melhorando, agora física e técnico, o equipamento em si mesmo têm algumas academias que são boas em São Paulo, que eu tenho conhecimento (NOGUEIRA, 2018).

Robenilson afirma que não existe nenhum, e que talvez isso seja porque o presidente da Confederação Brasileira de Boxe não tenha o interesse de que isso aconteça:

Zero. Não tem nada. Zero. Na verdade, o presidente da Confederação brasileira acho que não tem interesse em estar fazendo um Centro pro boxe, porque ele tem quatro anos. Aí ele sai e outro assume. Então, pra ele não é, entre aspas, não é válido fazer um Centro de Treinamento, porque ele vai sair. Agora, se ele fosse um presidente fixo, aí ele faria um Centro de Treinamento. Porque gera recurso, e agora eu acho muito difícil. O boxe é obrigado a ficar em São Paulo, a sede é em São Paulo. Quando a gente tá na seleção, fica longe da família (DE JESUS, 2018).

O Gestor 1 conhece apenas um Centro de Treinamento no Brasil, o que seria usado pela Confederação Brasileira de Boxe,

É eu conheço esse, mas não consigo dar exemplos de estados, por exemplo, que tenham. Enfim, não sei mesmo, nem lá no Centro Estadual do Rio Grande do Sul por exemplo, tem várias modalidades, mas eu não sei se tem o boxe lá (GESTOR 1, 2018).

O Gestor 2 aponta que não conhece também, e mesmo havendo uma pesquisa para fazer este levantamento, não recorda se existe algum,

Para te ser honesta, de cabeça eu não lembro a quantidade certa, mas a gente aqui tem os estudos do Projeto Referências, que já fez este levantamento e também agora com Rede Nacional de Treinamento isso está sendo levantado, mas de cabeça eu não lembro.

O Gestor 2, ao retomar a sua fala, aponta que o único que ele conhece é o “Que é o da própria confederação, esse eu sei, agora você me perguntar se existem outros eu realmente não me lembro, também acho que porque não tem essa popularidade. Então, não teria como te falar se tem ou não” (GESTOR 2, 2017).

O Gestor 3 também afirma que único que conhece é o utilizado pela seleção brasileira de boxe, mas que, se existem outros, ele não lembra ao certo, mas sabe que são poucos.

Não tenho conhecimento. Eu sei que tem o Centro de Treinamento da seleção brasileira de boxe que deveria ser, vamos dizer assim, de grande excelência. Eles melhoraram bastante o Centro de Treinamento lá de Santo Amaro, depois que eu saí da seleção, eles tiveram um aporte muito grande, por conta das Olimpíadas do Rio, então eles tiveram muitas melhorias, mas mesmo assim, a gente sabe

que ainda é muito aquém daquilo que poderia ser. Porque a gente tem muitas academias, academias têm várias, agora Centro de Treinamento de excelência é uma outra coisa, com materiais avançados, com tecnologia, com auxílio, isso realmente é muito escasso. Não sei te mensurar o número de Centros de Treinamento, mas são muito poucos. Então, pois é... Eu nem sei se eles existem. Então, eu não acredito que eles deem conta, porque tem muita gente que pratica boxe no Brasil em alto nível, mas treinam em condições precárias, treinam como pode, entendeu? Nas suas academias, às vezes, nem saco de pancada tem, os caras têm saco de pneu, batem na parede ou não tem ringue. Por exemplo, é inadmissível você falar de um Centro de Treinamento de boxe que não tem um ringue! Não posso chamar esse Centro de Treinamento de centro de excelência, mas ali tem atleta, inclusive tem atleta que é campeão brasileiro que sai dali. Mas, por mais paradoxal que possa parecer, é isso que acontece (GESTOR 3, 2018).

Neste tema, observamos que grande parte dos atletas e gestores que trabalham com o esporte e, principalmente, aqueles que fazem parte da modalidade não sabem ao certo se existem centros de treinamento voltado a este esporte, e os que imaginam saber apontam para academias. Ou seja, além de não haver mais estruturas espelhadas pelo país para fomentar a continuidade do esporte em relação ao alto rendimento, não existe conhecimento sobre os mesmo por parte dos participantes do boxe. Ainda assim, quando apontam que existe um centro de treinamento, ele parece estar concentrado apenas para a seleção brasileira, o que aponta para a utilização apenas pelos atletas convocados para fazer parte da seleção brasileira de boxe, excluindo os outros restantes de atletas que têm bons resultados.

3.2.6 Formação de Treinadores

Aqui, questionamos aos atletas se os seus treinadores são formados em Educação Física, e se se atualizam regularmente com relação ao próprio esporte. Os atletas apontaram haver tanto treinadores formados, como não formados. Entre estes sem formação, um tem o Conselho Regional de Educação Física (CREF) para atuar somente no boxe. A maior parte dos treinadores fazem cursos para se atualizar quanto à modalidade, suas regras, técnicas e táticas.

Julião aponta que seu treinador não possui graduação em Educação Física, mas já faz curso relacionado ao esporte e já fez parte da seleção brasileira de boxe.

Meu treinador que tá aqui em Belém do Pará não, mas ele tem curso que fez lá fora, tinha apoio da seleção brasileira, já viajou pra vários países. Hoje, ele não tá na base da seleção, mas ele é um grande treinador. Os treinadores da seleção têm graduação (NETO, 2018).

Patrick relata que seu atual técnico possui formação, e que anteriormente treinavam juntos, porém decidiu se dedicar a sua carreira como treinador de boxe.

Sim, sim. Hoje, o meu técnico, atualmente, é o Everton Lisboa, mais conhecido como Índio, ele é formado em Educação Física e foi um ex-atleta. Há alguns anos atrás, ele era o atleta que treinava junto comigo na equipe, mas ele decidiu parar pra investir mais na carreira de treinador (LOURENÇO, 2018).

Adriana aponta que seu treinador Luiz Dórea não tem formação em Educação Física, ele possui outra profissão mas trabalha com o esporte há muito tempo e também é ex-atleta, o que explicaria a sua experiência como treinador do esporte:

Não... não. O Dórea é, na verdade, um policial. Ele é polícia aqui em Salvador, ele trabalha na SI [Serviço de Investigação] aqui da cidade e a vida dele com o boxe é de muitos anos. Ele também já foi atleta, foi campeão mundial no júnior, no boxe, e ele teve a felicidade, o conhecimento de ter as duas coisas: ser um bom lutador e um ótimo técnico. Porque sempre acontece de o cara ser um bom lutador, mas um péssimo técnico. Mas ele conseguiu ter essas duas coisas na vida dele e fora que é um cara que realmente é amante da modalidade, e isso ajuda muito. Então, acho que o mais importante é o que ele tem, é o amor à modalidade, o amor ao boxe. Isso é o que ajuda... ele nos ajudou a chegar, realmente, ao topo. (ARAÚJO, 2018)

Robenilson, que também treina com Luiz Dórea, afirma que não sabe se ele possui formação, mas reforça que a sua formação é de policial civil do estado da Bahia, “Aí, eu não sei. Acho que não. O Dórea ele é policial civil. Ele tem faculdade de direito” (DE JESUS, 2018).

Michel também diz não saber, mas que os profissionais que os atendem na seleção brasileira são formados e até pós-graduados.

Essa é uma boa pergunta. Meu técnico de boxe que eu saiba... um é formado em Educação Física e o restante eu não tenho essa certeza. Os que são formados são os profissionais da área, como preparador físico é formado, pós-graduado e tal, mas os técnicos eu acho que só têm um mesmo, eu não lembro de cabeça agora (BORGES, 2018).

Michel ainda reforça que seus treinadores sempre estão fazendo novos cursos e se especializando na modalidade.

Claro, claro. Tanto aqui no Brasil quanto lá fora, tem cursos de formação e para passar novas técnicas, novos... como é que eu posso dizer... regras, as regras sempre mudam no boxe, inclusive a retirada do capacete, então muitas coisas assim eles sempre estão se atualizando. Acho que um mês, dois meses atrás, dois técnicos nossos foram fazer um curso de capacitação da AIBA (International Boxing Association) internacional para poder estar na seleção brasileira e participar de competições internacionais também, acho que o curso foi de uma estrela, então eles passaram na prova e tal, fizeram o curso, passaram e estão aptos agora a participar de competições internacionais (BORGES, 2018).

Juan aponta que um de seus técnicos possui o CREF para atuar na modalidade, outro tem formação e pós-graduação e que apenas um não possui nem a formação e nem o CREF provisório, como ele se refere:

Sim, meu atual técnico... meu atual técnico ele tem o CREF (Conselho Regional de Educação Física) sim, ele tem o CREF, mas eu acredito que seja por... ele não é formado em faculdade, mas ele tem o CREF igual eles tiravam antes e tira até hoje para quem trabalha com o boxe Há mais de 25 anos e tem experiência, tem que provar e prova também que tem uma noção boa e tal, que é não formado em Educação Física, mas ele tem um posicionamento de um profissional de Educação Física e ele tem o direito de dar aula de boxe. Meu técnico, meu preparador físico sim é formado e o outro tem o CREF. Meu principal técnico tem esse CREF provisório, e o meu segundo técnico, que é o Cebola da Companhia Atlético é formado e tem pós-graduação, e o terceiro que é o meu técnico físico, meu parceiro que faz meu físico ele tem formação. Só o Toni, meu principal técnico que não tem formação, mas ele tem o CREF e autorização para dar aula (NOGUEIRA, 2018).

Neste tema, observamos que vários atletas não treinam com técnicos formados em Educação Física, os quais, em contrapartida, se atualizam regularmente com respeito ao esporte, novas técnicas e regras, e apenas alguns possuem a formação e até mesmo pós-graduação para atuar no meio esportivo. O que nos ajuda a entender que muitos esportes, e mais especificamente o boxe tem treinadores e técnicos que se mantêm no esporte pelas experiências que tiveram como atletas e nem sempre buscam uma formação acadêmica, mas sim técnica. Pois essa experiência dá suporte suficiente para que estes técnicos continuem desempenhando o seu trabalho, uma vez que, entendemos também que a formação acadêmica em Educação Física não consegue dar toda a base

de todos os esportes durante esse período, partindo do próprio técnico em si a busca pelo conhecimento específico do esporte que deseja trabalhar.

3.2.7 Patrocínio

Aqui, tratamos de questões como, se o atleta possui patrocínio, quais seriam e de que formas recebem, e se não tem. O que mais apareceu foi a Bolsa-Atleta e a Marinha do Brasil e, o Exército Brasileiro. E além disso reaparece novamente a falta de reconhecimento.

Patrick aponta que hoje possui o patrocínio da marca esportiva *Everlast*, mas apenas com materiais esportivos

Então, hoje, eu tenho um apoio da Everlast, mas só com materiais. De três em três meses, eu recebo alguns materiais pra ajudar nos treinamentos e tal. E fora o Exército Brasileiro, que eu faço parte, também (LOURENÇO, 2018).

Além disso, Patrick aponta que também recebe salário do Exército Brasileiro, do qual faz parte como militar temporário. Julião relata que tem o Bolsa-Atleta e está vinculado à Marinha do Brasil, onde é terceiro sargento temporário.

Agora, agora, eu tenho o Bolsa-Atleta. E eu sou terceiro sargento da Marinha, eu ganho como atleta. Só que eu tô saindo agora, porque eu cumpri 8 anos e tem até 8 anos, tô cumprindo agora. Então, eu já vou ficar desligado da Marinha (NETO, 2018).

Juan aponta que não possui patrocínio, mas em contrapartida possui vínculo com a Marinha do Brasil, “Não, pessoal não. Estou buscando, mas ajuda pessoal eu não tenho. Tenho só a Marinha mesmo que me paga” (NOGUEIRA, 2018).

Adriana fala que não possui nenhum patrocínio no momento e que isso dificulta a continuidade do treinamento.

Infelizmente, hoje mais não. E isso tem me dificultado a dar continuidade a meus treinos aqui em Salvador. O que acontece: hoje, eu passei pro boxe profissional, já desde as Olimpíadas de 2016, eu passei pro boxe profissional, fiz duas lutas em São Paulo, a última foi em 23 de setembro na Moca, na Juventus. E estava caminhando pra terceira, mas, por falta do patrocínio, por falta de um empresário que

acredite de verdade no atleta, isso vem me dificultando pra dar continuidade ao treinamento, de seguir em frente, infelizmente. (ARAÚJO, 2018).

O relato de Adriana mostra que após ter migrado para o boxe profissional e não ter nenhum patrocínio, a situação ficou muito difícil, porque após esta decisão ela também não pode mais receber o Bolsa-Atleta. E parece que até mesmo para os atletas que ainda permanecem na seleção ocorre essa dificuldade, como fala Michel,

Patrocínio... há um tempo atrás eu tava com patrocínio da *Everlast*, mas ainda não foi renovado. E aí... possivelmente, estarei fazendo um novo contrato ou não, tem que esperar pra saber. Com equipamentos mesmo. Só material. Todo equipamento que o atleta precisa: luva, capacete... sapatilha, é tudo de material, nenhum valor, não. Então, eu já tive duas vezes esse apoio. Uma foi nos Jogos Olímpicos, que eu recebi uma remessa... eu não tenho exatamente o valor, assim. Eles mandaram sapatilha e tal... eles mandaram até mais coisas. Depois, eu fiz um novo contrato, que eles começaram a me mandar a remessa de três em três meses (BORGES, 2018).

Nesta temática percebemos que boa parte dos atletas hoje não possuem patrocínio e até mesmo parecem estar equivocados quando apontam o Bolsa-Atleta e até as Forças Armadas, uma vez que para participar de ambos programas precisam passar por um processo seletivo e comprovar os seus resultados. E com o relato de Michel também conseguimos entender que mesmo ele fazendo parte da seleção brasileira de boxe muitas vezes não tem nenhum patrocínio, seja ele qual for, em troca de materiais ou até mesmo em valor monetário.

3.2.8 Principal fonte de renda

Aqui, observamos que os atletas apontaram constantemente a Bolsa-Atleta, a Marinha do Brasil e o Exército Brasileiro, a própria Seleção Brasileira. E também apareceu o recebimento de nenhuma fonte de renda e, novamente, a falta de reconhecimento.

Julião relata que hoje a sua fonte de renda é o Bolsa-Atleta:

Hoje, a minha fonte de renda é a Bolsa-Atleta, meu salário... Minha fonte de renda eu não tenho, porque o dinheiro que eu peguei, eu investi na casa da minha mãe. Porque era meu sonho. Minha mãe não

tinha casa, vivia chorando e era meu sonho. Quando comecei a lutar eu falei que um dia Deus ia me dar condições pra mim dar conforto pra minha mãe. Comprar uma casa pra ela foi... graças a Deus, eu consegui realizar esse sonho. Comprei uma casa pra ela, construí tudinho, tá tudo pronto, bonita, dei uma mobiliada e agora é trabalhar pra tentar montar alguma coisa, tentar montar uma academia, uma associação pra mim, entendeu? (NETO, 2018).

Já Adriana chegou ao extremo quando aponta que não possui fonte de renda e fala das dificuldades que vem passando por essa razão, além de perceber que não existe reconhecimento algum pelo que já fez pelo país,

Tô procurando. Infelizmente, eu tô sem a fonte de renda, infelizmente... eu falo infelizmente, porque a minha tristeza maior é por tudo o que eu já fiz pelo meu país, por toda a dedicação, por toda a história que eu fiz por um país que, infelizmente, hoje eu tô tendo um retorno zero. E, assim, a minha renda, hoje, é... eu tenho vendido aquilo que tinha conquistado. A última agora, eu acabei de vender um apartamento que eu tinha adquirido, quando estava ainda na seleção. E vou ali, aos pouquinhos ali sobrevivendo até realmente conseguir aquilo que eu quero. Eu tô trabalhando também aqui, vou começar a trabalhar agora com projetos. Projetos sociais, tentando adquirir algo da prefeitura e do governo do estado, pra que realmente isso possa acontecer e eu voltar aí a ter uma boa renda. Mas, no momento, eu tô zerada. Cheguei até a trabalhar de *Uber* (ARAÚJO, 2018).

Adriana hoje busca outras formas de fonte de renda, uma vez que não pode mais receber nenhum tipo de bolsa governamental e não possui nenhum patrocínio. Como ela mesmo relata:

Apesar que hoje eu também não posso mais usufruir dela. Tanto o Bolsa-Atleta como o Bolsa-Esporte, eu não posso usufruir nenhum dos dois, porque agora eu sou atleta profissional. E um atleta profissional aqui não pode usufruir desses benefícios do governo do estado (ARAÚJO, 2018).

Com Robenilson, que também migrou para o boxe profissional, não é diferente:

Na realidade, o que a gente vai ganhando... eu como atleta, a gente não pode gastar tudo, então a gente vai juntando. Eu dou aula, sou personal. Tem que ter uma segunda opção, porque o boxe não dá pra todos e tem uma hora que nossa idade também... para, então eu recebi uma proposta para ir para a Irlanda, mas eu tenho um filho e não quero ficar longe dele agora. Eu passei dois anos longe e é muito ruim ficar longe da família. E lá (Irlanda) é outra cultura, você não sabe se as pessoas vão te tratar bem ou não (DE JESUS, 2018).

Robenilson, mesmo tendo recebido uma proposta para ir para outro país trabalhar com o boxe, não quis aceitar porque não quer ficar longe de sua família, ainda mais agora que tem um filho pequeno. Dessa forma, ele prefere trabalhar de *personal trainer* e usar o valor que veio guardando de todos os recursos que capitava enquanto atleta. Ele recebia tanto Bolsa-Atleta quanto a Bolsa Esportiva do estado da Bahia e também fez parte da Marinha por oito anos.

Patrick aponta que a sua principal fonte de renda é o Exército Brasileiro, assim como alguns colegas que também fazem parte de alguma instituição das Forças Armadas do Brasil: “A minha principal fonte de renda é o Exército Brasileiro. Tenho o meu salário todo mês. E o Bolsa-Atleta também, mas o Bolsa-Atleta sempre demora cair e tal; mas cai, mas sempre demora” (LOURENÇO, 2018).

Patrick aponta que o Exército lhe dá certa segurança, porque recebe seu salário todo mês, porém o Bolsa-Atleta gera algumas incertezas quanto a sua demora, mas também sempre recebe o valor. Assim como ele, Michel possui as mesmas fontes de renda,

Então, a minha principal fonte de renda é o Bolsa-Atleta, a Bolsa Pódio, e o Exército. A seleção brasileira tem um salário, sim, que é uma ajuda de custo, para o atleta se manter, e quando chega na seleção tem apenas o salário da seleção e uma metade tem o Bolsa-Atleta, nem todos (BORGES, 2018).

Anteriormente, Adriana recebia a Bolsa Esportiva do estado da Bahia, e ela conta que funciona basicamente como o programa Bolsa-Atleta, assim também como os valores são parecidos,

Olha, a bolsa estadual é bem parecida com o Bolsa-Atleta, aqui se chama Bolsa-Esporte. Tem o Bolsa-Esporte e tem o Faz Atleta. O Bolsa-Esporte é o próprio governo aqui do estado que incentiva os atletas. Então, praquelas atletas que já são olímpicos, possuem já esses títulos de Mundiais, Pan-americanos, ele recebia a bolsa Internacional, que era um valor de 2 mil reais. E também aqui existia o Faz Atleta. Só que esse faz Atleta já é um projeto estabelecido através de rendas de empresas. Poderia gerar de 2 mil a 15 mil reais essa renda. Só que essa aí eu não tinha. Eu possuía apenas o Bolsa-Esporte que era algo do estado. Como eu era classe Internacional, eu recebia aí 2 mil reais (ARAÚJO, 2018).

Adriana ainda relata que praticamente por sete anos da sua trajetória no boxe tinha que treinar e viajar para competir por conta, e só quando são lançados

os programas de incentivo ao atleta por meio de bolsas que começa a receber algum recurso governamental, ela ainda ressalta que o estado da Bahia é um dos que mais se destaca no esporte e que por este motivo poderia se ter mais incentivo.

Como eu tinha dito, quando eu comecei, eu comecei no boxe em 99, 2000. De 2000 a 2007, treinando por conta, e nesse meio eu tinha feito história já em 2005: a primeira mulher a ganhar um Pan-americano de boxe. Então, eu já estava começando a ficar no auge, foi quando surgiu o Bolsa-Esporte. Infelizmente, até como eu tinha dito, é triste, aqui em Salvador, um dos esportes que leva o nome da cidade e do estado é o boxe. Os maiores resultados do país que o boxe já teve estão aqui: campeões mundiais, campeões olímpicos, medalhistas, entendeu? Estão tudo aqui. Então, infelizmente, ainda a gente tem essa necessidade de o estado apoiar de verdade, abraçar a gente verdade. (ARAÚJO, 2018)

Nesta temática, observamos que todos já receberam e a maioria continua recebendo o Bolsa-Atleta, e é o que os ajuda a se manter no esporte segundo eles, além de grande parte dos atletas já fez ou faz parte da Marinha do Brasil ou do Exército Brasileiro, apenas Adriana Araújo que não. Sobre a Marinha do Brasil falaremos com mais profundidade no tópico seguinte (3.2.9 Forças Armadas e o esporte).

3.2.9. Forças Armadas e o esporte

Nesta temática abordamos como tem sido essa relação das Forças Armadas com o esporte brasileiro, de forma que possamos entender como os atletas participantes dos Jogos Olímpicos tiveram sua inserção nestas instituições militares.

Desde as décadas de 1960 e 1970, Garrido e Lage (2006, p. 48) falam que estudos científicos para o treinamento esportivo já estavam sendo desenvolvidos, de forma que pudessem aperfeiçoar o treinamento dos militares, que vinham se destacando em diversas competições. Surgindo também baterias de testes físicos e treinamentos específicos que auxiliassem nessa função. Além disso programas foram sendo estruturados para que houvesse essa aplicabilidade das habilidades específicas e valências físicas em cada Organização Militar. E em 1972, mais especificamente

[...] o Centro de esportes da Marinha passou a chamar-se 'Centro de Educação Física da Marinha'; no ano seguinte, seria criado, em seu lugar, o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – CEFAN, em novas instalações construídas em parceria pela Marinha do Brasil e o Ministério da Educação e Cultura, dentro dos mais modernos conceitos de arquitetura esportiva. (GARRIDO; LAGE; 2006, p. 48)

O CEFAN recebeu toda uma estrutura e investimento para a promoção e desenvolvimento do esporte dentro da Marinha, e nas décadas de 1980 e 1990, Garrido e Lage (2006, p. 48) referem que a promoção do esporte por parte da Marinha ao público civil se reduziu e as atividades permaneceram de maneira interna. Passou também a ser obrigatório “[...] a prática do Treinamento Físico Militar nas Organizações Militares de terra e nos navios[...]”, havendo a realização de Teste de Avaliação Física – TAF, para todos os integrantes da Marinha, o que resultava na promoção e indicação de cursos.

Atualmente o CEFAN continua realizando o trabalho de preparação física de militares atletas para competições entre as entidades militares do país e em competições internacionais. Além de se enfatizar “[...] o atendimento aos Órgãos de Formação, Distritos Navais e Bases, sobretudo no que se refere ao recrutamento e à distribuição de recursos humanos aplicados às atividades de educação física e desporto”. Como apontam Garrido e Lage (2006, p. 48).

Ainda assim, a Marinha tem buscado novos valores,

[...] por meio de iniciativas sociais próprias ou, no âmbito de projetos do Governo Federal, utilizando a prática esportiva como instrumento de integração social entre a comunidade e a Marinha do Brasil. A valorização da cidadania, a capacitação de jovens de ambos os sexos para inserção no mercado de trabalho, a incorporação de atividades físicas, esportivas e de lazer como hábito de vida e como processo social de desenvolvimento, e da preservação da soberania, são princípios norteadores atuais, na busca da disseminação junto à sociedade do conceito de Defesa, mostrando a importância da força militar como fator de preservação da paz e da soberania nacional. (GARRIDO; LAGE; 2006, p.48)

A Marinha tem realizado este trabalho social, que já ajudou e continua ajudando muitas crianças a jovens a terem uma oportunidade de conhecer um esporte, ter acesso a uma alimentação enquanto treinam e até ter

acompanhamento médico por meio desta ação, como afirma Joedison que um dia fez parte deste projeto.

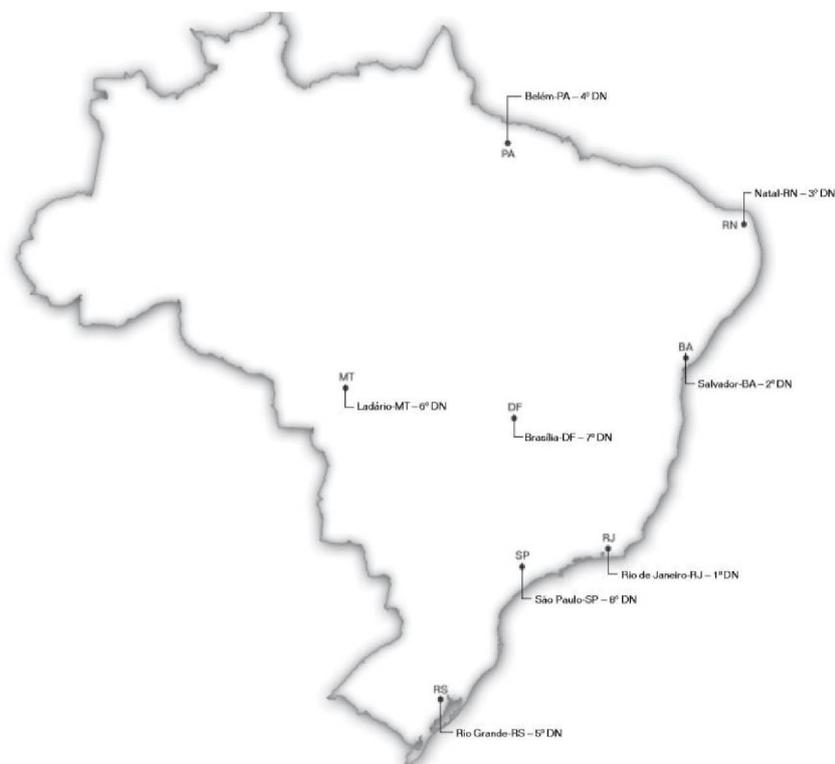
Já participei sim de projetos de incentivo do governo, que foi um projeto da Marinha do Brasil vinculado a Odebrecht, isso foi com 16 anos. Um pouco antes eu conheci o esporte através do Messias Gomes, mas pouco tempo depois ele saiu de uma academia que ele dava aula quando eu comecei a treinar que foi no Joerg Bruder (Santo Amaro, São Paulo), e ele foi para o Centro Olímpico (TEIXEIRA, 2017).

Além disso, não só a Marinha, como também o Exército e a Aeronáutica promovem estas ações, por meio do Programa Forças no Esporte (PROFESP)¹⁵, que é uma vertente do Programa Segundo Tempo do Governo Federal, e é desenvolvido por meio do Ministério da Defesa (MD) em parceria com estas entidades militares, o Ministério do Esporte (ME) e o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA).

Onde o ME se responsabiliza pelo fornecimento de materiais esportivos e de professores e estagiários, o MDSA fica responsável pela alimentação, além dos serviços médicos, odontológicos, de assistência social e de transporte ofertado aos participantes do programa.

No Brasil, a Marinha está distribuída regionalmente desta maneira, com praticamente uma instituição em cada região do país.

¹⁵ O programa democratiza o acesso à prática e à cultura do esporte e promove o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, oferecendo atividades esportivas educacionais, lazer e atividades complementares. Além disso, também oferece uma alimentação saudável e de qualidade, reforço escolar, ações cívico-sociais, palestras e campanhas educativas, orientações de civismo, de cidadania e desenvolvimento de habilidades profissionais. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/programas-sociais/programa-forcas-no-esporte>>. Acesso em: 22 de abril de 2017.



Fonte: Imagem retirada de GARRIDO e LAGE (2006, p. 49).

As Forças Armadas ainda possuem outras formas de ingresso por parte dos atletas de alto rendimento brasileiros, que por meio de editais para uma diversidade de esportes, os atletas podem se candidatar a uma vaga de militar, quando se enquadrando nas categorias com vagas disponíveis e apresentando seus resultados esportivos, podendo permanecer nesta vaga temporária até oito anos.

Na prática, a função dos atletas é defender o Brasil em campeonatos militares nacionais e internacionais, como é o caso dos Jogos Mundiais Militares. Em contrapartida, o atleta, que irá compor o quadro temporário por até oito anos de uma das três Forças Armadas, recebe instruções militares para uma formação básica. Os desportistas têm à disposição todos os benefícios da carreira, como soldo, 13º salário, férias, assistência médica, incluindo nutricionista e fisioterapeuta, além de disporem de todas as instalações esportivas militares adequadas para treinamento. Por meio do Departamento de Desporto Militar (DDM), o Ministério da Defesa organiza a participação militar brasileira em eventos esportivos de alto nível. As delegações de atletas militares do país participam com regularidade de campeonatos do Conselho Internacional do Esporte

Militar (CISM) e da União Desportiva Militar Sul-americana (UDMSA). (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2017)¹⁶.

E neste período de tempo, o atleta que é aprovado neste processo passa a receber um salário de militar, além dos outros benefícios como, 13º salário, férias e uma equipe multidisciplinar disponível, e ainda tem a possibilidade de treinar nas dependências da Marinha ou da instituição militar que se candidatar à vaga, como explica Michel:

Então, todo ano tem edital, e aí os melhores atletas com os melhores resultados, praticamente o melhor do país que entra nas Forças Armadas. Eu entrei no Exército assim, participando do edital e mostrando lá no meu currículo, mostrando lá o quanto eu sou melhor e estou apto a fazer parte do Exército, no caso. Eu sou terceiro sargento do Exército (BORGES, 2018).

Estas vagas são abertas para que as categorias e os esportes que estejam faltando no quadro de modalidades das Forças Armadas sejam completadas, a fim de que tenham atletas para participar das competições entre instituições militares no Brasil e em competições internacionais, como os Jogos Mundiais Militares, por exemplo, como aponta Patrick, que ingressou no Exército Brasileiro, que tem o funcionamento parecido com o da Marinha do Brasil:

Então, é meio que seleção, né, meio seletivo. Abre a categoria pra... Categoria até 52Kg, que é a minha. Qualquer 52Kg no Brasil pode se inscrever. Quem pontuar mais vai ser chamado. No caso, foi o que aconteceu comigo. Se a pessoa tá disposta a passar por essa peneira, passar pelos cursos de um verdadeiro militar, de um soldado, aprender tudinho e tal, já era (LOURENÇO, 2018).

Julião aponta que quando entrou na Marinha do Brasil foi por seus resultados e desempenho: “Através da seleção, me destacando, indo fora pra campeonato, sendo campeão Pan-Americano, entendeu? Aí, foi quando me chamaram pra Marinha e tô lá até hoje” (NETO, 2018).

Não só Julião, como os demais atletas, que hoje fazem parte da Marinha do Brasil ou até mesmo do Exército Brasileiro, tiveram a forma de ingresso por edital, como reforça Patrick:

¹⁶ Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/28567-marinha-abre-vagas-para-atletas-de-alto-rendimento>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

Então, no Exército Brasileiro, eu participei de um edital que rola todos os anos e tinha vaga pra minha categoria. Eu já conhecia algumas pessoas que faziam parte do time. Eu coloquei o meu currículo, né, os campeonatos, os resultados, e fui selecionado por fazer maior pontuação. Aí, eu ingressei pro time de alto rendimento do Exército (LOURENÇO, 2018).

Michel também fala como foi o seu ingresso no Exército Brasileiro,

Ah então, é tudo depende do resultado, como foi assim para eu entrar na seleção brasileira, foi assim para o Exército também. Eu fui o campeão brasileiro, fui o número um no país, e assim fui convocado para a seleção, e aí com os resultados e tal, me mostrando o melhor, superior, eu pude ter resultados suficientes para entrar nas Forças Armadas. Hoje, eu treino na seleção brasileira, mas sou militar e estou à disposição deles pra qualquer hora, se tiver competição militar eu vou estar representando o Exército. Como já teve várias vezes, Exército contra a Marinha, e eu participei todas as vezes representando o Exército no caso. No campeonato mundial, eu também fui representando eles, toda luta que eu faço pela seleção, eu sempre estarei representando o Exército também. Além disso, tem umas ações sociais também no qual eu sou voluntário, eu vou dar palestras para jovens de comunidades assim como eu fui um dia, e aí eu estou à disposição do Exército 24 horas. Só não precisa trabalhar, tirar o serviço lá, nenhum dia, nenhuma vez. Pra ter noção, a gente vai umas três vezes, no máximo, em um ano no Exército pra poder fazer reciclagem e tal, marchar, fazer continência, mas nada demais. A gente não precisa ficar trabalhando... enfim, é só ser atleta, treinar e competir (BORGES, 2018).

Juan também aponta que seu ingresso na Marinha do Brasil foi parecido com a de Michel no Exército Brasileiro,

Na Marinha é por edital, é um concurso público que abre e os melhores do Brasil eles se candidatam e é por pontuação mesmo, então se eu tenho um título internacional, nacional, isso acaba somando pontos que você ganha, e cada ponto que você ganha, mais no topo você fica e é mais difícil alguém chegar e ganhar de você. Agora, quando eu me inscrevi, que é um edital normal que abre e sai no diário oficial e tudo, e quando eu me inscrevi lá nele, com a minha pontuação eu fiquei no topo, fui o melhor do Brasil, sou ainda, e com esse ponto você entra, faz umas avaliações e um monte de exames e você se torna um sargento. E isso vai renovando anualmente, então você sempre tem que dar resultados e tal, mas eu sou sargento da Marinha hoje (NOGUEIRA, 2018).

Não só no boxe, mas como todas as modalidades olímpicas existe este edital que mostra quais são as vagas estão disponíveis para que os atletas se candidatem, como afirma Michel,

Isso. Todas as modalidades abrem o edital sempre. Isso é anual. E aí vai ser tudo com base nos resultados. Tem uma pontuação, cada competição equivale a um número lá de... nota... tem a nota e aí, com base nisso, é o melhor atleta que entra na equipe (BORGES, 2018).

Como relatado pelos entrevistados, os atletas que são aprovados passam a ocupar o cargo de terceiro sargento temporário, tanto na Marinha como no Exército, pois eles só podem renovar seu contrato por, no máximo, oito anos, como foi o caso de Robenilson. Como afirma Patrick,

Ele é temporário. Até oito anos eu posso continuar no time, no Exército. Não é que é certo ficar oito anos, mas o máximo que eu posso ficar, eu me mantendo bem, me mantendo com resultados positivos, eu posso ficar até oito anos. Já teve atletas que entraram, ficaram um ano, dois, e não conseguiu atender conforme o que é pedido. Porque, além dos resultados que a gente tem que ter na nossa carreira, a gente tem que dar palestra, às vezes é convocado para cerimônias, todas essas coisas, entendeu? E tem atletas que não conseguem atender isso. E não é só o resultado que mantém, mas a postura, entendeu? Essas coisas, também (LOURENÇO, 2018).

Como apontado por Patrick, não basta apenas ter bons resultados, mas é necessário atender ao que a instituição lhes pede, como realizar palestra, além do bom comportamento para que o atleta se mantenha durante estes oito anos, manter seus bons resultados, de preferência sendo o melhor atleta do Brasil em sua categoria e obedecer às regras da instituição sujeito a ser desligado da mesma se não atingir os objetivos necessários. Como também aponta Julião ao se referir aos ensinamentos que recebem na Marinha do Brasil,

Sobre o boxe, na Marinha, eles pegam a gente e ensinam as normas militares, pra gente defender eles só no boxe. Quando tem algum campeonato previsto, eles chamam a gente, a gente se integra à equipe no CEFAN, no Rio de Janeiro, na Avenida Brasil, aí a gente se integra e começa a treinar, a fazer treinamento em conjunto, com todo mundo que faz parte da equipe. E a viagem, se estiver marcada, a gente viaja e chegou, cada um decolou pro seu canto. Quem tá na seleção volta pra seleção ou fica no CEFAN mesmo (NETO, 2018).

Estes atletas também competem os Jogos Mundiais Militares, como foi o caso de Robenilson. “Particpei no Rio. Foi em 2011. Eu fui campeão, Robson Conceição, Everton Lopes e Gidelson, nós quatro fomos campeões” (DE JESUS, 2018).

Robenilson que já participou durante oito anos da Marinha do Brasil relata que, assim como os demais a forma de ingresso é pelos resultados e títulos que o atleta possui no esporte.

Na realidade, é pelos resultados. A Marinha é uma das melhores pra poder fazer parte. Então, eles chamam os melhores pra fazer parte e dão uma remuneração como um militar normal. Então, acho que a Marinha... a Marinha não, as Forças Armadas, porque tem o Exército, eles dão algum suporte, salário, isso tudo facilita a ter mais resultado. Tanto eu como o resultado do Robson Conceição foi através do suporte que a Marinha deu a ele, a Petrobrás, o Comitê Olímpico, então isso tudo fez com que ele chegasse (DE JESUS, 2018).

Quanto à remuneração, Patrick aponta que também recebe como um militar normal no Exército Brasileiro, “No Exército, todo mês a gente tem o nosso salário, tudo certinho. Férias, décimo terceiro, tudo” (LOURENÇO, 2018).

Juan aponta que, além disso, a maior parte dos atletas que atualmente fazem parte das Forças Armadas também estiveram participando dos Jogos Olímpicos no Rio 2016.

Eu sou sargento da Marinha. É a minha principal fonte de renda hoje. Graças a Deus, que a Marinha ajuda atletas assim, ajuda não, a Marinha é o carro chefe de 90% dos atletas que estão no alto rendimento hoje. Tanto que na Olimpíada acho que 70% das medalhas foram conquistadas por atletas das forças armadas, seja ela Marinha, Aeronáutica ou Exército. Então isso aí é o meu ganha pão, é o que me mantém no boxe. Porque se não fosse a Marinha hoje, que eu não estou mais na seleção que esse ano eu vou ficar fora, eu estaria sem ganhar nada por exemplo, eu estaria na mesma situação que antigamente lá no Centro Olímpico, então hoje graças à Marinha e o que eu faço, eu dou aula, eu consigo me manter, eu consigo me dedicar ao boxe (NOGUEIRA, 2018).

Então, hoje as Forças Armadas são importantes para a manutenção destes atletas no esporte, uma vez que eles não possuem garantia de salário se não estiverem na seleção brasileira de boxe. No entanto, tanto nas Forças Armadas quanto no Bolsa-Atleta é necessário se manter gerando bons resultados no esporte para continuar obtendo recursos financeiros.

As Forças Armadas, como já apontado anteriormente, recrutam atletas que possuam bons resultados e que de alguma forma preenchem as lacunas nas categorias e modalidades que eles precisam, como aponta a matéria do Ministério da Defesa, publicada em 16 de fevereiro de 2017, ao indicar quais as

modalidades que hoje necessitam de atletas para que se preparem para os Jogos Mundiais Militares de 2019 e para os Jogos Olímpicos de 2020.

link [Serviço Militar Voluntário](#).

2 - MODALIDADES E VAGAS ALOCADAS

2.1 - Serão alocados os seguintes quantitativos de vagas por modalidade e sexo:

MODALIDADE	SEXO	VAGAS	ESPECIALIDADE
Beach Soccer	Masculino	2	Goleiro (1 vaga) Defensor (1 vaga)
Futebol de Campo	Feminino	2	Zagueira, Lateral, Volante, Meio-atacante e/ou Atacante (2 vagas)
Judô	Feminino	2	+52kg até 57kg (1 vaga) +57kg até 63kg (1 vaga)
	Masculino	1	+60kg até 66kg (1 vaga)
Natação	Feminino	1	200m Livre (1 vaga)
Remo	Feminino	1	Double Skiff - Até 57kg (1 vaga)
Taekwondo	Feminino	1	Categoria Adulto +57kg até 62kg (1 vaga)
Tiro Esportivo	Feminino	1	Carabina de Ar 10m (1 vaga)
Vela	Feminino	1	Classe 470 – Proeira (1 vaga)
	Masculino	1	Classe Star – Proeiro (1 vaga)

2.2 - Em função das necessidades da Administração Naval, poderá haver remanejamento de vagas entre modalidades.

Imagem 4: Edital da Marinha do Brasil – Aviso de convocação 02/2017.

A partir destes relatos, podemos observar que a Força Armada tem um papel importante no esporte brasileiro, de forma que mantém os atletas treinando e suprindo as suas necessidades por meio de seus salários e benefícios, de forma que eles possam representar o país e as instituições citadas nacional e internacionalmente, visando sempre melhores resultados no esporte em geral. Porém, assim como o programa Bolsa-Atleta, as Forças Armadas dão este suporte ao atleta enquanto ele está gerando resultados satisfatórios, ou seja, é puramente meritocrata e também não visa a aposentadoria deste atleta, uma vez que, o mesmo só recebe se estiver ativo. Mas também, foi apontado pelos próprios atletas que as FA dão um suporte financeiro que não só auxiliou eles neste ciclo olímpico, mas fez com que eles se destacassem no esporte enquanto melhores atletas do país.

4 PROGRAMA BOLSA-ATLETA: A PERSPECTIVA DOS ATLETAS

Este capítulo trata de questões relativas ao programa Bolsa-Atleta e à perspectiva dos atletas acerca do recebimento da bolsa; qual é a visão deles sobre determinados aspectos deste programa; e qual a importância desta bolsa para eles enquanto atletas do alto rendimento.

Então, quando abordamos o tema BOLSA-ATLETA, se estes atletas já haviam recebido alguma categoria de bolsa do programa, a partir de que ano, por quais categorias de bolsa já haviam passado, Julião explica como foi o processo de ganhar uma bolsa,

O Bolsa-Atleta, ele já tem alguns anos, entendeu? Eu já tava na Marinha, mas o Bolsa-Atleta já tinha um tempinho. Então, vai se destacando, vai pro Campeonato Brasileiro, consegue uma medalha em primeiro, segundo lugar, tu já tem direito àquela Bolsa, de fazer tua inscrição, levar documentos, essas coisas. Aí eles pegam lá, tu pede o documento na Confederação, eles mandam no teu e-mail, imprime e manda. Aí quando tu é contemplado, tu começa a receber aquele dinheiro, aquele salário, entendeu? O atleta pode ter três pagamentos: é Nacional, Internacional e Olímpico. Quem é Olímpico recebe Olímpico; quem é Internacional recebe Internacional; quem é Nacional recebe Nacional. A minha é Olímpica, porque eu sou atleta olímpico (NETO, 2018).

Julião aponta para um ponto importante, porque o programa Bolsa-Atleta ele possui cinco categorias de bolsa, como já abordado no capítulo da Introdução (item 1.0), que seriam estudantil, base, nacional, internacional e olímpica, porém quando um atleta além de ter estes resultados, sua idade é superior a vinte anos ele só tem a opção de se candidatar a bolsa nacional, internacional e olímpica, como explica o atleta.

Julião também relata que recebeu a bolsa por seis anos, “Bolsa-Atleta eu recebo já tem uns cinco anos, seis anos que eu recebo o Bolsa-Atleta” (NETO, 2018). E ao verificarmos no Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva (IE), vimos que ele não recebeu necessariamente seis anos consecutivos, como mostra a imagem:

Detalhes do atleta JULIAO DE MIRANDA HENRIQUES NETO

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	INTERNACIONAL	2009	1500,00	12	18000,00	0,00	Excluir
2	BOXE	INTERNACIONAL	2011	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
3	BOXE	INTERNACIONAL	2012	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
4	BOXE	OLIMPICA	2013	3100,00	12	37200,00	0,00	Excluir
5	BOXE	PODIO	2014	8000,00	1	8000,00	0,00	Excluir
6	BOXE	PODIO	2015	8000,00	12	96000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 203.600,00	R\$ 0,00	

Imagem 5: Dados do atleta Julião Neto. Fonte: Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Patrick também aponta que começou a receber a bolsa em 2009, e que já recebeu a bolsa nacional, olímpica e pódio,

Acho que em 20...e... não sei se foi 2009... Acho que 2009. 2009 a primeira vez. Aí de lá até agora. Então, eu já recebi o Bolsa-Atleta Nacional, o Bolsa Pódio – que tem que estar entre os 20 do mundo – e o Bolsa Olímpica, que é quem participa da Olimpíada (LOURENÇO, 2018).

Nos registros do Banco de Dados do IE, Patrick não chegou a receber a bolsa olímpica, apenas a nacional e a pódio, a partir do ano de 2010, como mostra a imagem:

Detalhes do atleta PATRICK CHAGAS VALERIO LOURENCO

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	NACIONAL	2010	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
2	BOXE	NACIONAL	2011	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
3	BOXE	NACIONAL	2012	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
4	BOXE	NACIONAL	2013	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
5	BOXE	PODIO	2014	11000,00	12	132000,00	0,00	Excluir
6	BOXE	PODIO	2015	15000,00	12	180000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 356.400,00	R\$ 0,00	

Imagem 6: Dados do atleta Patrick Lourenço. Fonte: Imagem retirada do Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Adriana foi umas das primeiras atletas a receber bolsa do programa, e entre os atletas entrevistados ela foi a primeira, recebendo desde o ano de 2006, como mostra a imagem:

Detalhes do atleta ADRIANA DOS SANTOS ARAUJO

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	INTERNACIONAL	2006	1500,00	12	18000,00	0,00	Excluir
2	BOXE	INTERNACIONAL	2008	1500,00	13	19500,00	0,00	Excluir
3	BOXE	INTERNACIONAL	2009	1500,00	12	18000,00	0,00	Excluir
4	BOXE	INTERNACIONAL	2010	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
5	BOXE	INTERNACIONAL	2011	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
6	BOXE	INTERNACIONAL	2012	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
7	BOXE	OLIMPICA	2013	3100,00	12	37200,00	0,00	Excluir
8	BOXE	PODIO	2014	15000,00	12	180000,00	0,00	Excluir
9	BOXE	PODIO	2015	8000,00	12	96000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 435.300,00	R\$ 0,00	

Imagem 7: Dados da atleta Adriana Araújo. Fonte: Retirada do Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Adriana ainda fala que a partir de quando começou a receber a bolsa, pode efetivamente só treinar e se dedicar ao esporte,

Na época que eu estava na seleção, tanto que o Bolsa-Atleta foi o que me ajudou a realmente a viver somente do esporte. Eu lembro que em 2006, eu tinha a inscrição e, em 2007, eu tive o termo de adesão pra poder receber essa bolsa. E ali, eu escolhi, eu trabalhava, sempre trabalhei, como eu tinha dito, sempre trabalhava ou estudava ou fazia esporte. Eu optei em trabalhar e fazer esporte, aí eu abri mão do trabalho pra viver apenas de esporte, me dedicar realmente ao esporte, porque aí eu tinha visto as chances reais de ser campeã mundial, de ser campeã olímpica, então eu passei realmente aí a me dedicar. Então, eu passei a ter a bolsa-atleta e o estadual eu entrei acho que em 2011 ou foi 2012... anos depois (ARAÚJO, 2018).

Adriana comenta que a sua bolsa variou de categoria e que esse era o objetivo dela, quanto mais resultados ela tivesse mais ela receberia, e consequentemente conseguiria ter uma vida mais estável,

Sim, sim, sim, variou. Tinha que variar, minha amiga. E esse era o... como eu posso dizer?... era o objetivo, conseguir resultados, pra que o valor financeiro melhorasse, pra que eu viesse a ter esse retorno também pra estabilizar a minha vida. Mas, assim, na época realmente do olímpico, melhorou bastante. Eu tive de 2007 até 2016. Logo após 2013, infelizmente, eu não tive, que era pra ter o Bolsa Pódio, mas o presidente tinha me tirado da seleção. Voltei em 2014, foi quando eu consegui... 2015, consegui em 2015 o Bolsa Pódio. Durante esses dois anos aí eu fiquei sem bolsa nenhuma (ARAÚJO, 2018).

Michel também fala que recebeu a primeira bolsa no ano de 2010, “Se eu não me engano, foi em 2010. Então, foi a primeira mesmo, que a outra é Nacional, aí até a Bolsa Pódio. Eu não passei pela Internacional. Eu fui direto pra Pódio por resultado, que eu tinha o resultado” (BORGES, 2018). E segundo o Banco de Dados do IE, ele já recebeu a bolsa por sete anos, não recebeu apenas no ano de 2016.

Detalhes do atleta MICHEL DE SOUZA BORGES

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	NACIONAL	2010	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
2	BOXE	NACIONAL	2011	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
3	BOXE	NACIONAL	2012	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
4	BOXE	NACIONAL	2013	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
5	BOXE	PODIO	2014	8000,00	12	96000,00	0,00	Excluir
6	BOXE	PODIO	2015	8000,00	12	96000,00	0,00	Excluir
7	BOXE	PODIO	2017	5000,00	12	60000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 296.400,00	R\$ 0,00	

Imagem 8: Dados do atleta Michel Borges. Fonte: Retirada do Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Juan fala que começou a receber a bolsa no ano de 2012, e que já passou por três categorias de bolsa do programa.

Nossa, o Bolsa-Atleta eu comecei a receber acho que em 2012. Nacional, Internacional e agora Pódio. [...] fui para a Pódio, talvez eu vá para a Olímpica agora porque eu não fiquei entre os 20 (do *ranking* mundial), mas eu não passei pelo olímpico não, foi a primeira Olimpíada que eu disputei (NOGUEIRA, 2018).

Juan aponta que talvez agora que não tenha alcançado a colocação necessária no *ranking* mundial, receberá pela primeira vez a bolsa olímpica, que tem o valor inferior a bolsa pódio que ele recebe atualmente.

Segundo o Banco de Dados do IE, Juan começou a receber a bolsa do programa em 2013 pela primeira vez, como mostra a imagem:

Detalhes do atleta JUAN GONCALVES NOGUEIRA

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	NACIONAL	2013	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
2	BOXE	NACIONAL	2014	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
3	BOXE	INTERNACIONAL	2015	1850,00	12	22200,00	0,00	Excluir
4	BOXE	NACIONAL	2016	925,00	12	11100,00	0,00	Excluir
5	BOXE	PODIO	2017	5000,00	12	60000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 115.500,00	R\$ 0,00	

Imagem 9: Dados do atleta Juan Nogueira. Fonte: Retirada do Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Robenilson foi um dos únicos atletas entrevistados que recebeu todas as categorias de bolsa do programa na modalidade, além da bolsa pódio.

Todas, nacional, internacional, olímpica e pódio. Bolsa-Atleta e Bolsa Pódio. Acho que eu fui o primeiro atleta a receber o auxílio, no boxe. Em 2005, a primeira a pegar foi a Adriana Araújo, eu fui o primeiro atleta a pegar a Bolsa Pódio. Se não engano, o Bolsa Pódio foi depois de Londres, em 2013. Do boxe, fui eu e Everton, a gente conseguiu pegar, depois aí veio a galera pegar, Robson Conceição, a própria Adriana (DE JESUS, 2018).

Mas, segundo o Banco de Dados do IE, Robenilson não foi o primeiro a pegar nenhuma bolsa, sempre pegou junto com algum outro atleta, como mostra a imagem:

Detalhes do atleta ROBENILSON VIEIRA DE JESUS

Dados Gerais Modalidades **Bolsas** Histórico Entidades Recursos Humanos Biometria

Bolsas

Adicionar bolsa

Nº	Modalidade	Nível	Ano	Valor	Período (meses)	Valor/Ano	Valor/Ano/Realizado	Opções
1	BOXE	NACIONAL	2008	750,00	12	9000,00	9000,00	Excluir
2	BOXE	OLIMPICA	2009	2500,00	12	30000,00	30000,00	Excluir
3	BOXE	OLIMPICA	2010	3100,00	12	37200,00	37200,00	Excluir
4	BOXE	OLIMPICA	2011	3100,00	12	37200,00	37200,00	Excluir
5	BOXE	OLIMPICA	2012	3100,00	12	37200,00	37200,00	Excluir
6	BOXE	OLIMPICA	2013	3100,00	12	37200,00	37200,00	Excluir
7	BOXE	PODIO	2014	8000,00	12	96000,00	0,00	Excluir
8	BOXE	PODIO	2015	11000,00	12	132000,00	0,00	Excluir
9	BOXE	PODIO	2016	5000,00	12	60000,00	0,00	Excluir
Totais						R\$ 475.800,00	R\$ 187.800,00	

Imagem 10: Dados do atleta Robenilson de Jesus. Fonte: Retirada do Banco de Dados do Projeto Inteligência Esportiva.

Adriana ressalta que a época em que mais teve qualidade no seu treinamento foi no momento em que começou a receber a bolsa pódio, em 2014, quando teve efetivamente uma equipe multidisciplinar para auxiliá-la na sua preparação para os Jogos Olímpicos do Rio, porque antes o boxe feminino não ainda não era olímpico e dessa forma a própria Confederação Brasileira de Boxe não podia dar esse suporte a essas atletas.

Com certeza. Com certeza. Durante um bom tempo da minha vida, tanto que hoje eu tenho muita lesão, muita lesão na lombar, joelho, fiz cirurgia no ombro esquerdo, porque, durante um bom tempo da minha vida, quase uns 10 anos, 12 anos, mais ou menos, eu sempre levei a minha carreira... carreira solo. A única pessoa que eu tinha pra me auxiliar era o meu técnico. Como eu tinha dito, ele é um cara que já foi atleta, tinha uma certa experiência... o que ele tinha feito pra ele conseguir chegar ao topo, então ele ia combinando em mim, então ele era o técnico, ele era o preparador físico, ele era o nutricionista. E, com o tempo, eu fui ganhando experiência, eu fui vendo o que eu fazia que eu me sentia bem, o que eu fazia que eu ganhava rendimento. Mas, assim, por um bom tempo da minha vida, eu fui fazendo carreira solo, por conta própria e eu realmente vim ter uma equipe multidisciplinar depois de Londres, quando eu finalmente vim ter uns amparados pra me ajudar. E tudo aí ou foram amigos que eu conhecia, que iam me ajudando por fora, me dando dicas. Hoje, o preparador físico é meu amigo. Logo após Londres, ele me ajudou... não! Antes de Londres, ele que me ajudou. Tudo através da amizade. Mas, infelizmente, em relação ao financeiro, não tinha como custear. E a própria seleção, porque o boxe feminino não era olímpico, não podia dar esse amparo pra gente. Pro boxe feminino (ARAÚJO, 2018).

Apesar de todo o suporte que o Bolsa-Atleta gera aos atletas, eles reclamam dos atrasos para receber a bolsa mensalmente, muitas vezes acabam recebendo este benefício em duas ou três parcelas e não como esperam receber, como aponta Julião: “O Bolsa-Atleta sempre está atrasado, entendeu? Então, eu recebi agora uma parcela neste mês [abril]. Então, o último ano que eu recebi foi 2014, viajando com o time. E eu recebi agora a minha primeira parcela Olímpica” (NETO, 2018).

Patrick também concorda com Julião ao afirmar que a bolsa muitas vezes é incerta.

Não, se fosse só depender do Bolsa-Atleta, não daria, entendeu? Porque o Bolsa-Atleta é incerto. Por exemplo, agora, era pra eu receber desde janeiro, a gente veio receber uma parcela agora [abril]. Imagina, se não tivesse renda nenhuma, se só dependesse do Bolsa-Atleta? Eu não como, eu não visto, entendeu? É complicado. Por isso, muitos atletas trabalham e treinam, entendeu? Aí fica mais complicado ainda (LOURENÇO, 2018).

Essa incerteza faz com que atletas do alto rendimento e que não possuem outra fonte de renda ou captação de recursos precisem dividir o seu tempo de treino com o trabalho, porque vários tem família ou continuam ajudando a sua família financeiramente.

Juan aponta que não recebe a bolsa durante o ano inteiro, assim como relatado pelos seus colegas,

Sim, hoje eu recebo Bolsa Pódio, que com as Olimpíadas, eu fiquei em 17º no mundo, então eu tenho direito a receber a Bolsa Pódio, eu estou recebendo e vai acabar em julho agora, em junho acaba, e anualmente você tem que renovar também. Aí eu não sei se eu vou conseguir renovar o Bolsa Pódio, porque eu não estou mais entre os 20, mas aí eu vou continuar recebendo a bolsa olímpica eu acho por ter participado das Olimpíadas. Então, a minha principal fonte de renda é a Marinha, porque ela é fixa e eu recebo todo mês. O bolsa em uma época do ano você se inscreve e recebe, mas não é o ano inteiro, você recebe o equivalente a 12 parcelas. Mas não recebe o ano inteiro, então você começa a receber em julho e recebe até abril do ano que vem, por exemplo. Eles pagam duas de uma vez, três. Mas a minha fonte de renda que é certeza mesmo é a Marinha (NOGUEIRA, 2018).

Esse relato mostra que a procura por outras fontes de renda, como as Forças Armadas, por exemplo, pode ser justamente pela segurança que o recurso que receberão será regular e dará mais tranquilidade para que se dediquem apenas ao esporte. Por outro lado, os atletas reforçam a importância do programa em sua trajetória enquanto atleta.

Para o Gestor 1 a utilização deste recurso fica bem evidente na sua fala, quando dá o exemplo dos atletas do taekwondo.

Auxilia, auxilia sim. Desde as categorias com valores mais baixos até a categoria pódio, teve exemplo aí até no ciclo passado, o pessoal do taekwondo, por exemplo, eles não tinham se eu não estou enganado patrocínio, a confederação não tinha patrocínio, então deixava mais pesada essa questão de equipe multidisciplinar, viagens para competições e etc. Então, a própria bolsa que o atleta recebia, ele investia nisso, na competição, no profissional que estava com ele. E é obviamente uma possibilidade, então o atleta que recebe Bolsa-Atleta pode investir na carreira dele, como ele achar melhor, se vai ser com treinador, se vai ser nas viagens, enfim ele é o gestor desse recurso. A gente viu isso acontecer e também nas categorias nacionais, por exemplo, o atleta que está competindo o campeonato brasileiro ele usa esse recurso sim para essas viagens, para custear hotel, alimentação, tudo o que envolve a participação dele no evento e esse *feedback* é dado aqui diariamente pelos atletas contemplados. Então, eles já conhecem o programa, é um programa consolidado no cenário esportivo, então os contemplados têm no programa uma ferramenta

pra justamente seguir treinando e competindo e custear esse tipo de demanda que ele tem pra seguir no esporte.

Desse modo, percebemos a importância mais uma vez do Bolsa-Atleta enquanto recurso que de maneira geral dá suporte para que o atleta se mantenha no esporte, treinando e competindo, para que assim continue gerando novos e melhores resultados para o país.

Como outra temática tivemos a intitulada BOLSA-ATLETA: AUXÍLIO FINANCEIRO OU SALÁRIO ESPORTIVO, que foi umas das questões principais que fizemos aos atletas se eles consideravam o recurso recebido pelo Programa bolsa-Atleta um recurso financeiro, no sentido de ser um complemento na carreira esportiva do atleta, de forma que esses pudessem viver do esporte sem ter que trabalhar, ou se consideravam um salário esportivo, no sentido de retribuir o atleta pelo trabalho desempenhado através do esporte.

Julião não soube nos dizer o que considerava a bolsa, porém reforçou a importância de se ter o recurso para se dedicar exclusivamente ao esporte,

Não vou mentir pra vocês, ajuda muito, muitos atletas, só que o problema é que atrasa muito. Atrasa demais e tem muitos atletas, às vezes, que dependem desse dinheiro, porque não é fácil lutar, comprar alimentação, comprar material esportivo, suplemento. Então, tem muitos atletas que dependem disso; tem muitos atletas que param de lutar por conta que não ganham nada. Aí fica difícil pra caramba. Aí, ainda tem família pra sustentar. Aí tem correr atrás de um emprego pra poder se manter (NETO, 2018).

Já Patrick aponta que para ele este recurso pode ser considerado das duas formas, e explica

Ah, eu... acho que um pouco dos dois, porque é a única maneira de o atleta conseguir se manter. De o atleta não precisar trabalhar pra se manter, pra comprar tênis, comprar roupa. E também é um salário esportivo, é a fonte de renda da maioria dos atletas, por exemplo, atletas que não são militares só têm essa renda. (LOURENÇO, 2018)

Já para Adriana é considerado um auxílio financeiro, porque o valor que é recebido pelos atletas não pode ser considerado um salário.

Olha, um auxílio financeiro. Acho que um salário esportivo tinha que ser justo, não é? Qual o salário esportivo de um jogador de futebol? Não é 2 mil reais?! Então, isso aí é apenas um auxílio que, querendo ou não, pra nós atletas – como eu tinha dito, principalmente de esportes como o boxe e outros aí que são esportes fracos em questão financeira, a maioria desses atletas vêm de classe bastante humilde,

então têm muita dificuldade – é muito importante. O Bolsa-Atleta, pra mim, pra minha vida, foi muito importante. E te garanto que, se não fosse o Bolsa-Atleta na minha vida, hoje eu não seria a Adriana Araújo medalhista. Porque ele que me ajudou, na época era 1.500 reais, nunca foi um salário, apenas uma ajuda que somava com que eu trabalhava, com o que eu ganhava por fora, pra pagar minhas contas, comprar uma suplementação, uma boa alimentação. Então, um salário de 2 mil reais não dá pra sobreviver. A alimentação tem que ser bastante rica em proteínas, poucas calorias, hoje 2 mil reais não dá pra nada, então não posso garantir que isso aí é um salário mínimo de um atleta. Embora, quando a modalidade não tem uma equipe profissional ao seu lado, você que tem que custear isso. 2 mil reais vai dar pra quê? Então, isso aí é apenas um incentivo ao atleta. Aquele atleta que tá ali começando a lutar base, por baixo, então isso incentiva o atleta a sonhar que ele pode ganhar muito mais lá na frente, se ele se dedicar. (ARAÚJO, 2018).

Adriana deixa claro que para ser um salário deveria ser um valor que pudesse suprir as necessidades de um atleta que vive do esporte, e que em sua trajetória no boxe precisou trabalhar para se manter treinando e que o Bolsa-Atleta a ajudou chegar onde chegou, mas que ainda assim é um auxílio financeiro voltado ao atleta.

Para Michel, a bolsa é um “algo a mais” em sua carreira de atleta, porque para ele não daria para ter a estrutura que ele tem hoje apenas com o recurso do programa:

Então, o Bolsa-Atleta, ele é algo a mais. Não é só o Bolsa-Atleta que ajuda inteiramente. É um pouco de cada: seleção brasileira, aí o Bolsa-Atleta, o Exército também. Então, eu acho que é um pouco de cada que vai te dando um suporte grande, entendeu? Porque se a gente dependesse apenas de um rendimento, talvez eu não conseguiria fazer o que eu faço hoje, então, tudo é importante. Um pouquinho aqui, um pouquinho ali, e faz a diferença. Dá toda uma estrutura, assim, uma tranquilidade pra poder treinar, dá uma segurança a mais também, que geralmente o atleta não tem. E pra chegar nesse Bolsa aí, ah, demora muito. Muitos anos aí de porrada e de suor. Mas, eu considero como bolsa mesmo e uma ajuda, assim, extra (BORGES, 2018).

Para Juan, é considerado um auxílio, e ele justifica por não poder contar com o recurso durante um ano todo, mesmo sabendo que receberá doze parcelas pelo ano que se candidatou a receber a bolsa, além de ressaltar que mesmo ao se inscrever ainda leva um tempo para o cadastro ser aprovado e receber efetivamente.

Ah, qual a diferença, será? Acho que... um auxílio financeiro. Auxílio, porque não é um salário, você não recebe todo mês sempre, não é certo entendeu? Eu não consigo contar com ele de janeiro a dezembro.

Eu vou me inscrever e uma hora ele vai aprovar, demorar três, quatro meses, atrasa, às vezes. Então, é um auxílio esportivo, mesmo, é um auxílio porque eu não posso contar com ele todo mês certinho. Eu recebo 12 parcelas, mas demora (NOGUEIRA, 2018).

Robenilson também considera um auxílio financeiro e um salário esportivo, ao apontar que no boxe receber o recurso do programa existe uma certa rigidez com relação aos critérios necessários.

Rapaz, eu considero os dois. Porque pelo boxe é mais rígido hoje, é mais rígido, porque pra você pegar o Bolsa-Atleta hoje, pra ser bolsa nacional, hoje tem que estar no ranking, aí muitos os atletas infelizmente de outras modalidades também, não só no boxe, faz a modalidade só para ganhar Bolsa-atleta e depois para, “ah eu vou ganhar Bolsa-Atleta, eu não vou trabalhar mais não”, então isso é ruim. Então na minha fase de ganhar Bolsa-Atleta, quanto mais recurso eu recebi, mais resultado eu queria dar, para mostrar que aquele recurso que o governo dava estava me ajudando. Hoje os atletas só pensam no dinheiro. Quando eu e Robson Conceção, o Everton Lopes, o Yamaguchi, o Esquiva a gente estava na seleção, pra gente foi fundamental, a gente queria dar resultado, hoje não, hoje os atletas já entram um ano, já recebem salário. E hoje se o atleta não recebe Bolsa-Atleta ele tem um leque de opções, o judô também com as meninas que deram resultados, a Mayra. Então eu acho que as pessoas estão chegando nova e estão aproveitando o momento e não seguindo o nosso legado. Eu sempre vivi o momento, mas sempre imaginando que eu podia chegar mais longe, tanto que eu fiquei doze anos na seleção, participei de três ciclos olímpicos. E é difícil você passar por dois, ainda mais por três, eu acho muito difícil (DE JESUS, 2018).

Já para o Gestor 1 é considerado um auxílio financeiro, e ele explica o porquê:

Ele é um auxílio financeiro, não é um salário porque o atleta não presta um serviço para o Ministério do Esporte, que é quem faz a gestão do programa Bolsa-Atleta. Por essa característica, eu entendo que não é um salário. Mas obviamente é um pilar importante, o suporte financeiro para preparação, para manutenção de atletas, obviamente que é um componente de vários aspectos aí, que vão dar um suporte ideal, para que o atleta possa se prepara, se desenvolver e poder investir em competições e etc. (GESTOR 1, 2017).

O Gestor 1 deixa claro que por não haver prestação de serviço e até mesmo uma carteira assinada que siga as regras da Consolidação das Leis do trabalho (CLT), por exemplo, não se trata de um salário e sim de um auxílio. Mas para o Gestor 2 fica evidente que não, ele considera um salário esportivo, sobretudo quanto as especificidades do próprio boxe, como aponta:

Voltando aos praticantes da modalidade, o que a gente já detectou e verifica é que a maioria, acho que 90% dos praticantes dessa modalidade são atletas que vieram de uma área de vulnerabilidade social e são pessoas muito pobres. Então, esses atletas geralmente tem um baixo índice de escolaridade e a questão financeira familiar, são de rendas muito baixas, então com isso para esses atletas do boxe é mais uma questão de salário mesmo. Eu vejo mais do que sendo um auxílio financeiro, uma complementação, de patrocínio, de tudo que eles já têm. Mesmo porque, até a questão de patrocínio para essa modalidade eu vejo que eles têm mais dificuldade do que em outras, justamente por existir um certo preconceito de não ser um esporte tão popular quanto um futebol, um judô, um vôlei da vida (GESTOR 2, 2017).

O Gestor 2 acredita que pela falta de popularidade do esporte, e até mesmo a falta de patrocinadores que busquem fomentar este esporte este recurso é considerado um salário, principalmente, porque para ele a maior parte dos atletas, como já visto no capítulo 3, vieram de realidades difíceis e humildes, como ele ressalta.

Para o Gestor 3 é considerado um auxílio, porém ele acredita que a utilização deste recurso é tida como um salário,

É uma pergunta difícil! Na verdade, ele seria um auxílio, mas infelizmente, hoje, muitos dos atletas usam isso como um salário, porque, dificilmente, um camarada pra estar lutando em alto-rendimento, ele vai conseguir estar trabalhando, porque ele tem que treinar duas vezes por dia, todos os dias, às vezes, até três; então, dificilmente ele vai conseguir ter uma atividade paralela, a qual ele tenha alguma remuneração por isso. E o Bolsa-Atleta, nesses casos, vem a fazer com que esse auxílio acabe virando um salário mensal que ele tem. Que ele sabe que é uma coisa que é muito pouca, no sentido de se sustentar, mas às vezes nos estados de origem da rapaziada, nem isso eles têm. Então, da última vez que eu soube dos valores, eu acho que era em torno de 925 reais a bolsa Nacional, algo de 1.800 a bolsa Internacional e algo de 3 mil do atleta olímpico, mas não sei se esses valores estão atuais, mas pra quem tem que só se dedicar a estar lutando, então o valor de Internacional e Olímpico, eu acho que até ajuda o cara a se sustentar, o Nacional já é mais difícil, de ele não ter algo paralelo, mas essas outras duas até ajudam (GESTOR 3, 2018).

Para o Gestor 3, além de como estes atletas fazem a utilização deste recurso, é importante a categoria que recebem, pois, receber a bolsa nacional em sua opinião não os permitem permanecer treinando em tempo integral.

Dessa forma, entendemos que o Bolsa-Atleta é considerado pela maior parte dos entrevistados como um auxílio, um complemento da renda como atleta em muitas situações e que dá suporte de alguma maneira a carreira do atleta, como veremos a seguir.

Na temática da UTILIZAÇÃO DA BOLSA-ATLETA abordamos com os atletas de quais maneiras eles utilizam este recurso, e os que hoje não são mais beneficiados do programa, como eles utilizavam a bolsa. E descobrimos que eles a utilizam diretamente para o esporte de forma a que mantenham seus materiais esportivos, alimentação balanceada, como também alguns utilizam para uso pessoal também, para pagar suas despesas do dia-a-dia, por exemplo.

Patrick relata que utiliza a bolsa para se manter e hoje como não faz mais parte da seleção acaba tendo que custear as suas viagens para competições com a bolsa.

Ah, eu uso pra me manter. Pra pagar minha casa, pagar meu carro, essas coisas. Agora que eu não tô na seleção brasileira, qualquer custo de viagem, igual ano passado, uma viagem pra Argentina, cada um pagou sua passagem e eu usei esse dinheiro pra pagar. E o Exército também ajuda (LOURENÇO, 2018).

Da mesma forma que Patrick, Julião também faz uso da sua bolsa para o necessário em sua rotina diária, além das viagens,

Hoje, eu uso pra me alimentar, pagar contas, entendeu? Pra comprar material, como te falei, e, às vezes, até pra comprar passagem, quando tem campeonato, a gente compra passagem, a gente tira dinheiro pra comprar passagem ida e volta, pronto (NETO, 2018).

Para Michel o uso da bolsa também não é exclusivo para o esporte, como ele explica,

Então, além de me manter, comprar meus suplementos e tal, tudo o que um atleta precisa, alimentação, enfim, eu posso também juntar e, no caso, eu dei a casa pros meus pais. Todo dinheiro que eu pegava, eu ia juntando. E aí eu comprei uma casa e assim eu tô fazendo com a minha vida agora. Na verdade, no boxe, as competições são pagas pela Confederação. Toda viagem que a gente faz, a gente não paga inscrição, viagem, alimentação, assim, na viagem não, porque é toda custeada pela seleção brasileira (BORGES, 2018).

No caso de Michel que ainda faz parte da seleção brasileira de boxe, as suas viagens são todas custeadas pela confederação, então ele não precisa utilizar do valor da bolsa para estar indo competir, diferentes do restante dos atletas entrevistados que após os Jogos Olímpicos Rio 2016 não fazem mais parte da seleção.

Juan fala que no tempo que fez parte da seleção não precisava tirar do bolsa para pagar as viagens como relatado por Michel, e que hoje por não estar na seleção pode vir a ter despesas com as viagens, mas que a utilização da bolsa para ele também é de maneira geral.

Não, ainda não. Porque todo o tempo que eu recebi Bolsa-Atleta praticamente eu estava na seleção, então eles pagam tudo, eles custeiam tudo, viagem, tudo. Agora que eu estou fora eu não precisei ainda, mas... é que no boxe não precisa pagar inscrição, então para viajar para o brasileiro (campeonato de boxe) eu já tive que pagar do meu bolso, realmente, então eu devo ter usado sim para viagem, para ir para outro estado. Mas é mais para uso pessoal mesmo. Tanto para o esporte direta e indiretamente. Ah, é auxílio geral, para o que precisar, desde material esportivo até suplementação ou também uso pessoal mesmo. Para o que precisar, até para pagar aluguel se precisar eu tenho que usar (NOGUEIRA, 2018).

Robenilson também compartilha desta ideia, a utilização acabava não sendo apenas para o esporte e o seu treinamento.

Eu usava ambas as partes, os materiais, a confederação dava os materiais, luva, capacete de boxe, transporte e alimentação, mas sempre sobrava, O material que eu gostava de usar era diferente, então eu usava para comprar materiais, passagem para ir e voltar eu usava também, suplemento eu comprava, e o que sobrava eu guardava, para os dias de hoje, porque eu só fiz isso eu nunca trabalhei outra coisa, sempre foi o esporte. Então tudo o que eu tenho foi o esporte que me deu, sempre o esporte. E quando você olha pro lado e não tem mais nada. Se o atleta não tiver uma cabeça boa e segurar, guardar para ter... eu já estou um ano, dois anos sem recurso nenhum. Se eu não tivesse guardado sempre um pouquinho eu teria que trabalhar, ir para fora do país, até da comunidade para poder manter a minha família hoje com os gastos, porque eu e a minha esposa a gente se vira, mas um filho. Eu acho então, que o atleta tem duas opções, não só pegar o dinheiro e gastar no momento, tem que pensar lá na frente, e se der algo de errado. Ele tem que ter alguma garantia, eu sou pai de família hoje, eu tenho conta para pagar, eu moro em apartamento tenho condomínio para pagar, a gente tem casamento para pagar, carro, tudo tem que ter um balanço (DE JESUS, 2018).

Robenilson ainda relata que, às vezes, também utilizava deste recurso para as competições que participava, mesmo quando ainda era da seleção.

Não, nessa época não, porque as competições que a gente fazia era tudo pela seleção, a única que eu pagava mesmo era passagem aérea para poder ir para o brasileiro (campeonato), nacional eu utilizava. E até então hospedagem, porque as vezes eu não queria ficar em colégios. Aí eu preferia ficar no quarto (de hotel) quando tinha recurso do bolsa que é para isso também, fazia isso (DE JESUS, 2018).

Para o Gestor 3, estes atletas utilizam a bolsa para despesas referentes ao esporte:

Eu acho que eles utilizam essa bolsa com a compra de material esportivo, com a compra de suplementação alimentar; eu acho que eles utilizam também pra compra de roupas adequadas e calçados; eles utilizam também como o traslado para as competições, porque a maioria dos estados não provê pros atletas o deslocamento pra participar de competições nacionais. Por exemplo, se o atleta é da Bahia e a competição é em São Paulo, o camarada que tem que pagar sua passagem do próprio bolso pra chegar na competição, entende? São raros os estados que fornecem um traslado pros lutadores, então eu acho que esse dinheiro, eles usam pra esses fins e demais (GESTOR 3, 2018).

Adriana conta que, por praticamente toda a sua trajetória no esporte, teve que usar os recursos que recebia para as despesas específicas com o esporte e principalmente com as viagens, até que o esporte se tornasse olímpico para as mulheres.

Olha, é... na verdade, até 2011, quando o boxe feminino foi considerado um esporte olímpico, pra AIBA, até ali, quando ele não era olímpico, eu tinha que custear tudo. Eu custeava tudo. Foi bom que eu consegui a bolsa em 2007. Mas antes de conseguir a bolsa, eu já tinha ido pra Pan-americano que ocorreu na Argentina; campeonatos nacionais, tudo isso eu custeava com o meu dinheiro. Eu recebia um salário de 900 reais, na época. Eu tirava a maioria da parte desse dinheiro pra poder custear minhas passagens, hospedagem, alimentação, pagar o evento, tinha que pagar inscrição e mesmo assim o dinheiro não dava. Várias vezes, eu e as outras colegas, a gente fazia rifas, fazia café da manhã, pra poder ter uma renda boa pra comprar a passagem, fora as outras coisas que a gente tinha que fazer. Isso foi durante esse tempo todo até 2011, quando realmente o boxe feminino entrou e quando o COB e Ministério abraçou o boxe feminino. Mas antes disso aí, eu tive que quebrar a cabeça também pra esse lado. Assim, foi muito duro, muita gente diz assim “Pô, é medalhista olímpica”, mas antes de ser a medalhista olímpica, eu tive que comer muita terra, traçar muito chão, pintar muito azulejo pra poder realmente garantir o meu espaço. O boxe feminino realmente era muito atrasado. Chegava lá fora, as meninas estavam num nível totalmente superior. O que me fazia diferente delas, como eu tinha dito, a qualidade de treinamento que eu tenho aqui, apesar de não ter uma boa estrutura, mas a qualidade técnica que eu tenho aqui é muito boa. Conseguiu superar a maioria das meninas lá fora. Então, eu quando chegava lá fora, e também meu biótipo, isso também me ajudava; minha vontade de vencer, isso me ajudava muito. Então, eu chegava lá fora, eu fazia a diferença. De 10 competições que a Confederação me mandava, nove eu voltava campeã. Eu só não tive medalha nos Mundiais, mas tudo... são 257 lutas, apenas 12 derrotas. Então, imagine você se realmente o Ministério, o COB, dessem uma estrutura que o boxe feminino precisava. E com isso não só de mim, mas a Roseli Feitosa, a Érica Matos... A Roseli Feitosa foi campeã mundial. É histórico também. Ela foi campeão no Mundial em Barbados, em 2010. Com isso aqui de estrutura. Mas a diferenças é a força de vontade, a vontade de

realmente levar o nome do país, o seu nome ao topo do mundo. Então, isso fazia a gente ser diferente. Fazia a gente conquistar nossos objetivos. Mas eu te garanto que se a gente tivesse uma estrutura realmente maior, isso ia nos ajudar muito a ganhar, a conquistar realmente grandes resultados. Não apenas uma medalha de bronze, mas ser campeã olímpica, campeã mundial (ARAÚJO, 2018).

Então, nesta temática percebemos que os atletas nem sempre utilizam o recurso do Bolsa-Atleta exclusivamente para o esporte, mas também para as suas despesas pessoais, como pagamento de aluguel, alimentação, pagar contas de casa, sustentar até mesmo a família, entre outros gastos. Apesar de também utilizarem a bolsa para as suas viagens, no que se referem as suas competições, de extrema importância, uma vez que, é através delas que os resultados destes atletas são demonstrados e a partir destes que se renovam ou se captam cada vez mais recursos para a sua carreira no esporte.

Na última temática, que seria a BOLSA-ATLETA: CONQUISTA DE UMA VAGA PARA OS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016, abordamos a questão de o programa ser importante para a preparação dos atletas durante o ciclo olímpico desta edição dos Jogos Olímpicos, então através da percepção deles sobre o assunto, vimos que, o programa foi fundamental neste processo, mas também que ao mesmo tempo, eles tiveram outras fontes de recursos que os auxiliaram a chegar neste megaevento esportivo.

Para Adriana foi de suma importância,

Ah, com certeza! Com certeza! Como eu tinha dito, eu já tava com a bolsa, eu já tinha desde 2007, então, é óbvio que isso me dava tranquilidade. Eu não tinha realmente um grande suporte, mas me dava uma certa tranquilidade pra pagar minhas contas, porque a bolsa não servia apenas pra me manter, ela servia também pra eu poder pagar minha vida pessoal. Como eu tinha dito, o atleta também tem uma vida normal, ele tem contas pra pagar, ele tem que sobreviver. Então, a bolsa me dava uma certa tranquilidade, apesar de que era muito pouco, mas me dava uma certa tranquilidade porque era uma garantia mensal, então, isso sim me dava tranquilidade, e me ajudou sim a conquistar a vaga olímpica. E os resultados positivos também. Quando a bolsa veio, isso me deu uma maior tranquilidade, eu tive certeza de que realmente estava seguro e os próprios resultados me garantiam novas bolsas, então isso me deu realmente uma estrutura maior, uma tranquilidade maior (ARAÚJO, 2018).

Assim como Adriana, Julião aponta que o ajudou muito, principalmente quando considerado em conjunto com a Marinha do Brasil

Ajudou bastante, entendeu? Ajudou bastante, como na época era Petrobrás que patrocinava a Confederação e a Confederação passava pra nós, então ajudou... Bolsa-Atleta, Petrobrás, Marinha, um conjunto só aí... e Confederação Brasileira, um conjunto só pra gente se dar bem e conquistar nossa vaga, porque hoje em dia não é fácil, são muitos atletas que querem estar lá, então tem que treinar, tem que estar bem fisicamente, descansar, entendeu? (NETO, 2018).

Patrick também relata que o programa ajudou nessa preparação para os Jogos Olímpicos

Ah, eu acredito que... que conseguiu me... me deixar focado. Porque imagina um atleta treinar sem dinheiro, só por amor? Amor, só amor, não enche barriga. A gente precisa comer, precisa pagar conta e, graças a Deus, mesmo atrasando, o Bolsa-Atleta sempre me ajudou nesses custos aí. Não precisei ter que largar pra trabalhar pra me manter, entendeu? (LOURENÇO, 2018).

Robenilson também acredita que

Com certeza, isso foi o que mais impulsionou, não só a mim, mas acho que todos os atletas. Eu quando comecei a treinar boxe eu nunca ganhei um centavo, depois eu abri de mão de várias coisas, até mesmo do estudo, é muito difícil você treinar, estudar e fazer esporte de alto rendimento, então eu acho que nesse momento o boxe foi o meu trabalho, o esporte, o boxe foi o meu trabalho. Por isso que Deus me capacitou e estava fazendo até os dias de hoje (DE JESUS, 2018).

Para o Gestor 1 também, além disso, é o objetivo esperado pelo programa, que o atleta se mantenha treinando e consiga alcançar os resultados necessários para chegar nos Jogos Olímpicos,

Acho que sim, Jogos Olímpicos é um evento dentro do ciclo olímpico de quatro anos. O atleta ficar parado não vai acrescentar em nada, então quanto mais ele conseguir se manter em treinamento, mais ele conseguir competir e ganhar essa bagagem de competição, a experiência do momento da competição, acho que melhor ele vai chegar em um pré-olímpico, por exemplo, que é o que vai levar ele para os jogos, ou mais oportunidade vai ter se somar para o *ranking*. Talvez seja isso que o leve para os Jogos Olímpicos, então depende da modalidade, cada modalidade tem as suas especificidades, mas certamente o custeio de viagens, de competição, treinamento e etc., isso daí auxilia com certeza no objetivo principal pelo menos dos atletas olímpicos, paraolímpicos que é chegar nos jogos, isso pra mim é uma certeza que, enfim, de vencer isso também, porque é muito complicado só treinar e chegar nessa competição sem essa experiência, ter essa experiência, enfim é muito importante para conseguir render 100%, é isso que se espera do atleta (GESTOR 1, 2017).

Para Michel, assim como para Julião, a bolsa foi um complemento que em conjunto com outras fontes de renda foi essencial para que ele se preocupasse apenas em se preparar para a edição do Rio 2016,

Sim, sim. Como, assim, é... geralmente, os atletas que vêm do boxe, vêm de família humilde, no caso, eu mesmo. A minha família nunca teve uma casa própria, então, se não fosse o Bolsa-Atleta, a seleção brasileira, o Exército, me dando um apoio financeiro, talvez, eu não teria ido pros Jogos Olímpicos, porque teria que de alguma maneira conseguir dinheiro pra poder sustentar a minha família, algo melhor, pra se manter. Então, eu acho que as três fontes de renda me ajudam muito a ficar livre de preocupação de contas e tal, e do amanhã se vai faltar um alimento e tal. Então, se não fossem essas rendas que eu tenho, no caso, como atleta, talvez eu não estivesse nem na seleção, na Olimpíada, não teria viajado, enfim. Então, é muito importante ter esse apoio financeiro, porque se não tivesse ia ter que trabalhar, ia ter que correr atrás de alguma maneira e não ia poder treinar (BORGES, 2018).

Para Juan foi importante para muitos atletas, mas para ele em si, ele acredita que não totalmente, porque na mesma época em se preparava para os Jogos Olímpicos, ele também fazia parte da seleção brasileira, que também remunerava os atletas com um salário e alguns benefícios, como ele cita:

Ah... não sei se diretamente não, porque eu era da seleção, e na seleção tinha um salário, tinha convênio, tinha *ticket* de restaurante. Então, eu acho que o respaldo da seleção foi o principal, assim, em segundo plano, sim, o Bolsa-Atleta, mas não sei se só com ele talvez eu conquistaria não, eu não conquistaria a minha vaga para a Olimpíada não. Mas é um ótimo auxílio sim, eu acho que muito atleta no Brasil vive disso. Então eu não posso tirar o mérito, porque tem muita gente que depende disso e só disso, que é o Bolsa-Atleta. Mas se fosse com mais regularidade e com mais certeza ia ser melhor. Eles pagam, mas demora muito, demora, atrasa, então se fosse mais regular ajudaria mais, todo mês ia ser melhor (NOGUEIRA, 2018).

Juan aponta que se houvesse a regularidade da bolsa mensalmente ajudaria mais, e que quem realmente conquistou a vaga para os jogos Olímpicos foram apenas três atletas:

Sim, sim, eu fui, que foi para a Olimpíada e que conquistou a vaga foi só eu, o Robson... E a Andréia. Eu, o Robson e a Andréia. Só nós três, o resto, todos ganharam a vaga. Então na seletiva mesmo do pré-olímpico só eu e a Andréia, porque o Robson já tinha se classificado um ano antes. Então, o negócio foi árduo, nos 47 do segundo tempo, na última seletiva que tinha eu ganhei dos Estados Unidos na disputa. (NOGUEIRA, 2018).

E realmente foi o que aconteceu, porque o restante dos nove atletas que participaram dos Jogos Olímpicos receberam a vaga pela Confederação Brasileira de Boxe, pois o Brasil sediaria o megaevento e teria seis vagas para os atletas do país. O Gestor 3 segue a mesma ideia que Juan:

Especificamente dos que conquistaram, não. Porque o que que acontece, o Brasil participou com cinco lutadores que foram escolhidos, pelo Brasil ser a sede. Os demais, vamos dizer assim, nas classificatórias quem foi, foi o Juan Nogueira, se não estou enganado, e... eu não me lembro, me fugiu os nomes dos atletas, mas cinco atletas foram escolhidos para estar participando, então, vamos dizer que se eles não tivessem o apoio, eles estariam nas Olimpíadas do mesmo jeito, por terem sido escolhidos, pelo Brasil ser o país-sede. Agora, com certeza, o dinheiro sempre ajuda. Neste caso, não foi esse dinheiro que fez com que eles tivessem a vaga olímpica. Nesse caso, não. Mas o dinheiro sempre ajuda pra que eles possam estar treinando e se aprimorando a cada tempo (GESTOR 3, 2018).

Segundo o Gestor 3, com ou sem recurso estes atletas estariam participando dos Jogos Olímpicos, pela oportunidade que um país sede tem de convocar seus melhores atletas para o representarem, dessa forma, o Bolsa-Atleta é importante, mas neste caso específico para ele não foi o que mais influenciou.

Podemos aqui perceber que os atletas alegam sim ter tido o programa Bolsa-Atleta como um suporte que os ajudou durante este ciclo olímpico, para que eles pudessem estar preparados para competir nos Jogos Olímpicos, mas também percebemos que nem todos concordam com isso, uma vez que, nem todos os atletas conquistaram uma vaga através de seletivas, como foi o caso do próprio campeão Robson Conceição, Andreia Bandeira e Juan Nogueira.

Como um “adendo” decidimos tratar aqui também alguns assuntos que surgiram ao longo da entrevista, como o futuro do atleta, reconhecimento, legado e a própria Confederação Brasileira de Boxe.

Quanto ao futuro do atleta, vemos que além do descontentamento de muito, por já terem participado de edições dos Jogos Olímpicos, como é o caso de Julião: “O meu futuro é virar treinador, porque eu não sei fazer nada, bem dizer. Minha vida toda foi estar no esporte, no boxe, então é puramente virar treinador” (NETO, 2018).

Esse relato aponta que muitas vezes o esporte pode gerar benefícios, no sentido da captação de recursos, mas também muitas vezes priva da educação

por necessitar de uma dedicação exclusiva e uma das opções que sobram para ex-atletas é a de se tornar técnico, abrir uma academia e etc. Neste sentido o Gestor 1 relata que seria interessante que cada estado pudesse ter uma política que auxiliasse nesse processo de aposentadoria do esporte, uma vez que se o atleta só fez isso por toda a sua vida, ele não possuíra muitas vezes conhecimento para atuar em outras áreas ou até mesmo experiência. Sendo assim,

É muito específico, eu acho que da modalidade, segundo que acho que seria melhor executado na região, ou dentro da confederação do atleta, enfim. Porque o Ministério tem uma visão bastante macro, assim. É o guarda-chuva do Ministério do Esporte, tem todas as modalidades olímpicas, paraolímpicas, não-olímpicas. Enfim, imagino que esse processo de transição de pós-carreira seja melhor conduzido pelas entidades que trabalham de fato especificamente com aquela modalidade com o suporte do Ministério do Esporte, isso pode ser feito sem problema nenhum, o Ministério tem essa característica de financiadora e tem nas confederações, nos clubes, enfim, nas entidades esportivas parceiras. Então, eu imagino assim que seja, eu tenho certeza que essa consultoria, digamos assim, de transição de carreira seja fundamental para que o atleta consiga, após de encerrada a sua carreira como atleta e cessado esse benefício então do Bolsa-Atleta, que ele tenha conseguido investir na sua formação. A gente já tem exemplos hoje, o Comitê Olímpico tem um programa nesse sentido, o Comitê Paralímpico também, mas ainda é bastante restrito, isso na minha visão. Então são modelos, mas eu acho que precisam ser ampliados. E nesse cenário eu acho que aí sim confederações, ou mesmo estados e municípios poderiam formular programas neste sentido, porque estão do lado do atleta, e é mais fácil de conduzir isso (GESTOR 1, 2017).

Esse relato aponta para uma necessidade que vem no período pós-carreira que muitos atletas passam, esse é um assunto importante no sentido de valorizar aqueles atletas que um dia representaram o nosso país, que trouxeram títulos e reconhecimentos importantes para a sua nação, e que não deve ser encerrado, mas sim iniciado para que estes atletas possam ter a oportunidade de ter uma vida digna após terem se dedicado ao esporte brasileiro.

Robenilson aponta seu descontentamento com relação a aposentadoria e com o próprio país,

Se fosse nos Estados Unidos o recurso seria melhor, porque lá os atletas são valorizados, aqui no Brasil não, aqui é só futebol, até Copa do Mundo o Brasil fez, o Brasil ganhando ou não ganhando são bilhões injetados, aqui você não tem garantia. Hoje se você for ver um deputado federal ou estadual está no último mandato e se aposenta, recebe R\$ 30 mil por mês, enquanto uma pessoa normal trabalha para

ganhar uma merreca aí, então tem coisas que você... a gente tem que tá firme mesmo com Deus para o dia da labuta aí (DE JESUS, 2018).

Juan conta que atualmente retomou os estudos no curso de Educação Física,

Educação Física, comecei faz muito tempo já, comecei em 2008, só que, meu... não acaba, vai volta, tranca, vai para outra faculdade, aí com a seleção ficou mais difícil ainda, treino duas vezes no dia, aí no quinto semestre eu parei, vou continuar, bora lá (NOGUEIRA, 2018).

Julião ainda fala que mesmo tendo feito parte dos Jogos Olímpicos e de duas edições não tem o reconhecimento que gostaria ou que acredita que merecia.

Só que, infelizmente, como eu falo aqui pra eles, eu fui pra dois Jogos Olímpicos, Londres e Rio, e a gente não tem aquele reconhecimento que era pra gente ter em outro estado. O reconhecimento que a gente tem é dos treinadores que estão com a gente (NETO, 2018).

Para Patrick, o país está caminhando para trás, e não tem tratado os atletas da maneira que deveria.

Acho que, como eu falei no início, o esporte muda a vida da pessoa, muda a forma de pensar, fazer as realizações, conhecer lugares e pessoas bacanas. Mas o Brasil, hoje, tá muito pra trás. Eu acho que os atletas estão muito desvalorizados, por tudo o que a gente faz, tudo o que a gente passa... tipo, um atleta olímpico, hoje, não ter um salário, não ter um reconhecimento, sabe? E é isso aí que frustra muitos atletas. Tu vê aí o... Arthur Zanetti viajando numa, não sei se vocês viram uma matéria, ele viajando na classe econômica, apertadão, e o cara é campeão olímpico, medalhista olímpico. Então, o Brasil, o povo quer cobrar uma coisa da gente, sem investimento, sem apoio. Aí fica complicado. Só querem apoiar três meses antes da Olimpíada. E o ciclo não é três meses antes é quatro anos, de ciclo (LOURENÇO, 2018).

Adriana mostra a sua indignação ao relatar que perdeu todos os seus patrocínios e que muitos só vieram enquanto ela estava no auge, além de apontar que o Brasil é sempre visto como o país do futebol e os investimentos estão centrados na modalidade.

Duas Olimpíadas, cinco Mundiais, fui oito vezes campeão pan-americana... é... hoje, eu não fico mais assim, eu me sentia muito triste. Hoje mais não, infelizmente, eu, como o outro sempre fala, eu vivo num país, não tão sacana em relação aos políticos, mas eu acho que até

mesmo a própria cultura do nosso país, a gente acaba sofrendo com isso. Porque, tanto lá fora como aqui dentro, nosso país é conhecido como o país do futebol. Então, qual o empresário, o investidor que quer investir em outra modalidade? Que, infelizmente, só é vista de quatro em quatro anos. Então, a gente tem essa dificuldade. Eu tinha, na época, a Nissan, tinha os Correios, mas tudo na época que as Olimpíadas eram aqui no nosso país. Então, eles queriam aparecer através dos atletas. Acabou, então tudo voltou à estaca zero. Então, é triste, é lamentável, antes eu vivia muito triste por causa disso, por tudo o que eu já fiz, com uma dedicação de quase 20 anos, são duas décadas da minha vida dedicadas a isso, como eu tinha te dito. Eu abri mão dos meus estudos pra viver isso, em prol do meu país, não era só pra mim. Eu levantei a bandeira do meu país, mas é isso mesmo. Atletas, ele sabe, tem uns que dão certo, que sobem, realmente, de todas as formas, não só na visibilidade, mas também na forma financeira; e tem outros que, infelizmente, acabam tendo a visibilidade, mas a parte financeira fica um pouco pra trás ainda. Mas é isso (ARAÚJO, 2018).

Robenilson também reclama e diz que o apoio financeiro a ele é zero, e pode até parar de lutar por este motivo.

Na academia Champion. No momento em que passei pro profissional, a gente perde todo o apoio do governo... Bolsa-Atleta, bolsa estadual, que é bolsa estadual, bolsa federal e não tem patrocínio nenhum. A não ser o Robson Conceição que tem uma promotora e... eles podem lutar com uma bolsa, garantia de salário. Eu e a Adriana não temos essa ajuda de custo... E eu estou praticamente parando de lutar, porque o investimento aqui é zero! E agora como eu tenho um filho, eu não posso treinar sem garantia. Aqui em Salvador é complicado! A Adriana é atleta olímpica e não tem um patrocínio. O Robson Conceição foi campeão agora aí... (DE JESUS, 2018).

Patrick ainda aponta que não acredita ter ficado legado deste megaevento para o país,

É, dizem que tinha ficado, mas tem várias instalações aqui no Rio que ninguém vê usando, que tá tudo parado, que poderia ser vários projetos. Mas que não vejo, não vejo nada, não vejo a mídia falando, não vejo nada. Um dinheiro gasto que não acrescentou em muita coisa. É no sentido geral, porque eu tenho muitos amigos de outras modalidades e a gente sempre bate nessa tecla que tá geral mesmo ferrado, porque não tem apoio, patrocinadores sumiram, não tem ninguém pra investir, não tem como competir e a gente fica naquela, sem saber o que fazer, tentando treinar, as contas vencendo, às vezes se vira, às vezes alguns têm que trabalhar e treinar, e não é a mesma coisa. Aí é uma correria danada. Chega um ano antes da Olimpíada, meio que volta ao normal, o salário, essas coisas, patrocinadores, mas é bem complicado (LOURENÇO, 2018).

Vemos a insatisfação dos atletas com relação à falta de valorização, a falta de investimento e de patrocínio para eles, seja por meio do governo federal e estadual ou até mesmo iniciativa privada.

Vemos também a indignação dos atletas com relação a seleção brasileira e até mesmo a Confederação Brasileira de Boxe. Adriana relata que sempre teve que batalhar e mesmo o boxe feminino se tornando olímpico as coisas continuaram difíceis

Infelizmente, o feminino sempre ficou pra trás. O boxe masculino já existia durante 100 anos nas Olimpíadas. O boxe feminino veio entrar 100 anos depois nas Olimpíadas. E como entrou em 2010, nenhum dos dirigentes, presidentes que estavam lá na seleção não ficaram alegres, porque o feminino entrou, entendeu? Então, quando tivemos a oportunidade do boxe feminino ter entrado, tive que bater de frente com eles pra poder realmente conseguir o meu espaço. Aí, eu fui exigindo aquilo que era do direito do boxe feminino e, por isso, eu também fui punida em 2012. Logo após as Olimpíadas, eu fui punida por exigir aquilo que era do direito do boxe feminino e o meu, também, pessoalmente. Mas, assim, o salário do feminino era diferente do masculino. Eu era uma das atletas que mais trazia resultado, tanto do feminino como também do masculino. As meninas que não tinham ganhado nem metade do que tinha ganhado, ganhavam o dobro do meu salário. Até que uma vez, eu me revoltei e disse ao diretor técnico. Eu disse: “Olhe, a partir de hoje, eu não luto. Você bota outra pessoa pra lutar”. “Não luta por quê?”. “Porque meu salário tá assim, assim, assado. Ou você muda, ou eu não vou lutar”. Aí, uma semana dali, ele mandou ver se eu realmente tava certa, que eu tava errada... eu disse “Não, eu não tô errada! Eu não luto, eu não vou viajar, enquanto você não mudar meu salário”. Aí foi quando ele viu que ele tava errado, que igualou o meu salário junto com o do masculino. As meninas recebiam 6 mil; eu recebia três (ARAÚJO, 2018).

Adriana conta que sempre enfrentou as diferenças de gênero no esporte e ainda brinca ao falar que as maiores lutas eram sempre fora do ringue.

Sempre! Sempre foi isso aí. Sempre foi essa guerra. Dentro e fora do ringue. E fora sempre foi a pior. Em cima do ringue era uma maravilha. Era o que tava sempre gostando de fazer, sempre disposta a fazer, mas fora era mais difícil. Durante esses 20 anos aí, eu passei por um turbilhão de dificuldades, principalmente, fora dos ringues (ARAÚJO, 2018).

A atleta também se indigna porque trouxe diversos títulos ao país e mesmo assim vê que a modalidade para as mulheres ainda sofrem com diversas dificuldades, como ela mesma passou.

Após 44 anos que o masculino não trazia nada. Teve a oportunidade de ir pra várias Olimpíadas, o Brasil sempre colocou um ou dois atletas nas Olimpíadas, mas, até então, só tinha o Servílio de Oliveira que, em 56, ele trouxe aquela medalha de bronze e, 44 anos depois, ainda, mesmo assim, não tinha nenhum atleta conseguido, com todo o investimento que já tinha o masculino. O masculino já vinha tendo...

[Interrupção]. Infelizmente, eles tiveram esse tempo todo, 44 anos, com todo o investimento que eles tinham do COB e do Ministério, e mesmo assim eles não traziam nenhum resultado. Tinha vindo com Servílio de Oliveira, acho que foi em 56 ou 63... foi em 63¹⁷, o Servílio de Oliveira que conseguiu a medalha olímpica. Depois dele veio a minha, que foi em Londres, aí logo em seguida foi que veio a dos outros meninos, os dois irmãos, Esquivá e Yamaguchi, e o ouro de Robson Conceição agora no Rio 2016. Olha, eu acho que o que eu tenho que falar mais é em relação à questão das mulheres em si. Porque, assim, ainda há aquela... “ah, porque o esporte de luta as mulheres não praticam” ou qualquer coisa do tipo. Ainda existe isso, apesar que hoje melhorou muito, mas ainda existe. Mas, assim, acho que é um incentivo, pra que as mulheres realmente se dediquem 100% a esportes de luta, seja ele qual for. E eu ouvia dizer muito que o boxe é um esporte masculino, é um esporte de homem, mas em nenhum momento da minha vida, durante 20 anos praticando, eu nunca me excluí porque o boxe era pra homem. Mas, assim, que elas realmente procurem, apesar de não serem atletas, mas pelo menos incentivar a crescer a modalidade. Isso, eu tenho certeza, que vai ajudar muito (ARAÚJO, 2018).

Tendo em vista os relatos dos demais entrevistados, que dão conta de descrever as grandes dificuldades para manter-se no esporte, é preciso relativizar algumas assertivas da fala de Adriana Araújo. Embora, efetivamente, o boxe feminino tenha se tornado olímpico em um período posterior ao masculino, já não é possível sustentar a perspectiva de que há menos investimento naquele. De acordo com os entrevistados, os investimentos são escassos na modalidade em um sentido geral, sem prevalência da questão de gênero, como acontece em outras modalidades, como o futebol, por exemplo.

Quanto à seleção brasileira Michel aponta que para permanecer lá, assim como nas demais instituições tem que permanecer dando resultado, e hoje ele é o único que continua na seleção.

Assim como o Exército e também outras equipes, acredito que tudo é o resultado. A gente pode ser bom o quanto for, mas se chegar na hora lá da luta e não tiver o resultado esperado, você é desligado, porque a gente vive de resultado. Se não fosse meu resultado, hoje eu não estaria na seleção, no Exército, então, tudo depende do teu rendimento, dos teus resultados, porque sem ele é muito difícil. Eu não estaria no Bolsa Pódio, se não fossem meus resultados. Não estaria na seleção, também. Então, eu venho me mantendo aí o melhor do Brasil. Ano passado, eu fui campeão brasileiro de novo, fiz três lutas, ganhei as três lutas e tô na seleção de novo, então é... tem que treinar e buscar o melhor resultado possível (BORGES, 2018).

Juan, que foi desligado no fim do ano passado da seleção, também aponta que são os resultados que mantém os atletas na lá, mas que também ouviu dizer

¹⁷ A medalha foi conquistada em 1968.

que a seleção quer renovar, colocar atletas novos e testá-los, e que isso não vai o impedir de se preparar para os Jogos Olímpicos de 2020.

Sim, acho que resultado não é, porque todos os campeonatos que eu fui praticamente eu trouxe medalha, a minha categoria é muito pesada, é muito difícil, eu fui o primeiro pesado 91Kg na minha categoria a ir para uma Olimpíada então, eu tenho mérito aí. Eu vejo que é mais testar moleques novos mesmo, entrou dois caras bons lá. No brasileiro passado, que é a primeira avaliação e a principal avaliação deles para formar a seleção é o brasileiro, e no final do ano passado eu me machuquei e não fui para o brasileiro, eu machuquei a mão e não fui. Então eles determinaram que pegariam o campeão e o vice e levaria para a seleção, e pegaram dois moleques mais novos que eu e são bons também e eles vão testá-los segundo o Mateus meu técnico, meu ex-técnico falou que vão testá-los e eu vou lutar com eles e não tem nada certo para 2020. Eu estou treinando, eu estou lutando, inclusive eu lutei agora com um deles, o Mateus, eu ganhei dele faz duas semanas. E o campeão brasileiro atual perdeu para mim três vezes também, então os dois não ganharam de mim. Então são moleques novos, moleques que são promissores. Eu acredito que seja isso, se tem alguma coisa por trás também eu não sei, mas eu imagino que seja isso. Me falaram também que foi isso. Então eu prefiro ficar com isso, e no final do ano eu vou e luto com eles e mostro quem é melhor. Então, eles estão com um negócio de renovação, renovar para mudar. O Michel só foi mesmo porque ele ganhou o brasileiro na final mesmo, porque se ele não vai para o brasileiro ou se ele perde talvez ele não iria. Eles estavam bem assim determinados a renovar, a mudar, testar os outros e tal. Ele (Michel) tem o mérito dele, ele ganhou do Lucas lá, tanto que ele perdeu do Lucas agora, o menino que ele ganhou no Brasileiro, na final, ele acabou de perder dele agora, lá fora, na seletiva que eles tinham pra ir pro Sul-americano. Pra você ver como é o boxe. E essa aí ele ia para o Sul-americano, quem ganhasse essa luta ia pro Sul-americano. Então o Michel perdeu pro menino mais novo. O Michel é bom, os dois são bons, mas você vê como a coisa muda, se acontece isso na final do Brasileiro talvez ele não fosse para a seleção, entendeu? Então, renovaram mesmo... eu estou tranquilo, eu estou voltando, treinando, faz parte. Porque, principalmente pra Marinha, a gente tem que manter o resultado (NOGUEIRA, 2018).

Robenilson também aponta para isso, e que inclusive no seu início na seleção ele e os seus colegas não tinham as “facilidades” que ele acredita que hoje os atletas têm.

Exato! E Bolsa-Atleta, no caso, pra quem é atleta olímpico, tem quatro anos de bolsa do governo federal. E quando eu cheguei na seleção, a gente não pegou isso, eu, o Robson, a Adriana. A seleção hoje não tem uma referência. Todo esporte, você tem que ter uma referência, um atleta mais velho pra poder rumar os mais novos. E hoje na seleção não tem nenhum. [Interrupção]. Então, quando eu cheguei na seleção brasileira, tinha uma referência, tinha um atleta olímpico, era o Célio, era o Washington Silva... então tinha uma referência daqueles atletas. Hoje, na seleção deveria ter um atleta olímpico. Foram nove atletas no Rio. Só tem um que é o Michel Borges, que é novo também. Mas o Juan Nogueira, de São Paulo; o Chocolate, Joedison, é de São Paulo;

Patrick... agora estão só chamaram os novos. A seleção tá querendo renovar, mas a curto prazo. Robson Conceição e Adriana Araújo foram dois ciclos anteriores. E eu acho que para ganhar medalha aí, só um milagre de Deus mesmo! (DE JESUS, 2018).

De uma maneira geral, embora haja o reconhecimento sobre a relevância do Programa Bolsa-Atleta, há, por outro lado, o fato de que tal política não se coloca como suficiente para o desenvolvimento do atleta de alto rendimento no boxe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos inicialmente que a trajetória de vida dos atletas, em sua maioria, não foi fácil. Todos, em algum momento de suas vidas, passaram por dificuldades sejam elas financeiras ou familiares, mas parte deles conseguiu se inserir no esporte por meio de projetos sociais, que possibilitaram o desenvolvimento na modalidade e, conseqüentemente, a ascensão para o esporte de rendimento. Isso nos mostra a importância que projetos sociais têm no âmbito social, uma vez que, não só ajudam muitas crianças, adolescentes e jovens a conhecerem uma prática esportiva, mas também auxilia na cidadania, mostrando a eles que eles podem ter uma realidade de vida diferenciada quando eles se dedicam aquilo que tiveram acesso.

Concordando com isso, os projetos que desenvolvem o esporte e que possibilitam a identificação de novos talentos neste meio é de suma importância porque é através deles que novos atletas são descobertos e assim pode ser levados para treinar em clubes. Esses projetos muitas vezes são realizados por iniciativas privadas ou Organizações não Governamentais, havendo então uma carência por parte de iniciativas governamentais sejam por meio das escolas e colégios ou mesmo programas abertos à comunidade como um todo. Pois parte dos atletas entrevistados começaram em projetos que nem sempre eram ligados ao governo, ocorrendo a exceção de Juan Nogueira que iniciou um projeto da Prefeitura de São Paulo e de Joedison Teixeira que iniciou no programa das Forças Armadas. Segundo os gestores neste caso, não só é importante a criação de novos programas para lançar novos atletas, como para mantê-los no esporte porque vários técnicos ainda precisam tirar dinheiro do bolso para ajudar esses atletas chegaram ao topo.

Percebemos também que o local de treinamento que é algo de suma importância para qualquer atleta, nem sempre possui a estrutura que para eles seriam necessárias, seja porque treinam em academias que muitas vezes não possuem recursos para compra de materiais de alto rendimento e que são utilizados em competições ou porque preferem treinar em locais que não tem a estrutura de ponta, mas treinam perto de suas famílias e não precisam ficar viajando de um estado para outro. Por outro lado, percebemos que muitos atletas treinam em locais que são adequados para o alto rendimento, como o caso de

Juan Nogueira que é uma exceção que treina em uma academia privada, mas que possui todos os aparatos que ele tinha quando treinava na Seleção Brasileira, senão mais como ele mesmo relata. Ou porque treinam na própria Seleção Brasileira ou em algum dos Centros de Treinamento das Forças Armadas.

Quanto aos Centros de Treinamento muitos atletas não sabem se existem para o boxe, conhecem apenas o espaço da Seleção Brasileira que fica localizado em São Paulo, assim também os gestores mostram que não possuem conhecimento da existência deles, o que nos faz entender que ainda é escasso esses espaços, o que dificulta o crescimento da modalidade como um todo, pois os atletas que se destacam e não são convocados para a Seleção Brasileira ou não passam no edital das Forças Armadas precisam custear os seus treinos e treinar em academias que muitas vezes não dão o suporte necessário a eles, salvo quando atletas como Adriana Araújo, Robenilson de Jesus e Robson Conceição treinam em uma academia com o mesmo treinador, na Bahia, e afirmam a qualidade do seu treinamento independente da estrutura porque além de terem material humano, que seriam seus companheiros de treino, o resultado obtido por eles em competições não deixa mentir a eficiência de seu treinador.

Percebemos também que grande parte dos treinadores não são formados em Educação Física, quando são, são os preparadores físicos e não os treinadores, pois os cursos de Educação Física disponíveis no Brasil dificilmente ofertam disciplinas específicas de outros esportes que não voleibol, basquetebol, futebol, atletismo e ginástica, o que nos leva a pensar que a experiência enquanto atletas de boxe levou a muitos se tornarem técnicos e treinadores, o que também explica a falta da formação acadêmica, mas por outro lado, eles participam de cursos regularmente, se atualizando tanto quanto a modalidade técnica quanto tática, fazendo com que eles estejam aptos a trabalharem com o esporte.

Quanto aos patrocínios observamos que poucos são os atletas que mesmo participando da Seleção Brasileira de Boxe recebem algum tipo de patrocínio, que muitas vezes é feito por meio de materiais esportivos e por tempo determinado. Existem atletas que atribuem ao Bolsa-Atleta o título de patrocínio e aqueles que não possuem nenhum. Vimos que os patrocínios geralmente são ofertados em épocas pré-megaeventos, ou seja, muitas marcas só se aliam a

alguns atletas quando querem fazer a sua propaganda e quando estes esportes estão em evidência, sendo o que muitos atletas relataram quanto ao período que precedia os Jogos Olímpicos Rio 2016 entre outras edições, quando a própria estatal Petrobrás patrocinava a Seleção Brasileira de Boxe e hoje não patrocina mais. Outros atletas não recebem mais nenhum tipo de patrocínio por terem decidido migrar do boxe olímpico para o profissional, modalidade que no Brasil ainda não tem tanto destaque, e que conseqüentemente não atraem essas empresas de investirem nos atletas.

Descobrimos que para boa parte dos atletas o Bolsa-Atleta é considerado a sua principal fonte de renda, por não terem um trabalho fixo nem um patrocínio. Porém também observamos que parte dos atletas já fizeram ou fazem parte de alguma instituição ligada as Forças Armadas (FA) e atribuem a elas a sua fonte de renda, que são utilizadas não só para o esporte, mas também para uso pessoal. Para os atletas que fazem parte da Seleção Brasileira de Boxe existe um salário que é direcionado a estes atletas, ou seja, se o atleta faz parte da seleção, das FA e do Bolsa-Atleta eles chegam a receber até três fontes de renda, mas ainda assim apontam que sua principal fonte de renda vem das FA. Não nos foi falado qual é o valor deste salário de militar, mas nos foi dito que é o mesmo salário de um militar que ocupa o mesmo cargo e função de terceiro sargento da Marinha ou Exército.

Nesse sentido, não podemos negar que as Forças Armadas têm desempenhado um papel importante para o esporte de alto rendimento e que, juntamente com outras fontes de recursos, têm sido fundamentais para que alguns destes atletas continuem se dedicando ao esporte e conseqüentemente ao seu país. Também percebemos que as Forças Armadas tiveram e têm certa influência neste processo, uma vez que fomentam os atletas que possuem bons resultados, enquanto militares temporários para que usem as suas instalações e compitam por ela, o que pode ter auxiliado neste processo.

Porém, também vemos que os atletas que fazem parte destas instituições não têm a mesma obrigatoriedade de um militar cumprir serviço e demais funções, pelo contrário, os atletas vivem exclusivamente para treinar e competir, tanto representando as Forças Armadas como o país, e com algumas exclusividades de dar palestras quando solicitado, jurar a bandeira, ter bom comportamento como os demais militares com disciplina, por exemplo, e

principalmente gerar resultados esportivos, como no país e nos Jogos Mundiais Militares também. Então fica claro que as Forças Armadas não formam novos militares para o esporte, mas sim possibilita a preparação de atletas já formados e que já se encontram no alto rendimento para as competições. E estes atletas só podem permanecer nestas instituições por oito anos, o que também nos permite entender que enquanto o atleta possui uma “vida útil” no esporte, ele pode fazer parte das FA, porém quando eles já estão mais “velhos” para atuar no esporte e possivelmente não responderão mais com os resultados esperados, eles não precisam mais fazer parte das FA.

Um fato importante é que somente os homens no boxe já fizeram ou fazem parte das FA, o que nos permite pensar que os editais não são abertos para categorias femininas e conseqüentemente pode não haver competições femininas nos Jogos Mundiais Militares.

E isso nos fez perceber o quanto o boxe para as mulheres ainda é um espaço difícil, as mulheres só tiveram a sua inserção nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, um dos motivos foi porque a Inglaterra é o país que teve as primeiras aparições do que hoje nós chamamos de boxe, e talvez somente por este motivo hoje as mulheres conseguiram adentrar esse patamar. Mas ainda assim, existe desigualdades neste esporte quando falamos de gênero, pois as mulheres podem competir em apenas três categorias no esporte enquanto os homens em nove, além das questões de salário que a Seleção Brasileira de Boxe pagava metade do valor de um salário que era destinado aos homens para as mulheres. Desse modo fica evidente as dificuldades que as mulheres passavam e continuam passando para se manter no esporte, para viver do esporte, como a atleta Adriana Araújo comentou ao longo da sua entrevista cedida ao nosso trabalho. Isso aponta para a luta que ainda é tida por elas dentro e fora dos ringues.

Cabe destacar, ainda, que os atletas entrevistados, que não fazem parte da seleção brasileira, enfrentam dificuldades bastante semelhantes às de Adriana. O que nos permite inferir que se trata de um problema da modalidade, em um sentido geral. Dessa forma, é possível pensar em duas possibilidades mais evidentes: a pouca popularidade do boxe no Brasil e a condição social dos atletas. Notoriamente, há uma prevalência das modalidades coletivas, em detrimento das individuais, no Brasil. O boxe, para além disso, está, muitas

vezes, atrelado à violência, por se tratar de um esporte de combate. Somado a isso, é possível perceber, especialmente a partir da fala dos entrevistados, que a maioria dos atletas que se desenvolvem nesta modalidade advêm de classes financeiramente mais baixas, o que sobrepuja a dependência de políticas como o Bolsa-Atleta, para a continuidade no esporte.

A Bolsa-Atleta para eles é muito importante, quando não a principal fonte de renda dos atletas, ajuda a fomentar os seus treinos e se manter no esporte sem que precisem trabalhar dividindo seu tempo. Só de viver exclusivamente do esporte já mostra que a bolsa auxilia na carreira esportiva. Mas para os atletas o problema da bolsa são os seus atrasos que o fazem pensar na incerteza da bolsa de mês a mês, muitas vezes recebendo o recurso duas vezes ou mais no mesmo mês. Mas ainda assim para os atletas essa renda os ajudou muito ao longo de sua vida no esporte, tanto que acreditam que o programa auxiliou no processo de entrada no JO Rio 2016. Mesmo que apenas três dos atletas tenham alcançado esta vaga por meio de seletivas, como já abordado anteriormente, muitos atletas tiveram a oportunidade de permanecer treinando no período do ciclo olímpico, porque vários deles receberam a bolsa pódio, que deu a possibilidade de eles terem uma equipe multidisciplinar para acompanhá-los nestes anos que precediam a edição do Rio 2016.

Concluimos, então, que em toda a trajetória da modalidade em Jogos Olímpicos até 2016, o Brasil já conquistou cinco medalhas. A primeira delas, com um distanciamento relativamente grande, de 44 anos, porém, as outras quatro em duas edições seguidas – o que nos faz perceber que o incentivo que a modalidade tem recebido, seja pela Confederação Brasileira de Boxe através de convênios com o Ministério do Esporte, e até patrocínios, foi fundamental, e além disso o fomento aos atletas pelo programa Bolsa-Atleta, que desde 2005, já beneficiou 504 atletas do boxe.

Neste período, a modalidade também ganhou notoriedade através dos feitos nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, e, recentemente, nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Ou seja, o investimento de recursos por parte do governo brasileiro para o fomento da modalidade, ainda que pequeno quando investido nas instituições que estruturam o esporte no país, conseguiram resultados importantes a nação.

Principalmente, no alto rendimento através de políticas públicas implementadas pelo Ministério do Esporte, como é o caso do Programa Bolsa-Atleta, o investimento nos atletas tem mostrado um forte potencial em resultados mundiais e olímpicos no boxe; podendo haver mais investimento no esporte por parte de convênios entre o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira de Boxe e as federações espalhadas pelo Brasil, o que possibilitaria uma maior participação em competições pelos atletas.

O programa Bolsa-Atleta também pode ser considerado é um pilar de grande importância, senão essencial que tem estruturado de certa maneira o esporte de alto rendimento no país, pois beneficia atletas que têm resultados e mantém estes resultados. O programa é meritocrático, mas através dos recursos ofertados aos atletas permite que eles consigam se manter treinando e se dedicando exclusivamente ao esporte. E durante o ciclo olímpico entre os anos de 2012 a 2016 teve grande influência sobre os atletas, para que tivessem maior tranquilidade para se prepararem para os Jogos Olímpicos Rio 2016 e trazer uma medalha inédita ao Brasil, uma medalha de ouro.

E por fim, vemos que os gestores esportivos têm um papel fundamental, pois são eles que guiam as políticas públicas e possuem a visão mais ampla do seu funcionamento, o que pode ser melhorado, mantido ou alterado e assim também poderiam desempenhar a função de “educar” os atletas no sentido de como utilizar a sua bolsa, tanto no fazer o uso correto desta política quanto no se beneficiar dela de forma que o propósito do Bolsa-Atleta seja atingido por eles e os resultados sejam alcançados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Willian Douglas de. Boxe: os atletas e a “luta” olimpismo x profissionalismo. **Vozes, Pretérito & Devir**, Dossiê temático: história dos esportes, Piauí, Vol. 5, Nº 1, pag. 200-219, Ano 3/2016.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no pugilismo (2003-2016)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016. 119 f.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.891, de 09 de Julho de 2004 que institui a Bolsa-Atleta. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5342.htm>. Acesso em 22 de junho de 2016.

_____. Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art3>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

_____. Lei nº 13.155, de 04 de ago. de 2015. **Diário Oficial da União**. Estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol; altera as Leis nºs 9.615, de 24 de março de 1998, 8.212, de 24 de julho de 1991, 10.671, de 15 de maio de 2003, 10.891, de 9 de julho de 2004, 11.345, de 14 de setembro de 2006, e 11.438, de 29 de dezembro de 2006, e os Decretos-Leis nºs 3.688, de 3 de outubro de 1941, e 204, de 27 de fevereiro de 1967; revoga a Medida Provisória nº 669, de 26 de fevereiro de 2015; cria programa de iniciação esportiva escolar; e dá outras providências., Brasília, DF, ago. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13155.htm>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

_____. encerra a sua participação na classificatória mundial. **Confederação Brasileira de Boxe**. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/sitenovo/noticia/409/Brasil-encerra-sua-participacao-na-classificatoria-mundial>>. Acesso em 22 de junho de 2016.

_____. 2016. **Boxe**. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/modalidades/boxe>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 2006, 3 (2). pp. 77-101.

CARDOSO, Berta Leni Costa; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SANTOS, Doiara Silva dos. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 139-154, jan./mar. de 2015.

_____. **Plano Brasil Medalhas**. 10 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

CBBOXE. **História boxe olímpico**. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/sitenovo/HistoriaBoxeOlimpico>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

CORRÊA, A. J. **Financiamento do esporte olímpico brasileiro**: mapeamento inicial do programa “Bolsa-A atleta”. 86 f. Monografia – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

COLLI, Eduardo. O boxe nos jogos olímpicos. In: **Universo Olímpico: uma enciclopédia das olimpíadas**. São Paulo: Códex, 2004. pag. 146-166.

DYE, Thomas R. **Understanding public policy**. 14 ed. Estados Unidos: Pearson, 2013.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana Vilodre; GRESPAN, Carla Lisboa. Mulheres em combate: representações de feminilidade e lutadoras de boxe e MMA. **Revista Educação Física /UEM**, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. trim. 2015.

GARRIDO, Fernando; LAGE, Ângela. O esporte na Marinha do Brasil. In: DA COSTA, Lamartine; Org. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006. p. 47-49.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. p. 86-90.

GUIMARÃES, Alexandre Sidnei. A Bolsa-A atleta eleva o desempenho dos seus beneficiários? Análise do período 2005-2008 In: **Consultoria do Senado Federal Centro de Estudos – Textos para discussão 50**. Brasília, DF, fevereiro, 2009, 42 p.

FREY, Klaus. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**. Nº 21 – jun. 2000, p. 211-259.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MACIEL, Luiz Henrique Rezende. **Construções e transições de carreiras no Esporte Profissional: um estudo com ex-atletas de alto rendimento**. Tese de doutorado. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2015. 169 p.: il.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, através da sua Coordenação

de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007. – (Coleção educação física e esportes)

MEZZADRI, Fernando Marinho. **Inteligência esportiva** / Fernando Marinho Mezzadri, (organizador). – Curitiba, 2016. 57 p. : il. color.

MINISTÉRIO da Defesa. **Marinha abre vagas para atletas de alto rendimento**. 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/28567-marinha-abre-vagas-para-atletas-de-alto-rendimento>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

MINISTÉRIO DO ESPORTE a. **Bolsa Atleta**. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

_____. b. **Histórico**. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/institucional/historico.jsp>>. Acesso em 04 de dezembro de 2017.

MOREIRA, Letícia Rocha. Relato de experiência: Questões de gênero em um estágio com a temática de lutas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X.

_____, Letícia Rocha; MAROUN, Kalyla. Práticas educativas desenvolvidas pelo discente de educação física: o conteúdo lutas na escola. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014.

PERÓN, Alessandra Paula de Oliveira Nunes; GARCIA, Luciana da Silva; ALVAREZ, Juan Francisco Garcia; FILHO, Waldir Zamprona; SILVA, Alex Wilson. Perfil nutricional de boxeadores olímpicos e avaliação do impacto da intervenção nutricional no ajuste de peso para as categorias de lutas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2009;33(3):352-357.

QUARANTA, André Marsiglia; CORREIA, Elder Silva; MENEZES, Eduardo Carvalho de. Diante das olimpíadas de Londres/2012: observando a dialética global-local na mídia impressa sergipana. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S108-S122, abr./jun. 2014.

QUEIROZ, Roosevelt Brasil. Políticas públicas. In: **Formação e gestão de políticas públicas**. 3 ed. Curitiba: Ibpex, 2011. pg.94-112.

REIS, Rafael Estevam. **Políticas públicas para o esporte paraolímpico brasileiro**. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, 114 p.

REISER, F. C.; SOUZA; W. C.; SOUZA, W. B.; MASCARENHAS, L. P. G. Perfil morfofuncional de boxeadores olímpicos a um treinamento dinâmico de resistência invariável – Estudo de caso. **Scientia Plena** 10, 109903 (2014).

RIO 2016. **Boxe**. Disponível em: <<https://www.rio2016.com/boxe>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

_____. 2016: **Brasil terá 9 representantes na Olimpíada**. Confira a lista de atletas. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/08/rio-2016-saiba-como-esta-corrida-olimpica-pelas-vagas-no-boxe.html>>. Acesso em: 15 de março de 2017.

RODRIGUES, M. M. A. **Políticas Públicas**. São Paulo: Publifolha, 2013 - (Folha Explica).

RODRIGUES, M. B. **Programa Bolsa-Atleta e sua configuração no cenário brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.113 . 2016.

RUA, Maria das Graças; ROMANINI, Roberta. Tipologias e tipos de políticas públicas. In: **Para aprender políticas públicas**. 2013, disponível em: <http://igepp.com.br/uploads/ebook/para_aprender_politicas_publicas_-_unidade_04.pdf>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

SANTOS, Fernanda Damasceno; HAYAKAWA, Marina Yumi; MARTINS, Miguel Tosti Ferreira; TEODORO, Maria Alves; FERREIRA, Aline Fernanda; MARTINS; Carlos José. Projeto de extensão boxe olímpico: relato de experiência da avaliação física no planejamento de aulas. **6º Congresso de Extensão Universitária da Unesp**, 2011. Águas de Lindóia, SP. Anais eletrônico... PROEX/UNESP. ISSN nº 2176-9761. p. 1012.

SANTOS, Sabrina Coelho dos; SANTOS, Laís Cristyne Alexandre dos; CAPRARO, André Mendes. **Entre o pugilato, o boxe e a tradição inventada**. XIX Congresso brasileiro de ciência do esporte, VI Congresso Internacional de ciência do esporte, Vitória – ES, v.19, p. 1-3, 2015.

SILVA, Guilherme Alves Ferreira Leite da. **Da Bahia ao Olimpo: histórias sobre medalhistas olímpicos baianos**. Monografia. Universidade Federal da Bahia, Bahia: 2014, 25 f.

SILVA, Kim Torales da; FREITAS, Débora Duarte. *Rounds* de uma memória esportiva: parte da história do boxe no município de Rio Grande/RS. **Revista Didática Sistemática**, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.92-106.

SOLTERMANN, Lucas; SOUZA, Natália Pereira de; MARTINS, Carlos José. O projeto de extensão universitário “iniciação em boxe olímpico” como um espaço de integração social e resgate histórico. **5º Congresso de extensão universitária da Unesp**, Águas de Lindóia, novembro de 2009.

SOUZA, Celina. Estado do campo da pesquisa em políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, fev. 2003, vol. 18, n 51, p. 15-20.

_____. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologia**, jul/dez, 2006, ano 8, n 16, p. 20-45.

SOUZA, Natália Pereira de. **Qual é o gênero das lutas?: um estudo de caso sobre o boxe olímpico**. Monografia. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, São paulo: [s.n.], 2010, 78 f.

SOUZA, Tirzah Berni. **A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul (década de 1920 a 1960)**. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul: 2012, 49 f. 27.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico**. (Doutorado em Educação Física). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2011. 422p.

TRUYENS, Jasper; DE BOSSCHER, Veerle; HEYNDELS, Bruno; WESTERBEEK, Hans. A resource-based perspective on countries' competitive advantage in elite athletics, **International Journal of Sport Policy and Politics**, 2014, 6:3, 459-489, DOI: 10.1080/19406940.2013.839954.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO-BASE ENTREVISTA ATLETAS

- 1) Qual é o seu nome, naturalidade e onde reside atualmente?
- 2) Fale sobre a sua trajetória de vida e como começou no boxe.
- 3) Como iniciou no boxe?
- 4) Em qual instituição você começou a treinar?
- 5) Qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos? Você se vê como um talento identificado?
- 6) Onde treina atualmente?
- 7) O que você acha do seu local de treinamento? Ele é adequado para o esporte de alto rendimento?...
- 8) Você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe?
- 9) Seu (s) técnico (s) é (são) formado (s) em Educação Física? Eles se atualizam regularmente e se especializam no esporte?
- 10) Como você entrou na Marinha? Como funciona a estrutura e a organização dela? Quais esportes ela desenvolve?
- 11) Você tem algum patrocínio?
- 12) Qual é a sua principal fonte de renda?
- 13) Você recebe algum tipo de investimento financeiro por parte do Governo Estadual ou Federal, como o Bolsa-Atleta?
- 14) Se sim, desde que ano começou a receber?
- 15) Você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo? Para que você a utiliza?
- 16) Você utiliza a bolsa para participar de competições?
- 17) Você acredita que a bolsa te impulsionou para a conquista de uma vaga olímpica na edição dos Jogos Rio 2016?

ANEXO 2

ROTEIRO-BASE ENTREVISTA GESTORES

- 1) Qual é o seu nome, naturalidade e onde reside atualmente?
- 2) Fale sobre a sua trajetória no esporte e como se tornou um gestor.
- 3) Qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos?
- 4) Você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe? (Dependendo da resposta: você acha que essa quantidade de Centros de Treinamento é suficiente para a demanda da modalidade?).
- 5) No seu entendimento, os recursos voltados aos centros de treinamento possibilitam maior desempenho esportivo dos atletas?
- 6) Para você, o Programa Bolsa-Atleta é considerado um auxílio financeiro ou um salário esportivo?
- 7) De acordo com a sua experiência, para que os atletas utilizam o Bolsa-Atleta?
- 8) Na sua opinião, o Bolsa-Atleta possibilita aos atletas a participação em competições e eventos esportivos?
- 9) Você acredita que a bolsa ajudou os atletas na conquista de uma vaga olímpica na edição dos Jogos Rio 2016? De que forma? (De uma forma direta – pensando que o treinamento melhorou – ou indiretamente – pensando que o atleta teve mais dinheiro).

ANEXO 3

ENTREVISTA JULIÃO NETO, 19 de abril de 2018, 13h30.

Tempo de duração: 20 minutos.

Pesquisadora: Primeiro, eu quero te agradecer por estar participando, ajudando, colaborando com a minha pesquisa e, antes de começar a entrevista, eu queria que você só me dissesse que você concorda e que não tem nenhum problema em você estar participando.

Julião Neto: Concordo, sim. Não tenho nenhum tipo de problema, não.

Pesquisadora: Eu quero que você me diga qual o seu nome completo, a sua naturalidade e onde você reside atualmente.

Julião Neto: Meu nome é Julião de Miranda Henriques Neto, nasci em Belém do Pará e resido em Belém mesmo.

Pesquisadora: Ok. Agora eu queria que você me falasse um pouco sobre a sua trajetória de vida e como você começou com o boxe.

Julião Neto: A minha trajetória de vida foi um pouco difícil. Eu comecei através de um amigo que dava aula pro meu irmão, numa casinha de madeira, acho que 3x3, e eu fiquei olhando, olhando e gostei do esquema. Aí, fui treinar com ele nessa casinha. Um dia fui fazer um *sparring* com ele, uma luta; ele me deu um soco e eu bati meu rosto em um prego e abriu o meu rosto. Foi aí que eu falei pra ele “bora procurar uma academia pra treinar, pra gente aprender a lutar, porque aqui tá difícil, o espaço é muito pequeno, não tem como”. Foi aí que a gente foi na Associação de Boxe Rocky Balboa, eu comecei a lutar, estreei, fui campeão estreante. Comecei em 2002, tinha 20 anos de idade e Deus me abençoou tanto que eu conquistei muitas vitórias nesse período do meu trabalho.

Pesquisadora: E em qual instituição você começou a treinar?

Julião Neto: Associação de Boxe Rocky Balboa.

Pesquisadora: E qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos hoje para o esporte?

Julião Neto: Hoje, aqui onde eu estou, está muito difícil, porque nem presidente a gente tem. Então tá sem recurso, tá sem nada. Quem tá fazendo os campeonatos aqui são as academias, as associações daqui.

Pesquisadora: E você se vê como um talento identificado?

Julião Neto: Me vejo sim. Só que, infelizmente, como eu falo aqui pra eles, eu fui pra dois Jogos Olímpicos, Londres e Rio, e a gente não tem aquele

reconhecimento que era pra gente ter em outro estado. O reconhecimento que a gente tem é dos treinadores que estão com a gente.

Pesquisadora: E em qual academia você treina atualmente?

Julião Neto: Eu treino na Associação de Boxe Rocky Balboa. Só que, às vezes, me convidam muito pra ir pro interior, treinar na academia com o meninos novos. E eu vou pra fazer aula com eles, numa academia diferente.

Pesquisadora: E o que você acha do seu local de treinamento?

Julião Neto: É bom. Pra mim, pelo que eu já passei, onde eu treinava, hoje melhorou muito, hoje a academia é reformada, é bonita; hoje tem ringue, um ringue de 5 por 5, antes eram só umas cordinhas.

Pesquisadora: E você acha que é adequado para o esporte de alto rendimento?

Julião Neto: Não é, mas como eu tô todo dia treinando aqui, eu não quero mais ficar viajando muito. É cansativo pra caramba, não é fácil.

Pesquisadora: E você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe hoje?

Julião Neto: Não tenho. Aqui era pra ter um, mas não foi possível. Estamos tentando conversar com o presidente da Confederação, pra ver se a gente monta um polo, um Centro de Treinamento aqui em Belém do Pará, conforme o presidente que vai entrar aqui. Aqui tem muito atleta bom.

Pesquisadora: Os seus técnicos são formados em Educação Física?

Julião Neto: Meu treinador que tá aqui em Belém do Pará não, mas ele tem curso que fez lá fora, tinha apoio da seleção brasileira, já viajou pra vários países. Hoje, ele não tá na base da seleção, mas ele é um grande treinador. Os treinadores da seleção têm graduação.

Pesquisadora: E eles se atualizam regularmente, se especializam no esporte?

Julião Neto: Se especializam, sim, com certeza. Tem que se especializar. Quem é treinador da seleção tem que se especializar.

Pesquisadora: Você tem algum tipo de patrocínio?

Julião Neto: Agora, agora, eu tenho o Bolsa-Atleta. E eu sou terceiro sargento da Marinha, eu ganho como atleta. Só que eu tô saindo agora, porque eu cumpri 8 anos e tem até 8 anos, tô cumprindo agora. Então, eu já vou ficar desligado da Marinha.

Pesquisadora: E como você entrou na Marinha?

Julião Neto: Através da seleção, me destacando, indo fora pra campeonato, sendo campeão Pan-Americano, entendeu? Aí, foi quando me chamaram pra Marinha e tô lá até hoje.

Pesquisadora: Há quanto tempo você está na Marinha?

Julião Neto: Eu vou fazer oito anos. São oito anos que um atleta pode ficar. Não pode ficar mais de oito anos.

Pesquisadora: E você sabe me dizer como funciona a organização da Marinha com relação ao esporte?

Julião Neto: Sobre o boxe, na Marinha, eles pegam a gente e ensinam as normas militares, pra gente defender eles só no boxe. Quando tem algum campeonato previsto, eles chamam a gente, a gente se integra à equipe no CEFAN, no Rio de Janeiro, na Avenida Brasil, aí a gente se integra e começa a treinar, a fazer treinamento em conjunto, com todo mundo que faz parte da equipe. E a viagem, se estiver marcada, a gente viaja e chegou, cada um decolou pro seu canto. Quem tá na seleção volta pra seleção ou fica no CEFAN mesmo.

Pesquisadora: E nesse sentido você primeiro teve o Bolsa-Atleta e depois a Marinha te chamou ou você entrou na Marinha antes? Como foi essa ordem?

Julião Neto: O Bolsa-Atleta, ele já tem alguns anos, entendeu? Eu já tava na Marinha, mas o Bolsa-Atleta já tinha um tempinho. Então, vai se destacando, vai pro Campeonato Brasileiro, consegue uma medalha em primeiro, segundo lugar, tu já tem direito àquela Bolsa, de fazer tua inscrição, levar documentos, essas coisas. Aí eles pegam lá, tu pede o documento na Confederação, eles mandam no teu e-mail, imprime e manda. Aí quando tu é contemplado, tu começa a receber aquele dinheiro, aquele salário, entendeu? O atleta pode ter três pagamentos: é Nacional, Internacional e Olímpico. Quem é Olímpico recebe Olímpico; quem é Internacional recebe Internacional; quem é Nacional recebe Nacional. A minha é Olímpica, porque eu sou atleta olímpico.

Pesquisadora: Você sabe me dizer, além do boxe, quais esportes a Marinha desenvolve hoje?

Julião Neto: A Marinha desenvolve muitos esportes... porque... é... é... taekwondo, [?] naval, judô, muitos esportes, porque a gente compete quando tem os Jogos Mundiais Militares, aí a Marinha reforça bem. Agora o Exército também tá com esse projeto, tá pegando muitos atletas de várias modalidades, também, estão competindo e, às vezes, entra em eliminação, quem se sair melhor vai defender as Forças Armadas no campeonato, entendeu?

Pesquisadora: E hoje qual é a sua principal fonte de renda?

Julião Neto: Hoje, a minha fonte de renda é a Bolsa-Atleta, meu salário... Minha fonte de renda eu não tenho, porque o dinheiro que eu peguei, eu investi na casa da minha mãe. Porque era meu sonho. Minha mãe não tinha casa, vivia chorando e era meu sonho. Quando comecei a lutar eu falei que um dia Deus ia me dar condições pra mim dar conforto pra minha mãe. Comprar uma casa pra ela foi... graças a Deus, eu consegui realizar esse sonho. Comprei uma casa pra ela, construí tudinho, tá tudo pronto, bonita, dei uma mobiliada e agora é trabalhar pra tentar montar alguma coisa, tentar montar uma academia, uma associação pra mim, entendeu? O meu futuro é virar treinador, porque eu não sei fazer nada, bem dizer. Minha vida toda foi estar no esporte, no boxe, então é puramente virar treinador.

Pesquisadora: E desde quando você recebe Bolsa-Atleta?

Julião Neto: Bolsa-Atleta eu recebo já tem uns cinco anos, seis anos que eu recebo o Bolsa-Atleta.

Pesquisadora: E aí, no caso, a Bolsa Olímpica foi a partir de quando que você começou?

Julião Neto: O Bolsa-Atleta sempre está atrasado, entendeu? Então, eu recebi agora uma parcela neste mês. Então, o último ano que eu recebi foi 2014, viajando com o time. E eu recebi agora a minha primeira parcela Olímpica.

Pesquisadora: Você falou que você participou dos Jogos Olímpicos de 2012 também. Você começou a receber a Olímpica desde esse ano?

Julião Neto: Não, antes, muito antes. Acho que foi em 2009.

Pesquisadora: Então foi no período pré-Olímpico também?

Julião Neto: Isso. Eu já tava recebendo muito antes.

Pesquisadora: E você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Julião Neto: Não vou mentir pra vocês, ajuda muito, muitos atletas, só que o problema é que atrasa muito. Atrasa demais e tem muitos atletas, às vezes, que dependem desse dinheiro, porque não é fácil lutar, comprar alimentação, comprar material esportivo, suplemento. Então, tem muitos atletas que dependem disso; tem muitos atletas que param de lutar por conta que não ganham nada. Aí fica difícil pra caramba. Aí, ainda tem família pra sustentar. Aí tem correr atrás de um emprego pra poder se manter.

Pesquisadora: E para que você usa a Bolsa-Atleta hoje?

Julião Neto: Hoje, eu uso pra me alimentar, pagar contas, entendeu? Pra comprar material, como te falei, e, às vezes, até pra comprar passagem, quando

tem campeonato, a gente compra passagem, a gente tira dinheiro pra comprar passagem ida e volta, pronto.

Pesquisadora: Então, você utiliza também da bolsa pra estar participando de competições?

Julião Neto: Isso, com certeza. Porque eles pagam a gente pra isso, entendeu? Pra gente reverter na gente. Então, é com material esportivo, com viagem, suplemento.

Pesquisadora: E você acredita que a bolsa te impulsionou para a conquista de uma vaga olímpica nos Jogos Rio 2016?

Julião Neto: Ajudou bastante, entendeu? Ajudou bastante, como na época era Petrobrás que patrocinava a Confederação e a Confederação passava pra nós, então ajudou... Bolsa-Atleta, Petrobrás, Marinha, um conjunto só aí... e Confederação Brasileira, um conjunto só pra gente se dar bem e conquistar nossa vaga, porque hoje em dia não é fácil, são muitos atletas que querem estar lá, então tem que treinar, tem que estar bem fisicamente, descansar, entendeu?

Pesquisadora: Sim... Então, as minhas perguntas acabaram. Eu queria saber se você tem mais alguma coisa pra acrescentar, pra falar sobre o esporte, alguma coisa que você queira dizer.

Julião Neto: Ah, ela falou sobre a minha trajetória, eu falei algumas coisinhas só, entendeu? Não foi muito fácil, entendeu? Passei muita dificuldade, trabalhei também na feira vendendo roupa e depois que eu cheguei no boxe que foi melhorando minhas coisas, pra mim, pra minha mãe. Então, depois que eu entrei no boxe, eu comecei a ganhar meu espaço. Eu ganhei meu espaço em 2010, na seleção, foi quando eu comecei a ganhar o meu salário. Na época, eu não ganhava nada. Aí foi que foi melhorando as coisas. Comecei a ajudar minha mãe, já depois... mais pra frente já comecei a pegar o Bolsa-Atleta, já deixava o meu cartão na mão da minha mãe, entendeu? Porque lá eu já tinha o que comer e o que beber, então, já pensava na minha família, na minha mãe, entendeu? Mas era só isso.

ANEXO 4

ENTREVISTA PATRICK LOURENÇO, 19 de abril de 2018, 14h.

Tempo de duração: 23 minutos.

Pesquisadora: Você concorda em participar da entrevista? Tá tudo ok pra você?

Patrick Lourenço: Concordo, sim. Tá tudo tranquilo.

Pesquisadora: Antes de começar as perguntas, eu gostaria que você me dissesse qual o seu nome completo, sua naturalidade e onde você reside atualmente.

Patrick Lourenço: Meu nome é Patrick Chagas Valério Lourenço. Eu tenho 24 anos, natural do Rio de Janeiro e hoje eu me encontro morando também no Rio de Janeiro, cidade do Rio de Janeiro.

Pesquisadora: Ok. Eu queria que você me falasse sobre a sua trajetória de vida e como você iniciou no boxe.

Patrick Lourenço: Então, eu comecei o boxe na Comunidade do Vidigal, a convite de um amigo meu, com 13 anos de idade. Eu fui meio que por curiosidade, entrei na academia, que era academia só de boxe, hoje é um Instituto, uma ONG educacional e fui bem recebido pelo técnico Raff Giglio, dono da academia, e fui me destacando, a partir do momento que eu entrei e eu vi que eu tinha... que me destacava entre as outras crianças. Eu fui pro primeiro Campeonato Brasileiro, tive a oportunidade de ir pro primeiro Campeonato Brasileiro em Cuiabá. E eu fui sem saber se era isso mesmo o que eu queria. Eu fui por curiosidade e tal, queria sempre viajar de avião. [Interrupção]. Aí, eu fui no primeiro Campeonato Brasileiro com 14, 15 anos e lá eu perdi na disputa de medalha. Aí que eu vi que eu podia chegar além, né, porque eu era um dos mais novos, lutei com garotos bem mais experientes e consegui fazer frente. Então, eu decidi que queria isso mesmo pra minha vida e, no outro ano, eu fui pra outro campeonato e fui campeão, campeão brasileiro. Aí, eu falei, “ah, é isso que eu quero, é assim que eu posso mudar de vida, que eu posso ter as coisas que eu quero”. E eu tô aí até hoje.

Pesquisadora: Legal. E como você iniciou, aliás, em qual instituição você começou a treinar boxe?

Patrick Lourenço: Então, na Academia Raff Giglio, no Vidigal, que hoje se tornou uma ONG, Instituto Todos na Luta, que trabalha com crianças, com boxe, com cinema, com reforço escolar e entre outras coisas.

Pesquisadora: Entendi. E quando você começou, então, ele era um projeto social?

Patrick Lourenço: Isso. Já era um projeto social, mas só para o esporte, só tinha boxe. Hoje tem outras atividades, aula de dança, aula de música.

Pesquisadora: E qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos?

Patrick Lourenço: Ah, eu acho que é muito importante, né. Eu como uma pessoa que participei, que vivi isso, que até hoje eu vivo isso, eu acho que o esporte, esses projetos transformam e dão novas oportunidades, ainda mais para comunidades carentes como o Vidigal, que tem muita violência, tem tráfico, entre outras coisas. E projetos sociais ocupam a mente das crianças, fazem as crianças sonharem e entenderem que, mesmo com a pobreza, com a violência batendo na porta, a gente pode chegar no lugar que a gente quiser.

Pesquisadora: E você se considera um talento identificado?

Patrick Lourenço: Ah, com certeza. Hoje, eu sou uma referência dentro e fora da comunidade, do Rio de Janeiro também, tem muitas pessoas que acompanham, se espelham em mim. Diariamente, eu recebo mensagem de garotos novos que se espelham no Patrick de hoje, né, que saiu de uma comunidade, que tem uma história pobre, mas que realizou sonhos através do esporte.

Pesquisadora: E onde você treina atualmente?

Patrick Lourenço: Hoje, eu treino na academia onde eu comecei, que é no projeto lá na comunidade do Vidigal.

Pesquisadora: E o que você acha do teu local de treinamento?

Patrick Lourenço: Ah, eu acho que é um lugar... Eu já passei por muitas academias, de todos os lugares do Brasil, alguns lugares fora do Brasil, também, e a academia, posso dizer assim, de ponta, claro que poderia ser melhor. Não tem como comparar com um país que é de primeiro mundo, mas tem tudo o que um atleta precisa.

Pesquisadora: Então você considera que ela é adequada para o esporte de alto rendimento?

Patrick Lourenço: Sim, sim.

Pesquisadora: E você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento, que hoje são voltados para o boxe, no Brasil?

Patrick Lourenço: É... Centro de Treinamento para o boxe, não. Não sei. Tem bastante academia, agora Centro, Centro só do boxe, como o Centro do judô, eu não conheço.

Pesquisadora: O seu técnico ou os seus técnicos são formados em Educação Física?

Patrick Lourenço: Sim, sim. Hoje, o meu técnico, atualmente, é o Everton Lisboa, mais conhecido como Índio, ele é formado em Educação Física e foi um ex-atleta. Há alguns anos atrás, ele era o atleta que treinava junto comigo na equipe, mas ele decidiu parar pra investir mais na carreira de treinador.

Pesquisadora: E ele se atualiza, se especializa regularmente?

Patrick Lourenço: Sempre que tem cursos, ele tá participando, não só no Rio, mas também em São Paulo, buscando sempre se atualizar.

Pesquisadora: Entendi... Você tem algum tipo de patrocínio?

Patrick Lourenço: Então, hoje, eu tenho um apoio da Everlast, mas só com materiais. De três em três meses, eu recebo alguns materiais pra ajudar nos treinamentos e tal. E fora o Exército Brasileiro, que eu faço parte, também.

Pesquisadora: E como você ingressou no Exército?

Patrick Lourenço: Então, no Exército Brasileiro, eu participei de um edital que rola todos os anos e tinha vaga pra minha categoria. Eu já conhecia algumas pessoas que faziam parte do time. Eu coloquei o meu currículo, né, os campeonatos, os resultados, e fui selecionado por fazer maior pontuação. Aí, eu ingressei pro time de alto rendimento do Exército.

Pesquisadora: E como que funciona?

Patrick Lourenço: Então, é meio que seleção, né, meio seletivo. Abre a categoria pra... Categoria até 52Kg, que é a minha. Qualquer 52Kg no Brasil pode se inscrever. Quem pontuar mais vai ser chamado. No caso, foi o que aconteceu comigo. Se a pessoa tá disposta a passar por essa peneira, passar pelos cursos de um verdadeiro militar, de um soldado, aprender tudinho e tal, já era.

Pesquisadora: E você recebe algum tipo de salário?

Patrick Lourenço: Sim, hoje, a gente recebe um salário de militar normal. Hoje, eu sou 3º Sargento do Exército.

Pesquisadora: Mas esse edital que você participou, ele é temporário, como é que ele funciona?

Patrick Lourenço: Ele é temporário. Até oito anos eu posso continuar no time, no Exército. Não é que é certo ficar oito anos, mas o máximo que eu posso ficar, eu me mantendo bem, me mantendo com resultados positivos, eu posso ficar até oito anos.

Pesquisadora: E faz quanto tempo que você tá no Exército? No caso, você tem mais quanto tempo pra ficar, supondo esse prazo.

Patrick Lourenço: Então, esse é o quarto ano que eu tô. Eu posso ficar mais quatro.

Pesquisadora: E, claro, os resultados nas competições ajudam a, por exemplo, é até oito anos, mas não necessariamente você vai ficar os oito anos, mas tendo bons resultados, isso te ajuda a ficar cada vez mais tempo?

Patrick Lourenço: Isso, isso. Já teve atletas que entraram, ficaram um ano, dois, e não conseguiu atender conforme o que é pedido. Porque, além dos resultados que a gente tem que ter na nossa carreira, a gente tem que dar palestra, às vezes é convocado para cerimônias, todas essas coisas, entendeu? E tem atletas que não conseguem atender isso. E não é só o resultado que mantém, mas a postura, entendeu? Essas coisas, também.

Pesquisadora: E você sabe me dizer quais outros esportes o Exército também desenvolve?

Patrick Lourenço: São milhares, tem natação, vôlei, basquete, pentatlo, judô, quase todas as modalidades olímpicas têm, quase todas... Futebol.

Pesquisadora: E qual é a sua principal fonte de renda?

Patrick Lourenço: A minha principal fonte de renda é o Exército Brasileiro. Tenho o meu salário todo mês. E o Bolsa-Atleta também, né, mas o Bolsa-Atleta sempre demora cair e tal; mas cai, mas sempre demora.

Pesquisadora: Em que ano você começou a receber o Bolsa-Atleta?

Patrick Lourenço: Acho que em 20...e... não sei se foi 2009... Acho que 2009. 2009 a primeira vez. Aí de lá até agora.

Pesquisadora: Então, nesse caso, você começou a receber o Bolsa-Atleta antes e aí depois que saiu esse edital do Exército que você conseguiu entrar?

Patrick Lourenço: Isso, isso. O Exército vem logo depois... bem depois. Eu entrei em 2014 no Exército.

Pesquisadora: E quais níveis de bolsa você já recebeu do Bolsa-Atleta?

Patrick Lourenço: Então, eu já recebi o Bolsa-Atleta Nacional, o Bolsa Pódio – que tem que estar entre os 20 do mundo – e o Bolsa Olímpica, que é quem participa da Olimpíada.

Pesquisadora: E você já participou de quantas edições das Olimpíadas?

Patrick Lourenço: Só uma. Só Rio 2016, por enquanto.

Pesquisadora: Você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Patrick Lourenço: Ah, eu... Acho que um pouco dos dois, porque é a única maneira de o atleta conseguir se manter, né. De o atleta não precisar trabalhar pra se manter, pra comprar tênis, comprar roupa. E também é um salário esportivo, é a fonte de renda da maioria dos atletas, por exemplo, atletas que não são militares só têm essa renda.

Pesquisadora: Então, por exemplo, no teu caso, que você tá como atleta militar também, sem o Bolsa-Atleta ficaria muito complicada a tua situação pra treinar e se dedicar e etc., se fosse só o salário dos militares não daria?

Patrick Lourenço: Não, se fosse só depender do Bolsa-Atleta, não daria, entendeu? Porque o Bolsa-Atleta é incerto. Por exemplo, agora, era pra eu receber desde janeiro, a gente veio receber uma parcela agora. Imagina, se não tivesse renda nenhuma, se só dependesse do Bolsa-Atleta? Eu não como, eu não visto, entendeu? É complicado. Por isso, muitos atletas trabalham e treinam, entendeu? Aí fica mais complicado ainda.

Pesquisadora: Nossa, bem complicado mesmo...

Patrick Lourenço: Mas no Exército, não. No Exército, todo mês a gente tem o nosso salário, tudo certinho. Férias, décimo terceiro, tudo.

Pesquisadora: E pra que você usa a sua bolsa? Bolsa-Atleta.

Patrick Lourenço: Ah, eu uso pra me manter, né. Pra pagar minha casa, pagar meu carro, essas coisas.

Pesquisadora: E você utiliza ela pra estar participando de competições, deslocamento?

Patrick Lourenço: Também, também. Agora que eu não tô na seleção brasileira, qualquer custo de viagem, igual ano passado, uma viagem pra Argentina, cada um pagou sua passagem e eu usei esse dinheiro pra pagar. E o Exército também ajuda.

Pesquisadora: Mas então, se você for da seleção brasileira, você não tem nenhum tipo de gasto, mas aí não sendo da seleção, a Confederação não banca nada?

Patrick Lourenço: É. Quem tá na seleção brasileira, qualquer viagem é custo deles. Passagem, hotel, tudo isso. Você só vai lá, treina, recebe seu salário, vai competir. Quem tá fora, qualquer base de treinamento, qualquer coisa, tem que arcar com seu próprio bolso. Passagem, etc.

Pesquisadora: Ou seja, quem só tem o Bolsa-Atleta, realmente, não consegue...

Patrick Lourenço: Tem que dividir em mil, né. Porque tem que pagar comida ou se mora em aluguel, se tem filho, tem que competir. Imagina? Como que faz? Complicado.

Pesquisadora: Você acredita que a bolsa te impulsionou para a conquista de uma vaga olímpica nos Jogos do Rio?

Patrick Lourenço: Ah, eu acredito que... que conseguiu me... me deixar focado, né. Porque imagina um atleta treinar sem dinheiro, só por amor? Amor, só amor, não enche barriga, né. A gente precisa comer, precisa pagar conta e, graças a Deus, mesmo atrasando, o Bolsa-Atleta sempre me ajudou nesses custos aí. Não precisei ter que largar pra trabalhar pra me manter, entendeu?

Pesquisadora: Então, sem a bolsa, perigava talvez nunca ter participado das Olimpíadas em 2016?

Patrick Lourenço: Exatamente. Eu estaria trabalhando de alguma coisa hoje.

Pesquisadora: E só por curiosidade, por que você não está mais na seleção brasileira?

Patrick Lourenço: Essa é a pergunta que não quer calar, né. Porque nem eu sei. Porque assim que acabou a Olimpíada, a gente ganhou férias, tal, foi dispensado a galera toda. E eu subi de categoria, porque eu tava na categoria até 49Kg e subi pra categoria de 52Kg, porque eu tava me desgastando muito, perdendo muito peso e não tava rendendo. Então, eu esperei e tal, foi conversado que eles queriam meu trabalho de novo e tal, várias histórias. E eu esperei no outro ano, só que não fui convocado. A minha categoria ficou de fora. A minha categoria e mais quatro ou três categorias. E alegaram que estavam com falta de verba, porque não iam trabalhar com algumas categorias ainda... e tal. Eu esperei, continuei treinando no Rio de Janeiro, que é a minha cidade, e fui pro Campeonato Brasileiro pra me manter o melhor da categoria. No caso, eu tinha que ser o melhor da categoria que eu tinha acabado de subir. Eu fui, fui campeão de novo e continuei fora. Eu não entendi. Até agora, eu tô sem uma resposta, sem saber o porquê... ninguém sabe. É complicado.

Pesquisadora: Ou seja, atualmente, você é o melhor da tua categoria, no Brasil, mas você não está na seleção.

Patrick Lourenço: Exatamente. Eu fui campeão brasileiro, fui o melhor e não tô. Não tem ninguém da minha categoria lá.

Pesquisadora: Bem estranho isso, né?

Patrick Lourenço: É, são coisas que os atletas, nós atletas, a gente não entende, e às vezes não pode nem entender, não pode se meter, não pode falar... complicado.

Pesquisadora: É... as nossas perguntas acabaram, mas você tem mais alguma coisa pra falar sobre o esporte, alguma coisa que você ache interessante...

Patrick Lourenço: Ah, não tenho. Acho que, como eu falei no início, o esporte muda a vida da pessoa, muda a forma de pensar, fazer as realizações, conhecer lugares e pessoas bacanas. Mas o Brasil, hoje, tá muito pra trás. Eu acho que os atletas estão muito desvalorizados, por tudo o que a gente faz, tudo o que a gente passa... tipo, um atleta olímpico, hoje, não ter um salário, não ter um reconhecimento, sabe? E é isso aí que frustra muitos atletas, né. Tu vê aí o... Arthur Zanetti viajando numa, não sei se vocês viram uma matéria, ele viajando na classe econômica, apertadão, e o cara é campeão olímpico, medalhista olímpico. Então, o Brasil, o povo quer cobrar uma coisa da gente, sem investimento, sem apoio. Aí fica complicado. Só querem apoiar três meses antes da Olimpíada. E o ciclo não é três meses antes é quatro anos, né, de ciclo.

Pesquisadora: Era isso que eu queria te perguntar. Nas Olimpíadas, então, nesses três meses antes, houve uma mudança nisso, só que acabou a Olimpíada, acabou mudança também, né?

Patrick Lourenço: Exatamente.

Pesquisadora: Não ficou nenhum legado, digamos?

Patrick Lourenço: É, dizem que tinha ficado, mas tem várias instalações aqui no Rio que ninguém vê usando, que tá tudo parado, que poderia ser vários projetos. Mas que não vejo, não vejo nada, não vejo a mídia falando, não vejo nada. Um dinheiro gasto que não acrescentou em muita coisa.

Pesquisadora: E só mais uma coisa, a partir dessa tua fala. Você acha que esses espaços que poderiam estar sendo utilizados “pegam” bastante no sentido geral, no esporte em geral, ou isso piora quando a gente fala do boxe no Brasil? O que você acha?

Patrick Lourenço: É no sentido geral, porque eu tenho muitos amigos de outras modalidades e a gente sempre bate nessa tecla que tá geral mesmo ferrado, né, porque não tem apoio, patrocinadores sumiram, não tem ninguém pra investir, não tem como competir e a gente fica naquela, né, sem saber o que fazer, tentando treinar, as contas vencendo, às vezes se vira, às vezes alguns têm que trabalhar e treinar, e não é a mesma coisa, né. Aí é uma correria danada. Chega um ano antes da Olimpíada, meio que volta ao normal, o salário, essas coisas, patrocinadores, mas é bem complicado.

Pesquisadora: E durante o ciclo olímpico, a partir de 2012/2013, você já começou a receber Bolsa Pódio, como é que foi?

Patrick Lourenço: Então, Bolsa Pódio, o atleta tem que estar entre os 20 do mundo no *ranking*, aí tem que estar competindo e tal. Se estiver dentro desse

quadro, aí você pode dar entrada. Se não, se não estiver dentro, você não tem direito, entendeu?

Pesquisadora: E você começou a receber Bolsa Pódio desde que ano?

Patrick Lourenço: Eu recebi em 2014.

Pesquisadora: Então, você recebeu por dois anos?

Patrick Lourenço: É. 2014 e 2015, que eu fiquei em 9º e depois em 2º do mundo.

ANEXO 5

ENTREVISTA ADRIANA ARAÚJO, 19 de abril de 2018, 15h30.

Tempo de duração: 42 minutos.

Pesquisadora: Você concorda em participar da entrevista?

Adriana Araújo: Eu concordo, sim. Pode usar minha fala, minha imagem.

Pesquisadora: Eu queria que você me dissesse qual o seu nome completo, naturalidade e onde você reside atualmente.

Adriana Araújo: Bom, meu nome é Adriana dos Santos Araújo, sou soteropolitana e atualmente eu moro aqui em Salvador. Graças a Deus.

Pesquisadora: Me conta como que foi a sua trajetória de vida e como você iniciou no boxe.

Adriana Araújo: Bom, na verdade, eu sempre fui amante do esporte. Eu sempre gostei de esporte, desde os 9/8 anos, eu sempre vivia no meio dos meninos, jogando bola e aos 12 anos eu comecei a jogar futebol. Aqui em Salvador, sempre teve os chamados Jogos Escolares. Isso fazia com que os estudantes tivessem intimidade com o esporte. Então, eu disputava sempre. Jogava bola, handebol e o esporte sempre fez parte da minha vida. E aos 16 anos, 17 anos, foi quando eu conheci o boxe. Na verdade, foi o boxe que entrou na minha vida, né. Eu nunca imaginei que eu ia fazer essa modalidade. E, aos 17 anos, foi quando eu recebi um convite de uma amiga e, na verdade, de início pra estética, pra trabalhar apenas na estética, na academia. E em duas semanas, meu primeiro treinador, o qual me ensinou a modalidade, ele me perguntou se eu não queria lutar, porque ali ele já tinha visto, estava vendo já, que eu tinha a oportunidade de crescer nessa modalidade. E o ruim de tudo foi que, realmente eu aprendi a gostar, foi um mês depois, quando ele me colocou pra fazer um *sparring* com um aluno dele que já tinha há anos, e ali eu tomei uma surra do menino. Como boa baiana, nunca quis levar desaforo pra casa, eu voltei a treinar, fiquei treinando de manhã e à noite, né, durante um mês. Depois de um mês, ele me colocou novamente com o moleque, pra poder fazer outro *sparring*, aí foi que eu descontei e aí fui tomando gosto. Oito meses depois, ele me botou pra lutar, aí foi que eu segui a carreira na modalidade. Isso aí já faz 17 anos. Disputei várias coisas aí através do boxe.

Pesquisadora: Legal. E em qual instituição você começou a treinar?

Adriana Araújo: Olha, eu comecei em uma sede do bairro onde eu moro, é uma associação de bairro que tem ainda, ainda existe, e esse meu primeiro treinador dava aula lá paga, e no meu caso, dois meses depois, ele começou a me ensinar de graça. Como eu tinha dito, ele foi vendo que eu tinha habilidades pra modalidade e ele me instruiu a treinar pela manhã e à noite, porém de graça.

Pesquisadora: Entendi. E qual a sua visão a respeito de projetos de desenvolvimento do esporte e identificação de talentos?

Adriana Araújo: Olha... é algo muito importante. E isso, esses projetos, pra mim, acho que eles já tinham que começar aqui em Salvador. Aqui é muito fraco em relação a isso. Isso já tinha que começar desde os colégios. Esses projetos de indicação de atletas, tanto no boxe quanto na corrida, eu acho muito importante isso.

Pesquisadora: E você se considera um talento identificado?

Adriana Araújo: Sim. Com certeza! Como eu tinha dito, não fui eu que procurei o boxe, o boxe que me procurou, né. Então eu me considero, assim, um talento identificado.

Pesquisadora: Onde você treina atualmente?

Adriana Araújo: Hoje eu tô treinando aqui em Salvador, na academia Champion, com o professor Luiz Dórea. Já tem 18 anos treinando aqui com ele.

Pesquisadora: E o que você acha do teu local de treinamento?

Adriana Araújo: Olha, o local é humilde, né, bastante humilde, sempre foi humilde. Deu uma melhorada, né, mas ainda continua bastante humilde, não temos uma grande estrutura, mas acho que temos o essencial, o mais importante, né, que é a qualidade do atleta, acho que isso aí é algo muito importante, e uma boa mão-de-obra, que é a do próprio treinador. Então, pra mim, é um treinador que tem uma visão imensa da modalidade, então isso ajuda muito a fazer novos campeões.

Pesquisadora: E você acha que ele é adequado ao esporte de alto rendimento?

Adriana Araújo: Sem sombra de dúvidas. Prova disso são os resultados [risos].

Pesquisadora: Você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que existem, hoje, voltados para o boxe?

Adriana Araújo: Pouquíssimo. Isso que eu conheço mais fora do nosso país, por causa da oportunidade que eu tive de viajar com a seleção brasileira e viajei pra grandes países, onde têm grandes estruturas, centros de treinamento pro boxe, que realmente é de desejar.

Pesquisadora: Tem algum respaldo governamental, assim, o lugar onde você treina ou é por conta mesmo?

Adriana Araújo: É tudo por conta própria, né. A sede onde eu comecei, como eu tinha dito, meu treinador, Rangel, meu primeiro treinador, o que me ensinou, o que ajudava ele era o pagamento mensal dos atletas que ele tinha na academia Champion. E a academia Champion sempre foi... é... o próprio Dórea, ele que

sempre reembolsou a academia, né, não só a academia, como aqueles atletas também que sempre tinham dificuldade em relação à passagem, poupa da alimentação, então, ele sempre tira do bolso dele pra ajudar esses atletas. Mas, infelizmente, principalmente a gente fica muito indignada aqui em Salvador, porque o boxe aqui em Salvador é um dos esportes que sempre colocou o estado no topo do mundo, né. E, infelizmente, tanto o governo como a prefeitura daqui, não dá esse apoio como deveria dar, olhar com outros olhos, realmente, a modalidade que sempre colocou o estado lá em cima.

Pesquisadora: O seu treinador é formado em Educação Física?

Adriana Araújo: Não... [risos] não. O Dórea é, na verdade, um policial, né. Ele é polícia aqui em Salvador, ele trabalha na SI [Serviço de Investigação] aqui da cidade e a vida dele com o boxe é de muitos anos. Ele também já foi atleta, foi campeão mundial no júnior, no boxe, e ele teve a felicidade, né, o conhecimento de ter as duas coisas: ser um bom lutador e um ótimo técnico. Porque sempre acontece de o cara ser um bom lutador, mas um péssimo técnico. Mas ele conseguiu ter essas duas coisas na vida dele e fora que é um cara que realmente é amante da modalidade, e isso ajuda muito. Então, acho que o mais importante é o que ele tem, é o amor à modalidade, o amor ao boxe. Isso é o que ajuda... ele nos ajudou a chegar, realmente, ao topo.

Pesquisadora: E, além dele, você tem mais algum treinador?

Adriana Araújo: Tive vários, né. Passaram vários na minha vida, mas, assim, de suma importância pra mim foi o Rangel, que foi meu primeiro treinador, e ele foi quem me conduziu, me ajudou a chegar a vários títulos aí na minha vida. E eu tive outros, também, que, na verdade, eram da seleção, né, faziam parte da seleção, mas não era nada daquilo exclusivo como esses dois eram pra minha vida.

Pesquisadora: Ah, entendi. E eles se especializam regularmente, com relação ao próprio boxe?

Adriana Araújo: Olha, a especialização que ele tem é do dia-a-dia, né, é do dia-a-dia, são as experiências que, até mesmo, tanto eu, como o Robenilson, o Robson, que somos atletas baianos, e a gente, quando estava na seleção, a gente viajava muito, e, com isso, quando a gente voltava pra Salvador, ali a gente também passava pra ele conhecimentos, coisas novas que ele não sabia aqui, né. Então, ali ele ia mesclando todos os nossos conhecimentos com o que ele já tinha. Como eu tinha dito, ele foi ex-lutador, então todos aqueles que são ex-lutadores tem a máxima facilidade de adquirir mais experiência na modalidade.

Pesquisadora: Entendi. Você tem algum tipo de patrocínio?

Adriana Araújo: Infelizmente, hoje mais não. E isso tem me dificultado a dar continuidade a meus treinos aqui em Salvador, né. O que acontece: hoje, eu

passei pro boxe profissional, já desde as Olimpíadas de 2016, eu passei pro boxe profissional, fiz duas lutas em São Paulo, né, a última foi em 23 de setembro na Moca, na Juventus. E estava caminhando pra terceira, mas, por falta do patrocínio, por falta de um empresário que acredite de verdade no atleta, isso vem me dificultando pra dar continuidade ao treinamento, de seguir em frente, infelizmente.

Pesquisadora: E qual a sua principal fonte de renda, hoje?

Adriana Araújo: Tô procurando [risos]. Infelizmente, eu tô sem a fonte de renda, infelizmente... eu falo infelizmente, porque a minha tristeza maior é por tudo o que eu já fiz pelo meu país, por toda a dedicação, por toda a história que eu fiz por um país que, infelizmente, hoje eu tô tendo um retorno zero, né. E, assim, a minha renda, hoje, é... eu tenho vendido aquilo que tinha conquistado, né. A última agora, eu acabei de vender um apartamento que eu tinha adquirido, quando estava ainda na seleção. E vou ali, aos pouquinhos ali sobrevivendo até realmente conseguir aquilo que eu quero. Eu tô trabalhando também aqui, vou começar a trabalhar agora com projetos. Projetos sociais, tentando adquirir algo da prefeitura e do governo do estado, pra que realmente isso possa acontecer e eu voltar aí a ter uma boa renda. Mas, no momento, eu tô zerada. Cheguei até a trabalhar de *Uber*.

Pesquisadora: Nossa, né, e você já foi pras Olimpíadas...

Adriana Araújo: Duas Olimpíadas, cinco Mundiais, fui oito vezes campeão pan-americana... é... hoje, eu não fico mais assim, eu me sentia muito triste. Hoje mais não, infelizmente, eu, como o outro sempre fala, eu vivo num país, não tão sacana em relação aos políticos, mas eu acho que até mesmo a própria cultura do nosso país, a gente acaba sofrendo com isso. Porque, tanto lá fora como aqui dentro, nosso país é conhecido como o país do futebol. Então, qual o empresário, o investidor que quer investir em outra modalidade? Que, infelizmente, só é vista de quatro em quatro anos. Então, a gente tem essa dificuldade. Eu tinha, na época, a Nissan, tinha os Correios, mas tudo na época que as Olimpíadas eram aqui no nosso país. Então, eles queriam aparecer através dos atletas. Acabou, então tudo voltou à estaca zero. Então, é triste, é lamentável, antes eu vivia muito triste por causa disso, por tudo o que eu já fiz, com uma dedicação de quase 20 anos, são duas décadas da minha vida dedicadas a isso, como eu tinha te dito. Eu abri mão dos meus estudos pra viver isso, né, em prol do meu país, não era só pra mim. Eu levantei a bandeira do meu país, mas é isso mesmo. Atletas, ele sabe, tem uns que dão certo, que sobem, realmente, de todas as formas, não só na visibilidade, mas também na forma financeira; e tem outros que, infelizmente, acabam tendo a visibilidade, mas a parte financeira fica um pouco pra trás ainda. Mas é isso.

Pesquisadora: Você recebeu algum tipo de investimento financeiro por parte do governo estadual ou federal, como por exemplo o Bolsa-Atleta?

Adriana Araújo: Sim. Na época que eu estava na seleção, tanto que o Bolsa-Atleta foi o que me ajudou a realmente a viver somente do esporte. Eu lembro que em 2006, eu tinha a inscrição e, em 2007, eu tive o termo de adesão pra poder receber essa bolsa. E ali, eu escolhi, eu trabalhava, sempre trabalhei, como eu tinha dito, sempre trabalhava ou estudava ou fazia esporte. Eu optei em trabalhar e fazer esporte, aí eu abri mão do trabalho pra viver apenas de esporte, me dedicar realmente ao esporte, porque aí eu tinha visto as chances reais de ser campeã mundial, de ser campeão olímpica, então eu passei realmente aí a me dedicar. Então, eu passei a ter a bolsa-atleta e o estadual eu entrei acho que em 2011 ou foi 2012... anos depois.

Pesquisadora: E essa bolsa-atleta, no caso, você conseguiu em 2007, mais ou menos, e aí ficou até 2016? Variou o nível de bolsa?

Adriana Araújo: Sim, sim, sim, variou. Tinha que variar, né minha amiga [risos]. E esse era o... como eu posso dizer?... era o objetivo, né, conseguir resultados, pra que o valor financeiro melhorasse, pra que eu viesse a ter esse retorno também pra estabilizar a minha vida, né. Mas, assim, na época realmente do olímpico, melhorou bastante. Eu tive de 2007 até 2016. Logo após 2013, infelizmente, eu não tive, que era pra ter o Bolsa Pódio, mas o presidente tinha me tirado da seleção. Voltei em 2014, foi quando eu consegui... 2015, consegui em 2015 o Bolsa Pódio. Durante esses dois anos aí eu fiquei sem bolsa nenhuma.

Pesquisadora: Você falou dessa questão desse investimento financeiro que você recebeu estadual. Como é que funcionava?

Adriana Araújo: Olha, a bolsa estadual é bem parecida com o Bolsa-Atleta, né, aqui se chama Bolsa-Esporte. Tem o Bolsa-Esporte e tem o Faz Atleta. O Bolsa-Esporte é o próprio governo aqui do estado que incentiva os atletas. Então, pra aqueles atletas que já são olímpicos, possuem já esses títulos de Mundiais, Pan-americanos, ele recebia a bolsa Internacional, que era um valor de 2 mil reais. E também aqui existia o Faz Atleta. Só que esse faz Atleta já é um projeto estabelecido através de rendas de empresas. Poderia gerar de 2 mil a 15 mil reais essa renda. Só que essa aí eu não tinha. Eu possuía apenas o Bolsa-Esporte que era algo do estado. Como eu era classe Internacional, eu recebia aí 2 mil reais.

Pesquisadora: E, assim como o Bolsa-Atleta, primeiro mostra o resultado pra daí conseguir esse auxílio?

Adriana Araújo: Isso. Infelizmente, é, né. Como eu tinha dito, quando eu comecei, eu comecei no boxe em 99, 2000. De 2000 a 2007, treinando por conta, e nesse meio eu tinha feito história já em 2005: a primeira mulher a ganhar um Pan-americano de boxe. Então, eu já estava começando a ficar no auge, foi quando surgiu o Bolsa-Esporte. Infelizmente, até como eu tinha dito, é triste, aqui em

Salvador, um dos esportes que leva o nome da cidade e do estado é o boxe. Os maiores resultados do país que o boxe já teve estão aqui: campeões mundiais, campeões olímpicos, medalhistas, entendeu? Estão tudo aqui. Então, infelizmente, ainda a gente tem essa necessidade de o estado apoiar de verdade, abraçar a gente verdade.

Pesquisadora: E você sabe me dizer se essa bolsa-esporte que tem aí na Bahia, se ela abrange só os esportes olímpicos, como funciona?

Adriana Araújo: Olha, eu não sei informar, mas se eu não me engano, acho que ela é tipo o Bolsa-Atleta e ela abrange, também, aqueles esportes que não são olímpicos.

Pesquisadora: E a forma de você pedir a bolsa é superparecida com o Bolsa-Atleta?

Adriana Araújo: Exatamente. Apesar que hoje eu também não posso mais usufruir dela. Tanto o Bolsa-Atleta como o Bolsa-Esporte, eu não posso usufruir nenhum dos dois, porque agora eu sou atleta profissional. E um atleta profissional aqui não pode usufruir desses benefícios do governo do estado.

Pesquisadora: E se você quisesse voltar para o boxe olímpico, você também não tem essa possibilidade?

Adriana Araújo: Olha, é... a questão não é de possibilidade. Hoje, existe a possibilidade. Desde o Rio 2016, a AIBA, que é o órgão internacional que rege o boxe internacional, ela facilitou agora que todos os atletas profissionais possam estar disputando campeonatos olímpicos. Só que, pra mim, o problema maior é que eu tenho que estar na seleção e hoje não tem como mais eu voltar pra seleção. Mesmo eu querendo, não tenho como mais regressar pra seleção.

Pesquisadora: Mesmo que você participe de seletivas pré-olímpicas?

Adriana Araújo: Isso. Não tenho mais. Daqui pra frente agora é só boxe profissional.

Pesquisadora: Você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Adriana Araújo: Olha, um auxílio financeiro. Acho que um salário esportivo tinha que ser justo, não é? Qual o salário esportivo de um jogador de futebol? Não é 2 mil reais, né?! Então, isso aí é apenas um auxílio que, querendo ou não, pra nós atletas – como eu tinha dito, principalmente de esportes como o boxe e outros aí que são esportes fracos em questão financeira, a maioria desses atletas vêm de classe bastante humilde, então têm muita dificuldade – é muito importante. O Bolsa-Atleta, pra mim, pra minha vida, foi muito importante. E te garanto que, se não fosse o Bolsa-Atleta na minha vida, hoje eu não seria a

Adriana Araújo medalhista. Porque ele que me ajudou, na época era 1.500 reais, nunca foi um salário, apenas uma ajuda que somava com que eu trabalhava, com o que eu ganhava por fora, pra pagar minhas contas, comprar uma suplementação, uma boa alimentação. Então, um salário de 2 mil reais não dá pra sobreviver. A alimentação tem que ser bastante rica em proteínas, poucas calorias, hoje 2 mil reais não dá pra nada, então não posso garantir que isso aí é um salário mínimo de um atleta.

Pesquisadora: E você ainda precisa de alguém que acompanhe isso.

Adriana Araújo: Com certeza! Embora, quando a modalidade não tem uma equipe profissional ao seu lado, você que tem que custear isso. 2 mil reais vai dar pra quê? Então, isso aí é apenas um incentivo ao atleta. Aquele atleta que tá ali começando a lutar base, por baixo, então isso incentiva o atleta a sonhar que ele pode ganhar muito mais lá na frente, se ele se dedicar.

Pesquisadora: E você, teoricamente, só começou a ter esse auxílio de médicos e preparação física, etc., à parte, quando você começou a receber a Bolsa Pódio?

Adriana Araújo: Com certeza [risos]. Com certeza. Durante um bom tempo da minha vida, tanto que hoje eu tenho muita lesão, muita lesão na lombar, joelho, fiz cirurgia no ombro esquerdo, porque, durante um bom tempo da minha vida, quase uns 10 anos, 12 anos, mais ou menos, eu sempre levei a minha carreira... carreira solo. A única pessoa que eu tinha pra me auxiliar era o meu técnico. Como eu tinha dito, ele é um cara que já foi atleta, tinha uma certa experiência... o que ele tinha feito pra ele conseguir chegar ao topo, então ele ia combinando em mim, então ele era o técnico, ele era o preparador físico, ele era o nutricionista. E, com o tempo, eu fui ganhando experiência, eu fui vendo o que eu fazia que eu me sentia bem, o que eu fazia que eu ganhava rendimento, né. Mas, assim, por um bom tempo da minha vida, eu fui fazendo carreira solo, por conta própria e eu realmente vim ter uma equipe multidisciplinar depois de Londres, quando eu finalmente vim ter uns amparados pra me ajudar. E tudo aí ou foram amigos que eu conhecia, que iam me ajudando por fora, me dando dicas. Hoje, o preparador físico é meu amigo. Logo após Londres, ele me ajudou... não! Antes de Londres, ele que me ajudou. Tudo através da amizade. Mas, infelizmente, em relação ao financeiro, não tinha como custear. E a própria seleção, porque o boxe feminino não era olímpico, não podia dar esse amparo pra gente. Pro boxe feminino.

Pesquisadora: Ou seja, pro masculino até tinha um apoio maior da Confederação ou não?

Adriana Araújo: Infelizmente, o feminino sempre ficou pra trás, né. O boxe masculino já existia durante 100 anos nas Olimpíadas. O boxe feminino veio entrar 100 anos depois nas Olimpíadas. E como entrou em 2010, nenhum dos

dirigentes, presidentes que estavam lá na seleção não ficaram alegres, porque o feminino entrou, entendeu? Então, quando tivemos a oportunidade do boxe feminino ter entrado, tive que bater de frente com eles pra poder realmente conseguir o meu espaço. Aí, eu fui exigindo aquilo que era do direito do boxe feminino e, por isso, eu também fui punida em 2012. Logo após as Olimpíadas, eu fui punida por exigir aquilo que era do direito do boxe feminino e o meu, também, pessoalmente. Mas, assim, o salário do feminino era diferente do masculino. Eu era uma das atletas que mais trazia resultado, tanto do feminino como também do masculino. As meninas que não tinham ganhado nem metade do que tinha ganhado, ganhavam o dobro do meu salário. Até que uma vez, eu me revoltei e disse ao diretor técnico. Eu disse: “Olhe, a partir de hoje, eu não luto. Você bota outra pessoa pra lutar”. “Não luta por quê?”. “Porque meu salário tá assim, assim, assado. Ou você muda, ou eu não vou lutar”. Aí, uma semana dali, ele mandou ver se eu realmente tava certa, que eu tava errada... eu disse “Não, eu não tô errada! Eu não luto, eu não vou viajar, enquanto você não mudar meu salário”. Aí foi quando ele viu que ele tava errado, que igualou o meu salário junto com o do masculino. As meninas recebiam 6 mil; eu recebia três.

Pesquisadora: Ou seja, é lutar dentro e fora do ringue...

Adriana Araújo: Sempre! Sempre foi isso aí. Sempre foi essa guerra. Dentro e fora do ringue. E fora sempre foi a pior. Em cima do ringue era uma maravilha, né. Era o que tava sempre gostando de fazer, sempre disposta a fazer, mas fora era mais difícil. Durante esses 20 anos aí, eu passei por um turbilhão de dificuldades, principalmente, fora dos ringues.

Pesquisadora: Isso é engraçado, porque você foi a primeira mulher a participar dos Jogos Olímpicos e a primeira mulher medalhista brasileira, né.

Adriana Araújo: Exatamente. Exatamente. Após 44 anos que o masculino não trazia nada. Teve a oportunidade de ir pra várias Olimpíadas, o Brasil sempre colocou um ou dois atletas nas Olimpíadas, mas, até então, só tinha o Servílio de Oliveira que, em 56, ele trouxe aquela medalha de bronze e, 44 anos depois, ainda, mesmo assim, não tinha nenhum atleta conseguido, com todo o investimento que já tinha o masculino. O masculino já vinha tendo... [Interrupção]. Infelizmente, eles tiveram esse tempo todo, 44 anos, né, com todo o investimento que eles tinham do COB e do Ministério, e mesmo assim eles não traziam nenhum resultado. Tinha vindo com Servílio de Oliveira, acho que foi em 56 ou 63... foi em 63¹⁸, o Servílio de Oliveira que conseguiu a medalha olímpica. Depois dele veio a minha, que foi em Londres, aí logo em seguida foi que veio a dos outros meninos, os dois irmãos, Esquiva e Yamaguchi, e o ouro de Robson Conceição agora no Rio 2016.

¹⁸ A medalha foi conquistada em 1968.

Pesquisadora: Você utilizava a sua bolsa do Bolsa-Atleta pra ir pra competições, pagar inscrições, deslocamento?

Adriana Araújo: Olha, é... na verdade, até 2011, quando o boxe feminino foi considerado um esporte olímpico, pra AIBA, até ali, quando ele não era olímpico, eu tinha que custear tudo. Eu custeava tudo. Foi bom que eu consegui a bolsa em 2007. Mas antes de conseguir a bolsa, eu já tinha ido pra Pan-americano que ocorreu na Argentina; campeonatos nacionais, tudo isso eu custeava com o meu dinheiro. Eu recebia um salário de 900 reais, na época. Eu tirava a maioria da parte desse dinheiro pra poder custear minhas passagens, hospedagem, alimentação, pagar o evento, tinha que pagar inscrição e mesmo assim o dinheiro não dava. Várias vezes, eu e as outras colegas, a gente fazia rifas, fazia café da manhã, pra poder ter uma renda boa pra comprar a passagem, fora as outras coisas que a gente tinha que fazer. Isso foi durante esse tempo todo até 2011, quando realmente o boxe feminino entrou e quando o COB e Ministério abraçou o boxe feminino. Mas antes disso aí, eu tive que quebrar a cabeça também pra esse lado. Assim, foi muito duro, muita gente diz assim "Pô, é medalhista olímpica", mas antes de ser a medalhista olímpica, eu tive que comer muita terra, traçar muito chão, pintar muito azulejo pra poder realmente garantir o meu espaço. O boxe feminino realmente era muito atrasado. Chegava lá fora, as meninas estavam num nível totalmente superior. O que me fazia diferente delas, como eu tinha dito, a qualidade de treinamento que eu tenho aqui, apesar de não ter uma boa estrutura, mas a qualidade técnica que eu tenho aqui é muito boa. Consegui superar a maioria das meninas lá fora. Então, eu quando chegava lá fora, e também meu biótipo, isso também me ajudava; minha vontade de vencer, isso me ajudava muito. Então, eu chegava lá fora, eu fazia a diferença. De 10 competições que a Confederação me mandava, nove eu voltava campeã. Eu só não tive medalha nos Mundiais, mas tudo... são 257 lutas, apenas 12 derrotas. Então, imagine você se realmente o Ministério, o COB, dessem uma estrutura que o boxe feminino precisava. E com isso não só de mim, mas a Roseli Feitosa, a Érica Matos... A Roseli Feitosa foi campeã mundial. É histórico também. Ela foi campeã no Mundial em Barbados, em 2010. Com isso aqui de estrutura. Mas a diferença é a força de vontade, a vontade de realmente levar o nome do país, o seu nome ao topo do mundo. Então, isso fazia a gente ser diferente. Fazia a gente conquistar nossos objetivos. Mas eu te garanto que se a gente tivesse uma estrutura realmente maior, isso ia nos ajudar muito a ganhar, a conquistar realmente grandes resultados. Não apenas uma medalha de bronze, mas ser campeã olímpica, campeã mundial.

Pesquisadora: E você acredita que a bolsa te impulsionou pra conquista de uma vaga olímpica?

Adriana Araújo: Ah, com certeza! Com certeza! Como eu tinha dito, eu já tava com a bolsa, eu já tinha desde 2007, então, é óbvio que isso me dava tranquilidade. Eu não tinha realmente um grande suporte, mas me dava uma

certa tranquilidade pra pagar minhas contas, porque a bolsa não servia apenas pra me manter, ela servia também pra eu poder pagar minha vida pessoal, né. Como eu tinha dito, o atleta também tem uma vida normal, ele tem contas pra pagar, ele tem que sobreviver. Então, a bolsa me dava uma certa tranquilidade, apesar de que era muito pouco, mas me dava uma certa tranquilidade porque era uma garantia mensal, então, isso sim me dava tranquilidade, e me ajudou sim a conquistar a vaga olímpica. E os resultados positivos também. Quando a bolsa veio, isso me deu uma maior tranquilidade, eu tive certeza de que realmente estava seguro e os próprios resultados me garantiam novas bolsas, então isso me deu realmente uma estrutura maior, uma tranquilidade maior.

Pesquisadora: Então, as nossas perguntas acabaram. Você tem mais alguma coisa que queira falar sobre o esporte, que você ache interessante?

Adriana Araújo: Olha, eu acho que o que eu tenho que falar mais é em relação à questão das mulheres em si. Porque, assim, ainda há aquela... “ah, porque o esporte de luta as mulheres não praticam” ou qualquer coisa do tipo. Ainda existe isso, apesar que hoje melhorou muito, mas ainda existe. Mas, assim, acho que é um incentivo, né, pra que as mulheres realmente se dediquem 100% a esportes de luta, seja ele qual for. E eu ouvia dizer muito que o boxe é um esporte masculino, é um esporte de homem, mas em nenhum momento da minha vida, durante 20 anos praticando, eu nunca me excluí porque o boxe era pra homem. Mas, assim, que elas realmente procurem, apesar de não serem atletas, mas pelo menos incentivar a crescer a modalidade. Isso, eu tenho certeza, que vai ajudar muito. Por mim é só isso.

Pesquisadora: Eu queria te agradecer por ter participado, ajudado a gente, ajudou demais!

ANEXO 6

ENTREVISTA MICHEL BORGES, 20 de abril de 2018, 17h30.

Tempo de duração: 32 minutos.

Pesquisadora: Qual o seu nome completo, naturalidade e onde você reside atualmente.

Michel Borges: Meu nome completo é Michel de Souza Borges, eu venho do Rio de Janeiro e moro atualmente em São Paulo.

Pesquisadora: Eu quero que você me fale sobre a sua trajetória de vida e como você começou no boxe.

Michel Borges: Eu comecei no boxe com 10 anos de idade, porque desde pequenininho meu pai sempre me incentivou, falando do boxe e tal, por ele ser lutador, eu assistia bastante filme, lutas, bastante lutas, e aí despertou esse desejo desde criança. E justamente com 10 anos de idade, e justamente por eu estar falando sempre queria ser lutador, que queria fazer boxe, foi me apresentado a academia pelo amigo do meu pai e aí quando eu conheci a academia de boxe, no projeto Raff Giglio, Raff Giglio era o nome do meu professor, e comecei com 10 anos de idade e desde então nunca parei. Fazendo bastante luta interna, com os meus amigos durante o treinamento. Com 12 anos, perto de 13, eu fiz a minha primeira luta oficial e aí comecei a me destacar e aí eu fui um dos melhores na minha categoria infantil, depois fui cadete, campeão estadual, aos 17 eu fui campeão brasileiro juvenil, no primeiro campeonato brasileiro juvenil realizado aqui no país. E além de ser campeão ganhando três lutas, três bons atletas, eu fui eleito o melhor atleta do país em todas as categorias. E aí eu fui, continuei, tive a oportunidade, participei da seleção brasileira juvenil, fui para a Argentina, para o mundial no México também, e continuei a minha carreira. Antes da seleção brasileira permanente que eu fui convocado, eu dava aula em um projeto social, que é na minha comunidade. Hoje ele se chama "Instituto todos na luta". Dei aula durante três anos, aí quando eu fiz 20 (anos) eu participei do campeonato brasileiro adulto elite, e ganhei dos dois principais atletas do país e fui convocado pra seleção. Estou na seleção até hoje, e no final do ano eu vou completar sete anos de seleção permanente. Já disputei várias competições mundo a fora, em vários estados, em vários países por esse mundo todo aí, disputei Olimpíada, fiquei em 5º colocado, já na primeira luta já caí com um atleta profissional, do Camarões, ganhei dele, ganhei do segundo também, e perdi nas quartas de final, na disputa da medalha, né, para o Julio César La Cruz, o cubano. E aí continuo na seleção treinando e visando agora Tóquio, e outras competições futuras também importantes pro Brasil.

Pesquisadora: Legal! Você falou desse campeonato juvenil que você... que foi o primeiro campeonato juvenil do Brasil, você sabe me dizer em que ano que foi?

Michel Borges: Sim, é... 2008.

Pesquisadora: 2008, beleza. Você falou que você começou a treinar na Raff Giglio né?

Michel Borges: Isso.

Pesquisadora: Na época que você começou a treinar, era um projeto social?

Michel Borges: Isso, era um projeto social já. O Raff, ele, antes de ele ter o projeto social, ele dava aula para o pessoal de fora, Leblon, Ipanema, depois foi no Vidigal. No comecinho, mas dentro da comunidade, e aí ele vendeu a academia para poder ganhar o dinheiro dele, dava aula particular e tal. Só que aí começaram as guerras na comunidade, e aí a guerra em 2002 mais ou menos ou antes um pouco, e aí, muita confusão, ele começou a perder muito aluno pagante e ele não podia deixar aberta e ele já tinha algumas bolsas já, que ele já tinha dado para alguns alunos lá na comunidade. E aí, para não abandonar e manda o pessoal fora, ele continuou com isso e nunca parou. Ele continuou ajudando e está até hoje, e virou uma ONG “Instituto todos na luta”.

Pesquisadora: Legal! E você treinou com o Patrick nessa época?

Michel Borges: Então, eu comecei primeiro que o Patrick. Agora eu não lembro o ano que o Patrick entrou, mas... eu lembro que a gente treinou muito junto, deixa eu ver... mais ou menos em 2010 acho que ele entrou para a equipe, é, acho que foi em 2010, por aí, 2009 ou 2010. Acho que foi 2009. Aí a gente treinava junto todos os dias, e aí a gente fez amizade, a gente começou a viajar viajar para outros estados também para competições, e a gente sempre falava, sempre conversava muito sobre isso, de um dia a gente participar da seleção brasileira e realizar os nossos sonhos como atleta e viajar esse mundão como eu faço hoje, e a gente até disputou a Olimpíada juntos. E antes de tudo isso acontecer, um dia antes do campeonato brasileiro, que foi em 2011, eu falei para ele “Patrick, vamos treinar bastante para a gente chegar no campeonato brasileiro, que foi em Vila Velha – Espírito Santo, e vamos arrebentar nessa competição, vamos ser campeão brasileiro e vamos ser convocados para a seleção”. É... na competição eu fui o campeão, eu ganhei de três atletas, e ele perdeu na semifinal para um atleta da seleção também, olímpico e tudo. Aí ele lutou muito bem e estava se destacando muito, aí não deu outra, eu e ele fomos convocados juntos para a seleção, até a Olimpíada.

Pesquisadora: Que legal! Qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos?

Michel Borges: Então, muita gente me pergunta isso, e eu sempre falo basicamente a mesma coisa, porque devia ter mais oportunidades de projetos, porque se não fosse o projeto na minha vida, hoje eu não estaria aqui, não teria feito tudo o que eu fiz. Hoje eu dei uma casa para os meu pais, tenho uma vida

graças a Deus estruturada, tenho uma estrutura de trabalho, graças ao esporte. Se eu não tivesse tido essa oportunidade, que eu tive lá atrás, em 2002, com o Raff Giglio ter me dado uma bolsa, hoje eu não estaria aqui. Eu sou muito grato à oportunidade do projeto, porque seria muito difícil eu ter chegado aonde eu cheguei se eu não tivesse essa oportunidade. Eu acredito muito que se tivesse mais oportunidades como essas, muita gente aí teria um caminho muito melhor, né, para proporcionar para a sua própria família. Infelizmente, hoje a gente não tem tanto recurso assim de projeto. Então, esse projeto mesmo, ele ficou sem patrocínio durante vários anos, e assim, muita criança parou (de treinar), muita gente foi para o caminho errado infelizmente, porque dentro de comunidade muitas famílias não têm uma estrutura, então a criança cresce no meio da rua, aprendendo coisas que não prestam e acaba seguindo más influências, infelizmente. Eu dei aula no projeto e têm crianças que foram para o caminho bom e outras foram para o caminho errado, e hoje alguns infelizmente estão mortos, outros estão presos, e é assim... triste a realidade porque a gente vê muita criança se perdendo. E se tiver mais oportunidade, mais incentivo, eu acredito que vai mudar muita vida aí, de muita gente.

Pesquisadora: Entendi. E você se considera um talento identificado?

Michel Borges: Eu... sim, sei que eu tenho talento, mas mais do que talento sempre foi a minha determinação, né, e muita persistência para conseguir me destacar no meio dos outros. Porque, para se destacar tanto no Brasil quanto mundo afora, tem que ter um diferencial. Então, não basta só ter talento, mas um talento com determinação, mas acreditar, ter muita fé de que vai acontecer e é assim que eu me identifico; com muita persistência, raça e força de vontade para conseguir realizar os meus sonhos.

Pesquisadora: Isso aí. Onde você treina atualmente?

Michel Borges: Eu treino no Jorge Bruder, junto com a equipe permanente de excelência, todos os dias, de segunda a sábado em dois períodos: parte da manhã parte física e da tarde técnico-tático.

Pesquisadora: O que que você acha do seu local de treinamento?

Michel Borges: É um bom local, e melhor do que o local, eu acho que é a equipe. A equipe que está disponível para a gente tem quatro técnicos, preparador físico, nutricionista, psicóloga, massoterapeuta, fisioterapeuta, toda uma estrutura assim para os melhores atletas. Então, são os melhores de cada categoria aqui do país, treinando junto e crescendo junto a cada dia.

Pesquisadora: Legal! E você acha que ele é adequado para o esporte de alto rendimento?

Michel Borges: Sim, é adequado sim. Ele tem toda a estrutura que um atleta precisa ter para chegar ao topo.

Pesquisadora: Você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe?

Michel Borges: Não, não, é bem difícil saber isso [risos], eu não sei o número não, mas eu conheço alguns já pelas redes sociais, por matérias, mas eu acredito que tenha bastante.

Pesquisadora: E assim só... Esse lugar que você treina atualmente tem algum vínculo no sentido de ter recursos governamentais e algum tipo de apoio, ou é algo mais particular, assim, digamos?

Michel Borges: Ah, entendi, então esse clube é um clube da prefeitura, a academia de boxe da gente é dentro desse clube. E, assim, a gente é pela nossa confederação mesmo, que dá todo o recurso para a gente dentro da academia, então é cedido apenas o espaço, a estrutura toda quem dá é a confederação brasileira (de boxe).

Pesquisadora: Ah tá, entendi. E você sabe dizer se ele tem relação com o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa?

Michel Borges: Ah, tem sim, e dentro desse clube a gente treina no famoso NAR, Núcleo de Alto Rendimento, a gente faz a parte física lá, e é disponibilizado toda a estrutura para a gente treinar, tanto a parte da musculação, de equipamento, quanto a pista de atletismo, que é uma pista muito boa.

Pesquisadora: Ah entendi, legal! Você falou que você conhece alguns centros de treinamento por redes sociais e etc., você sabe me dizer os locais desses centros que você conhece? Tipo, é mais para o Sul, é mais...?

Michel Borges: Eu conheço o do Rio de Janeiro, eu conheço o projeto social que é o famoso "Luta pela Paz", que fica no Complexo da Maré, já desenvolveu vários talentos, uns já participaram da seleção e não estão mais, estão treinando em outros lugares; outros atletas também fazem parte da seleção brasileira. O Anderson de Oliveira faz parte, ele veio do projeto e outros nomes também, vários outros nomes. E também outras academias, agora de nome eu não estou recordando que tem no Rio de Janeiro e também que tem em São Paulo. Em São Paulo tem uma que é de um amigo, o Marcelo que treina com o Bolacha, e tem o apoio da *Everlast*, e outras também.

Pesquisadora: Entendi. Os seus técnicos são formados em Educação Física?

Michel Borges: Essa é uma boa pergunta [risos]. Meu técnico de boxe que eu saiba... um é formado em Educação Física e o restante eu não tenho essa certeza. Os que são formados são os profissionais da área, como preparador físico é formado, pós-graduado e tal, mas os técnicos eu acho que só têm um mesmo, eu não lembro de cabeça agora.

Pesquisadora: E você sabe se eles se atualizam regularmente com relação ao próprio boxe em si?

Michel Borges: Claro, claro. Tanto aqui no Brasil quanto lá fora, tem cursos de formação e para passar novas técnicas, novos... como é que eu posso dizer... regras, as regras sempre mudam no boxe né, inclusive a retirada do capacete, então muitas coisas assim eles sempre estão se atualizando. Acho que um mês, dois meses atrás, dois técnicos nossos foram fazer um curso de capacitação da AIBA (International Boxing Association) internacional para poder estar na seleção brasileira e participar de competições internacionais também, acho que o curso foi de uma estrela, então eles passaram na prova e tal, fizeram o curso, passaram e estão aptos agora a participar de competições internacionais.

Pesquisadora: Você faz parte da Marinha?

Michel Borges: Opa, Marinha não [risos]... eu faço parte do Exército.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Michel Borges: Eu sou terceiro sargento do Exército.

Pesquisadora: E como é que você ingressou no Exército?

Michel Borges: Então, todo ano tem edital, e aí os melhores atletas com os melhores resultados, praticamente o melhor do país que entra nas Forças Armadas. Eu entrei no Exército assim, participando do edital e mostrando lá no meu currículo, mostrando lá o quanto eu sou melhor e estou apto a fazer parte do Exército, no caso.

Pesquisadora: E você sabe como que funciona a organização do Exército com relação aos esportes?

Michel Borges: Como assim? Não entendi a pergunta.

Pesquisadora: Como que é a estrutura, como que funciona essa questão de captação de novos atletas, o próprio treinamento? Porque, por exemplo, você também faz parte da seleção agora, né, e como que funciona? Você treina pela confederação basicamente, mas como funciona esse treinamento pelo Exército? Pensando que tem um edital e que você vai lá como um grande atleta e consegue.

Michel Borges: Ah então, é tudo depende do resultado, como foi assim para eu entrar na seleção brasileira, foi assim para o Exército também. Eu fui o campeão brasileiro, fui o número um no país, e assim fui convocado para a seleção, e aí com os resultados e tal, me mostrando o melhor, superior, eu pude ter resultados suficientes para entrar nas Forças Armadas. Hoje, eu treino na seleção brasileira, mas sou militar e estou à disposição deles pra qualquer hora, se tiver competição militar eu vou estar representando o Exército. Como já teve várias vezes,

Exército contra a Marinha, e eu participei todas as vezes representando o Exército no caso. No campeonato mundial, eu também fui representando eles, toda luta que eu faço pela seleção, eu sempre estarei representando o Exército também. Além disso, tem umas ações sociais também no qual eu sou voluntário, eu vou dar palestras para jovens de comunidades assim como eu fui um dia, e aí eu estou à disposição do Exército 24 horas. Só não precisa trabalhar, tirar o serviço lá, nenhum dia, nenhuma vez. Pra ter noção, a gente vai umas três vezes, no máximo, em um ano no Exército pra poder fazer reciclagem e tal, marchar, fazer continência, mas nada demais. A gente não precisa ficar trabalhando... enfim, é só ser atleta, treinar e competir.

Pesquisadora: Perfeito! E esse treino sempre nesse Centro onde você já treina, que está relacionado à Confederação?

Michel Borges: Exatamente. Exatamente.

Pesquisadora: E você sabe dizer quais são os esportes que têm no Exército?

Michel Borges: Nossa... tem quase todos. Acredito que tem quase todos.

Pesquisadora: E pra todas as outras modalidades também abrem esses editais e tal?

Michel Borges: Isso. Todas as modalidades abrem o edital sempre. Isso é anual. E aí vai ser tudo com base nos resultados. Tem uma pontuação, cada competição equivale a um número lá de... nota... tem a nota e aí, com base nisso, é o melhor atleta que entra na equipe.

Pesquisadora: E, no caso, pra você renovar o seu "contrato", você tem que manter os seus resultados?

Michel Borges: Isso. E o contrato é renovado anualmente. Então, eu fiz cinco anos mês passado (março) e aí eu tenho que me manter no topo sempre, porque se meus resultados caírem e aparecer alguém melhor, possivelmente, esse atleta vai estar apto pra minha vaga, no caso. Eu tenho que sempre me manter entre os melhores. E o Exército, tanto o Exército quanto a Marinha e a Aeronáutica, é temporário. Sete a oito anos, podendo ser oito anos. Então, como eu tô no quinto, faltam dois, três anos pra mim.

Pesquisadora: Você tem algum patrocínio?

Michel Borges: Patrocínio... há um tempo atrás eu tava com patrocínio da Everlast, mas ainda não foi renovado. E aí... possivelmente, estarei fazendo um novo contrato ou não, tem que esperar pra saber.

Pesquisadora: E esse patrocínio é no sentido de que eles te dão material esportivo ou financeiramente também?

Michel Borges: Com equipamentos mesmo. Só material. Todo equipamento que o atleta precisa: luva, capacete... sapatilha, é tudo de material, nenhum valor, não.

Pesquisadora: E como é que funciona? Eles dão esse patrocínio pra você de mês em mês, de ano em ano?

Michel Borges: Então, eu já tive duas vezes esse apoio. Uma foi nos Jogos Olímpicos, que eu recebi uma remessa... eu não tenho exatamente o valor, assim. Eles mandaram sapatilha e tal... eles mandaram até mais coisas. Depois, eu fiz um novo contrato, que eles começaram a me mandar a remessa de três em três meses.

Pesquisadora: E qual é a sua principal fonte de renda, hoje?

Michel Borges: Então, a minha principal fonte de renda é o Bolsa-Atleta, a Bolsa Pódio, e o Exército.

Pesquisadora: Em que ano você começou a receber o Bolsa-Atleta?

Michel Borges: Se eu não me engano, foi em 2010.

Pesquisadora: E você passou por quais categorias de bolsa?

Michel Borges: Então, foi a primeira mesmo, que a outra é Nacional, aí até a Bolsa Pódio. Eu não passei pela Internacional. Eu fui direto pra Pódio por resultado, que eu tinha o resultado.

Pesquisadora: E a Pódio você começou a receber em que ano?

Michel Borges: Foi... esse negócio de número não é muito comigo, não [risos]. Foi em 2014 ou 15.

Pesquisadora: E pra que você utiliza sua bolsa?

Michel Borges: Então, além de me manter, comprar meus suplementos e tal, tudo o que um atleta precisa, alimentação, enfim, eu posso também juntar e, no caso, eu dei a casa pros meus pais. Todo dinheiro que eu pegava, eu ia juntando. E aí eu comprei uma casa e assim eu tô fazendo com a minha vida agora.

Pesquisadora: Você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Michel Borges: Dá toda uma estrutura, assim, uma tranquilidade pra poder treinar, dá uma segurança a mais também, que geralmente o atleta não tem. E pra chegar nesse Bolsa aí, ah, demora muito. Muitos anos aí de porrada e de suor. Mas, eu considero como bolsa mesmo e uma ajuda, assim, extra.

Pesquisadora: Hoje, você tem a Bolsa Pódio, que é a top, né. Qual é a tua perspectiva, em um sentido geral, da bolsa e pensando os outros níveis da bolsa Nacional que você teve: é suficiente você se manter, pensando todas as obrigações que você tem, enquanto atleta, enquanto ser humano também? É suficiente se manter, enquanto atleta, apenas com a Bolsa-Atleta? Ou isso depende dos níveis? Sem o salário do Exército, a tua vida se complicaria mais?

Michel Borges: Aham, entendi. Então, o Bolsa-Atleta, ele é algo a mais. Não é só o Bolsa-Atleta que ajuda inteiramente. É um pouco de cada: seleção brasileira, aí o Bolsa-Atleta, o Exército também. Então, eu acho que é um pouco de cada que vai te dando um suporte grande, entendeu? Porque se a gente dependesse apenas de um rendimento, talvez eu não conseguiria fazer o que eu faço hoje, então, tudo é importante. Um pouquinho aqui, um pouquinho ali, e faz a diferença.

Pesquisadora: E você recebe algum tipo de salário da seleção brasileira?

Michel Borges: A seleção brasileira tem um salário, sim, que é uma ajuda de custo, para o atleta se manter, e quando chega na seleção tem apenas o salário da seleção e uma metade tem o Bolsa-Atleta, nem todos.

Pesquisadora: E você utiliza a sua bolsa para estar participando de competições, pagar inscrições, deslocamentos?

Michel Borges: Na verdade, no boxe, as competições são pagas pela Confederação. Toda viagem que a gente faz, a gente não paga inscrição, viagem, alimentação, assim, na viagem não, porque é toda custeada pela seleção brasileira.

Pesquisadora: E você acredita que a bolsa te impulsionou pra conquista de uma vaga olímpica nos Jogos Rio 2016?

Michel Borges: Sim, sim. Como, assim, é... geralmente, os atletas que vêm do boxe, vêm de família humilde, no caso, eu mesmo. A minha família nunca teve uma casa própria, então, se não fosse o Bolsa-Atleta, a seleção brasileira, o Exército, me dando um apoio financeiro, talvez, eu não teria ido pros Jogos Olímpicos, porque teria que de alguma maneira conseguir dinheiro pra poder sustentar a minha família, algo melhor, pra se manter. Então, eu acho que as três fontes de renda me ajudam muito a ficar livre de preocupação de contas e tal, e do amanhã se vai faltar um alimento e tal. Então, se não fossem essas rendas que eu tenho, no caso, como atleta, talvez eu não estivesse nem na seleção, na Olimpíada, não teria viajado, enfim. Então, é muito importante ter esse apoio financeiro, porque se não tivesse ia ter que trabalhar, ia ter que correr atrás de alguma maneira e não ia poder treinar.

Pesquisadora: E você falou que você foi convocado pra seleção. Você sabe me dizer por que um atleta pode ser desligado da seleção brasileira?

Michel Borges: Sim, sim. Assim como o Exército e também outras equipes, acredito que tudo é o resultado. A gente pode ser bom o quanto for, mas se chegar na hora lá da luta e não tiver o resultado esperado, você é desligado, porque a gente vive de resultado. Se não fosse meu resultado, hoje eu não estaria na seleção, no Exército, então, tudo depende do teu rendimento, dos teus resultados, porque sem ele é muito difícil. Eu não estaria no Bolsa Pódio, se não fossem meus resultados. Não estaria na seleção, também. Então, eu venho me mantendo aí o melhor do Brasil. Ano passado, eu fui campeão brasileiro de novo, fiz três lutas, ganhei as três lutas e tô na seleção de novo, então é... tem que treinar e buscar o melhor resultado possível.

Pesquisadora: E basicamente, hoje, você só treina, né? A tua profissão é atleta, mesmo? Você só se dedica ao boxe?

Michel Borges: É. O meu trabalho é o treinamento. Treinamento de manhã, parte física à tarde, às vezes à noite também, e luta. Minha vida é treinar e lutar.

Pesquisadora: Perfeito! Eu queria te agradecer de novo, por estar ajudando a gente.

Michel Borges: Quando precisar, podem contar comigo!

Pesquisadora: E aí só faltou um detalhezinho: você pode dizer que a gente pode utilizar a tua fala, entrevista, no trabalho, pra fins de pesquisa?

Michel Borges: Tá autorizado! Eu autorizo a usar a minha voz, a minha imagem pro seu trabalho.

Pesquisadora: Muito obrigada! Muito obrigada mesmo!

Michel Borges: Opa! Que isso... Sucesso pra vocês!

ANEXO 7

ENTREVISTA JUAN GONÇALVES NOGUEIRA, 23 de abril de 2018, 12h.

Tempo de duração: 24 minutos.

Pesquisadora: Primeiro, eu quero te agradecer de novo por estar participando, colaborando com o meu trabalho. Eu queria que você me dissesse novamente se você concorda em participar da entrevista, e se eu posso usar o conteúdo da entrevista no meu trabalho.

Juan Nogueira: Sim, sim, pode sim.

Pesquisadora: Qual é o seu nome completo, naturalidade e onde você reside atualmente?

Juan Nogueira: Meu nome é Juan Gonçalves Nogueira, eu sou natural de São Paulo e eu resido em São Paulo.

Pesquisadora: Agora eu quero que você me fale como foi a sua trajetória de vida e como que você iniciou no boxe.

Juan Nogueira: Então eu sempre tive... eu sou filho único, né, eu não tive pai, meu pai deixou minha mãe quando eu era bem novo, com três anos acho, dois anos, minha mãe me criou sozinha a vida inteira, passamos por bastante dificuldades e... aí com 13 anos no colégio, um amigo me chamou para treinar boxe, eu novo, um moleque grandão, aí ele me levou para treinar boxe. Comecei a treinar, minha mãe nunca foi a favor, sempre foi contra, nunca apoiou, nunca me incentivou, porque ver eu tomando porrada na cara é difícil. E aí eu comecei com 13 anos, fui campeão infantil, fui campeão de muita coisa, aí eu demorei muito tempo para perder, e um dia eu tive que parar porque não tinha incentivo né, o boxe não tem incentivo, é difícil.

Aí com oito anos de boxe, acho, eu parei para trabalhar, que eu trabalhava na noite, trabalhava como *bartender*, depois como ator, já fiz teatro, já fiz um monte de coisas. Eu tinha que trabalhar, tinha que me virar, e aí interrompi o boxe.

Daí um dia depois de três anos parados, um dia o meu ex-técnico me chamou e falou para eu voltar a treinar, eu falei "cara eu não vou voltar sem ganhar nada, não dá para voltar para essa vida de novo". Aí ele me arrumou uma bolsa, um apoio, um apoio pequeno para eu voltar, e eu voltei em 2012, em 2013 eu fui para seleção de novo, de novo não eu nunca tinha ido. Aí eu fui para seleção em 2013 e fiquei na seleção até agora no final do ano passado (2017), foram cinco anos na seleção e aí várias conquistas, inclusive eu fui o primeiro atleta na minha categoria de 91Kg a ir para as Olimpíadas no Brasil, na minha categoria ninguém foi, eu fui o primeiro.

Pesquisadora: Legal. É, em qual instituição você começou a treinar?

Juan Nogueira: Comecei a treinar no Centro Olímpico. Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, aqui na Ibirapuera, aqui em Moema (São Paulo-SP).

Pesquisadora: Que é onde a seleção treina atualmente?

Juan Nogueira: Não, hoje eu treino atualmente, treino na Gracie, na Ryan Gracie, uma academia que o que acontece, eu comecei a treinar no Centro Olímpico e treinei muito tempo lá, e quando eu voltei a treinar com incentivo foi com outro técnico que ele era atleta do Centro Olímpico também e eu voltei pra Gracie, pra Ryan Gracie. De lá eu fui para a seleção, então hoje eu pertença a Gracie entendeu. O Centro Olímpico tem portas abertas, eu treino lá quando eu quero também, mais quem eu represento mesmo, hoje, é a Ryan Gracie, academia do meu ex-técnico, do meu técnico atual, enquanto eu estava na seleção, agora que saí eu voltei para lá de novo e tô treinando na Gracie. O Centro olímpico foi o meu primeiro clube, e a Gracie meu segundo. E eu tô na Gracie hoje.

Pesquisadora: Entendi. E o que você acha do seu local de treinamento?

Juan Nogueira: É bom, é bom, a estrutura é boa, tem tudo o que eu preciso lá. Pra treino de boxe tem tudo. E aí em conjunto eu faço treino físico com um amigo meu em uma academia de *crossfit*, só que eu faço levantamento de peso olímpico, eu não faço *crossfit*, que me auxilia no boxe, então o meu físico eu faço com ele lá. E o técnico, o técnico eu faço na Gracie e na Companhia Atlética também. Três vezes por semana eu treino na Gracie, segunda, quarta e sexta, terça e quinta eu treino em lugares alternativos com horários diferentes, porque eu dou aula à noite terça e quinta na academia que eu tinha falado, então terça e quinta eu treino na Companhia Atlética, da Cansas, que um amigo meu, o Cebola, ele me auxilia e eu treino com ele lá. E meu físico de manhã eu faço por conta e em uma academia de *crossfit*, na Padre Antônio (rua), academia Kampu. Eu treino em três academias praticamente.

Pesquisadora: Entendi. E você acha que esses locais onde você treina, eles são adequados para o esporte de alto rendimento?

Juan Nogueira: Sim, sim são. Eles têm tudo o que eu preciso sim. Até pelo nome que eu tenho, pelos contatos, então eu consigo treinar em locais bons assim, não preciso pagar. E isso é difícil, treinar em uma academia de nível assim, tipo a Companhia Atlética, na Gracie, ou até essa Kampu que tem uma estrutura boa, não é fácil assim, não sei se todos os atletas têm essa oportunidade que eu tenho, mas eu consigo treinar em locais bons que conseguem suprir todas as minhas necessidades técnicas e físicas. Bem parecido com a seleção assim onde eu treinava, se não mais, às vezes, algumas coisas eu tenho até melhor lá.

Pesquisadora: Entendi. E você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe?

Juan Nogueira: Ah eu tenho, eu tenho, têm bastante academia aqui em São Paulo. Assim, mas, em nível de excelência, de alto rendimento são muito poucas. Na verdade, são pouquíssimas mesmo, que têm uma estrutura top de alto rendimento, mas na medida do possível têm bastante academia. Eu acho que o que mais conta hoje é o material humano, têm muitos técnicos que estão interessados, fazendo curso, que estão estudando. E está melhorando, agora física e técnico, o equipamento em si mesmo têm algumas academias que são boas em São Paulo, que eu tenho conhecimento.

Pesquisadora: Você falou que os seus técnicos eles estão constantemente estudando, se atualizando, eles são formados em Educação Física?

Juan Nogueira: Sim, meu atual técnico... meu atual técnico ele tem o CREF (Conselho Regional de Educação Física) sim, ele tem o CREF, mas eu acredito que seja por... ele não é formado em faculdade, mas ele tem o CREF igual eles tiravam antes e tira até hoje para quem trabalha com o boxe Há mais de 25 anos e tem experiência, tem que provar e prova também que tem uma noção boa e tal, que é não formado em Educação Física, mas ele tem um posicionamento de um profissional de Educação Física e ele tem o direito de dar aula de boxe.

Meu técnico, meu preparador físico sim é formado e o outro tem o CREF. Meu principal técnico tem esse CREF provisório, e o meu segundo técnico, que é o Cebola da Companhia Atlética é formado e tem pós-graduação, e o terceiro que é o meu técnico físico, meu parceiro que faz meu físico ele tem formação. Só o Toni, meu principal técnico que não tem formação, mas ele tem o CREF e autorização para dar aula.

Pesquisadora: Entendi, e você participa da Marinha?

Juan Nogueira: Sim, eu sou sargento da Marinha. É a minha principal fonte de renda hoje. Graças a Deus, que a Marinha ajuda atletas assim, ajuda não, a Marinha é o carro chefe de 90% dos atletas que estão no alto rendimento hoje. Tanto que na Olimpíada acho que 70% das medalhas foram conquistadas por atletas das forças armadas, seja ela Marinha, Aeronáutica ou Exército. Então isso aí é o meu ganha pão, é o que me mantém no boxe. Porque se não fosse a Marinha hoje, que eu não estou mais na seleção que esse ano eu vou ficar fora, eu estaria sem ganhar nada por exemplo, eu estaria na mesma situação que antigamente lá no Centro Olímpico, então hoje graças à Marinha e o que eu faço, eu dou aula, eu consigo me manter, eu consigo me dedicar ao boxe.

Pesquisadora: Entendi, e como você ingressou na Marinha?

Juan Nogueira: Na Marinha é por edital, é um concurso público que abre e os melhores do Brasil eles se candidatam e é por pontuação mesmo, então se eu tenho um título internacional, nacional, isso acaba somando pontos que você ganha, e cada ponto que você ganha, mais no topo você fica e é mais difícil

alguém chegar e ganhar de você. Agora, quando eu me inscrevi, que é um edital normal que abre e sai no diário oficial e tudo, e quando eu me inscrevi lá nele, com a minha pontuação eu fiquei no topo, fui o melhor do Brasil, sou ainda, e com esse ponto você entra, faz umas avaliações e um monte de exames e você se torna um sargento. E isso vai renovando anualmente, então você sempre tem que dar resultados e tal, mas eu sou sargento da Marinha hoje.

Pesquisadora: E faz quanto tempo que você está na Marinha?

Juan Nogueira: Desde 2014, vai fazer quatro anos em outubro. O máximo que eu fico são oito anos lá.

Pesquisadora: E você sabe me dizer se após esses oito anos passado um período de tempo você pode se candidatar novamente?

Juan Nogueira: Acho que não, porque eu sou sargento temporário, né. Então, o máximo que eu fico lá dentro são oito anos, no máximo o que eu posso fazer, eu preciso me informar é estar como carreira, que eu estou fazendo faculdade, eu estou acabando a faculdade, então eu com o ensino superior eu posso pegar como tenente. Mas eu não tenho certeza se como temporário eu posso entrar de novo, eu posso entrar como carreira, eu preciso me informar, mas obrigatoriamente acaba meus oito anos e eu saio, naturalmente.

Pesquisadora: E que curso você está cursando?

Juan Nogueira: Educação Física.

Pesquisadora: Ah legal, está na área já.

Juan Nogueira: Legal, Educação Física, comecei faz muito tempo já, comecei em 2008, só que, meu... não acaba, vai volta, tranca, vai para outra faculdade, aí com a seleção ficou mais difícil ainda, treino duas vezes no dia, aí no quinto semestre eu parei, vou continuar, bora lá.

Pesquisadora: Isso aí! E você sabe me dizer quais são os esportes que a Marinha desenvolve hoje?

Juan Nogueira: Nossa, têm bastante esporte. Dos esportes olímpicos assim, eu acho que, cara, eu acho que quase todos assim, o que tem no CEFAN (Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes) que eu tenho conhecimento, nossa, futebol, atletismo, levantamento de peso, boxe, né, luta greco-romana, que é luta olímpica né, taekwondo... agora, mais coisa... tem também, como chama... orientação, que eu acho que vai se tornar olímpico, não é ainda. Esses aí são esportes olímpicos, mais aí esporte naval, militar também tem um monte.

Pesquisadora: Têm vários?

Juan Nogueira: Tem pentatlo naval, tem tudo quanto é competição naval, mas é isso o que eu lembro de cabeça, mas esporte olímpico tem muita coisa, futebol, tem muita coisa, é... eu não sei de todos.

Pesquisadora: Eles desenvolvem os não olímpicos também?

Juan Nogueira: Eu não tenho conhecimento dos não olímpicos, porque esse programa de incentivo da Marinha, que as Forças Armadas pagam os atletas, ele chama PROLIM (Programa Olímpico da Marinha), é Programa Olímpico, então logo os esportes são olímpicos todos, entendeu, porque, eu não sei se em contrapartida eles também desenvolvem outros esportes que não sejam olímpicos, eu não sei se tem não olímpico tem que confirmar. Mas esportes olímpicos nesse programa da Marinha, que é em parceria com o COB (Comitê Olímpico Brasileiro), que é o PROLIM, que tem o incentivo para a Olimpíada mesmo.

Pesquisadora: Legal! E você já está se preparando para os próximos Jogos Militares?

Juan Nogueira: Sim, estou sempre, eu não paro de treinar na verdade, né, no final do ano agora tem uma seletiva que vai definir quem vão ser os representantes, tem eu da Marinha e tem representante do Exército também, então tem que se enfrentar na seletiva para ver quem vai representar o Brasil ano que vem nos Jogos Militares.

Pesquisadora: Entendi, que legal! Espero que dê tudo certo e você vá, né?

Juan Nogueira: Sim, estou treinando para isso.

Pesquisadora: E você tem algum patrocínio?

Juan Nogueira: Não, pessoal não. Estou buscando, mas ajuda pessoal eu não tenho. Tenho só a Marinha mesmo que me paga.

Pesquisadora: Você falou que a sua principal fonte de renda é a Marinha hoje, mas você continua recebendo Bolsa-Atleta?

Juan Nogueira: Sim, hoje eu recebo Bolsa Pódio, que com as Olimpíadas, eu fiquei em 17º no mundo, então eu tenho direito a receber a Bolsa Pódio, eu estou recebendo e vai acabar em julho agora, em junho acaba, e anualmente você tem que renovar também. Aí eu não sei se eu vou conseguir renovar o Bolsa Pódio, porque eu não estou mais entre os 20, mas aí eu vou continuar recebendo a bolsa olímpica eu acho por ter participado das Olimpíadas. Então, a minha principal fonte de renda é a Marinha, porque ela é fixa e eu recebo todo mês. O bolsa em uma época do ano você se inscreve e recebe, mas não é o ano inteiro, você recebe o equivalente a 12 parcelas. Mas não recebe o ano inteiro, então você começa a receber em julho e recebe até abril do ano que vem, por exemplo.

Eles pagam duas de uma vez, três. Mas a minha fonte de renda que é certeza mesmo é a Marinha.

Pesquisadora: E você sabe me dizer desde que ano você recebe o Bolsa-Atleta?

Juan Nogueira: Nossa, o Bolsa-Atleta eu comecei a receber acho que em 2012.

Pesquisadora: Foi quando você voltou?

Juan Nogueira: Quando eu voltei a treinar de novo.

Pesquisadora: Entendi, e você sabe me dizer quais foram as categorias de bolsa que você já recebeu?

Juan Nogueira: Nacional, Internacional e agora Pódio.

Pesquisadora: Então, você nem passou pela Olímpica, foi direto para a Pódio?

Juan Nogueira: Não, fui para a Pódio, talvez eu vá para a Olímpica agora porque eu não fiquei entre os 20 (do ranking mundial), mas eu não passei pelo olímpico não, foi a primeira Olimpíada que eu disputei.

Pesquisadora: Entendi, e você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Juan Nogueira: Ah, qual a diferença, será? Acho que... um auxílio financeiro. Auxílio, porque não é um salário, você não recebe todo mês sempre, não é certo entendeu? Eu não consigo contar com ele de janeiro a dezembro. Eu vou me inscrever e uma hora ele vai aprovar, demorar três, quatro meses, atrasa, às vezes. Então, é um auxílio esportivo, mesmo, é um auxílio porque eu não posso contar com ele todo mês certinho. Eu recebo 12 parcelas, mas demora.

Pesquisadora: Entendi, e para que você usa a sua bolsa?

Juan Nogueira: Ah, é auxílio geral, para o que precisar, desde material esportivo até suplementação ou também uso pessoal mesmo. Para o que precisar, até para pagar aluguel se precisar eu tenho que usar.

Pesquisadora: Entendi, e você já utilizou ou utiliza a sua Bolsa-Atleta para participar de competições, fazer inscrições, deslocamentos?

Juan Nogueira: Não, ainda não. Porque todo o tempo que eu recebi Bolsa-Atleta praticamente eu estava na seleção, então eles pagam tudo, eles custeiam tudo, viagem, tudo. Agora que eu estou fora eu não precisei ainda, mas... é que no boxe não precisa pagar inscrição, né, então para viajar para o brasileiro (campeonato de boxe) eu já tive que pagar do meu bolso, realmente, então eu devo ter usado sim para viagem, para ir para outro estado. Mas é mais para uso pessoal mesmo. Tanto para o esporte direta e indiretamente.

Pesquisadora: E você acredita que a bolsa do Bolsa-Atleta, ela te impulsionou para a conquista de uma vaga olímpica nos Jogos Rios 2016?

Juan Nogueira: Ah... não sei se diretamente não, porque eu era da seleção, e na seleção tinha um salário, tinha convênio, tinha *ticket* de restaurante. Então, eu acho que o respaldo da seleção foi o principal, assim, em segundo plano, sim, o Bolsa-Atleta, mas não sei se só com ele talvez eu conquistaria não, eu não conquistaria a minha vaga para a Olimpíada não. Mas é um ótimo auxílio sim, eu acho que muito atleta no Brasil vive disso. Então eu não posso tirar o mérito, porque tem muita gente que depende disso e só disso, que é o Bolsa-Atleta. Mas se fosse com mais regularidade e com mais certeza ia ser melhor. Eles pagam, mas demora muito, demora, atrasa, então se fosse mais regular ajudaria mais, todo mês ia ser melhor.

Pesquisadora: E eu te pergunto isso não só porque é uma pergunta que eu faço para todos os atletas, mas porque você foi um dos únicos atletas que realmente participou de uma seletiva e conquistou a sua vaga, né, então faz a diferença.

Juan Nogueira: Sim, sim, eu fui, que foi para a Olimpíada e que conquistou a vaga foi só eu, o Robson...

Pesquisadora: E a Andréia né?

Juan Nogueira: E a Andréia. Eu, o Robson e a Andréia. Só nós três, o resto, todos ganharam a vaga. Então na seletiva mesmo do pré-olímpico só eu e a Andréia, porque o Robson já tinha se classificado um ano antes. Então, o negócio foi árduo, nos 47 do segundo tempo, na última seletiva que tinha eu ganhei dos Estados Unidos na disputa.

Pesquisadora: Legal! E você falou que o seu contrato com a seleção não foi renovado, você dizer por quê? Se quando você é desligado da seleção é porque você não atingiu os resultados que eles queriam ou se possivelmente existe alguém que é melhor na sua categoria?

Juan Nogueira: Sim, acho que resultado não é, porque todos os campeonatos que eu fui praticamente eu trouxe medalha, a minha categoria é muito pesada, é muito difícil, eu fui o primeiro pesado 91Kg na minha categoria a ir para uma Olimpíada então, eu tenho mérito aí. Eu vejo que é mais testar moleques novos mesmo, entrou dois caras bons lá. No brasileiro passado, que é a primeira avaliação e a principal avaliação deles para formar a seleção é o brasileiro, e no final do ano passado eu me machuquei e não fui para o brasileiro, eu machuquei a mão e não fui. Então eles determinaram que pegariam o campeão e o vice e levaria para a seleção, e pegaram dois moleques mais novos que eu e são bons também e eles vão testá-los segundo o Mateus meu técnico, meu ex-técnico falou que vão testá-los e eu vou lutar com eles e não tem nada certo para 2020. Eu estou treinando, eu estou lutando, inclusive eu lutei agora com um deles, o

Mateus, eu ganhei dele faz duas semanas. E o campeão brasileiro atual perdeu para mim três vezes também, então os dois não ganharam de mim. Então são moleques novos, moleques que são promissores. Eu acredito que seja isso, se tem alguma coisa por trás também eu não sei, mas eu imagino que seja isso. Me falaram também que foi isso. Então eu prefiro ficar com isso, e no final do ano eu vou e luto com eles e mostro quem é melhor.

Pesquisadora: Sim.

Juan Nogueira: Aí eu vou para 2020 que é o meu objetivo principal.

Pesquisadora: E eu te pergunto isso porque, pelo o que eu estava vendo dos convocados deste ano para a seleção, só o Michel continuou na seleção, então é isso que me intrigou assim. Poxa, se as pessoas estão mantendo resultados porque estão sendo desligadas.

Juan Nogueira: Então, eles estão com um negócio de renovação, renovar para mudar. O Michel só foi mesmo porque ele ganhou o brasileiro na final mesmo, porque se ele não vai para o brasileiro ou se ele perde talvez ele não iria.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Juan Nogueira: Eles estavam bem assim determinados a renovar, a mudar, testar os outros e tal. Ele (Michel) tem o mérito dele, ele ganhou do Lucas lá, tanto que ele perdeu do Lucas agora, o menino que ele ganhou no Brasileiro, na final, ele acabou de perder dele agora, lá fora, na seletiva que eles tinham pra ir pro Sul-americano. Pra você ver como é o boxe. E essa aí ele ia para o Sul-americano, quem ganhasse essa luta ia pro Sul-americano. Então o Michel perdeu pro menino mais novo. O Michel é bom, os dois são bons, mas você vê como a coisa muda, né, se acontece isso na final do Brasileiro talvez ele não fosse para a seleção, entendeu? Então, renovaram mesmo... eu estou tranquilo, eu estou voltando, treinando, faz parte, né. Porque, principalmente pra Marinha, a gente tem que manter o resultado.

Pesquisadora: Ah, entendi. As minhas perguntas já acabaram, mas se você quiser me falar mais alguma coisa que você ache interessante sobre o esporte ou sobre você mesmo no boxe, fique à vontade.

Juan Nogueira: Não, eu acho que é isso, eu acho que o esporte está em ascensão, principalmente o boxe depois desta medalha de ouro aí, somos mais bem vistos agora. Nunca teve muito espaço, então, o COB já direciona mais dinheiro par o boxe naturalmente, quem não é visto não é lembrado, né. Então, se você foi visto com uma medalha de bronze em 2012, de ouro em 2016, então vai melhorar o incentivo e eu acredito nisso pra caramba. 2020 é o meu objetivo principal, se não o meu único objetivo e ganhar uma medalha lá também. Aí vou eu.

Pesquisadora: Isso aí, estamos na torcida.

Juan Nogueira: Vamos que vamos, que tem bastante chão pela frente.

Pesquisadora: Então eu queria te agradecer novamente.

ANEXO 8

ENTREVISTA ROBENILSON VIEIRA DE JESUS, 23 de abril de 2018, 14h.

Tempo de duração: 40 minutos.

Pesquisadora: Primeiro, eu queria te agradecer novamente, por estar colaborando comigo e queria pedir para você falar se você concorda em participar da pesquisa e se eu posso usar os dados da entrevista no meu trabalho.

Robenilson de Jesus: Concordo, tudo sob controle.

Pesquisadora: Eu queria que você me falasse qual o seu nome completo, naturalidade e onde você reside atualmente.

Robenilson de Jesus: Meu nome é Robenilson Vieira de Jesus, eu sou natural de Boa Vista do Tupim, interior aqui da Bahia, e agora eu tô residindo em Lauro de Freitas, município da Bahia.

Pesquisadora: Ok. E agora eu queria que você me falasse qual é a sua trajetória de vida e como você iniciou no boxe.

Robenilson de Jesus: Na verdade, eu sempre gostei muito do esporte. Eu jogava futebol antes, num clube aqui que é o Vitória. Meu pai veio a falecer e aí eu conheci um colega, que me ensinou o boxe. Era dentro da minha casa, num porão. E aí, com três meses de aprendizado, eu fui lutar e acabei ganhando, tomei gosto. E aí as portas começaram a se abrir, quando o Popó queria um atleta para ir para São Paulo, para os Jogos Abertos do interior. Quem ia nesse evento era o Robson Conceição, o atual campeão olímpico, mas ele estava sem treinar e eu fui no lugar dele, e com isso eu consegui entrar na seleção brasileira de boxe em 2005. Fiquei de 2005 até 2016 como titular.

Pesquisadora: Você falou que você começou a treinar... Foi em que ano isso?

Robenilson de Jesus: Eu comecei em 2004. Em 2005, eu já peguei a primeira luta. Foi tudo muito rápido. Em 2007, eu já estava no Rio de Janeiro, ia me preparar para Olimpíada de Pequim, na China. E daí eu não parei mais, foi tudo muito rápido.

Pesquisadora: Então, você já participou de três edições dos Jogos Olímpicos?

Robenilson de Jesus: Com certeza.

Pesquisadora: E qual foi a primeira instituição em que você treinou boxe?

Robenilson de Jesus: Na academia Champion, a mesma academia que o Robson. Robson começou primeiro do que eu. Então, eu comecei três anos depois dele.

Pesquisadora: E qual a sua visão sobre a criação de projetos esportivos que identifiquem novos talentos?

Robenilson de Jesus: Eu sou um pouco suspeito em falar, porque eu criei um projeto social em 2013. E infelizmente o Brasil precisa muito de projetos, não só o boxe, mas várias outras modalidades. Infelizmente, o Brasil só foca no futebol, mas tem muitos outros esportes que precisam, que são carentes de um projeto social. Que o projeto social resgata e também ele forma o cidadão de bem. E o meu projeto social não tem apoio nenhum, é só ele próprio, então, fica um pouco difícil você tirar do seu próprio bolso e formar um cidadão de bem na comunidade. E dentro dessa comunidade sai um atleta olímpico. E, na verdade, se o governo não puder ajudar, se o governo não incentivar, perde o adolescente pro tráfico. E é o que tá acontecendo em Salvador, como tem em várias outras cidades. E poderia o governo tá ajudando, apoiando o esporte, e com isso vai tirar as crianças da malandragem.

Pesquisadora: Você chegou a participar de algum projeto social?

Robenilson de Jesus: Participei. Eu logo quando eu entrei no boxe, eu participei do projeto. Tanto que eu vim pra capital e eu sei que o projeto social tem o poder de transformar a vida. Então, por isso que eu faço parte do projeto social, porque eu tenho certeza que do projeto vai sair outra Adriana Araújo, outro Robson, Robenilson, Pedro Lima, atletas que saíram daqui e hoje são olímpicos.

Pesquisadora: Legal! E você sabe me dizer o nome desse projeto de que você participou?

Robenilson de Jesus: O projeto se chamava “Campeões da vida”, o Dórea que é o fundador e até hoje tem o projeto social. O que falta é investimento. Material humano tem.

Pesquisadora: Você se considera um talento identificado?

Robenilson de Jesus: Rapaz, muitos dizem que minha fama de atuar, de boxear é de envolver, da Adriana também, do Robson... cada um tem a sua. E eu tenho isso em mente pra mim, mas eu acho que eu me tornei uma referência com a galera do boxe e outras modalidades, que eu tô sempre disponível. Me liga lá, eu faço questão de ir. Independente de não ser o boxe, ser outra modalidade, capoeira, judô, eu vou porque eu sirvo de lição, na comunidade carente... de ver a dificuldade, todos nós temos dificuldades, mas Deus abriu as portas de maneira que a gente possa ajudar. Eu, então... meu projeto social se chama “Ginga Boxe”. Colocaram o... o nome foi um colega meu que colocou “Ginga Boxe”, porque eu luto movimentando, então ele falou “você tem um gingado bom!”, então o projeto hoje é “Ginga Boxe” por essa referência.

Pesquisadora: Entendi... E onde você treina atualmente?

Robenilson de Jesus: Na academia Champion. No momento em que passei pro profissional, a gente perde todo o apoio do governo... Bolsa-Atleta, bolsa estadual, que é bolsa estadual, bolsa federal e não tem patrocínio nenhum. A não ser o Robson Conceição que tem uma promotora e... eles podem lutar com uma bolsa, garantia de salário. Eu e a Adriana não temos essa ajuda de custo... E eu estou praticamente parando de lutar, porque o investimento aqui é zero! E agora como eu tenho um filho, eu não posso treinar sem garantia. Aqui em Salvador é complicado! A Adriana é atleta olímpica e não tem um patrocínio. O Robson Conceição foi campeão agora aí...

Pesquisadora: E o que você acha do seu local de treinamento?

Robenilson de Jesus: Ah, excelente! Tem material humano, mas não tem apoio, sei lá por quê. Se for reparar, se focar nos olímpicos, de quatro em quatro anos, sempre tem um baiano. Tem três, quatro baianos. Nós somos uma potência! Mas não tem apoio financeiro. Acredito que a medalha olímpica de Adriana e a de Robson foi devido ao apoio da Petrobrás, que entrou e investiu pra poder fazer intercâmbio na Europa, que a gente não fazia antes. Eu tô na seleção desde 2005, o máximo que eu viajava era pra América do Sul. Com a chegada da Petrobrás, a gente foi pra Europa, até pra Ásia. Então, eu acho que isso deu um patamar que a gente possa treinar de maneira adequada e o resultado veio com a Adriana Araújo, o Esquivá e o Yamaguchi, o Robson Conceição com a medalha inédita agora, então é isso que a gente queria que o esporte chegasse.

Pesquisadora: E você acha que o seu local de treinamento é adequado para o esporte de alto rendimento?

Robenilson de Jesus: Não, porque não tem os aparelhos necessários pra fazer um campeão. Mas, com tudo isso, mesmo assim sai um campeão. Então, eu acho que você estar perto da sua família, perto da pessoa que você gosta, ter o espaço que você precisa, isso pra mim é ideal.

Pesquisadora: E você paga mensalidade pra treinar?

Robenilson de Jesus: Não. Na verdade, eu nunca paguei academia. E o Dórea meu treinador, ele tem gasto. Além de ajudar os atletas que estão começando também, ainda tem água, tem luz, não tem ajuda do governo, e ele faz por amor, porque gosta. O respaldo que ele tem é o nosso resultado. Ir pra Olimpíada, pegar um resultado, pegar uma medalha, então isso representa o nome dele também. Mas, financeiro zero.

Pesquisadora: Triste isso! Você comentou sobre o patrocínio que tinha da Petrobrás. Isso era só enquanto você estava na seleção brasileira?

Robenilson de Jesus: Exato! E Bolsa-Atleta, no caso, pra quem é atleta olímpico, tem quatro anos de bolsa do governo federal. E quando eu cheguei na seleção, a gente não pegou isso, eu, o Robson, a Adriana. A seleção hoje não tem uma

referência. Todo esporte, você tem que ter uma referência, um atleta mais velho pra poder rumar os mais novos. E hoje na seleção não tem nenhum. [Interrupção]. Então, quando eu cheguei na seleção brasileira, tinha uma referência, tinha um atleta olímpico, era o Célio, era o Washington Silva... então tinha uma referência daqueles atletas. Hoje, na seleção deveria ter um atleta olímpico. Foram nove atletas no Rio. Só tem um que é o Michel Borges, que é novo também. Mas o Juan Nogueira, de São Paulo; o Chocolate, Joedison, é de São Paulo; Patrick... agora estão só chamaram os novos. A seleção tá querendo renovar, mas a curto prazo. Robson Conceição e Adriana Araújo foram dois ciclos anteriores. E eu acho que para ganhar medalha aí, só um milagre de Deus mesmo!

Pesquisadora: E você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe?

Robenilson de Jesus: Zero. Não tem nada. Zero. Na verdade, o presidente da Confederação brasileira acho que não tem interesse em estar fazendo um Centro pro boxe, porque ele tem quatro anos. Aí ele sai e outro assume. Então, pra ele não é, entre aspas né, não é válido fazer um Centro de Treinamento, porque ele vai sair. Agora, se ele fosse um presidente fixo, aí ele faria um Centro de Treinamento. Porque gera recurso, e agora eu acho muito difícil. O boxe é obrigado a ficar em São Paulo, a sede é em São Paulo. Quando a gente tá na seleção, fica longe da família.

Pesquisadora: O seu técnico é formado em Educação Física?

Robenilson de Jesus: Aí, eu não sei. Acho que não. O Dórea ele é policial civil. Ele tem faculdade de direito.

Pesquisadora: E você sabe se ele se atualiza regularmente com relação ao boxe?

Robenilson de Jesus: Com certeza! Isso é fato. Se não se atualizar, em qualquer área, você fica pra trás. Até eu mesmo que estava lutando, procuro aprender mais, eu sei que na prática eu sei, mas a teoria tem que ter também.

Pesquisadora: Você fez ou faz parte da Marinha?

Robenilson de Jesus: Durante oito anos.

Pesquisadora: Ah, então você já participou os oito anos limites?

Robenilson de Jesus: Já. Eu saí agora, saí em janeiro.

Pesquisadora: E como é que você ingressou na Marinha?

Robenilson de Jesus: Na realidade, é pelos resultados. A Marinha é uma das melhores pra poder fazer parte. Então, eles chamam os melhores pra fazer parte

e dão uma remuneração como um militar normal. Então, acho que a Marinha... a Marinha não, as Forças Armadas, porque tem o Exército, eles dão algum suporte, salário, isso tudo facilita a ter mais resultado. Tanto eu como o resultado do Robson Conceição foi através do suporte que a Marinha deu a ele, a Petrobrás, o Comitê Olímpico, então isso tudo fez com que ele chegasse.

Pesquisadora: E você sabe me dizer quais são os esportes que eles desenvolvem lá? Se são só os olímpicos, se são os não olímpicos também?

Robenilson de Jesus: Os não olímpicos também.

Pesquisadora: E você chegou a participar dos Jogos Mundiais Militares?

Robenilson de Jesus: Participei no Rio. Foi em 2011. Eu fui campeão, Robson Conceição, Everton Lopes e Gidelson, nós quatro fomos campeões.

Pesquisadora: E todos da Marinha?

Robenilson de Jesus: Todos da Marinha.

Pesquisadora: Você falou que você não tem patrocínio, né? Qual a sua principal fonte de renda, hoje?

Robenilson de Jesus: Na realidade, o que a gente vai ganhando... eu como atleta, a gente não pode gastar tudo, então a gente vai juntando. Eu dou aula, sou personal. Tem que ter uma segunda opção, porque o boxe não dá pra todos e tem uma hora que nossa idade também... para, então eu recebi uma proposta para ir para a Irlanda, mas eu tenho um filho e não quero ficar longe dele agora. Eu passei dois anos longe e é muito ruim ficar longe da família. E lá (Irlanda) é outra cultura, você não sabe se as pessoas vão te tratar bem ou não.

Pesquisadora: Você já recebeu o Bolsa-Atleta, né?

Robenilson de Jesus: Bolsa-Atleta e Bolsa Pódio. Acho que eu fui o primeiro atleta a receber o auxílio, no boxe.

Pesquisadora: Você começou a receber em que ano?

Robenilson de Jesus: Acho que quando teve a primeira edição.

Pesquisadora: 2005?

Robenilson de Jesus: Em 2005, a primeira a pegar foi a Adriana Araújo, eu fui o primeiro atleta a pegar a Bolsa Pódio.

Pesquisadora: Ah, sim. E em que ano foi?

Robenilson de Jesus: Se não engano, o Bolsa Pódio foi depois de Londres, em 2013. Do boxe, fui eu e Everton, a gente conseguiu pegar, depois aí veio a galera pegar, Robson Conceição, a própria Adriana.

Pesquisadora: E esse suporte que a Bolsa Pódio dá, com a questão da equipe multidisciplinar, é parecido com o suporte que a Marinha dá pra vocês também?

Robenilson de Jesus: Não, porque na verdade a Marinha trata o atleta como um militar normal, com 13º (salário), férias e o Bolsa Pódio te dava, do 1º ao 5º era 15 mil, do 6º ao 10º 11, do 11º ao 15º/16º era oito e do 17º ao 20º era 5 mil (reais). , Mas tinha que ficar treinando na Confederação, eu queria ir pra Bahia, mas tinha que treinar lá, e eu acho que o atleta tem que estar feliz e não obrigado, eu passei 2014, 2015 e 2016 com uma bactéria, com H Pylori. Então eu acho que se eles me poupassem, cuidassem realmente de mim, eu era chance real de medalha, eu tava bem pra lutar. Lutei um mundial no Qatar em 2015, e voltando com dor, vomitando, me levaram mais por causa da referência, duas vezes atleta olímpico, tinha chances reais de medalha, bolsa pódio estava me pagando, eu acho que eles não queriam perder, mas eu mesmo não queria ter ido neste mundial, eu tinha essa consciência, mas infelizmente...

Pesquisadora: E como que você usava sua bolsa? Você usava a sua bolsa pra se manter no esporte, com relação a material esportivo, alimentação, deslocamento ou você usava pra suas necessidades pessoais também?

Robenilson de Jesus: Eu usava ambas as partes, os materiais, a confederação dava os materiais, luva, capacete de boxe, transporte e alimentação, mas sempre sobrava, O material que eu gostava de usar era diferente, então eu usava para comprar materiais, passagem para ir e voltar eu usava também, suplemento eu comprava, e o que sobrava eu guardava, para os dias de hoje, porque eu só fiz isso eu nunca trabalhei outra coisa, sempre foi o esporte. Então tudo o que eu tenho foi o esporte que me deu, sempre o esporte. E quando você olha pro lado e não tem mais nada. Se o atleta não tiver uma cabeça boa e segurar, guardar para ter... eu já estou um ano, dois anos sem recurso nenhum. Se eu não tivesse guardado sempre um pouquinho eu teria que trabalhar, ir para fora do país, até da comunidade para poder manter a minha família hoje com os gastos, porque eu e a minha esposa a gente se vira, mas um filho. Eu acho então, que o atleta tem duas opções, não só pegar o dinheiro e gastar no momento, tem que pensar lá na frente, e se der algo de errado. Ele tem que ter alguma garantia, eu sou pai de família hoje, eu tenho conta para pagar, eu moro em apartamento tenho condomínio para pagar, a gente tem casamento para pagar, carro, tudo tem que ter um balanço. Se fosse nos Estados Unidos o recurso seria melhor, porque lá os atletas são valorizados, aqui no Brasil não, aqui é só futebol, até Copa do Mundo o Brasil fez, o Brasil ganhando ou não ganhando são bilhões injetados, aqui você não tem garantia. Hoje se você for ver um deputado federal ou estadual está no último mandato e se aposenta, recebe R\$ 30 mil por mês, enquanto uma pessoa normal trabalha para ganhar uma merreca aí, então tem coisas que você... a gente tem que tá firme mesmo com Deus para o dia da labuta aí.

Pesquisadora: E você considera o Bolsa-Atleta um auxílio financeiro que é voltado para o esporte ou você considera que ele é um salário esportivo?

Robenilson de Jesus: Rapaz, eu considero os dois. Porque pelo boxe é mais rígido hoje, é mais rígido, porque pra você pegar o Bolsa-Atleta hoje, pra ser bolsa nacional, hoje tem que estar no ranking, aí muitos os atletas infelizmente de outras modalidades também, não só no boxe, faz a modalidade só para ganhar Bolsa-atleta e depois para, “ah eu vou ganhar Bolsa-Atleta, eu não vou trabalhar mais não”, então isso é ruim. Então na minha fase de ganhar Bolsa-Atleta, quanto mais recurso eu recebi, mais resultado eu queria dar, para mostrar que aquele recurso que o governo dava estava me ajudando. Hoje os atletas só pensam no dinheiro. Quando eu e Robson Conceção, o Everton Lopes, o Yamaguchi, o Esquivia a gente estava na seleção, pra gente foi fundamental, a gente queria dar resultado, hoje não, hoje os atletas já entram um ano, já recebem salário. E hoje se o atleta não recebe Bolsa-Atleta ele tem um leque de opções, o judô também com as meninas que deram resultados, a Mayra. Então eu acho que as pessoas estão chegando nova e estão aproveitando o momento e não seguindo o nosso legado. Eu sempre vivi o momento, mas sempre imaginando que eu podia chegar mais longe, tanto que eu fiquei doze anos na seleção, participei de três ciclos olímpicos. E é difícil você passar por doía, ainda mais por três, eu acho muito difícil.

Pesquisadora: Atualmente eu acho que você é o único que passou por três (ciclos olímpicos) não?

Robenilson de Jesus: Eu e Robson.

Pesquisadora: Ah o Robson também?

Robenilson de Jesus: É, porque a gente foi em Pequim, a diferença foi que ele nas duas edições, Pequim e Londres, ele perdeu logo na primeira e eu sempre passei de fase, disputa de medalha nas duas de bronze, e agora no Rio eu cheguei nas oitavas de final.

Pesquisadora: Entendi, e por quais níveis de bolsa você já passou? Você falou que já passou pela pódio, você falou...

Robenilson de Jesus: Todas.

Pesquisadora: Ah você passou por todas?

Robenilson de Jesus: nacional, internacional, olímpica e pódio.

Pesquisadora: Ah que legal.

Robenilson de Jesus: No boxe eu fui o primeiro a tudo. A olímpica se não me engano que foi...

Pesquisadora: Que foi antes da de Londres (Olimpiadas)?

Robenilson de Jesus: Exato. Porque depois da de Londres, já lançou o bolsa pódio, eu fui o primeiro a pegar, desde o final dos Jogos (de Londres).

Pesquisadora: Que legal. E você já chegou a utilizar a sua bolsa do Bolsa-Atleta para estar participando de competições, fazendo inscrições de eventos, pagando deslocamento?

Robenilson de Jesus: Não, nessa época não, porque as competições que a gente fazia era tudo pela seleção, a única que eu pagava mesmo era passagem aérea para poder ir para o brasileiro (campeonato), nacional eu utilizava. E até então hospedagem, porque as vezes eu não queria ficar em colégios. Aí eu preferia ficar no quarto (de hotel) quando tinha recurso do bolsa que é para isso também fazia isso.

Pesquisadora: entendi. E você acredita que a bolsa ela te impulsionou para a conquista de uma vaga olímpica nos Jogos do Rio 2016?

Robenilson de Jesus: Com certeza, isso foi o que mais impulsionou, não só a mim, mas acho que todos os atletas. Eu quando comecei a treinar boxe eu nunca ganhei um centavo, depois eu abri de mão de várias coisas, até mesmo do estudo, é muito difícil você treinar, estudar e fazer esporte de alto rendimento, então eu acho que nesse momento o boxe foi o meu trabalho, o esporte, o boxe foi o meu trabalho. Por isso que Deus me capacitou e estava fazendo até os dias de hoje.

Pesquisadora: Então é isso. Muito obrigado.

Robenilson de Jesus: Obrigado.

ANEXO 9

ENTREVISTA GESTOR 1, 10 de agosto de 2017, 11h40.

Tempo de duração: 20 minutos.

Pesquisadora: Hoje estamos em Brasília, dia 10 de agosto de 2017. Tudo bem Gestor 1?

Gestor 1: Tudo bem.

Pesquisadora: Qual é o seu nome completo e a sua naturalidade?

Gestor 1: Gestor 1, sou natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Pesquisadora: Qual a importância da criação e o desenvolvimento de programas e projetos voltados à identificação de novos talentos esportivos no esporte?

Gestor 1: Bom, eu acho que de imediato esse pilar é fundamental, porque o esporte de alto rendimento, ele é alimentado por meio disso. Agora, não considero esse aspecto excludente, pelo contrário, eu acho que isso é uma forma de incluir. A gente vai ter lá um “x” de atletas, entre esses atletas, a gente tem alguns com potencial para uma modalidade ou para outra. Não oportunizar que ele possa desenvolver essa potencialidade, para mim, está excluindo ele, está excluindo esse garoto, enfim, esse futuro atleta de desenvolver essa potencialidade. Então, eu acho que a importância de ter um programa específico para a identificação de talentos é justamente para oportunizar que essa criança consiga desenvolver esse potencial que ela tem, e não simplesmente, claro, por opção dele. Mas acho que o papel desta ferramenta é justamente esse, é proporcionar esse caminho, e ter como desenvolver esse potencial.

Pesquisadora: Então, na sua visão o programa Bolsa-Atleta, ele é considerado um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Gestor 1: Ele é um auxílio financeiro, não é um salário porque o atleta não presta um serviço para o Ministério do Esporte, que é quem faz a gestão do programa Bolsa-Atleta. Por essa característica, eu entendo que não é um salário. Mas obviamente é um pilar importante né, o suporte financeiro para preparação, para manutenção de atletas, obviamente que é um componente de vários aspectos aí, que vão dar um suporte ideal, para que o atleta possa se prepara, se desenvolver e poder investir em competições e etc.

Pesquisadora: E como que você acha que poderia ser dado esse suporte de pós-carreira ao atleta, já que ele só recebe a bolsa enquanto ele está ativo no esporte?

Gestor 1: Então, tu fala pós-carreira?

Pesquisadora: Isso.

Gestor 1: É muito específico, eu acho que da modalidade, segundo que acho que seria melhor executado na região, ou dentro da confederação do atleta, enfim. Porque o Ministério tem uma visão bastante macro, assim. É o guarda-chuva do Ministério do Esporte, tem todas as modalidades olímpicas, paraolímpicas, não-olímpicas. Enfim, imagino que esse processo de transição de pós-carreira seja melhor conduzido pelas entidades que trabalham de fato especificamente com aquela modalidade com o suporte do Ministério do Esporte, isso pode ser feito sem problema nenhum, o Ministério tem essa característica de financiadora e tem nas confederações, nos clubes, enfim, nas entidades esportivas parceiras. Então, eu imagino assim que seja, eu tenho certeza que essa consultoria, digamos assim, de transição de carreira seja fundamental para que o atleta consiga, após de encerrada a sua carreira como atleta e cessado esse benefício então do Bolsa-Atleta, que ele tenha conseguido investir na sua formação. A gente já tem exemplos hoje, o Comitê Olímpico tem um programa nesse sentido, o Comitê Paralímpico também, mas ainda é bastante restrito, isso na minha visão. Então são modelos, mas eu acho que precisam ser ampliados. E nesse cenário eu acho que aí sim confederações, ou mesmo estados e municípios poderiam formular programas neste sentido, porque estão do lado do atleta, e é mais fácil de conduzir isso.

Pesquisadora: Você tem o conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que existem no Brasil voltados aos esportes?

Gestor 1: Não, todos os esportes não. Eu tive uma experiência legal assim, de enxergar essa transição do país, de infraestrutura, de centro de treinamento, ah e eu quando atleta né, eu lembro que em 2002 o Brasil foi sede dos Jogos Sul Americanos, eu competi em Curitiba, mas tinha competição em São Paulo, tinha competição no Rio, tinha competição em vários lugares. Isso porque o país não tinha uma cidade, enfim uma região que pudesse ser sede de um Jogos Sul Americanos que era um evento menor. Bom, a partir daí então o Brasil implementou uma agenda de grandes eventos, trouxe para o Brasil aí desde Jogos Pan Americanos, Jogos Militares, Copa das Confederações, finalmente Jogos Olímpicos, tem aí um histórico de grandes eventos. E junto com isso, algumas modalidades conseguiram se estruturar. Precisar número de centros de treinamento é muito difícil, mas certamente isso no cenário atual nesses grandes eventos é muito melhor do que o que eu tinha enquanto atleta. Um exemplo é lá em 2007, nem tão longe assim, na minha cidade, eu tinha que me preparar para os Jogos Pan Americanos do Rio, eu não tinha por exemplo solo, que é um dos aparelhos da ginástica, da mesma marca, aquele que eu ia encontrar na competição. Só tinha um local na minha cidade que era um local privado, que tinha esse equipamento, a gente buscou essa conversa com esse local e a informação foi que pode usar, mas tem um custo. Obviamente que eu não tinha naquela época o suporte que o atleta tem hoje e eu não pude usar o equipamento por conta disso. A sorte, é óbvio que o evento era no país, a gente foi antes, um

bom tempo antes para a cidade sede e a gente conseguiu se adaptar, treinar e etc., e o resultado foi ótimo! Mas quem sabe o resultado não poderia ter sido melhor ainda se eu já tivesse esse equipamento lá. Hoje em Porto Alegre, a gente tem, nos dois principais clubes tem, no Náutico União, Sogipa, tem o centro público que tem o mesmo equipamento que foi usado nos Jogos Olímpicos que é o Centro de Treinamento Estadual do estado, tem nas universidades, federal inclusive, então hoje em Porto Alegre, o atleta que está lá, dificilmente ele não tem o equipamento reconhecido pela federação internacional para se preparar. Eu tenho certeza que nós temos que melhorar, mas com relação ao centro de treinamento a gente evoluiu significativamente.

Pesquisadora: E voltado para o boxe, você sabe exatamente quantos têm?

Gestor 1: Não sei.

Pesquisadora: Porque eu sei que tem um em São Paulo, que eu acho que é o principal.

Gestor 1: É eu conheço esse, mas não consigo dar exemplos de estados, por exemplo, que tenham. Enfim, não sei mesmo, nem lá no Centro Estadual do Rio Grande do Sul por exemplo, tem várias modalidades, mas eu não sei se tem o boxe lá.

Pesquisadora: Eu acho que é mais centralizado em São Paulo mesmo.

Gestor 1: É, não sei mesmo.

Pesquisadora: E na sua opinião, os recursos voltados aos centros de treinamento possibilitam um maior desempenho de resultados desportivos dos atletas?

Gestor 1: Sim, com certeza! Claro que é mais um componente desse leque de ações que deixam a preparação do atleta considerada ideal. Então, até o meu treinador falava que a desculpa do mal trabalhador é a ferramenta, então as vezes a gente reclamava – “ah esse aparelho”. E ele mandava treinar do mesmo jeito [Risos]. Mas assim, suporte financeiro, equipamento, centro de treinamento, financiamento, enfim, são componentes importantes que óbvio, a gente vai sempre estar um passo atrás se a gente não tiver tecnologia, se não tive o equipamento que o meu adversário lá fora do país está treinando, então essa composição é importante. Sem o CT (centro de treinamento), sem os equipamentos que eles oferecem, ter obviamente a competição interna que o próprio centro de treinamento impõe, o atleta quer sempre estar melhor, ter alguém do lado dele que está na mesma condição, treinando igual, isso tudo influencia. Então eu considero um ponto importante o centro de treinamento, eu treinei nesse modelo e para mim foi superpositivo.

Pesquisadora: Treinador e educação: existem outros programas de bolsa voltados aos atletas que são direcionadas aos técnicos, o que você acha disso? Pelo menos lá no Paraná a gente tem a bolsa TOP (Programa Talento Olímpico do Paraná).

Gestor 1: Em Minas Gerais, eu acho que tem um programa semelhante, eu acho que tem dois caminhos, eu acho importante primeiro sem o treinador o atleta não existe, então o treinador precisa ser valorizado. Por outro lado, ele é um profissional, como é um médico, enfim, o formato que esse apoio vai chegar no treinador talvez seja importante a gente discutir, bolsa pô, vou ter que pagar bolsa pro médico, pro advogado, somos profissionais da educação física, é o trabalho dele, enfim. Mas a gente teve uma experiência bacana que foi agora neste ciclo olímpico para a preparação do Rio 2016, que o governo então implementou o Plano Brasil Medalhas, que dentro do Plano Brasil Medalhas tinham várias ações, uma dessas ações é o Bolsa Pódio. E o Bolsa Pódio ofereceu para o atleta então a possibilidade de indicar no seu plano esportivo, quem eram os profissionais que iam dar o suporte para a preparação dele, o treinador, o fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo, então toda essa equipe multiprofissional. E em parceria com as estatais por meio de convênios com o Ministério do Esporte não era uma bolsa que a gente pagava para o treinador, mas era assim um suporte via convênio, ou mesmo via patrocínio com estatais para as confederações, e essa equipe toda foi custeada desta forma. Então, se a confederação “x” tinha o patrocínio de uma empresa “y”, essa empresa “y” adicionou ao patrocínio padrão um valor, esse valor era para custear a equipe multidisciplinar daquele atleta contemplado pelo Bolsa Pódio. E a gente viu nisso um *feedback* sobre essa ação muito legal, dos atletas do Brasil, eles se sentiram mais seguros, tinham com eles essa equipe para dar todo assessoramento e obviamente os beneficiados da equipe, digamos assim, se sentiam reconhecidos, motivados, enfim, para seguir trabalhando e dar suporte para aquele atleta, então é importante sim a gente dar suporte para essa equipe. Agora não sei hoje, dizer o formato exato como isso deveria acontecer, mas que isso é importante na preparação do atleta que é o ator principal nesse cenário.

Pesquisadora: Então, você acha que existe essa intenção por parte do Programa Bolsa-Atleta?

Gestor 1: Não sei, porque aí seria outro programa, programa Bolsa-Atleta o nome mesmo já diz é um programa direcionado ao atleta, a gente teria que fazer essa discussão qual vai ser a ferramenta, o formato, quais profissionais, só educadores físicos e os outros profissionais que trabalham com o atleta como seria feito, o Ministério da Educação ou da Saúde, ia ter que envolver estes ministérios para talvez custear, por exemplo, o médico desse atleta. É uma discussão um pouco mais ampla e, mais uma vez, os nossos parceiros podem talvez abreviar esse caminho, já que nós temos recurso público já, um volume importante nas entidades nacionais, tanto comitês, como confederações e esse

recurso pode tranquilamente chegar nesses profissionais. Então, eu acho que é mais no sentido de organizar e planejar como esse recurso vai ser investido e talvez não sobrepor recurso e melhor distribuí-lo do que acho que criar mais um programa semelhante ao Bolsa-Atleta, mas aí voltados para profissionais, eu acho que a solução estaria por aí e seria uma solução, não sei se esse é o termo, mas seria uma alternativa mais rápida.

Pesquisadora: Na sua opinião, o programa auxilia a participação dos atletas em eventos esportivos nacionais e internacionais?

Gestor 1: Auxilia, auxilia sim. Desde as categorias com valores mais baixos até a categoria pódio, teve exemplo aí até no ciclo passado, o pessoal do taekwondo, por exemplo, eles não tinham se eu não estou enganado patrocínio, a confederação não tinha patrocínio, então deixava mais pesada essa questão de equipe multidisciplinar, viagens para competições e etc. Então, a própria bolsa que o atleta recebia, ele investia nisso, na competição, no profissional que estava com ele. E é obviamente uma possibilidade, então o atleta que recebe Bolsa-Atleta pode investir na carreira dele, como ele achar melhor, se vai ser com treinador, se vai ser nas viagens, enfim ele é o gestor desse recurso. A gente viu isso acontecer e também nas categorias nacionais, por exemplo, o atleta que está competindo o campeonato brasileiro ele usa esse recurso sim para essas viagens, para custear hotel, alimentação, tudo o que envolve a participação dele no evento e esse *feedback* é dado aqui diariamente pelos atletas contemplados. Então, eles já conhecem o programa, é um programa consolidado no cenário esportivo, então os contemplados têm no programa uma ferramenta pra justamente seguir treinando e competindo e custear esse tipo de demanda que ele tem pra seguir no esporte.

Pesquisadora: E na sua visão, isso aproxima mais o atleta dos Jogos Olímpicos, por exemplo?

Gestor 1: Acho que sim, Jogos Olímpicos é um evento dentro do ciclo olímpico de quatro anos. O atleta ficar parado não vai acrescentar em nada, então quanto mais ele conseguir se manter em treinamento, mais ele conseguir competir e ganhar essa bagagem de competição, a experiência do momento da competição, acho que melhor ele vai chegar em um pré-olímpico, por exemplo, que é o que vai levar ele para os jogos, ou mais oportunidade vai ter se somar para o *ranking*. Talvez seja isso que o leve para os jogos olímpicos, então depende da modalidade, cada modalidade tem as suas especificidades, mas certamente o custeio de viagens, de competição, treinamento e etc., isso daí auxilia com certeza no objetivo principal pelo menos dos atletas olímpicos, paraolímpicos que é chegar nos jogos, isso pra mim é uma certeza que, enfim, de vencer isso também, porque é muito complicado só treinar e chegar nessa competição sem essa experiência, ter essa experiência, enfim é muito importante para conseguir render 100%, é isso que se espera do atleta.

ANEXO 10**ENTREVISTA GESTOR 2, 10 de agosto de 2017, 14h30.****Tempo de duração: 8 minutos.**

Pesquisadora: Estamos em Brasília, hoje é dia 10 de agosto de 2017. Gestor 2 qual é o seu nome completo e a sua naturalidade?

Gestor 2: Gestor 2, eu sou de Montes Claros, Minas Gerais.

Pesquisadora: É importante a criação e desenvolvimento de programas e projetos voltados à identificação e desenvolvimento de novos talentos esportivos no boxe? Por quê?

Gestor 2: Em todas as modalidades, é importante, mas no boxe vamos dizer assim, é mais crítico porque é uma modalidade que ainda tem muito preconceito envolvido nele. Não é em qualquer lugar que se pratica ele, principalmente na visão de pais e dos adultos, para poder inserir essa criança nesse contexto dessa modalidade, geralmente o preconceito é maior, por passar uma imagem de agressão, por ser um esporte que engloba muito contato e uma luta mais agressiva mesmo. Então, com certeza, é importante existir programas que, além de desenvolver talento, que também esclareça os aspectos positivos da modalidade e fortaleça esse esporte.

Pesquisadora: Você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que existem no Brasil voltados ao esporte, especificamente do boxe olímpico?

Gestor 2: Para te ser honesta, de cabeça eu não lembro a quantidade certa, mas a gente aqui tem os estudos do Projeto Referências, que já fez este levantamento e também agora com Rede Nacional de Treinamento isso está sendo levantado, mas de cabeça eu não lembro.

Pesquisadora: Porque o único que eu tenho conhecimento é o de São Paulo, que é mais central também e que tem vários atletas do boxe.

Gestor 2: É o do Ibirapuera que você fala né?

Pesquisadora: É.

Gestor 2: Que é o da própria confederação, esse eu sei, agora você me perguntar se existem outros eu realmente não me lembro, também acho que porque não tem essa popularidade. Então, não teria como te falar se tem ou não.

Pesquisadora: Na sua opinião, os recursos voltados aos Centros de Treinamento possibilitam maior desempenho de resultado esportivo?

Gestor 2: Eu acho que em qualquer centro, havendo um repasse de recurso, vai promover um auxílio e vai poder também dar um maior aporte, um suporte tanto

com materiais, quanto na equipe multidisciplinar, o que quer que seja para qualquer tipo de atleta. Então, eu acho que promoveria sim um desempenho nos resultados dos atletas, que é consequência do bom treinamento e do bom investimento.

Pesquisadora: Em sua visão, o Programa Bolsa-Atleta é considerado um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Gestor 2: Voltando aos praticantes da modalidade, o que a gente já detectou e verifica é que a maioria, acho que 90% dos praticantes dessa modalidade são atletas que vieram de uma área de vulnerabilidade social e são pessoas muito pobres. Então, esses atletas geralmente tem um baixo índice de escolaridade e a questão financeira familiar, são de rendas muito baixas, então com isso para esses atletas do boxe é mais uma questão de salário mesmo. Eu vejo mais do que sendo um auxílio financeiro, uma complementação, de patrocínio, de tudo que eles já têm. Mesmo porque, até a questão de patrocínio para essa modalidade eu vejo que eles têm mais dificuldade do que em outras, justamente por existir um certo preconceito de não ser um esporte tão popular quanto um futebol, um judô, um vôlei da vida.

Pesquisadora: Existem outros programas voltados aos atletas que são direcionados a técnicos, o que você acha disso?

Gestor 2: Que eu sei, assim, que são voltados programas de bolsas voltados aos atletas e direcionados a técnicos, o que eu vejo mais é o Bolsa Pódio, que pode ser contemplado a equipe multidisciplinar. Não sei se configuraria bem uma bolsa mesmo direcionada a técnico, mas eu sei que tem esse aporte ou via convênio.

Pesquisadora: É e tem alguns estados que programa de bolsa e que ofertam.

Gestor 2: Mas aqui a nível federal não, não existe.

Pesquisadora: Existe essa intenção por parte do programa?

Gestor 2: Eu acho que onde existe a intenção é promover o maior suporte técnico ao atleta mesmo, então seria interessante também.

Pesquisadora: Qual seria a possibilidade de abrir uma categoria para técnicos e treinadores?

Gestor 2: Em que sentido você pergunta? A possibilidade de abrir?

Pesquisadora: Se fosse vinculada ao programa Bolsa-Atleta, porque a do Pódio ela é voltada só equipe técnica de determinado atleta. E qual seria a possibilidade de abrir uma categoria para técnicos no Bolsa-Atleta?

Gestor 2: Eu acho que principalmente no período que a gente vive crítico da nossa economia, que a possibilidade é mínima. No momento não vejo, mesmo porque a gente não vê se falando muito nisso. Possibilidade eu não vejo, na atualidade não.

Pesquisadora: Em sua opinião, o programa auxilia a participação de atletas em eventos nacionais e internacionais?

Gestor 2: Na verdade, auxilia porque todos esses recursos que os atletas têm, eles acabam utilizando quando não conseguem um aporte financeiro via convênios ou patrocínios, que sejam a reserva do fundo que eles têm pra utilizar, para complementar o que as confederações e o próprio COB conseguem ajudar. Então, seria uma forma de manutenção também na participação de eventos internacionais.

Pesquisadora: Você tem alguma coisa a mais para falar da modalidade em si?

Gestor 2: Eu acho que o caso a modalidade do boxe é a forma como eles não se interessam em captar recursos públicos pelo menos de outras formas que não seja o Bolsa-Atleta ou via Lei Agnelo-Piva. Talvez, eu acredito que pode ser até uma má gestão da confederação ao longo dos anos e isso eu acho que acabou comprometendo um pouco os atletas e eles poderiam ter um maior suporte. Eu sei porque eu noto, quando eles vão participar de algum campeonato mundial ou próximo até de Olimpíada, jogos Pan Americanos, já escutei até as pessoas do COB informando que eles de última hora têm que estar conseguindo até sapatilha, coisas assim, básicas para o atleta, talvez porque a confederação não se preocupe. Então, eu acho que o boxe ainda é uma modalidade que precisa ter uma atenção voltada para ela, ter um maior suporte.

ANEXO 11

ENTREVISTA GESTOR 3, 18 de abril de 2018, 15h.

Tempo de duração: 19 minutos.

Pesquisadora: Qual o seu nome, sua naturalidade e onde você reside atualmente?

Gestor 3: Meu nome é Gestor 3, eu sou natural de Santiago do Chile, mas moro no Brasil desde um ano de idade. E hoje eu resido em Brasília, fui criado em São Paulo e moro em Brasília atualmente.

Pesquisadora: Eu queria que você me falasse agora sobre a sua trajetória no esporte e como você veio a se tornar gestor do boxe, como você um dia participou de instituições que gerem o boxe de alguma forma, até a tua atualidade como técnico, como treinador.

Gestor 3: Eu comecei no boxe aos 13 anos de idade, eu sou filho de um grande lutador do Brasil, o Servílio de Oliveira, que foi medalhista olímpico nas Olimpíadas do México, em 68. Então, eu respiro o boxe desde que eu nasci, praticamente, e fui lutador amador, fui campeão de alguns torneios em São Paulo: a Forja dos Campões, Torneio dos Campões, Paulista. Parei de lutar muito cedo, aos 21 anos de idade, para continuar estudando, me formei professor de Educação Física. Depois disso, entrei pra seleção brasileira de boxe e pude representar o Brasil em vários torneios internacionais como treinador, dentre os quais seis campeonatos mundiais e uma edição dos Jogos Olímpicos, que foi em Atenas 2004. Pude trabalhar com os melhores boxeadores do Brasil desses últimos 20 anos, graças a Deus eu consegui trabalhar com eles. E fui diretor técnico da Federação de Boxe de São Paulo – da FEBESP –, também da FEBOXE, e, aqui no Distrito Federal, eu também ajudo, sou diretor técnico da Federação de Boxe do Distrito Federal e Entorno.

Pesquisadora: Então agora, eu queria que você me dissesse qual é a sua visão sobre a criação de projetos de desenvolvimento e identificação de novos talentos esportivos.

Gestor 3: Eu acho que os projetos de fomento no Brasil são escassos. Eu acho que eles deveriam acontecer com mais frequência, pra que a gente pudesse estar captando melhores talentos. Eu acho que o talento, ele aparece de forma muito casual e esporádica nos estados de origem, mas por conta da própria idiossincrasia do brasileiro, de ser um lutador por excelência, mas não por um trabalho em si, feito por algo ou alguém ou algum órgão. Eu acho que têm as academias que trabalham com os lutadores, principalmente, os do interior da Bahia que a gente conhece, em Belém do Pará, em São Paulo. Mas são raros os casos onde a gente vê que projetos esportivos de fomento acontecem. Então o lutador, ele brota, mas ele não é planejado, vamos dizer assim; uma gravidez

indesejada, ele nasce, mas não é a mesma coisa que foi planejada. No Brasil, infelizmente, ainda. Por isso que a gente ainda perde espaço para países que têm menor densidade demográfica do que o nosso, infelizmente vai demorar pra gente virar acontecimento no esporte por conta de falta de projetos como esses.

Pesquisadora: E você tem conhecimento da quantidade de Centros de Treinamento que são voltados para o boxe hoje, no Brasil?

Gestor 3: Não tenho conhecimento. Eu sei que tem o Centro de Treinamento da seleção brasileira de boxe que deveria ser, vamos dizer assim, de grande excelência. Eles melhoraram bastante o Centro de Treinamento lá de Santo Amaro, depois que eu saí da seleção, eles tiveram um aporte muito grande, por conta das Olimpíadas do Rio, então eles tiveram muitas melhorias, mas mesmo assim, a gente sabe que ainda é muito aquém daquilo que poderia ser. Porque a gente tem muitas academias, academias têm várias, agora Centro de Treinamento de excelência é uma outra coisa, com materiais avançados, com tecnologia, com auxílio, isso realmente é muito escasso. Não sei te mensurar o número de Centros de Treinamento, mas são muito poucos.

Pesquisadora: Você havia comentado na outra entrevista que poderiam existir um em Santa Catarina, outro na Bahia, outro no Rio de Janeiro. Você sabe me dizer se eles ainda estão ativos?

Gestor 3: Não sei dizer, porque eu deixei um pouco de acompanhar o boxe, depois que eu fui destituído do cargo de um dos técnicos da seleção brasileira de boxe, onde a gente tava sempre acompanhando mais de perto esses atletas, em competições dos brasileiros, a gente sempre fazia parte da bancada de técnicos nos campeonatos, acompanhando. Eu perdi um pouco o contato com o pessoal dos estados pra saber como eles estão, mas eu sei que havia um Centro de Treinamento em Santa Catarina, eu sei que havia um Centro de Treinamento na Bahia; não posso afirmar se eles continuam, como eles estão, qual a qualidade, quais atletas estão saindo de lá, em que quantidade, não posso afirmar. Eu sei que a gente conhece as academias que fazem os atletas, mas não são esses lugares aí de Centro de Treinamento.

Pesquisadora: E você acredita que essa quantidade de Centros de Treinamento que hoje são voltados para o boxe, eles dão conta dessa demanda do esporte?

Gestor 3: Então, pois é... Eu nem sei se eles existem, né. Então, eu não acredito que eles deem conta, porque tem muita gente que pratica boxe no Brasil em alto nível, mas treinam em condições precárias, treinam como pode, entendeu? Nas suas academias, às vezes, nem saco de pancada tem, os caras têm saco de pneu, batem na parede ou não tem ringue. Por exemplo, é inadmissível você falar de um Centro de Treinamento de boxe que não tem um ringue! Não posso chamar esse Centro de Treinamento de centro de excelência, mas ali tem atleta,

inclusive tem atleta que é campeão brasileiro que sai dali. Mas, por mais paradoxal que possa parecer, é isso que acontece.

Pesquisadora: E, no seu entendimento, os recursos que hoje são voltados aos Centros de Treinamento, eles possibilitam maior desempenho esportivo dos atletas?

Gestor 3: Eu penso que sim, eu penso que eles favorecem bastante pra que isso aconteça. Não sei como tá no boxe agora, como te disse, desde 2011, eu tô afastado desse meio, mas eu sei que a Confederação Brasileira de Boxe recebeu um aporte muito grande financeiro e que eles poderiam ter revertido algo em projetos de fomento, em formação de Centro de Treinamento, mas eu acho que eles canalizaram todo o recurso voltado pro topo da pirâmide e para o Centro de Treinamento principal da seleção brasileira, onde treinam os atletas da seleção brasileira. Não sei, não tenho conhecimento de projetos paralelos em estados, de projetos de categorias de base, não tenho conhecimento. Pode até ser que eles aconteçam, mas eu não tenho conhecimento.

Pesquisadora: E agora sobre o Programa Bolsa-Atleta. Pra você, o Programa é considerado um auxílio financeiro ou um salário esportivo?

Gestor 3: É uma pergunta difícil! Na verdade, ele seria um auxílio, mas infelizmente, hoje, muitos dos atletas usam isso como um salário, porque, dificilmente, um camarada pra estar lutando em alto-rendimento, ele vai conseguir estar trabalhando, porque ele tem que treinar duas vezes por dia, todos os dias, às vezes, até três; então, dificilmente ele vai conseguir ter uma atividade paralela, a qual ele tenha alguma remuneração por isso. E o Bolsa-Atleta, nesses casos, vem a fazer com que esse auxílio acabe virando um salário mensal que ele tem. Que ele sabe que é uma coisa que é muito pouca, no sentido de se sustentar, mas às vezes nos estados de origem da rapaziada, nem isso eles têm. Então, da última vez que eu soube dos valores, eu acho que era em torno de 925 reais a bolsa Nacional, algo de 1.800 a bolsa Internacional e algo de 3 mil do atleta olímpico, mas não sei se esses valores estão atuais, mas pra quem tem que só se dedicar a estar lutando, então o valor de Internacional e Olímpico, eu acho que até ajuda o cara a se sustentar, o Nacional já é mais difícil, de ele não ter algo paralelo, mas essas outras duas até ajudam.

Pesquisadora: E, de acordo com a sua experiência no esporte, você acha que eles (atletas) utilizam como essa bolsa?

Gestor 3: Eu acho que eles utilizam essa bolsa com a compra de material esportivo, com a compra de suplementação alimentar; eu acho que eles utilizam também pra compra de roupas adequadas e calçados; eles utilizam também como o traslado para as competições, porque a maioria dos estados não provê pros atletas o deslocamento pra participar de competições nacionais. Por exemplo, se o atleta é da Bahia e a competição é em São Paulo, o camarada

que tem que pagar sua passagem do próprio bolso pra chegar na competição, entende? São raros os estados que fornecem um traslado pros lutadores, então eu acho que esse dinheiro, eles usam pra esses fins e demais.

Pesquisadora: Então você acredita que o Programa ajude esses atletas a estarem participando de competições em outros estados, em outros países?

Gestor 3: Sem dúvida! Se não fosse isso aí, os atletas estariam totalmente à deriva. Porque hoje em dia, a palavra patrocínio, aqui no Brasil, ela está meio que sumindo. Não tem. Não existe. Eu não conheço empresas que queiram patrocinar mais os atletas. Antigamente, na minha época, tinha isso. A gente tinha conhecimento de empresas que patrocinavam os lutadores, a gente aparecia mais na televisão e isso fazia com que essas empresas sempre se interessassem em estar patrocinando. Hoje em dia está difícil. Então, acaba que esse Bola-Atleta acaba sendo a última forma de recurso pra que esses lutadores possam estar utilizando para poder treinar, inclusive.

Pesquisadora: E você acredita que a bolsa ajudou os atletas na conquista de uma vaga olímpica na edição dos Jogos Olímpicos Rio 2016?

Gestor 3: Especificamente dos que conquistaram, não. Porque o que que acontece, o Brasil participou com cinco lutadores que foram escolhidos, pelo Brasil ser a sede. Os demais, vamos dizer assim, nas classificatórias quem foi foi o Juan Nogueira, se não estou enganado, e... eu não me lembro, me fugiu os nomes dos atletas, mas cinco atletas foram escolhidos para estar participando, então, vamos dizer que se eles não tivessem o apoio, eles estariam nas Olimpíadas do mesmo jeito, por terem sido escolhidos, pelo Brasil ser o país-sede. Agora, com certeza, o dinheiro sempre ajuda. Neste caso, não foi esse dinheiro que fez com que eles tivessem a vaga olímpica. Nesse caso, não. Mas o dinheiro sempre ajuda pra que eles possam estar treinando e se aprimorando a cada tempo.

Pesquisadora: E você acredita que esse investimento que foi feito na infraestrutura, no Centro de Treinamento, também possibilitou que esses atletas pudessem estar sendo classificados para os Jogos Olímpicos?

Gestor 3: A melhoria de estrutura sempre facilita, mas eu acho que o que viabilizou mesmo foram as competições internacionais, a experiência internacional, a rodagem internacional, a participação em torneios de alto rendimento, de alto nível lá fora... Não só aqueles que participaram defendendo a seleção brasileira em torneios internacionais, como aqueles que conseguiram estar participando também da liga profissional da AIBA, que foi a WSB, a APB, isso deu bastante vivência e rodagem pra esses atletas. Robson Conceição mesmo era um cara que estava sempre nas cabeças, nesses eventos, sempre com boas lutas, boas vitórias. Inclusive, até um cara que lutou nos Jogos Olímpicos foi um dos adversários que ele teve durante essas competições, na

liga APB. Então, todos esses meninos que lutaram aí, eles evoluíram muito, muito mesmo, porque esse tipo de competição dá corpo pros atletas, pra essas competições duras lá fora.

Pesquisadora: E você gostaria de falar mais alguma coisa sobre a sua experiência no esporte, sobre o que você vê, o que você acha interessante que poderia estar contribuindo?

Gestor 3: Eu penso que deveriam olhar com um pouco mais de carinho para base. Eu acho que eles deveriam ter alguma maneira de estar premiando aqueles caras que são realmente os formadores dos atletas. Porque, quando chega na seleção, eles já passaram por todas as dificuldades que poderiam ter passado. Lá na seleção, eles, vamos dizer, têm assim tudo nas mãos. Agora o problema é quando o moleque está na base e que ninguém conhece e que é o professor que muitas vezes ajuda ele e ele, de repente, é um talento que acaba sendo desperdiçado. Então, eu acho que a gente teria condições de fazer mais ajuda aos estados que realmente trabalham com o boxe e não ficar criando Centros de Treinamento às vezes só pra ter mais visibilidade em lugares que não têm boxe, só pra fazer número. Então, eu acho que é a Bahia que deveria ser ajudada na base, São Paulo deveria ser ajudado na base, o Rio de Janeiro deveria ser ajudado na base; e criar eventos, não apenas o campeonato brasileiro, e sim outros campeonatos pra que o pessoal da base pudesse estar se envolvendo; criar Centros de Treinamento específicos pra treinamento da molecada da base; dar um salário decente pros treinadores, porque são os treinadores que são formadores dos lutadores, e, aí sim, a gente ia continuar formando bastante atleta.